



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

JANY ÉRIC QUEIRÓS FERREIRA

**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DE PARAENSES E CEARENSES NA
REGIÃO NORDESTE DO PARÁ: um estudo sobre o abaixamento das vogais médias
pretônicas.**

BELÉM/PA

2019

JANY ÉRIC QUEIRÓS FERREIRA

**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DE PARAENSES E CEARENSES NA
REGIÃO NORDESTE DO PARÁ: um estudo sobre o abaixamento das vogais médias
pretônicas.**

Texto de Tese apresentado ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Doutor em Letras/Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Regina Célia Fernandes Cruz.

Coorientadora: Profa. Dra. Vanderci Aguilera.

BELÉM/PA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Q3c QUEIRÓS FERREIRA, JANY ÉRIC
CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DE PARAENSES
E CEARENSES NA REGIÃO NORDESTE DO PARÁ: : um
estudo sobre o abaixamento das vogais médias pretônicas. / JANY
ÉRIC QUEIRÓS FERREIRA. — 2019.
231 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Regina Célia Fernandez Cruz
Coorientador(a): Prof. Dr. Vanderci de Andrade Aguilera
Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras,
Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará,
Belém, 2019.

1. Variação Linguística. 2. Crença Linguística. 3.
Abaixamento vocálico. 4. Atitude Linguística. I. Título.

CDD 410

**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DE PARAENSES E CEARENSES NA
REGIÃO NORDESTE DO PARÁ: um estudo sobre o abaixamento das médias.**

Texto de Tese submetido à avaliação, como requisito para obtenção de título de
Doutoramento em Letras/Linguística.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dr^a. Regina Célia Fernandes Cruz (UFPA/ CNPq) –
Presidente

Profa. Dr^a. Vanderci de Andrade Aguilera (UEL) –
Coorientadora

Profa. Dr^a Jacqueline Ortelan Maia Botassini (UEM)
Membro externo

Profa. Dr^a. Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva
(UEPA) – Membro externo

Profa. Dr^a Raquel Maria da Silva Costa Furtado –
(UFPA/CUTINS) – Membro Externo

Prof. Dr. Sidney da Silva Facundes (PPGL/ILC/UFPA) –
Membro interno

Profa. Dr^a Gessiane Lobato Picanço – (PPGL/ILC/UFPA)
Suplente - Membro interno.

Profa. Dr^a Socorro Campos – (UFPA/CUTINS)
Suplente - Membro externo.

Conceito: _____

Belém, _____ de _____ 2019.

À minha família:

Daiane, minha esposa; meus filhos, Miguel,

Marília e Bento.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de toda sabedoria.

Aos meus pais, pelo carinho, incentivo e confiança.

À minha irmã, Janiérica, e sua família pela acolhida filial de sempre!

À professora Dr^a Regina Cruz, orientadora deste trabalho, pela competência e atenção com que me orientou para realização deste estudo; mais ainda por sua amizade e carinho.

À professora Dr^a Vanderci Aguilera, por ter aceitado o desafio de coorientar este trabalho mesmo à distância, pela leitura atenta em cada detalhe e pelo carinho com que me atendeu.

Aos coordenadores de Programa de Pós-graduação Sidney Silva e Thomas.

Aos meus colegas e amigos de grupo de pesquisa: Giselda, Josivane, Sebastiana, Brayna, Nair, Celso, Neli, Suzana, Benedita, Hugor.

Aos meus alunos, voluntários do projeto de Pesquisa dos cursos de Letras Libras e Língua Portuguesa da UFRA, que tanto contribuíram com as codificações infundáveis: Milena, Maricelma, Higor, Valmir e Thais.

À minha comadre e companheira desta pesquisa, Elvanda Brito, que não mediu esforços para estar comigo, como auxiliar e incentivadora, em todos os pontos de inquéritos e nos mais diversos momentos da pesquisa de campo. Não há dinheiro que pague sua amizade e sua companhia.

Aos amigos e colaboradores dos pontos de inquéritos, Luciana Brito (Ipixuna do Pará), Lúcia Santos e Cynara Lima (Mãe do Rio), Silvana e Rosi (São Miguel do Guamá).

À minha amiga, que Deus me presenteou este ano, Carlene Salvador, pelas trocas de experiência e pela leitura atenta desta tese.

“Se os usos linguísticos variam geograficamente, socialmente e historicamente,
a norma espontânea varia da mesma maneira:
não se tem as mesmas atitudes linguísticas na burguesia e na classe operária,
em Londres ou na Escócia, hoje e cem anos atrás”
Calvet (2003, p. 35)

RESUMO

A presente Tese objetivou investigar as crenças e atitudes linguísticas de falantes residentes na Região Nordeste do Estado do Pará (localidades de Santa Maria do Pará, São Miguel do Guamá, Aurora do Pará, Mãe do Rio, Ipixuna do Pará) no que se refere à variação das médias pretônicas, à luz dos princípios teórico-metodológicos da Dialectologia Pluridimensional, da Sociolinguística e o Estudo de Crenças Linguísticas (LAMBERT e LAMBERT, 1972; RADTKE e THUN, 1996; LABOV, 2008; BOTASSINI, 2013; FREITAG e SANTOS, 2016). Justifica-se pela contribuição que trará aos estudos linguísticos da Região Norte, onde há escassez de pesquisas dessa natureza. Espera-se contribuir para a compreensão da variação e mudança linguísticas e, conseqüentemente, auxiliar no combate ao preconceito linguístico (SILVA e AGUILERA, 2014). Para sua execução, as vogais médias pretônicas foram analisadas a partir da fala de migrantes cearenses e de nativos em cinco pontos de inquéritos, tendo como base da amostra a dimensão diatópica (oito informantes de cada localidade), subdividida em topostática (seis nativos de cada localidade) e topodinâmica (dois migrantes cearenses em cada localidade). A amostra foi estratificada de acordo com as dimensões diasssexual (4 do sexo feminino e 4 do sexo masculino) e diageracional (18 a 25 anos e 50 a 65 anos). Os dados foram coletados por entrevistas: as ocorrências da vogais-objeto foram coletadas por meio de leitura, resposta ao questionário e narrativas; os dados de crenças e atitudes foram coletados por meio do questionário quantitativo, com uso da técnica *matched guise test*, e um questionário qualitativo, bem como do teste de autoavaliação. Todo material coletado foi organizado para transcrição no *Praat*. Foram constituídos três *corpora*: um de ocorrências das médias, com controle do abaixamento e não abaixamento; outro das respostas do questionário quantitativo de atitudes e outro para análise qualitativa. Os *corpora* de dados quantitativos foram codificados em *Excel* para tratamento estatístico no *Goldvarb X*. O *corpus* de dados qualitativos foi categorizado para posterior análises. Os resultados apontaram que a realização de [e] e [o] predomina na fala de nativos e migrantes das localidades, seguindo a tendência de outras regiões do Pará (RAZKY, LIMA e OLIVEIRA, 2012; CRUZ, 2012). Para o abaixamento de /e/ e /o/, as vogais abertas, tanto em posição tônica como em posição contígua, e o grau de nasalidade da vogal da sílaba tônica favoreceram o fenômeno, evidenciando a harmonia vocálica como grande impulsionador desse fenômeno. O grau de formalidade não se mostrou significativo à aplicação do abaixamento. Dos fatores sociais, a procedência do informante, um único grupo considerado significativo, apresentou favorecimento do fenômeno na fala de migrantes. Sexo e faixa etária não se mostraram significantes probalisticamente, mas em termos percentuais, houve maior ocorrência de abaixamento na fala de mulheres e de jovens. As atitudes subjetivas revelaram que os dialetos cearense, belenense e local gozam de certo prestígio, pois foram avaliados positivamente, com percentuais acima de 70%. Diatopicamente, os resultados divergem apresentando avaliações positivas ora ao dialeto local, ora ao belenense, ora ao cearense. Os migrantes atribuíram mais avaliações positivas aos dialetos que os nativos. Do ponto de vista diasssexual, homens preferiram os dialetos locais e cearense, e mulheres, os dialetos locais e belenense. Em relação à diageracional, jovens os dialetos belenenses e local, enquanto adultos preferiam os dialetos local e cearense. A maioria dos informantes não percebeu a diferença entre vogais abertas e fechadas em duas sequências de palavras, entretanto, preferiram e afirmaram falar as sequências de palavras com vogais fechadas. Os dialetos local e belenenses possuem maior estatus social. Os nativos foram mais leais ao seu dialeto do que os migrantes.

Palavras-chave: Variação linguística. Vogais médias pretônicas. Atitude linguística. Crença linguística.

ABSTRACT

The present Thesis aimed to investigate the linguistic beliefs and attitudes of speakers living in the Northeast of Pará State (Santa Maria do Pará, São Miguel do Guamá, Aurora do Pará, Mãe do Rio, Ipixuna do Pará localities) towards the variation of pretonic, in the light of the theoretical-methodological principles of Multidimensional Dialectology, Sociolinguistics and the Study of Linguistic Beliefs (LAMBERT and LAMBERT, 1972; RADTKE and THUN, 1996; LABOV, 2008; BOTASSINI, 2013; FREITAG and SANTOS, 2016). This research is justified by the contribution it will bring to linguistic studies in the Northern Region, where there is a shortage of research of this nature. It is expected to contribute to the understanding of linguistic variation and change and, consequently, help in the fight against linguistic prejudice (SILVA and AGUILERA, 2014). For its execution, the pretonic average vowels were analyzed from the speech of Ceará migrants and Pará natives in five survey points, based on the sample the diatopic dimension (eight informants from each locality), subdivided into topostatic (six natives from each locality) and topodynamics (two Ceará migrants in each locality). The sample was stratified according to the diasexual (4 female and 4 male) and diagenational (18 to 25 years and 50 to 65 years) dimensions. Data was collected by interviews: the occurrences of the object vowels were collected through reading, questionnaire response and narratives; Belief and attitude data were collected through the quantitative questionnaire, using the matched guise test technique, and a qualitative questionnaire, as well as the self-assessment test. All material collected was organized for transcription in Praat. Three corpora were constituted: one of mean occurrences, with control of lowering and not lowering; another one from the answers of the quantitative attitude questionnaire and another one for the qualitative analysis. The quantitative data corpus was coded in Excel for statistical treatment in Goldvarb X. The qualitative data corpus was categorized for further analysis. The results showed that the realization of [e] and [o] predominates in the speech of natives and migrants of the localities, following the tendency of other regions of Pará (RAZKY, LIMA and OLIVEIRA, 2012; CRUZ, 2012). For the lowering of / e / and / o /, the open vowels, in both tonic and contiguous position, and the degree of nasality of the vowel of the stressed syllable favored the phenomenon, evidencing the vowel harmony as a major driver of this phenomenon. The degree of formality was not significant to the application of lowering. Of the social factors, the origin of the informant, a single group considered significant, favored the phenomenon in the speech of migrants. Gender and age group were not probabilistically significant, but in percentage terms, there was a higher occurrence of lower speech in women and young people. The subjective attitudes revealed that the people from Ceara, Belem and local dialects enjoy a certain prestige, because they were evaluated positively, with percentages above 70%. Diatopically, the results differ presenting positive evaluations sometimes to the local dialect, sometimes to Belém or to Ceará inhabitants. Migrants attributed more positive ratings to the dialects than the native ones. From the diasexual point of view, men preferred the local and Ceará dialects, and women, the local and Belem's dialects. In relation to the diagenational, young people preferred the Belem's and local dialects, while adults preferred the local and Cearense dialects. Most informants did not notice the difference between open and closed vowels in two word sequences, however, preferred and claimed to speak the word sequences with closed vowels. The local and Belem inhabitants dialects have higher social status. The natives were more loyal to their dialect than the migrants.

Keywords: Linguistic Variation. Pretonic mean vowels. Linguistic Attitude. Linguistic Belief.

RESUMEN

La presente Tesis tuvo como objetivo investigar las creencias y actitudes lingüísticas de los hablantes que viven en el noreste del estado de Pará (Santa Maria do Pará, São Miguel do Guamá, Aurora do Pará, Mãe do Rio, Ipixuna do Pará) al que se refiere a la variación de los medios pretónicos, a la luz de los principios teórico-metodológicos de la Dialectología Pluridimensional, la Sociolingüística y el Estudio de Creencias Lingüísticas (LAMBERT y LAMBERT, 1972; RADTKE y THUN, 1996; LABOV, 2008; BOTASSINI, 2013; FREITAG y SANTOS, 2016) Está justificado por la contribución que aportará a los estudios lingüísticos en la Región Norte, donde hay una escasez de investigaciones de esta naturaleza. Se espera que contribuya a la comprensión de la variación y el cambio lingüísticos y, en consecuencia, ayude en la lucha contra los prejuicios lingüísticos (SILVA y AGUILERA, 2014). Para su ejecución, se analizaron las vocales medias pretónicas a partir del discurso de migrantes cearenses y de nativos en cinco puntos de encuesta, con base en la muestra se utilizó la dimensión diatópica (ocho informantes de cada localidad), subdividida en topostática (seis nativos de cada localidad) y topodinámica (dos migrantes de Ceará en cada localidad). La muestra se estratificó de acuerdo con las dimensiones diasesual (4 de sexo femenino y 4 sexo masculino) y diageneracional (18 a 25 años y 50 a 65 años). Los datos fueron recolectados mediante entrevistas: las ocurrencias de las vocales-objeto fueron colectadas a través de la lectura, la respuesta al cuestionario y las narrativas; Los datos de creencias y actitudes fueron colectados a través del cuestionario cuantitativo, con uso de la técnica *matched guise test* y un cuestionario cualitativo, así como la prueba de autoevaluación. Todo el material recogido se organizó para su transcripción en Praat. Se constituyeron tres *corpora*: uno de ocurrencias de las medias, con control de bajar y no bajar; otro de las respuestas del cuestionario de actitud cuantitativa y otro para el análisis cualitativo. Los *corpora* de datos cuantitativos se codificaron en Excel para el tratamiento estadístico en Goldvarb X. El *corpus* de datos cualitativos fue categorizado para su posterior análisis. Los resultados mostraron que la realización de [e] y [o] predomina en el discurso de los nativos y migrantes de las localidades, siguiendo la tendencia de otras regiones de Pará (RAZKY, LIMA y OLIVEIRA, 2012; CRUZ, 2012). Para la reducción de / e / y / o /, las vocales abiertas, tanto en posición tónica como contigua, y el grado de nasalidad de la vocal de la sílaba acentuada favorecieron el fenómeno, evidenciando la armonía de las vocales como un impulsor principal de este fenómeno. El grado de formalidad no fue significativo para la aplicación de la reducción. De los factores sociales, el origen del informante, un solo grupo considerado significativo, favoreció el fenómeno en el discurso de los migrantes. El género y el grupo de edad no fueron probalísticamente significativos, pero en términos porcentuales, hubo una mayor incidencia de rebaja en el habla de mujeres y jóvenes. Las actitudes subjetivas revelaron que los dialectos cearense, belenense y local gozan de cierto prestigio, porque fueron evaluados positivamente, con porcentajes superiores al 70%. Diatópicamente, los resultados difieren presentando evaluaciones positivas a veces al dialecto local, a veces a belenense o cearense. Los migrantes atribuyeron calificaciones más positivas a los dialectos que los nativos. Desde el punto de vista diasesual, los hombres preferían los dialectos locales y de Ceará, y las mujeres, los dialectos locales y belenenses. En relación con el diageneracional, los jóvenes preferían los dialectos belenenses y locales, mientras que los adultos preferían los dialectos locales y cearenses. La mayoría de los informantes no notaron la diferencia entre vocales abiertas y cerradas en dos secuencias de palabras, sin embargo, prefirieron y afirmaron hablar secuencias de palabras con vocales cerradas. Los dialectos local y belenenses tienen un estatus social más alto. Los nativos fueran más leales a su dialecto que los migrantes.

Palabras clave: variación lingüística. Vocales medias pretónicas. Actitud Lingüística. Creencia lingüística.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de habitantes das localidades por origem Região do País.	52
Tabela 2 - População residente, segundo a Unidade da Federação.	52
Tabela 3 - Dados populacionais e demográficos de Santa Maria do Pará.	55
Tabela 4 - Dados populacionais e demográficos de São Miguel do Guamá.....	57
Tabela 5 - Dados populacionais e demográficos de Mãe do Rio.....	60
Tabela 6 - Dados populacionais e demográficos de Aurora do Pará.	63
Tabela 7 - Dados populacionais e demográficos de Ipixuna do Pará.	65
Tabela 8 - Resultados da variável <i>Natureza da Vogal Tônica</i> na aplicação do abaixamento de /e/ e /o/.	107
Tabela 9 - Resultados da variável <i>Vogal Contígua</i> na aplicação do abaixamento de /e/ e /o/.	109
Tabela 10 – Resultado da variável Nasalidade da Vogal Tônica no abaixamento de /e/ e /o/.	110
Tabela 11 – Resultados da variável <i>Segmento anterior</i> na aplicação do abaixamento de /e/ e /o/.	112
Tabela 12 - Resultados da variável <i>Segmento Posterior</i> na aplicação do abaixamento de /e/ e /o/.	113
Tabela 13 – Resultados da variável <i>Procedência</i> na aplicação do abaixamento de /e/ e /o/.	114
Tabela 14 – Resultados da variável Classe de Palavras na aplicação do abaixamento de <o>.	115
Tabela 15 - Resultados da variável Grau de Formalidade na aplicação do abaixamento de <e>.	116
Tabela 16 – Dados Gerais de ocorrências e percentuais das avaliações atribuídas aos dialetos na Região Nordeste do Pará.	119
Tabela 17 – Avaliação dos dialetos ouvidos por localidade.	121
Tabela 18 – Avaliação dos dialetos por informantes migrantes e nativos de Santa Maria do Pará.	124
Tabela 19 - Percentuais de <i>Concordo</i> nas avaliações dos informantes nativos de Santa Maria do Pará.	125
Tabela 20 - Percentuais de <i>Concordo</i> nas avaliações dos informantes migrantes cearenses em Santa Maria do Pará.	130
Tabela 21 - Avaliação dos dialetos por informantes migrantes e nativos de São Miguel do Guamá.	134
Tabela 22 - Percentuais de <i>Concordo</i> nas avaliações dos informantes nativos de São Miguel do Guamá.....	135
Tabela 23 - Percentuais de <i>concordo</i> nas avaliações dos informantes migrantes cearenses em São Miguel do Guamá.....	139
Tabela 24 – Avaliação dos dialetos por informantes migrantes e nativos de Mãe do Rio.....	143
Tabela 25 – Percentuais de <i>Concordo</i> nas avaliações dos informantes nativos de Mãe do Rio.	143
Tabela 26 - Percentuais de <i>Concordo</i> nas avaliações dos informantes migrantes de Mãe do Rio.	147
Tabela 27 – Avaliação dos dialetos por informantes migrantes e nativos de Aurora do Pará.	152
Tabela 28 - Percentuais de <i>Concordo</i> nas avaliações dos informantes nativos de Aurora do Pará.	153
Tabela 29 - Percentuais de <i>Concordo</i> nas avaliações dos informantes migrantes em Aurora do Pará.	158
Tabela 30 – Avaliação dos dialetos por informantes migrantes e nativos de Ipixuna do Pará.	163
Tabela 31 – Percentuais de <i>Concordo</i> nas avaliações dos informantes nativos de Ipixuna do Pará.....	164
Tabela 32 - Percentuais de <i>Concordo</i> nas avaliações dos informantes migrantes de Ipixuna do Pará.	168
Tabela 33 – Avaliação dos dialetos ouvidos pelos informantes de Santa Maria do Pará conforme o sexo.....	173
Tabela 34 - Avaliação dos dialetos ouvidos pelos informantes de São Miguel do Guamá conforme o sexo..	173
Tabela 35 - Avaliação dos dialetos ouvidos pelos informantes de Mãe do Rio conforme o sexo.....	174
Tabela 36 – Avaliação dos dialetos ouvidos pelos informantes de Aurora do Pará conforme o sexo.....	175

Tabela 37 - Avaliação dos dialetos ouvidos pelos informantes de Ipixuna do Pará conforme o sexo.....	175
Tabela 38 - Avaliação dos dialetos ouvidos pelos informantes de Santa Maria do Pará conforme faixa etária	177
Tabela 39 - Avaliação dos dialetos ouvidos pelos informantes de São Miguel do Guamá de acordo com a faixa etária.	177
Tabela 40 - Avaliação dos dialetos ouvidos pelos informantes de Mãe do Rio de acordo com a faixa etária..	178
Tabela 41 - Avaliação dos dialetos ouvidos pelos informantes de Aurora do Pará de acordo com a faixa etária.	179
Tabela 42 - Avaliação dos dialetos ouvidos pelos informantes de Ipixuna do Pará de acordo com a faixa etária.	180

CARTAS LINGUÍSTICAS

Carta Linguística 1– Distribuição das variantes da Vogal média anterior por localidade.	96
Carta Linguística 2 - Distribuição das variantes da Vogal média posterior por localidade.	97
Carta Linguística 3 – Distribuição da variante aberta anterior conforme o sexo.	99
Carta Linguística 4 – Distribuição da variante aberta anterior conforme a idade.	100
Carta Linguística 5 - Distribuição da variante aberta anterior conforme a procedência do informante.	101
Carta Linguística 6 - Distribuição da variante aberta posterior conforme o sexo.	102
Carta Linguística 7 - Distribuição da variante aberta posterior conforme a idade.	103
Carta Linguística 8 - Distribuição da variante aberta posterior conforme a procedência do informante.	104

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Frequência Relativa das Variantes de <e>.	91
Gráfico 2 - Frequência Relativa das Variantes de /o/.	91
Gráfico 3 – Distribuição das variantes de /e/ por localidade.	93
Gráfico 4 – Distribuição das variantes de /o/ por localidade.	94
Gráfico 5 – Cruzamento das variáveis <i>Natureza da vogal tônica</i> e <i>Nasalidade da tônica</i> no abaixamento de /e/.	111
Gráfico 6 – Cruzamento das variáveis <i>Natureza da vogal tônica</i> e <i>Nasalidade da tônica</i> no abaixamento de /o/.	111
Gráfico 7 – Cruzamento da variável <i>Vogal Contígua</i> e o fator verbo, da variável classe de palavra, no abaixamento de /o/.	116
Gráfico 8 - Percentual Geral das Avaliações dos Dialetos.	118
Gráfico 9 – Percentuais Gerais de avaliações positivas e negativas atribuídas aos dialetos na Região Nordeste do Pará.	119
Gráfico 10 – Avaliações positivas dos dialetos conforme a localidade.	122
Gráfico 11– Percentuais Gerais das avaliações positivas pelos migrantes e nativos conforme a localidade....	123

Gráfico 12 – Características associadas à atratividade social atribuídas pelo santa-marianense aos dialetos cearense, belenense e santa-mariense.	127
Gráfico 13 - Características associadas à competência e integridade social pelo santa-mariense aos dialetos cearense, belenense e santa-marianense.....	128
Gráfico 14 – Características estéticas associadas aos dialetos pelo santa-marianense.	129
Gráfico 15 - Características associadas à atratividade social atribuídas pelo migrante de Santa Maria do Pará aos dialetos cearense, belenense e santa-marianense.	131
Gráfico 16 - Características associadas à competência e à integridade pessoal atribuídas pelo migrante cearense de Santa Maria do Pará aos dialetos cearense, belenense e santa-marianense.	132
Gráfico 17- Características estéticas associadas aos dialetos pelo migrante de Santa-Maria do Pará.	133
Gráfico 18 - Características associadas à atratividade social atribuídas pelos guamaenses aos dialetos cearense, belenense e guamaense.	136
Gráfico 19 - Características associadas à competência e à integridade social atribuídas pelos guamaenses aos dialetos cearense, belenense e guamaense.	137
Gráfico 20 - Características estéticas associadas aos dialetos pelo guamaenses.	138
Gráfico 21 - Características associadas à integridade pessoal atribuídas pelos migrantes aos dialetos cearense, belenense e guamaense.	140
Gráfico 22 - Dados percentuais de <i>concordo</i> para características associadas à competência atribuídas por guamaenses aos três falantes.....	141
Gráfico 23 - Dados percentuais de <i>concordo</i> para características associadas à fala atribuídos pelo guamaenses aos três falantes.	142
Gráfico 24 - Características associadas à atratividade social atribuídas pelo mãe-riense aos dialetos cearense, belenense e mãe-riense.	145
Gráfico 25 - Características associadas à competência e integridade social pelos mãe-rienses aos dialetos cearense, belenense e mãe-riense.....	146
Gráfico 26 – Características estéticas associadas aos dialetos pelo mãe-riense.	147
Gráfico 27 - Características associadas à atratividade social atribuídas pelo migrante de Mãe do Rio aos dialetos cearense, belenense e mãe-riense.	149
Gráfico 28 - Características associadas à competência e à integridade pessoal pelo migrante de Mãe do Rio aos dialetos cearense, belenense e mãe-riense.	150
Gráfico 29- Características estéticas associadas aos dialetos pelo migrante de Mãe do Rio.	151
Gráfico 30 – Dados percentuais de <i>concordo</i> para características associadas à atratividade social por aurorense aos três dialetos.	154
Gráfico 31 - Dados percentuais de <i>concordo</i> para características associadas à competência atribuídas pelo aurorense aos três dialetos.	155
Gráfico 32 - Dados percentuais de <i>concordo</i> para características associadas à integridade pessoal atribuídas por aurorense aos três dialetos.	156
Gráfico 33 - Dados percentuais de <i>concordo</i> para características associadas à fala atribuídas pelo aurorense aos três dialetos.	157

Gráfico 34 - Dados percentuais de <i>concordo</i> para características associadas à atratividade social por migrantes cearenses em Aurora do Pará aos falantes aurorense, cearense e belenense.	159
Gráfico 35 - Dados percentuais de <i>concordo</i> para características associadas à competência por migrantes cearenses em Aurora do Pará aos falantes aurorense, cearense e belenense.	160
Gráfico 36 - Dados percentuais de <i>concordo</i> para características associadas à integridade pessoal por migrantes cearenses em Aurora do Pará aos falantes aurorense, cearense e belenense.	161
Gráfico 37 - Dados percentuais de <i>concordo</i> para características associadas à fala atribuídas pelo aurorense aos três dialetos.	162
Gráfico 38 – Características associadas à atratividade social atribuídas pelo ipixunense aos dialetos cearense, belenense e ipixunense.	166
Gráfico 39 - Características associadas à competência e integridade social pelo ipixunense aos dialetos cearense, belenense e ipixunense.	167
Gráfico 40 – Características estéticas associadas aos dialetos pelo ipixunense.	168
Gráfico 41 - Características associadas à atratividade social atribuídas pelo migrante de ipixunense aos dialetos cearense, belenense e ipixunense.	170
Gráfico 42 - Características associadas à competência e à integridade pessoal pelo migrante de Ipixuna do Pará aos dialetos cearense, belenense e ipixunense.	171
Gráfico 43- Características estéticas associadas aos dialetos pelo migrante em Ipixuna do Pará.	172
Gráfico 44 – Dialetos considerados mais bonitos.	184
Gráfico 45 – Respostas dos informantes sobre haver ou não diferença entre a pronúncia aberta e fechada das vogais médias pretônicas.	201
Gráfico 46 – Respostas dos informantes sobre se acham mais bonita a sequência de palavras produzidas com vogais abertas ou com vogais fechadas.	202
Gráfico 47 – Respostas dos informantes sobre qual variante utilizam.	203

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Rede de Pontos de Inquérito.	51
Quadro 2 - Coordenadas e Limites Geográficos do Município de Santa Maria do Pará.	54
Quadro 3 - Coordenadas e Limites Geográficos do Município de São Miguel do Guamá.	56
Quadro 4 – Coordenadas e Limites Geográficos do Município de Mãe do Rio.	59
Quadro 5 – Coordenadas e Limites Geográficos do município de Aurora do Pará.	62
Quadro 6 - Coordenadas e Limites Geográficos do município de Ipixuna do Pará.	64
Quadro 7 - Distribuição da Amostra.	67
Quadro 8 - Codificação dos informantes da amostra.	69
Quadro 9 - Exemplo de codificação no Excel.	83
Quadro 10 - Modelo de escala tipo Likert.	87
Quadro 11- Distribuição do Total de Ocorrências das Vogais médias pretônicas no <i>Corpus</i>	90

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Divisão dialetal de Antenor Nascentes (1953).....	29
Figura 2- Municípios da Mesorregião Nordeste do Pará.	50
Figura 3 - Mapas de localização e área do Município de Santa Maria do Pará - PA.....	53
Figura 4 - Mapas de localização e área do Município de São Miguel do Guamá – PA.....	56
Figura 5 - Mapas de localização e área do Município de Mãe do Rio.	59
Figura 6 - Mapas de localização e área do município de Aurora do Pará.....	61
Figura 7 – Mapas de Localização e área do município de Ipixuna Pará.....	64
Figura 8 - Etapas da Entrevista.....	73
Figura 9 - Variáveis e variantes.....	77
Figura 10 - Modo de segmentação no Software <i>Praat</i>	82
Figura 11 - Exemplo de codificação no documento <i>.txt</i>	83
Figura 12 - Arquivo de dados gerado do <i>GodvarbX</i>	84
Figura 13 – Arquivo de especificação e arquivo de condições gerados na janela do <i>GoldvarbX</i>	84

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	18
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	24
1.1 VARIACÃO LINGUÍSTICA.....	24
1.1.1 Fatores condicionadores da variação linguística.	26
1.1.2 As vogais médias pretônicas na Amazônia Paraense	28
1.2 ÁREAS DE ESTUDOS DA VARIAÇÃO: DIALETOLOGIA E SOCIOLINGUÍSTICA.	36
1.3 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: DEFINIÇÕES E COMPONENTES	39
1.3.1 Definição de atitude	40
1.3.2 Abordagens de medição de atitudes linguísticas.....	45
2 PERCURSO METODOLÓGICO	48
2.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA DESENVOLVIDA PARA A TESE	48
2.2 UNIVERSO DA PESQUISA – REDE DE PONTOS	49
2.2.1 Ponto 1 – Santa Maria do Pará	53
2.2.2 Ponto 2 – São Miguel do Guamá	56
2.2.3 Ponto 3 – Mãe do Rio	58
2.2.4 Ponto 4 – Aurora do Pará	61
2.2.5 Ponto 5 – Ipixuna do Pará	63
2.3 COLETA DE DADOS	66
2.3.1 Perfil dos informantes – Amostra	66
2.3.2 Trabalho de campo.....	69
2.3.3 Instrumentos utilizados.....	73
2.4 CONSTITUIÇÃO DOS CORPORA.....	75
2.5 SOFTWARES	76
2.6 VARIÁVEIS CONTROLADAS	77
2.6.1 Variáveis dependentes	77
2.6.2 Variáveis independentes	77
2.7 TRATAMENTO DOS DADOS	81
2.7.1 Segmentação dos dados	81
2.7.2 Codificação dos dados	82

2.7.3	Análise estatística e qualitativa dos dados.....	84
3	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	89
3.1	RESULTADOS DA PRODUÇÃO DAS MÉDIAS PRETÔNICAS NA REGIÃO NORDESTE DO ESTADO.	89
3.1.1	Resultado das variantes das vogais médias /e/ e /o/ por localidade.....	93
3.1.2	Resultado da aplicação do abaixamento vocálico das médias pretônicas.	98
3.2	RESULTADOS DA PERCEPÇÃO DOS FALANTES EM RELAÇÃO AOS DIALETOS INVESTIGADOS: ANÁLISE QUANTI-QUALITATIVA.....	117
3.2.1	Atitudes linguísticas com estímulos em relação à dimensão diatópica	120
3.2.2	Atitudes linguísticas com estímulos em relação à dimensão diasexual.	173
3.2.3	Atitudes linguísticas com estímulos em relação à dimensão diageracional..	176
3.2.4	Atitudes e crenças linguísticas.	181
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	204
	REFERÊNCIAS.....	212
	ANEXO A	220
	ANEXO B	221
	ANEXO C	222
	ANEXO D	223
	ANEXO E.....	225
	ANEXO F.....	226
	ANEXO G	227
	ANEXO H	229
	ANEXO I.....	231

INTRODUÇÃO

A tese empreendida insere-se na temática da avaliação linguística, mais especificamente da atitude linguística. Busca investigar possíveis avaliações subjetivas de falantes residentes na Região Nordeste do Pará, a partir da descrição linguística das vogais médias pretônicas no aspecto fonético-fonológico, com ênfase no processo de abaixamento vocálico.

A opção pelo abaixamento remonta à pesquisa de Mestrado em que investigamos esse fenômeno no português da localidade de Aurora do Pará, na fala de nativos da localidade e de migrantes cearenses (FERREIRA, 2013). O interesse, então, por ampliar esse estudo para outras localidades apresenta pelo menos duas motivações, uma é histórica e a outra, geográfica: as localidades que compõem a investigação passaram pelo processo de intenso fluxo migratório por conta da abertura da Rodovia Belém-Brasília (BR 010) e localizam-se ao longo desta rodovia, compondo o percurso de rede de influências da cidade de Castanhal, de acordo com a classificação de Ribeiro (2015).

Alguns questionamentos sobre a avaliação subjetiva da língua foram postulados por Weinreich, Labov e Herzog (2006) ao tratarem da mudança linguística. Para eles, uma mudança linguística ocorre, sobretudo, a partir do surgimento de avaliações subjetivas de determinada língua ou forma de língua. Tais avaliações ou atitudes podem estar relacionadas à avaliação linguística ou social, conforme também defendem Coelho et al (2015). Esses autores acreditam que “[...] uma avaliação linguística é, geralmente, permeada por uma avaliação social” (COELHO et al, 2015, p. 92), conseqüentemente, portanto, há um correlato entre o uso linguístico e o valor social de determinada língua ou forma de língua.

O estudo de atitude linguística remonta à psicologia social. Silva e Aguilera (2014) apontam os psicólogos sociais William Lambert e Wallace Lambert como precursores da introdução da linguagem no estudo de atitudes por meio da técnica *matched guise* (falsos pares), realizado em Montreal, no Canadá. Nesse estudo,

“[...] Os objetivos centrais dos pesquisadores eram detectar a qual das línguas [francês ou inglês] era atribuído mais prestígio e verificar como um grupo via o outro a partir de seu idioma e de que maneira as atitudes de um grupo maior influenciavam um grupo menor” (SILVA E AGUILERA, 2014, p. 706).

No Brasil, tem-se como um dos primeiros estudos em atitudes linguísticas o de Andrieta Lenard, de (1976), cujo título é *Lealdade linguística em Rodeios* (SC). Nesse estudo,

a pesquisadora objetivou compreender como os trentinos¹ resistiam à integração linguística na cidade de Rodeios. Segundo mostrou a pesquisa, apesar da pressão para o uso do português, a língua italiana era bastante utilizada em ambientes específicos, por conta de forte lealdade dos informantes a sua língua de origem. Botassini (2013), ao comentar os resultados, afirma que tal situação tenderia a manter a conservação do bilinguismo por muito tempo.

Embora os estudos em atitudes linguísticas não sejam tão recentes, Silva e Aguilera (2014) defendem que há uma carência de pesquisas que se voltem para este aspecto da linguagem. Isso ocorre porque a grande maioria dos estudos de base sociolinguística e dialetológica limita-se ao estudo da descrição linguística nos diferentes níveis estruturais da língua, sem, muitas vezes, ampliar o escopo de análise para o aspecto avaliativo da língua e de suas manifestações.

Mesmo havendo trabalhos aqui e ali que abordem a temática, as vogais médias pretônicas não são comumente consideradas, principalmente em relação ao processo do abaixamento vocálico, não havendo, portanto, ainda, trabalhos que se dediquem a analisar avaliações subjetivas dos falantes em relação ao fenômeno. Por esse motivo, ressaltamos a importância de estudos dessa natureza, sobretudo porque as contribuições são diversas, como bem afirmou Moreno Fernández (1998), pois nos permitem compreender processos relativos à escolha de uma língua em sociedades multilíngues, a inteligibilidade, o planejamento linguístico, o ensino de línguas dentre outros aspectos.

Nesse sentido, para conhecer melhor os mecanismos que influenciam na variação e mudança linguística, o estudo de atitudes linguísticas é bastante importante, pois elas agem decisivamente neles. No caso específico da pesquisa desta tese, possibilita compreender melhor as motivações para o fenômeno da manutenção vocálica em detrimento do abaixamento das médias pretônicas, principalmente por parte de migrantes cearenses nas localidades investigadas. Sobre isso, podemos concluir, com base em Moreno Fernández (1998), que:

Una actitud favorable o positiva puede hacer que un cambio lingüístico se cumpla más rápidamente, que en ciertos contextos predomine el uso de una lengua en detrimento de otra, que la enseñanza aprendizaje de una lengua extranjera sea más eficaz, que ciertas variantes lingüísticas se confinen a los contextos menos formales y otras predominen en los estilos cuidados. Una actitud desfavorable o negativa

¹ Nome dado aos imigrantes da região do sul de Tirol (região de Trento, Itália) que ajudaram na fundação da cidade, também conhecida como “*Vale dos Trentinos*”, nome dado após a década de 1980 visando destacar a cultura local.

puede llevar al abandono y el olvido de una lengua o impedir la difusión de una variante o un cambio lingüístico² (p. 179).

A pesquisa desenvolvida para esta tese parte dos pressupostos acima elencados e teve como *locus* a Região Nordeste do Estado do Pará, mais especificamente cinco localidades situadas às margens da Rodovia BR 010 – Belém- Brasília. A escolha dessa Região está relacionada aos objetivos do projeto Vozes da Amazônia, sediado na Universidade Federal do Pará, ao qual esta Tese está vinculada. O projeto Vozes da Amazônia (doravante Vozes) visa mapear a situação sociolinguística da Amazônia Paraense e discutir temas relacionados à identidade sociodiscursiva do amazônida nas regiões onde se atesta contato interdialeto decorrente de fluxo migratório intenso, motivado por projetos econômicos na região amazônica (CRUZ, 2012). Acreditamos que esta tese contribua para esse objetivo do projeto Vozes à medida que toma como contexto de estudo uma região cujas localidades possuem perfis de migração em decorrência de grandes projetos, como é o caso das cidades de Santa Maria do Pará, São Miguel do Guamá, Mãe do Rio, Aurora do Pará e Ipixuna do Pará. Durante as décadas de 50, 60, 70 e 80 do século passado, muitos nordestinos, sobretudo cearenses, migraram para a região, onde se situa o *locus* da pesquisa, trazendo suas influências, costumes, crenças, culturas, formas de falar etc. Devido às influências decorridas de contato interdialeto, o português falado nessa Região possui peculiaridades que destoam, em certos aspectos, daqueles considerados específicos do falar paraense, como bem observou Cassique (2006).

Vinculado ao Vozes, o primeiro estudo realizado com os objetivos pretendidos foi o de Ferreira (2013) em Aurora do Pará. Na ocasião, adotando os procedimentos da sociolinguística variacionista e do estudo de redes sociais utilizados por Bortoni-Ricardo (2011), o autor tomou como objeto de estudo as vogais médias pretônicas, a partir da fala de migrantes cearenses e de seus descendentes (natos da localidade). Como fatores condicionantes da variação das vogais médias pretônicas foram controlados a origem e a ascendência dos informantes, que foram distribuídos em dois grupos: ancoragem, composto de migrantes cearenses, e controle, composto de filhos, netos e sobrinhos dos migrantes. Os resultados desse estudo mostraram que: (i) a realização das médias como [e] e [o] prevalece, mesmo na fala dos migrantes cearenses e que [ɛ] e [ɔ] em posição pretônica, uma das marcas

² Uma atitude favorável ou positiva pode fazer com que uma mudança linguística seja realizada mais rapidamente, que em certos contextos predomina o uso de uma língua em detrimento de outra, que o ensino de uma língua estrangeira é mais eficiente, que certas variantes linguísticas estão confinadas a contextos menos formais e outros predominam em estilos cuidadosos. Uma atitude desfavorável ou negativa pode levar ao abandono e ao esquecimento de uma língua ou impedir a propagação de uma variante ou mudança linguística.

desses migrantes, ocorre em menor probabilidade; (ii) os jovens e as mulheres favorecem à realização fechada das médias, enquanto os homens e os mais velhos preferem a realização aberta; (iii) o fator tempo de residência interferiu nesse resultado, apontando que, quanto maior o tempo de residência (do migrante na localidade), maior o percentual de acomodação ao uso das vogais [e] e [o]. Assim, os migrantes de menor tempo possuem um percentual maior de realização das médias como [ɛ] e [ɔ]; (iv) o estudo também identificou que a rede social dos informantes é uniplex e frouxa, característica que facilita a interferência e identificação dos informantes com outros tipos de normas, sobretudo a de maior relevância social e preferencial, que no caso das vogais em estudo é a realização de [e] e [o] como pretônicas.

Vale ressaltar que a realização das médias como [e] e [o] é uma tendência na Amazônia paraense, já constatada por Razky, Lima e Oliveira (2012) e Cruz (2012). Na pesquisa empreendida por Ferreira (2013), em Aurora do Pará, a realização de [e] e [o] também prevaleceu na fala de migrantes cearenses, participantes do grupo de amostra da pesquisa. Acreditamos que os resultados nas demais localidades, mesmo com forte presença nordestina, acompanhem essa tendência para o fenômeno.

No Brasil, estudos de base sociolinguística e dialetológica têm se aprofundado amplamente no fenômeno da variação linguística das vogais médias pretônicas. Entretanto, estudos voltados a medir as atitudes e crenças linguísticas de falantes em relação a esse objeto são raros. No Pará mesmo inexistem trabalhos dessa natureza, apesar de haver inúmeros estudos que tratam da variação das médias pretônicas. O estudo de Nina (1991), *Aspectos da variação fonético-fonológica na fala de Belém*, foi o primeiro a descrever esse objeto. Muitos outros foram desenvolvidos a partir dele, no âmbito da UFPA, ora atrelados ao Projeto Vozes da Amazônia, ora ao Projeto GeolinTerm³, mas nenhum deles relacionados a questões de avaliação subjetiva dos falantes.

Por outro lado, para poder mensurar a percepção de uma variante em um fenômeno sociolinguístico, são necessárias, além da observação do comportamento, a observação das crenças e atitudes em relação a um determinado fenômeno linguístico (FREITAG e SANTOS,

³ “O GeoLinTerm é um macroprojeto de pesquisa, ligado ao Laboratório de Linguagem da Universidade Federal do Pará, que reúne várias problemáticas de pesquisa que estão distribuídas em quatro eixos de investigação (ou subprojetos): (i) o Atlas Linguístico do Brasil – Regional Norte (ALiB-Norte); (ii) o Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALiPA); (iii) os Atlas Linguísticos Regionais do Norte do Brasil (ALiN); e (iv) Terminologia e Socioterminologia no Brasil (SocioTerm)”. Informações extraídas do site: <http://geolinterm.com.br/>

2016). Diante disso, indagamos: como falantes residentes em cinco localidades às margens da Belém-Brasília, no nordeste do Pará, nativos e migrantes cearenses, avaliam a própria fala e a fala de outros dialetos em relação às vogais médias pretônicas?

A partir dessa questão-problema, elencamos algumas hipóteses quanto às crenças e atitudes dos falantes, bem como quanto à realização das vogais médias pretônicas. Em relação às primeiras, podemos supor que: (i) os informantes cearenses tendem a avaliar os dialetos das localidades e/ou de Belém mais positivamente do que seu próprio dialeto; (ii) os informantes paraenses são mais leais ao seu próprio dialeto em razão de o considerarem mais próximo ao dialeto padrão; (iii) mulheres e jovens avaliam mais positivamente seu dialeto ou o dialeto mais utilizado ou mais valorizado socialmente;

No que se refere à realização das vogais médias pretônicas, acredita-se que: (i) em todas as localidades a preferência será para a realização das médias [e] e [o] pretônicas, seguindo a tendência dos estudos no Pará; (ii) o abaixamento será o segundo fenômeno mais produtivo, motivado por influência nordestina; (iii) mulheres e jovens tendem a favorecer o uso das médias [e] e [o], enquanto os homens e mais velhos tendem a manter o uso de [ɛ] e [ɔ]; (iv) os informantes nordestinos tendem a acomodar traços do seu dialeto com aquele que acredita ser o mais prestigiado.

A pesquisa objetivou investigar as crenças e atitudes linguísticas de falantes residentes em cinco localidades da Região Nordeste do Pará, levando-se em conta os princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística e da Dialectologia Pluridimensional, em relação às vogais médias pretônicas, com foco no fenômeno do abaixamento vocálico. Os objetivos específicos foram:

- Descrever as vogais médias pretônicas, levando-se em conta o fenômeno da aplicação e não aplicação do abaixamento, correlacionando-o a fatores linguísticos e sociais;
- Investigar como os falantes de cada localidade avaliam o seu dialeto em relação a outros dialetos;
- Verificar as atitudes de paraenses nativos e migrantes cearenses quanto ao seu dialeto e a outros dialetos;
- Verificar com que dialetos os falantes mais se identificam e como eles o avaliam;
- Investigar como homens e mulheres, jovens e adultos avaliam dos dialetos.

O estudo de atitudes e crenças linguísticas na Região Nordeste do Pará possibilita uma melhor compreensão da variação linguística das médias pretônicas no português falado nessa região. Silva e Aguilera (2014) defendem que as poucas pesquisas sobre crenças e atitudes linguísticas realizadas não têm sido suficientemente divulgadas a fim de ampliar o debate sobre fatores de mudanças linguísticas, as questões de prestígio e desprestígio social – que acentuam o preconceito linguístico - dentre outros temas. A opinião das autoras reforça ainda mais a importância deste estudo ter abordado tal temática, sobretudo na Região em destaque, onde quase inexistem trabalhos dessa natureza.

Para melhor compreensão do texto que segue, sua organização foi realizada de modo a garantir ao leitor alguns conceitos teóricos que embasaram a pesquisa desta tese e a interpretação dos resultados a serem alcançados. Assim, o primeiro capítulo, Fundamentação teórica, traz os pressupostos teóricos em que se respalda a pesquisa. O segundo capítulo apresenta o Percurso Metodológico, tratando da pesquisa de campo, descreve a metodologia utilizada nas análises e interpretação dos dados, bem como a descrição do trabalho de campo. O último capítulo apresenta breves resultados das análises estatísticas e de atitudes. Ao final, na seção Considerações Finais, expomos, brevemente, os resultados, bem como os comentários sobre possíveis lacunas deixadas pelo trabalho.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção objetiva apresentar ao leitor um esboço da teoria que fundamenta esta tese.

1.1 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Nos últimos anos, é consensual entre pesquisadores da língua que o conceito de homogeneidade linguística não passa pelo teste empírico da realidade. Entender a língua como elemento social, e não um instrumento individual e psicológico, é quase uma necessidade, principalmente quando se pretende compreender como ela, a língua, funciona, varia, muda. Tal entendimento tem contribuições de importantes figuras no quadro teórico dos estudos linguísticos pós-saussurianos como Weinreich, Labov e Herzog, os quais, contrapondo-se ao modelo vigente à época, tentam construir uma teoria da mudança linguística, rompendo, desse modo, com uma série de postulados ancorados na ideia que identifica estruturalidade com homogeneidade (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). Instauram, portanto, o conceito de heterogeneidade ordenada.

A partir desse conceito, a língua passa a ser vista não mais do ponto de vista imanente saussuriano, a língua em si mesma e por si mesma (SAUSSURE, 1916), e sim concebida como um sistema heterogêneo que engloba, junto as suas regras categóricas, outros tipos de regras, as variáveis, que são aquelas condicionadas por fatores internos e externos à língua (COELHO et al, 2015). Nesse sentido, busca reconciliar a realidade linguística heterogênea com a estrutura ordenada, como sugerem Weinreich, Labov e Herzog (2006):

Sugerimos que um modelo de língua que acomode os fatos do uso variável e seus determinantes sociais e estilísticos não só leva a descrições mais adequadas da competência linguística, mas também suscita naturalmente uma teoria da mudança linguística que ultrapassa os estereis paradoxos contra os quais a linguística histórica vem lutando há mais de meio século (p. 34).

Os postulados dos autores levam-nos a compreender que toda e qualquer língua apresenta em sua natureza um dinamismo, um caráter heterogêneo. As línguas são, portanto, heterogêneas, apresentam formas distintas. A essas formas distintas chamamos de variantes linguísticas, “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um contexto, e com o mesmo valor de verdade” (TARALLO, 2003, p. 8). E o processo de ocorrência das variantes linguísticas é chamado de variação linguística.

As variantes linguísticas são dotadas de dois requisitos para serem assim consideradas: a) devem ser intercambiáveis no mesmo contexto e b) manter o mesmo significado referencial/representacional. Todavia, a língua não é algo dissociado da vida dos seus falantes,

ela possui significados sociais (COELHO ET AL, 2015). Ao utilizar uma ou outra variante linguística, por exemplo, esse falante revela-se em sua identidade: origem, cultura, faixa etária, grupo social ao qual se filia, sexo e outros tipos de informações. Compreender como a língua funciona e varia, ajuda-nos a entender melhor as mudanças que nela operam a partir das escolhas dos falantes. Essa é uma das tarefas da Sociolinguística e também de outra disciplina, a Dialectologia Pluridimensional.

O entendimento de que a língua varia possibilita a compreensão do porquê das diferentes formas, ou diferentes variantes, coexistem no mesmo sistema linguístico; além disso, auxilia também na compreensão do processo de mudança linguística. Por outro lado, essa compreensão passa também pelo entendimento como um sistema não homogêneo, embora não caótico e também regulado por fatores fora da língua (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). Diante dessa constatação, podemos apreender pelo menos quatro conceitos básicos para o entendimento de como funciona a variação linguística: variedade, variação, variável e variante.

A variedade linguística corresponde à fala característica de determinado grupo. A delimitação de uma variedade linguística pode ser estabelecida, por exemplo, por critérios geográficos e sociais, como sexo, profissão, idade, escolaridade entre outros. Um exemplo muito clássico do estabelecimento de variedade linguística tem a ver com a divisão dialetal de Antenor Nascentes (1953) dos dialetos a partir da pronúncia das vogais médias pretônicas. Nesse divisão, faz parte da variedade linguística do Norte e Nordeste, se assim for agrupada por critérios geográficos, a realização das médias como [ɛ] e [ɔ]. No caso desta tese, foi delimitado o estudo da variedade de algumas localidades da Região Nordeste do Pará. O recorte, para esta tese, além do critério geográfico, leva em conta o critério social – sexo, idade e procedência.

Uma variedade linguística ou conjunto de variedades que coexiste(m) em uma comunidade linguística não possui(em) sua coexistência sem que se considere o contexto das relações sociais que se estabelecem numa comunidade de fala (ALKMIM, 2008). Nesse sentido, são as redes de relações sociais entre os indivíduos de uma comunidade que definem o comportamento verbal, no dizer de Alkmim (2008), pelo mesmo conjunto de regras. Essas relações, que são de variadas ordens, tocam na maneira como uma língua é avaliada. Bagno (2011) explica que, nesse jogo das relações sociais, uma modalidade da língua, ou uma variedade, pode ser posta em pé de igualdade, ou ser posta em uma “hierarquização social” (p.63) em relação a outras variedades. Esse fato remete à avaliação linguística; em outras

palavras, à maneira como uma língua, ou variedade de língua, é vista em função não apenas do seu carácter linguístico, mas também social. Explicando melhor esse tipo de relação diz o autor:

Nessa concepção, existem, sim, modos de falar *melhores e piores, superiores e inferiores* – não por alguma caracterização *gramatical, sistêmica, linguística* intrínseca que eles teriam (e que sabemos que não têm), mas pelos papéis diferentes que são atribuídos a eles no jogo das sempre desiguais *relações de poder* vigentes na sociedade (BAGNO, 2011, p.63).

Alkmim (2008), citando Gnerre (1985), afirma que uma variedade linguística tem o valor dos seus falantes na sociedade. Em um dos estudos sobre o alteamento no Pará, na cidade de Cametá, Rodrigues (2005), ao comparar dados desse fenômeno em falantes da zona urbana e rural, constatou que a forma negativa como é vista socialmente o fenômeno do alteamento, principalmente na tônica, tem motivado os falantes a evitar seu uso, por sofrer estigmatização. Todavia, esse processo tem sido mais intenso com falantes da zona urbana, os quais têm mais contato com turistas e com os meios de comunicação. Além disso, os jovens são os que mais inibem essa marca identitária da comunidade. Por esse motivo, defende o autor, que a possibilidade de uma mudança em progresso é muito grande. Como forma de negar sua origem, e não ser estigmatizado, o falante tende a evitar aquilo que, linguisticamente, o identifica como pertencente a determinado lugar. Esse exemplo, portanto ilustra bem como a escolha por uma ou outra variante linguística não é algo natural, mas ocorre consciente ou inconscientemente condicionadas linguisticamente e socialmente (COELHO et al., 2015; BAGNO, 2011; ALKMIM, 2008).

1.1.1 Fatores condicionadores da variação linguística.

A variação linguística constitui um fenômeno recorrente em todas as línguas, portanto, é um universal linguístico. A sua existência implica a existência de variantes. As variantes, esclarece Mollica (2010): “são formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente” (p.11). Na pesquisa que originou esta tese, as variáveis dependentes são as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ e suas variantes são, respectivamente, [ɛ], [e] e [i] e [ɔ], [o] e [u].

Para que a variação ocorra são necessários fatores que influenciem na escolha de uma ou de outra variante. Conhecer e controlar esses fatores permite ao linguista avaliar quais são os contextos linguísticos e não linguísticos que mais condicionam a realização de uma ou outra variante, se elas permanecem estáveis ou se estão em processo de mudança. Aos

condicionadores da variação linguística chamamos fatores, que compõem o grupo de variáveis independentes. As variáveis independentes, de certo modo, “[...] não apresentam relação entre si. Já a variável dependente, também como o nome sugere, depende de sua relação com as variáveis independentes [...]” (COELHO et al., 2015, p. 21). Estas últimas podem ser de ordem interna e externa à língua. Quando são internas, os fatores condicionantes, que são linguísticos, podem atuar em qualquer nível da língua – fonético-fonológico, morfossintático, semântico-lexical, a depender do nível da língua em que se situa a variação. Quando externas, chamadas de extralinguísticas, podem ser de ordem geográfica – leva em conta o espaço geográfico -, social – sexo, idade, escolaridade, classe socioeconômica, entre outras - e de estilo – formal, informal, entre outras (COELHO et al., 2015; MOLLICA, 2010).

A partir do exposto, é possível explicar determinado fenômeno variável e compreender que fatores mais atuam na variação e afetam as escolhas dos falantes, condicionando as variantes a determinados contextos ou causas. Desse modo, pode-se chegar a conclusões de que a variação não é aleatória, não constitui um caos, mas se trata de algo bastante sistemático, que a partir das descobertas de suas causas, é possível prever em que tipo de contextos pode ocorrer a mesma variante, por exemplo (TARALLO, 2003).

Vale ressaltar que o estudo da variação a partir desses condicionadores não pode ocorrer separadamente. Do ponto de vista sociolinguístico, é necessário o cruzamento dos fatores linguísticos e extralinguísticos para a compreensão de um fenômeno em variação. Isto porque, como já afirmamos, a variação é fruto das relações sociais e, portanto, não se origina apenas no âmbito do sistema linguístico.

Um dos estudos pioneiros foi o do linguista William Labov. Considerado o pai da Sociolinguística Variacionista, o pesquisador contribuiu para uma teoria e metodologia de análise linguística associada a fatores sociais. Tarallo (2003) afirma que Labov foi “[...]quem, mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de sistematizar a variação existente e própria da língua falada” (p. 7). Em seu primeiro estudo sociolinguístico, fruto de sua pesquisa de mestrado realizada na Ilha de Martha’s Vineyard, em 1962, o sociolinguista americano explica como os condicionadores extralinguísticos interferiram na mudança sonora dos ditongos /ay/ e /aw/. Concorriam à época além das formas padrão, [ay] e [aw], variantes que tendiam à centralização da primeira vogal.

A pesquisa foi realizada com 69 falantes, estratificados de acordo com a região em que se localizavam, ocupação dos informantes, grupo étnico, sexo e faixa-etária; além desses fatores extralinguísticos controlados, verificou-se também o ambiente linguístico como:

consoantes antecedentes e posteriores aos ditongos, a prosódia, a influência estilística e os itens lexicais. Os resultados do estudo mostraram que os condicionadores linguísticos eram pouco significativos, já que fatores externos à língua agiam sobre o fenômeno em estudo com mais ênfase. Motivados pelo sentimento de pertencimento ou não à ilha, os falantes tendiam à centralização ou não centralização dos ditongos. Essa divisão entre os habitantes, a partir do uso de uma variante em relação a outra, estava atrelada à própria história social da ilha.

Labov ([1962] 2008) observou que o grupo que mais favoreceu a centralização dos ditongos era da faixa de 21 a 45 anos, da zona rural, cuja ocupação estava centrada na pesca. Para interpretar melhor esses resultados, o pesquisador associa-os ao histórico da ilha que, à época, vinha passando por transformações no campo econômico e social. Por um lado, decaía a prática da pesca associada à cultura local, tradicional; e, por outro, cresciam as atividades de cunho turístico, que impulsionavam tanto as transformações da própria espacialidade da ilha como também da cultura local.

Com base nesses dados, o estudo em Martha's Vineyard apontou que os habitantes das zonas mais rurais, na tentativa de preservar sua cultura e identidade, rejeitavam a variante inovadora, centralizando os ditongos [ay] e [aw], a fim de preservar sua marca identitária. Já os que apresentavam menor índice de centralização ou não a apresentavam, de certo modo, estavam mais sujeitos às atividades transformadoras da ilha, como o turismo. O trabalho de Labov comprovou, portanto, que as explicações para aquela variação em Martha's Vineyard estavam mais atreladas ao condicionamento externo à língua do que aos internos.

1.1.2 As vogais médias pretônicas na Amazônia Paraense

No Brasil, dentre as muitas pesquisas que têm como foco um fenômeno linguístico variável, se sobressaem aquelas sobre a variação das vogais médias pretônicas. Uma tradição fortemente influenciada por Antenor Nascentes (1953) a partir da divisão dialetal do Brasil proposta por ele. A Figura 1, a seguir, com adaptações, apresenta como o autor classificava os dialetos.

Figura 1- Divisão dialetal de Antenor Nascentes (1953)



Fonte: Razky, Lima e Oliveira (2012).

Essa classificação de Nascentes tomava como base a realização das vogais médias pretônicas que, segundo o autor, nas Regiões Norte e Nordeste, elas tenderiam a realizar-se como [ɛ] e [ɔ]; nas Regiões Sul e Sudeste, como [e] e [o], e na Região Central do mapa, área correspondente à área denominada de incharacterística, não havia ainda uma definição, devido aos processos de povoamento da região.

São incontáveis os trabalhos no Brasil que procuram explicar os dialetos a partir das vogais médias pretônicas. De acordo com Cruz (2012, p.193), que se refere à região Norte, “[...] a maioria das pesquisas feitas a esse respeito segue orientações labovianas, demonstra uma escala probabilística e utiliza dados quantitativos de um *corpus* representativo do dialeto escolhido”. Por sua vez, Castilho (2010), ao mencionar essas pesquisas, faz referência ao idealizador dessa empreitada, Antenor Nascentes. Declara o autor:

Nascentes dizia que, se observarmos a execução dos fonemas /e/ e /o/ em posição pretônica, reconheceremos duas grandes áreas dialetológicas no Brasil: a do Norte e a do Sul. No Norte, as vogais soariam como [ɛ] e [ɔ] e no Sul soariam como [e] e [o]. O falar do Norte compreende dois subfalares: o amazônico e o nordestino. O falar do Sul compreende quatro subfalares: o baiano, o mineiro, o fluminense e o sulista (CASTILHO, 2010, p.199).

A proposta de Nascentes (1953) é, na verdade, uma reconfiguração da primeira divisão concebida pelo dialetólogo e que tem se mostrado mais abrangente porque contribui significativamente para a caracterização do Português do Brasil, embora em muitos pontos, a realidade não condiga com o ideal do pesquisador. Campos (2008), por exemplo, ao deixar

claro esse afastamento atual da realidade linguística, principalmente nos dialetos do Pará, explica que as manifestações linguísticas são, por natureza, dinâmicas e, certas vezes, extrapolam limites geográficos e demonstram peculiaridades que precisam ser evidenciadas por meio de estudos mais específicos. A opinião da autora é corroborada por Razky, Lima e Oliveira (2012). Esses pesquisadores não descartam a divisão dialetal de Nascentes (1953) como válida, alegando que, em muitos casos, a realidade linguística condiz com a proposta, deixam claro, porém, que existem localidades em que a distinção em relação à pronúncia das médias é totalmente diferente do que propôs o dialetólogo, as quais podem ser consideradas verdadeiras “ilhas dialetais”, mesmo em tempos modernos. É o caso de muitas localidades configuradas por Cassique (2006) como pertencentes à divisão 1, do mapa dialetal paraense.

Ferreira (2013), tratando de pesquisas sobre as vogais, ressalta duas questões que precisam ser levadas em conta quando se pretende compreender a divisão dialetal de Nascentes. Afirma o autor:

A primeira diz respeito à existência de aspectos estruturais correlacionados ao comportamento das vogais médias pretônicas; e a segunda está relacionada às implicações sociais que se correlacionam com as características dos falantes e com as atitudes dos ouvintes diante de formas linguísticas diferentes para as quais manifestam um comportamento estigmatizante (FERREIRA, 2013, p. 22).

Cruz (2012), ao se referir aos estudos das vogais médias, declara que, em sua realização, há implicações bastante positivas, cujos resultados têm consequências para o conhecimento de falares específicos e para contribuições para uma teoria geral da linguagem, quando se busca descrever a realidade dos dialetos por meio das vogais médias pretônicas. E, por acreditar nessa empreitada, tem mantido grupos de pesquisas na UFPA, como é o caso do Vozes da Amazônia, cujo objetivo é o de mapear os dialetos a partir do uso das vogais médias pretônicas. Em seu estudo, junto a pesquisadores vinculados a programas de Pós-graduação, a pesquisadora tem definido prioridades a serem investigadas no âmbito do Vozes. Elas priorizam três aspectos fonéticos em particular: a) a variação das vogais médias pretônicas; b) a variação das vogais médias postônicas mediais; e c) a nasalidade alofônica.

Anteriormente ao Vozes, várias pesquisas foram empreendidas com o intuito de estudar a variação das médias pretônicas. Para citar algumas, temos: o estudo sobre abaixamento vocálico e o alteamento das médias na fala de Belém (NINA, 1991) e o estudo sobre a alternância das vogais médias na fala de Bragança (FREITAS, 2001). Várias outras foram mobilizadas já com incentivos do próprio Vozes, que vinculado à época ao grupo PROBRAVO, alavancou esse tipo de investigação. É o caso dos estudos empreendidos no

português falado na cidade de Breves, Marajó. Um sobre o alteamento na fala rural (DIAS, 2007) e o outro sobre a harmonização vocálica no português urbano de Breves (OLIVEIRA, 2007). Em outra frente, ainda em regiões ribeirinhas, há o trabalho sobre as vogais médias /e/ e /o/ no português falado no município de Cametá/PA (ARAÚJO; RODRIGUES, 2007); o estudo sobre a harmonização das médias pretônicas no português falado nas ilhas de Belém/PA (CRUZ et al, 2008); sobre o alteamento vocálico em posição pretônica no português falado no município de Mocajuba (CAMPOS, 2008); sobre o alteamento das vogais médias pretônicas no português falado no município de Breu Branco/PA (MARQUES, 2008) e sobre a variação das vogais médias pretônicas no português falado na área urbana de Belém (SOUSA, 2010).

A seguir, apresentamos os principais resultados dessas pesquisas no Quadro 1.

Quadro 1 - Resultados dos estudos sobre as vogais médias pretônicas no Pará.

Autores	Objeto de estudo e metodologia	Resultados
Nina (1991)	<p>Comportamento das vogais médias no português de Belém.</p> <p>Amostra: 30 informantes, estratificados quanto a sexo (F e M), faixa etária (25-35/36-50/ 51 acima), escolaridade (primário, ginásial, colegial e universitário)</p>	<ul style="list-style-type: none"> -tendência à manutenção; -abaixamento segunda regra - /o/ .36 - /e/ .34. -alteamento terceira regra - /o/ .29 - /e/ .22 -abaixamento preferencialmente diante de vogal baixa; -contexto de vogal alta seguinte propicia o alteamento; -não há estigma em relação ao abaixamento e alteamento por parte dos belenenses, revelando-se tanto na fala de pessoas com nível superior como do fundamental; - Os mais velhos tendem a utilizar o alteamento de /e/, independentemente do grau de escolaridade. -Os homens preferem o abaixamento de /o/.
Rodrigues e Araújo (2007)	<p>Variação das médias pretônicas em Cametá.</p> <p>Análise compara as falas rural e urbana.</p> <p>Controle dos fatores sociais como sexo, faixa etária e escolaridade.</p> <p>Amostra de 36 informantes.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - a presença de vogais nasais propicia o alteamento, seguida da presença de pausa em contexto seguinte de fricativas glotais; - a presença da vogal alta contígua propiciou o alteamento; - os informantes mais velhos e de menor escolaridade favoreceram o alteamento;

Dias et al (2007)	Alteamento das médias na área rural de Breves (PA)	<ul style="list-style-type: none"> - tendência ao não alteamento (57%) em relação ao alteamento (43%); - presença de vogal /i/ e /u/ contígua à pretônica favoreceu o alteamento; - a menor distância entre a tônica e pretônica favoreceu o alteamento; - quanto maior o nível de escolaridade menor a probabilidade de alteamento; - os mais velhos tendem ao alteamento, mais que os jovens; - o alteamento superou o abaixamento vocálico em percentuais de ocorrências.
Oliveira (2007)	O português falado em Breves, a partir da fala de 42 informantes.	<ul style="list-style-type: none"> - o alteamento vem diminuindo no português do município; - aplicação do alteamento (19%) x não aplicação (81%); - o alteamento foi favorecido pelas médias (fechadas e abertas), sobretudo a vogal /o/; - nenhum fator social foi selecionado estatisticamente pelo programa;
Campos (2008)	<p>Variação das médias em Mocajuba (PA).</p> <p>Amostra: fala de 48 informantes.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - observou que há o fenômeno da variação neutra; - .50 de peso relativo para alteamento e para não alteamento de ambas as variáveis dependentes; - em termos percentuais, a ausência de alteamento (51%) foi superior à presença (47%); - ocorreu alteamento diante de vogal /i/ na tônica; - vogais altas em posição contígua favoreceram o alteamento; - o onset vazio favoreceu à regra de alteamento; - o menor grau de escolaridade favoreceu o fenômeno.
Marques (2008)	Alteamento das pretônicas no português de Breu Branco (PA)	<ul style="list-style-type: none"> - foram identificadas 824 ocorrências do fenômeno; - favoreceram o alteamento as médias anteriores; - a presença de nasalidade; - a vogal contígua alta; - o onset vazio tanto na sílaba alvo como seguinte;

		<p>-sílabas leves também favoreceram o fenômeno;</p> <p>- o alteamento se mostrou favorável na fala dos mais velhos e menos escolarizados;</p> <p>- o alteamento tendeu a desfavorecer na fala dos mais jovens e escolarizados;</p> <p>- o intenso fluxo migratório na região vem proporcionando a extinção do alteamento ou a sua inibição.</p>
Cruz et al (2008)	<p>Harmonia vocálica no português das ilhas de Belém (PA);</p> <p>Corpus composto de 1.592 ocorrências;</p> <p>Amostra: 24 informantes segundo sexo, idade e escolaridade</p>	<p>- vogais altas na tônica, seja oral ou nasal, favoreceram o fenômeno;</p> <p>-também vogais altas imediatas;</p> <p>- sílabas com onset vazio favoreceram o alteamento;</p> <p>- quanto menor o grau de escolaridade, maior a probabilidade de ocorrer o alteamento;</p> <p>- o alteamento é favorecido pelos mais velhos.</p>
Cassique et al (2009)	<p>Alteamento das pretônicas no Português de Breves (PA);</p> <p>Corpus: fala de 78 informantes (42 da zona urbana e 36 da zona rural), estratificados sociolinguisticamente.</p> <p>7.320 foi o total de ocorrências da vogal-objeto.</p>	<p>- Favoreceram o fenômeno do alteamento:</p> <p>a) a proximidade da vogal pretônica em relação à tônica;</p> <p>b) a ausência de sufixos;</p> <p>c) as sílabas pretônicas com onset vazio;</p> <p>d) as sílabas tônicas com onset vazio;</p> <p>e) as sílabas pretônicas leves;</p> <p>f) a proximidade da vogal pretônica em relação a uma vogal tônica alta;</p> <p>g) o baixo grau de escolaridade;</p> <p>- A presença de vogais médias fechadas foi superior às médias abertas;</p> <p>- segundo análises, o fenômeno do alteamento está em extinção na fala de Breves rural e urbano;</p> <p>- o alteamento é um fenômeno que sofre estigmatização por parte da comunidade local, embora seja uma marca de identidade.</p>
Sousa (2010)	<p>Alteamento das pretônicas na fala urbana de Belém.</p> <p>1.434 dados foram submetidos à análise estatística</p>	<p>- predomina o não alteamento (64%);</p> <p>- o alteamento é menos frequente (36%);</p> <p>- De 13 grupos de fatores escolhidos para as análises, somente um foi selecionado pelo programa, o sexo, único fator favorecedor do alteamento.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

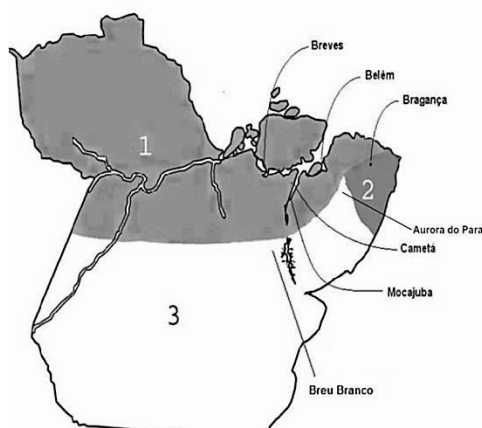
Como podemos observar, a maioria dos trabalhos dentro do Vozes tinha como objeto de estudo do fenômeno do alçamento vocálico. A escolha desse fenômeno se deve ao fato de, segundo Cassique (2006), ser este uma peculiaridade do falar paraense e das localidades investigadas, agrupadas no Mapa dialetal de pesquisador na Zona 1. É possível depreender, por meio dos resultados, certa aceitação de reforço da hipótese proposta por Silva Neto (1957) de que o Pará compreenderia uma ilha dialetal na classificação de Nascentes (1953) pela particularidade da presença de alçamento vocálico e da preferência da pronúncia fechada das médias pretônicas. Fato esse que exigiria a reclassificação desse falar.

Cassique (2006), a partir desses estudos e levando em conta as fases migratórias do Pará, reclassifica os dialetos paraenses em três subfalares. É essa nova configuração que está sendo considerada pelo Projeto Vozes da Amazônia, atualmente. Embora seja passível de equívocos, sua validade se dá pelo fato de tomar como base a história de migração no Pará. O autor, portanto, considerou, com base em Caldas et al (2005), alguns momentos fortes de migração, referidos também em outros trabalhos como os de Nunes (2007) e Vieira Júnior. (2017):

- (i) a vinda dos açorianos (século XVII), momento em que a língua portuguesa ainda se consolida, frente à presença de uma língua franca, conhecida como Língua Geral da Amazônia.
- (ii) a vinda dos nordestinos no período da borracha (século XVII e XIX), ocasionada pelo forte incentivo ao ciclo da borracha na Amazônia.
- (iii) a vinda de sulistas por conta da abertura da transamazônica (século XX), incentivada pelos militares, com concentração mais ao sul e sudeste do Pará.

Os diferentes momentos de imigração ocorridos na Amazônia paraense originaram alterações no português falado no estado, caracterizado por diversas influências dialetais, conforme as regiões. Considerando esses momentos, Cassique (2006) identifica três tipos de dialetos no Pará: (i) português regional paraense, característico pelo contato entre o português e a Língua Geral Amazônica - LGA. Este português estaria mais presente nas regiões com certo isolamento geográfico e localizado na ZONA 1, do mapa 1. Encontra-se fundamento para essa classificação nas afirmações de Rodrigues (1996); (ii) o português bragantino, característico pela influência nordestina, localizado na ZONA 2; (iii) o português de contato interdialeto mais influenciado pelos sulistas, localizado na ZONA 3. Pelo Mapa 1, a seguir, podemos observar os limites definidos pelo autor.

Mapa 1 – Mapa Dialetal das localidades-alvo do Projeto Norte Vogais



Fonte: Adaptado de Cruz (2012, p. 207).

Essa divisão tem recebido críticas de alguns estudiosos de dialetos no Pará, principalmente pelo fato de acreditarem que o autor não tenha considerado a grande influência nordestina que também se faz presente na região de zona 3. Entretanto, essa é uma avaliação pouco crítica, sobretudo porque a divisão de Cassique (2006) não desconsidera a presença nordestina na zona 3, mas enfatiza que esta região possui peculiaridades linguísticas diferentes das demais devido à grande demanda de migrantes de outras regiões do país, em especial do Sul e Sudeste, e que, conseqüentemente, propicia caracterizar os dialetos locais como de contatos interdialetais.

Por considerar válido o mapa proposto pelo pesquisador, em sua nova configuração, o grupo de pesquisa Vozes da Amazônia tem se ocupado de estudar localidades da zona 3, com intuito de descrever a realidade linguística a partir das vogais médias pretônicas. A grande motivação se deu a partir das constatações de Cruz (2012), com as investigações realizadas em estudos anteriores, na zona 1, do Mapa 1. Ao comparar esses estudos, a pesquisadora observou que os resultados das localidades com históricos de migração apresentaram, para o fenômeno da manutenção, percentuais mais elevados que os das demais localidades, distinguindo-se também em relação à presença do alteamento.

A fim de verificar a influência de contatos interdialetais, Cruz (2012) propõe, além das variáveis já utilizadas, o controle da origem dos informantes e a ascendência dos falantes, sustentando que isso resultaria numa análise mais coerente em relação aos fenômenos variáveis das vogais médias pretônicas, porque controlaria a fala dos pais a partir da fala de seus descendentes. Além, é claro, do controle de outras variáveis combinadas como idade e

sexo. Desse modo, seria possível observar que tipo de fenômeno estaria ocorrendo no português falado nas localidades em estudo: se variação estável ou mudança em progresso.

A sistematização da metodologia adotada seguiu os pressupostos de Bortoni-Ricardo (1985[2011]), que toma como base para a composição do *corpus* o conceito de rede social, **modelo também utilizado em sociolinguística correlacional** (LABOV, 1972; MILROY, 1980), **parece ser o melhor instrumento para lidar, ao mesmo tempo**, com diferenças individuais e com a identificação da variação de padrões sistemáticos, bem como o de análise de redes sociais de informantes migrantes. O modelo de análise foi utilizado em três localidades de diferentes zonas do mapa 1: Aurora do Pará (FERREIRA, 2013), pertencente à zona 2; Belém (FAGUNDES, 2015), da zona 1 e Tucuruí (BORGES, 2016) da zona 3. Considerando as análises realizadas, Ferreira (2013) afirma que à medida que se tem esses resultados, já é possível a obtenção de um panorama geral das zonas de migração do Pará, nas quais os dialetos de falantes migrantes e nativos apresentaram resultados distintos em relação ao comportamento das vogais médias pretônicas.

Esta tese, por sua vez, dá continuidade às intenções do Projeto Vozes e, ao mesmo tempo, avança do campo da descrição para o campo da avaliação linguística. Assumimos, portanto, os pressupostos teóricos da Dialectologia Pluridimensional e da Sociolinguística para compor a Região Nordeste do Pará, compreendendo cinco pontos de inquéritos (Santa Maria do Pará, São Miguel do Guamá, Mãe do Rio, Aurora do Pará, e Ipixuna do Pará), com o objetivo de descrever a fala da região, bem como medir as atitudes linguísticas de seus falantes, a partir das vogais médias pretônicas, tomando como parâmetro de amostra informantes topostáticos e topodinâmicos.

1.2 ÁREAS DE ESTUDOS DA VARIAÇÃO: DIALETOLOGIA E SOCIOLINGÜÍSTICA.

Nesta seção, situa-se, sucintamente, as áreas da Dialectologia e Sociolinguística, como ciências da variação linguística. Enfatiza-se em que medida a Dialectologia que, a princípio, buscava descrever a variação diatópica ou horizontal, assume os princípios da Sociolinguística quanto à inclusão de dimensões sociais, como sexo, faixa etária, localidade, profissão, entre outras, e passa a se dedicar não apenas à descrição dos dialetos rurais mas também urbanos.

Tradicionalmente, os estudos da Dialectologia têm suas raízes em zonas isoladas, a maioria rural, cuja tarefa centrava-se na descrição dos dialetos, de modo a sistematizar e interpretar os traços linguísticos dos dialetos de forma comparativa, mostrando diferenças e

semelhanças no espaço geográfico. Isquierdo e Romano (2012) destacam que havia, por parte da Dialetoлогия, a preferência por áreas rurais de pequeno porte e cujos informantes deveriam ser homens de vida sedentária, com idade acima dos 50 anos, analfabetos, nativos das localidades. Impulsionada por Jules Gilliéron, com a publicação dos Atlas Linguístico da França (1902-1910), a Dialetoлогия, solidifica-se como área de investigação da variação espacial. A publicação do Atlas da França irá impulsionar diversas outras empreitadas com vistas à construção de novos atlas, a exemplo do Atlas Linguísticos dos Estados Unidos e Canadá, na década de 1930. Entretanto, pelo seu caráter espacial, diatópico, a Dialetoлогия Tradicional tem como especificidade a monodimensionalidade (ISQUERDO; ROMANO, 2012).

Com o advento da Sociolinguística, na década de 1950, do século XX, os estudos dialetológicos recebem forte influência dessa nova área, sobretudo por entender que o estudo da língua não pode estar dissociado das relações sociais e de fatores extralinguísticos, importantes para explicar a variação. Cardoso (2010) admite que,

“[...] estudando a língua, instrumento responsável pelas relações sociais que se documentam entre os membros de uma coletividade ou entre povos, a dialetoлогия não pôde deixar passar ao largo a consideração de fatores extralinguísticos (p.25)”.

Nesse sentido, entendendo a importância da relação entre língua e sociedade para a compreensão dos fenômenos linguísticos, os estudos dialetais ampliam suas possibilidades de análise, controlando sistematicamente fatores como sexo, idade, escolaridade, dentre outras características gerais de cunho sociocultural.

Embora, atualmente, se fale em uma dialetoлогия moderna, Cardoso (2010) explica que, consideradas as dimensões de natureza social da linguagem, a dimensão diatópica continua sendo um ponto central dessa ciência. Enfatiza a autora:

Apesar de “consideradas até certo ponto sinônimas”, a dialetoлогия e a sociolinguística, ao se ocuparem da diversidade de usos da língua, atribuem um caráter particular e individualizante no tratamento do seu objeto de estudo. O enfoque diatópico e sociolinguístico se faz presente em ambas. Distinguem-se, no entanto, na forma de tratar os fenômenos e na perspectiva que imprimem à abordagem dos fatos linguísticos. A dialetoлогия, nada obstante considerar fatores sociais como elementos relevantes na coleta e tratamento de dados, tem como base da sua descrição a localização espacial dos fatos considerados, configurando-se dessa forma, como eminentemente diatópica. A sociolinguística, ainda que estabeleça a intercomparação entre dados diferenciados do ponto de vista espacial, concentra-se na correlação entre fatos linguísticos e fatores sociais, priorizando, dessa forma, as relações sociolinguísticas (CARDOSO, 2010, p. 26).

Com essa nova configuração, a Dialectologia moderna passa a ser definida como um ramo dos estudos linguísticos, cuja tarefa engloba a identificação, a descrição e a contextualização de diferentes usos da língua enquanto forma variável, levando-se em conta a sua distribuição no espaço, na sociedade, na cultura e na história (CARDOSO, 2010).

A Sociolinguística, por seu turno, é o ramo da Linguística que estuda todos os aspectos da relação entre língua e sociedade. A identidade linguística dos grupos sociais, as atitudes sociais em relação à língua, as variantes sociais e os níveis da língua, são algumas questões estudadas pela Sociolinguística, conforme afirma Alkmim (2008). Atribui-se à Sociolinguística um caráter interdisciplinar, pois suas relações com outras ciências não se restringem apenas ao campo linguístico. Em consonância com o pensamento de Alkmim, Mollica (2010) afirma que se trata de uma área que se faz presente num espaço interdisciplinar “[...] na fronteira entre língua e sociedade, focalizando principalmente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneos” (p.9).

Ao estudar a variação, a Sociolinguística busca um viés vertical, controlando, no espaço e no tempo, fatores linguísticos e extralinguísticos que podem explicar o fenômeno variável.

Em consonância com os ideais da Sociolinguística e da Dialectologia, está a Dialectologia Pluridimensional e Relacional. Isquierdo e Romano (2012), ao tratarem da influência entre as áreas da Sociolinguística e Dialectologia, afirmam que, a partir da década de 1960, os estudos dialetológicos passaram a incorporar não somente as variáveis sociais ao fator diatópico, como também se fez necessário incluir os níveis de interlocução, com o intuito de verificar a variação diafásica. Esse apelo à pluridimensionalidade foi sendo desenvolvido, conforme declara Thun (2005), em diversos países, e embora de maneira limitada, não deixou de introduzir variáveis sociais na metodologia dos projetos dialetológicos, compreendendo que condicionantes sociais interferem na variação e mudança linguísticas.

A junção, portanto, das orientações teórico-metodológicas de ambas as disciplinas (Dialectologia e Sociolinguística) possibilita uma análise mais abrangente de determinado fato linguístico, proporcionando resultados mais realistas acerca das línguas naturais. Para Radtke e Thun (1996), os modelos de análises da Dialectologia e da Sociolinguística confluem numa Dialectologia Pluridimensional e Relacional.

Assim, a Dialectologia Pluridimensional e Relacional tem como pretensão se estabelecer como uma teoria geral da variação linguística. Ela conjuga variáveis espaciais da Dialectologia tradicional e monodimensional e variáveis sociais da Sociolinguística. Melhor dizendo, busca confluir o plano horizontal, diatópico, ao plano vertical, diastrático, nos quais

a língua se diferencia. Nesse sentido, descreve as variações linguísticas a partir dos parâmetros geográfico e social.

Dentro dos parâmetros da pluridimensionalidade, a Dialetologia Pluridimensional, segundo Radtke e Thun (1996), pode analisar e comparar a língua sob os seguintes parâmetros: dialingual - quanto ao uso de duas ou mais línguas; diatópica - em função do espaço; diatópico-cinética – quanto ao deslocamento das comunidades analisadas; diazonal - em função da relação rural e urbano; diastrática - sobre classes sociais distintas; diageracional em decorrência de diferentes faixas etárias; diassexual – diferenças entre a fala do homem e da mulher; diafásica – quanto ao estilo de fala; diarreferencial - em decorrência da competência linguística do falante.

Divide-se ainda a dimensão diatópica em topostática, quando se considera o informante demograficamente instável, e topodinâmica, quando são incluídos informantes relativamente móveis. Por outro lado, a dimensão diastrática envolve fatores de ordem social, tais como classe social, escolaridade, renda, entre outros (RADTKE; THUN, 1996).

1.3 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: DEFINIÇÕES E COMPONENTES

O estudo de crenças e atitudes não é uma tarefa da Sociolinguística em si uma vez que nasceu em outras áreas, abordando a sua influência sobre diferentes aspectos das relações sociais e humanas. No entanto, foi com Wallace Lambert (1967) que os estudos de atitudes tiveram um olhar para o fenômeno linguístico. Ao chamar a atenção para a manifestação de preferências e convenções sociais acerca do *status* e prestígio dos usuários em relação à língua, que denominou de atitude, observou que os grupos sociais de mais prestígio social, ou os mais altos na escala socioeconômica, ditavam a pauta das atitudes linguísticas das comunidades de fala.

No Brasil, o trabalho mais antigo sobre crenças e atitudes linguísticas que se tem conhecimento é o de Andrietta Lenard (1976) sobre Lealdade linguística em Rodeio/SC. Outros trabalhos realizados, só para citar alguns, foram: Alves (1979) sobre as atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo; Melo (1988) que versou sobre atitudes linguísticas e as variedades regionais de fala no Brasil; Santos (1996) que tratou do tema *Certo ou errado? Atitudes e crenças no ensino de língua portuguesa*; Moralis (2000) investigou as atitudes de grupos linguísticos de origem geográfica diferentes na mesma comunidade no Alto Araguaia/MT; Botassini (2013) que tratou das crenças e atitudes linguísticas no Norte do Paraná;

Para melhor compreensão sobre a natureza e como as crenças e atitudes linguísticas influenciam no uso da linguagem, faz-se necessário compreender conceitualmente os termos mais importantes nesses estudos. A próxima seção abordará essa questão.

1.3.1 Definição de atitude

Em um dos trabalhos pioneiros sobre atitudes, Allport (1935) defende a associação do conceito de atitudes ao campo da Psicologia Social, por se tratar de um conceito fundamental relacionado ao comportamento dos indivíduos. Sua definição de atitudes leva-nos a crer que o termo esteja associado a algo relacionado ao emocional, uma espécie de avaliação emocional que, por sua vez, influencia o indivíduo a reações distintas diante de um objeto, indivíduos ou coisa. O psicólogo considera atitude “[...] um estado neuromental de prontidão, organizado através da experiência direta ou dinâmica sobre a resposta do indivíduo para todos os objetos e situações com as quais está relacionado” (ALLPORT, 1935, p. 8). Cardoso (2014), comentando o conceito do autor, afirma que as atitudes são dinâmicas porque não fazem parte do componente biológico, não inatas, mas são comportamentais, desenvolvidas e organizadas com a experiência do indivíduo; além disso, elas podem levar o indivíduo a perceber as coisas, sem prévia análise de reflexão, por isso são dinâmicas.

Outra definição, que podemos apresentar, é a do psicólogo Thurstone (1931 *apud* HORA 2012, p. 369). Segundo o autor, a atitude “[...] é definida como afeto por ou contra um objeto psicológico”. Thurstone aborda o conceito associando-o a aspectos positivos e negativos. O psicólogo considera que um objeto psicológico pode ser aceito ou rejeitado por um indivíduo. Esse comportamento, então, geraria uma postura de aceitação ou não de algo no plano da ação, levando o indivíduo a um comportamento diante de um objeto. Cardoso (2014) cita um trecho que trata desse conceito pelo autor e afirma que “[...] o conceito de atitude é usado [...] para denotar a soma total dos sentimentos e inclinações do homem, preconceitos ou tendências, noções preconcebidas, ideias, medos ameaças e convicções sobre qualquer dado específico” (CARDOSO, 2014, p. 17).

No entanto, um dos conceitos mais difundidos sobre atitudes, sobretudo em sociolinguística, é o de Lambert e Lambert (1972). De acordo com os autores e pesquisadores da psicologia social, “[...] uma atitude é uma maneira de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo geral, a qualquer acontecimento no ambiente”. Os autores, portanto, acreditam que o conceito de atitudes está associado a pelo menos três

componentes distintos. Ou seja, para eles atitude é, no dizer de Botassini (2013), a somatória de crenças e pensamentos, sentimentos e emoções e, por fim, tendências para agir sobre ou a respeito de algo. Rokeach (1974 apud CARDOSO, 2014, p. 18) chama esses componentes de cognitivo, afetivo e comportamental. O autor afirma que:

Toda crença que faz parte de uma atitudes é constituída de três componentes: (1) um componente cognitivo que representa o conhecimento que, dentro de certos limites de certeza, uma pessoa tem acerca do que é verdadeiro ou falso, bem ou mal, desejável ou indesejável; (2) um componente afetivo pelo qual, supondo-se as condições adequadas, a crença é capaz de despertar aspectos de intensidade variável que se centram no objeto da crença, ou em outros objetos (indivíduos ou grupos) que tomam uma posição positiva ou negativa a respeito do objeto da crença, ou na própria crença quando sua validade é notoriamente colocada em dúvida, como sucede no caso de uma disputa, e (3) um componente de conduta no qual a crença, sendo uma predisposição de resposta de limite variável, deve conduzir a algum tipo de ação quando é ativada convenientemente (p. 16).

Como podemos compreender, tanto Lambert e Lambert (1972) quanto Rokeach (1974) entendem a atitude como a associação que se compõe de três componentes: o cognitivo, o afetivo, e a conduta.

Vale observar que, embora estudos sobre atitudes tenham como berço a Psicologia Social, somente a partir da década de 60, questões linguísticas foram tratadas dentro desse campo. Nesse sentido, toma-se o trabalho de Lambert (1967) como referência a um dos primeiros trabalhos em atitudes linguísticas. Isto quer dizer que o autor inovou no campo da Psicologia Social quando definiu a língua como objeto de investigação para medir atitudes. O próprio Labov (2008), considerado pai da Sociolinguística Variacionista, aponta os estudos de Lambert como referência para medir atitudes, considerando que a pesquisa de atitudes serve de pano de fundo para explicar questões de variação e mudança linguísticas.

O propósito do trabalho de Lambert (1967) era tornar o objeto linguístico algo do campo de interesse desses profissionais. No seu trabalho, dedicou-se ao estudo das configurações socioculturais do bilinguismo e os efeitos do comportamento bilíngue. O resultado dessa experiência foi publicado num artigo, e teve a parceria de estudiosos da Univerdade McGill, em Montreal. Nele, a técnica utilizada que ficou bastante famosa é *Matched Guise Test*, conhecida no Brasil, como *Teste dos falsos pares*.

A técnica faz uso da língua e das variações dialetais para elicitare as impressões estereotipadas que os membros de um grupo social têm em relação a outro grupo (HORA, 2012). Consiste, portanto, em apresentar a informantes considerados ‘juizes’ (porque farão julgamentos) um conjunto de gravações de falantes bilíngues, os quais gravam a leitura do mesmo texto em duas línguas distintas. No estudo de Lambert, as gravações ocorreram com

falantes bilíngues do francês e do inglês, ora lendo o texto em inglês ora em francês. Essas gravações eram apresentadas aos informantes-juízes, que avaliavam as pessoas que ouviam a partir de características pessoais, positivas e negativas. Todavia, esses informantes-juízes não sabiam que se tratava da mesma pessoa. Por isso, qualquer diferença no julgamento sobre a personalidade dos falantes representaria atitudes negativas sobre a língua, posto que era o mesmo falante que lia os textos em duas línguas distintas.

O trabalho de Lambert é referido por Labov (2008), que afirma ser esse teste uma forma de medir as reações subjetivas dos informantes, conscientes ou inconscientes, além de permitir separar as variáveis linguísticas dos fatores sociais, possibilitando analisar a avaliação do significado social de uma variável por meio das respostas diferenciadas às frases do mesmo falante. Segundo ele, a técnica trouxe avanços para a sociolinguística à medida que proporcionou uma metodologia confiável e segura.

Portanto, a partir da década de 1960, não só psicólogos sociais, mas linguistas, sobretudo sociolinguistas começam a se dedicar ao estudo de atitudes. Nesse sentido, o conceito de atitudes passa a ser associado ao de atitudes linguísticas.

De acordo com Moreno Fernandez “[...] atitude linguística é uma manifestação de atitude social dos indivíduos, distinguida por centrar-se e referir-se especificamente tanto à língua como ao uso que dela se faz em sociedade (1998, p. 179)”. Segundo o autor, as atitudes linguísticas são o reflexo das atitudes psicossociais, de modo que é difícil compreender a delimitação do seu início e fim. Por esse motivo, não há consenso entre os estudiosos, principalmente em relação ao termo. Bisinoto (2007), ao tratar do conceito de atitudes linguísticas, relaciona-o ao campo das relações sociais, a partir das quais surgem todo tipo de avaliação social. A autora, portanto, adota o conceito de atitude sociolinguística, para a qual afirma que:

As avaliações manifestas e encobertas, subjetivas e objetivas, mais ou menos conscientes, relativas à linguagem dos homens numa sociedade plural, têm a propriedade de fundar e governar tanto as relações de poder quanto o prestígio ou o desprestígio das formas linguísticas, estabelecendo seletividades, evidenciando preconceitos (BISINOTO, 2007, p. 24).

Portanto, as manifestações, positivas ou negativas, assumidas pelos indivíduos numa sociedade em relação a uma língua ou forma linguística determinará seu prestígio ou desprestígio social, sobretudo se essa manifestação é oriunda das camadas que detém certo poder econômico, social e cultural.

No Brasil, nos últimos anos, vem crescendo o interesse em pesquisas voltadas à descrição da linguagem nos seus aspectos estruturais, em especial no que se refere aos aspectos fonético-fonológicos, léxico-semânticos e morfossintáticos da língua. Seja no campo da Dialetoлогия e/ou da Sociolinguística, essas pesquisas contribuem enormemente para o registro e descrição do português brasileiro e das línguas indígenas. Mas é preciso avançar para explorar além da descrição as crenças e atitudes linguísticas de falantes acerca de uma língua ou variedade de línguas, isto porque as atitudes linguísticas atuam de forma muito ativa nas mudanças de códigos ou alternâncias linguísticas e podem explicar a opção dos falantes por determinada variedade da língua (AGUILERA, 2008).

Nessa perspectiva, o estudo das crenças e atitudes linguísticas precisa estar fundamentado na relação entre língua e identidade étnica, pois, segundo Liebkind (1999 apud CORBARI, 2013), usar a língua influencia a formação da identidade de grupo que, por sua vez, influencia os padrões de atitude e usos linguísticos. Como a língua não está desvinculada de seu contexto social, principalmente na sua condição de aspecto constituidor da identidade de determinado grupo étnico, ocorre que, na maioria das vezes, ao caracterizar um grupo ao qual não pertence, a tendência é o usuário fazê-lo de forma subjetiva, procurando preservar o sentimento de comunidade partilhado e classificando o outro como diferente.

Calvet (2003), ao tratar do assunto, já afirmava que:

“ [...] existe na sociedade o que poderíamos chamar de olhares sobre a língua, de imagens da língua, em uma palavra, *normas* que podem ser partilhadas por todos ou diferenciadas segundo certas variáveis sociais e que geram sentimentos, atitudes, comportamentos diferenciados” (p. 72).

Esse olhar sobre a língua vai ser refletido no comportamento social, desenvolvendo consequências no comportamento linguístico do falante sobre como ele encara a própria fala e /ou como ele reage à fala do outro. No primeiro caso, o falante valorizará sua prática linguística ou procurará modificá-la para conformá-la a uma norma de prestígio, enquanto, na segunda situação, as pessoas serão julgadas, avaliadas, segundo seu modo de falar (CALVET, 2003). Apontando para a mesma direção, décadas antes, Gómez (1978, p. 25 apud AGUILERA 2008), reiterava que:

A atitude linguística é um fator decisivo, junto à consciência linguística, na explicação da competência dos falantes; permite ao pesquisador aproximar-se do conhecimento das reações subjetivas diante da língua e/ou línguas que usam os falantes e influi na aquisição de segundas línguas.

Assim, compreender as atitudes nos possibilita compreender melhor os fatores que interferem na variação e mudança linguísticas. Os estudos sobre atitudes de cunho sociocultural da linguagem e sociolinguístico remontam à década de 60 do século passado, embora anteriormente a essa data, dentro do campo da Psicologia Social, pesquisas cuja análise focava a questão das atitudes já vinham sendo realizadas. Botassini (2013), citando a obra *Psicologia Social*, de Rodrigues (1972), afirma que o autor aponta o artigo *Attitudes can be measured*, de Thurstone, com data de 1927, como o primeiro trabalho sobre atitudes. Dessa época em diante, várias pesquisas dentro da Psicologia Social foram empreendidas focando a perspectiva do estudo de crenças e atitudes.

O pai da Sociolinguística variacionista, Labov (1972), já apontava para a importância dos estudos voltados para a análise das crenças e atitudes, no campo dessa área, quando trata da mudança fonética ocorrida no inglês falado na ilha de *Martha's Vineyard*. Não se pode negar que ter um olhar analítico para este aspecto da linguagem tem favorecido aos estudos sociolinguísticos a compreensão de situações que podem estar relacionadas a determinadas atitudes linguísticas manifestadas por um grupo social e seu comportamento linguístico.

Giles *et al* (1972 apud BOTASSINI, 2013, p. 47) ressaltam que, em toda a sociedade:

as diferenças de poder existentes entre grupos sociais distintos podem ser percebidas na variação linguística e nas atitudes para com essas variações. Normalmente, os padrões de uso da linguagem do grupo dominante são referenciados como modelo necessário para ascensão social; já o uso de linguagem, dialeto ou sotaque de baixo prestígio, pelos membros de grupos minoritários, reduz as oportunidades de sucesso na sociedade.

Moreno Fernandez (1998) expõe que Agueyisi e Fishman, na década de 70 do século passado, orientavam para a importância que os estudos de atitudes têm no campo da Sociolinguística, a partir dos quais seria possível conhecer mais profundamente sobre como se escolhe uma língua em sociedades multilíngues, sobre a inteligibilidade, planejamento linguístico e o ensino de línguas. O autor complementa:

Una actitud favorable o positiva puede hacer que un cambio lingüístico se cumpla más rapidamente, que en ciertos contextos predomine el uso de una lengua em detrimento de outra, que la enseñanza-aprendizaje de una lengua extranjera sea más eficaz, que ciertas variantes lingüísticas se confinen a los contextos menos formales y otras predominen en los estilos cuidados. Una actitud desfavorable o negativa

puede llevar ao abandono y el olvido de una lengua o impedir la difusión de una variante o un cambio lingüístico.⁴

Dentro do campo das atitudes linguísticas, duas perspectivas se sobressaem: (i) a mentalista, que concebe a atitude como uma entidade complexa, compreendendo os elementos cognitivo ou cognoscitivo, afetivo e conativo; (ii) e a behaviorista ou comportamentalista, que vê na atitude um elemento único, geralmente afetivo ou de valoração. Para medir as atitudes, os estudiosos que defendem a segunda perspectiva utilizam técnicas de observação direta das condutas e comportamentos. Por outro lado, os mentalistas utilizam técnicas de medição mais complexas que permitem elicitar as atitudes compreendendo-as como um conjunto de componentes inter-relacionados (MORENO FERNANDEZ, 1998).

A maioria dos estudos em atitudes linguísticas no Brasil tomam como modelo a perspectiva mentalista. Porém, vale ressaltar que a literatura desses estudos apresenta mais de um entendimento para a correlação entre os elementos que compõem a atitude. Para esta tese, adota-se, como já referido, a concepção de que a atitude se constitui de três componentes colocados no mesmo nível:

o saber ou crença (componente cognoscitivo); a valoração (componente afetivo); e a conduta (componente conativo), o que significa dizer que a atitude linguística de um indivíduo é o resultado da soma de suas crenças, conhecimentos, afetos e tendências a comportar-se de uma forma determinada diante de uma língua ou de uma situação sociolinguística (MORENO FERNANDEZ, 1998, p. 183).

Na seção seguinte, abordam-se mais especificamente essas concepções de atitudes.

1.3.2 Abordagens de medição de atitudes linguísticas.

Os campos de interesse pelas atitudes linguísticas são variados. Isso se deve pelo fato da própria natureza conceitual do termo não ser consenso entre os estudiosos. Assim, dependendo do interesse de abordagem da pesquisa a ser implementada, pode haver diferenças entre os modos como se abordam as atitudes linguísticas. Hora (2012), recorrendo a Baker (1992), apresenta alguns tópicos que podem ser estudados tomando como parâmetro um objeto específico:

⁴ Uma atitude favorável ou positiva pode fazer que uma mudança linguística se cumpra mais rapidamente, que em certos contextos predomine o uso de uma língua em detrimento da outra, que o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira seja mais eficaz, que certas variantes linguísticas se confinem aos contextos menos formais e outras predominem nos estilos cuidadosos. Uma atitude desfavorável ou negativa pode levar ao abandono e ao esquecimento de uma língua ou impedir difusão de uma variante ou uma mudança linguística ([tradução nossa] MORENO FERNANDEZ, 1998, p. 179).

- Atitudes em relação à variação linguística, ao dialeto e ao estilo de fala;
- Atitude em relação à aprendizagem de uma nova língua;
- Atitude em relação a uma língua minoritária específica;
- Atitudes em relação a grupos de línguas, comunidades e minorias;
- Atitudes em relação a lições de língua;
- Atitudes dos pais em relação à aprendizagem de língua;
- Atitudes em relação aos usos de uma língua específica;
- Atitude em relação à preferência linguística.

Como se vê, o interesse no campo de atitudes linguística é bastante diversificado. O enfoque dado a cada uma dessas maneiras de aferir um significado social de um objeto específico pode exigir do pesquisador o uso de diferentes abordagens ou técnicas. As abordagens mais conhecidas no Brasil que tratam de atitudes linguísticas são: a análise de conteúdo, abordagem direta e abordagem indireta; sendo as duas últimas as mais desenvolvidas pela maioria dos trabalhos (KAUFMANN, 2011; HORA 2012).

A análise de conteúdo, segundo Hora (2012), está relacionada ao envolvimento de análise de conteúdo do tratamento dado às línguas e às variedades linguísticas. Ela está mais associada à etnografia e utiliza-se de métodos etnográficos, em especial o da observação participante. Essa abordagem, também referida por Freitag (2016), “para mensurar atitudes pode envolver o tratamento societal, de caráter etnográfico, colhendo dados a partir de várias fontes de domínio público, como documentos oficiais, propagandas, televisão e, também, redes sociais (p. 900)”. É uma abordagem da qual pouco se ouve falar. Um dos motivos, citado por Hora (2012), é o fato de acreditar que esta abordagem seja muito informal. Para o autor, poderia ser considerada uma primeira etapa de estudos mais rigorosos, o que não invalidaria, segundo ele, a necessidade de sua utilização, por exemplo, para confirmar dados coletados por meios dos métodos direto e indireto. Uma limitação, passível de críticas, é que a atribuição dos resultados pode ficar condicionada ao próprio pesquisador, responsável de inferir as atitudes dos indivíduos.

Outra abordagem, que é bastante comum no Brasil, é a **abordagem direta**. Nesse tipo de estudo, os informantes são levados a aferir suas atitudes em relação a uma língua ou variedade de língua. No entendimento de Freitag (2016), essa abordagem tem suas controvérsias, já que, ao ser indagado por questões de atitudes, o informante pode fornecer uma informação verdadeira ou não verdadeira. Assim, as informações verbais podem não corresponder às disposições subjacentes sobre uma língua ou variedade. Em Labov (2008),

tem-se o exemplo da técnica utilizada no estudo do autor em New York City. O estudioso pediu que os informantes dissessem, a partir da pronúncia de duas formas, qual a que eles usavam e qual a que eles achavam que poderiam usar. Essa é uma forma de amenizar o problema citado acima, e sua utilização pode ocorrer por medidas diretas através de entrevistas e/ou questionários voltados para aspectos específicos da língua, como o fez Labov.

Um terceiro e último de tipo de abordagem, chamado de **indireta**, tenta aferir as reações subjetivas que os informantes têm sobre uma língua ou variedade de língua. Sua origem remonta os estudos de Lambert (1972). Nela, exige-se que os informantes participantes da entrevista, considerados juízes, avaliem falantes gravados lendo um texto (BOTASSINI, 2013) ou respondendo a uma pergunta (CARDOSO, 2014), ou ouça áudios com pares de palavras em que há o fenômeno a ser julgado (FREITAG; SANTOS, 2016), por exemplo, sem qualquer identificação sobre as origens do falante. Geralmente a avaliação feita está associada a características atribuídas à pessoa gravada e, com isso, por meio dessas características atribuídas ao falante da gravação, supõe-se que sejam reflexo de atitudes subjacentes do informante em relação àquela língua ou variedade. Hora (2012) acredita que a técnica pode ser um meio útil para examinar os pensamentos estereotipados de membros de um grupo social, ético ou cultural, quando avaliam outros grupos.

Nesta tese, utilizamos as duas últimas abordagens, a partir de questionários quantitativo e qualitativo, com o intuito de aferir as atitudes dos falantes em relação à variação das médias pretônicas com base em três dialetos: belenense, cearense e o dialeto específico de cada ponto de inquérito.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Nesta seção, tratamos dos aspectos metodológicos utilizados como: tipo de pesquisa quanto à abordagem, à natureza, aos objetivos e procedimentos, quanto às técnicas que foram adotados ao longo da pesquisa que deu origem à tese. A composição dos *corpora*, o contexto da pesquisa e o tratamento dos dados também fazem parte desta seção.

Adotamos os pressupostos teóricos e metodológicos da Dialetologia Pluridimensional (RADTKE; THUN, 1996) e da Sociolinguística Variacionista, sobretudo da área que trata dos Estudos de Crenças e Atitudes (LAMBERT; LAMBERT, 1972; LABOV, 2008; LÓPEZ MORALES, 1993; MORENO FERNÁNDEZ, 1998). Assim como Botassini (2013), adotamos a concepção mentalista dos estudos de crenças e atitudes linguísticas, conforme postulada por López Morales (1993). O autor entende crenças e atitudes como distintas, embora, interdependentes; por esse motivo, acredita ser necessário o estudo desses conceitos separadamente.

2.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA DESENVOLVIDA PARA A TESE

A pesquisa teve caráter empírico e, do ponto de vista de sua natureza, podemos considerá-la como uma **pesquisa básica**, pois tem como objetivo a geração de novos conhecimentos úteis para o avanço da ciência, entretanto, sem aplicação prática prevista (PRODANOV; FREITAS, 2013). Embora os resultados, como já citado na introdução sobre a importância dos estudos de atitudes, possam ser revertidos para ensino de uma língua e para a compreensão da natureza da variação e mudança linguística, dentre outras finalidades, não é pretensão deste trabalho a resolução de um problema prático.

Quanto à sua abordagem, é de natureza **quanti-quantitativa**. *Quantitativa* porque lida com dados quantificáveis. Toda pesquisa que utiliza dados quantificáveis, ou seja, aqueles que podem ser traduzidos em números para classificação e análise se inclui na classificação de pesquisa quantitativa. E *Qualitativa* porque trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Quanto aos objetivos, podemos classificá-la como **descritivo-explicativa**. Na pesquisa descritiva, registram-se e descrevem-se fatos sem interferir neles, com vistas a

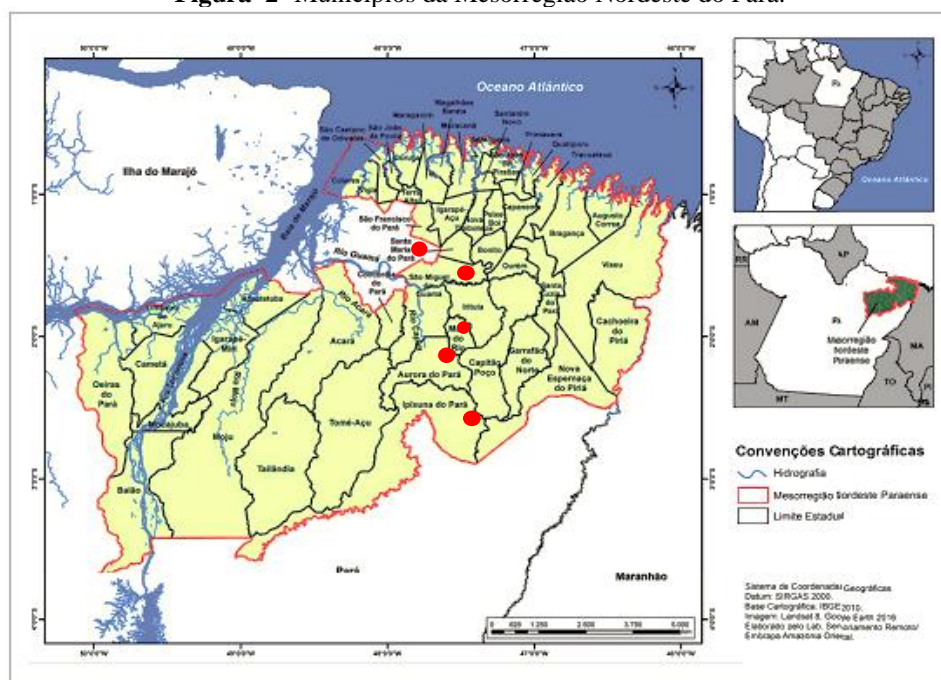
descrever as características de determinada população. Já em relação à pesquisa explicativa, procura-se explicar os porquês das coisas e suas causas, por meio de análises, interpretações, com vistas a identificar os fatores que determinam ou contribuem para determinado fenômeno (PRODANOV; FREITAS, 2013). Como o nosso objetivo é medir as atitudes dos informantes e explicar a relação delas com a variação linguística das vogais médias pretônicas, classificamo-la nas duas abordagens.

Do ponto de vista dos métodos e procedimentos, trata-se de uma **pesquisa de campo**, cujo objetivo é conseguir informações, conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta (PRODANOV; FREITAS, 2013), e, no nosso caso, o comportamento das vogais médias pretônicas e a aferição das crenças e atitudes.

2.2 UNIVERSO DA PESQUISA – REDE DE PONTOS

Uma das primeiras tarefas de uma pesquisa de cunho dialetológico é a escolha da rede de pontos (FERREIRA; CARDOSO, 1994). Nesse sentido, configura-se como rede pontos a mesorregião Nordeste do Estado Pará, em específico, constituída das localidades de Santa Maria do Pará, São Miguel do Guamá, Mãe do Rio, Aurora do Pará e Ipixuna do Pará, cidades localizadas às margens da Rodovia Federal Belém-Brasília (BR 010) e componentes da rede de influências de urbanização de Castanhal, segundo a classificação de Ribeiro (2015). Uma delas pertence à microrregião Bragantina, Santa Maria do Pará, e as outras quatro fazem parte da microrregião do Guamá – São Miguel do Guamá, Mãe do Rio, Aurora do Pará e Ipixuna do Pará. A Figura 2 apresenta a localização geográfica dos pontos investigados dentro da Mesorregião Nordeste do Pará.

Figura 2- Municípios da Mesorregião Nordeste do Pará.



Fonte: Cordeiro et al (2016).

A escolha dessas localidades, dentre as 49 cidades que compõem a mesorregião Nordeste, foi motivada pelo fato de terem sua sede cortada pela Rodovia Federal Belém-Brasília e possuírem forte influência da cultura nordestina em decorrência de fluxo migratório ocasionado dessa rodovia, como podemos conferir em Cordeiro et al (2017). Além do mais, todas as localidades pertencem ao trajeto de circulação urbana que tem a cidade de Castanhal como Polo de urbanização. Ribeiro (2015) destaca que, com a abertura das Rodovias Federais, muitas localidades se desenvolveram às suas margens, formando um novo processo de urbanização na região Nordeste do Estado. As Rodovias, ao substituírem a Estrada de ferro, tornaram-se um dos principais eixos de integração entre essas cidades e a Capital paraense, mudando a rota de crescimento demográfico da região. A abertura das rodovias BR-010 e BR-316 proporcionaram uma interação mais fluída entre as localidades da região. A cidade de Castanhal teve, por sua vez, uma grande importância devido a sua proximidade com a capital, representando um polo de referência às localidades situadas às margens das rodovias, como esclarece Ribeiro (2015).

Assim, escolhemos para fazer parte da rede de pontos, tomando como critérios a rede de influência urbana. Selecionamos, portanto, as localidades que pertencem à rede de influência de Castanhal, que se localizam às margens da BR 010 – Belém-Brasília, conforme

a distribuição de Ribeiro (2015) e com histórico de migração nordestina. A essas localidades atribuímos um código numérico, conforme Quadro 1:

Quadro 1 - Rede de Pontos de Inquérito.

Rede de Pontos	Localidade	Microrregião
Ponto 1	Santa Maria do Pará	Bragantina
Ponto 2	São Miguel do Guamá	Guamá
Ponto 3	Mãe do Rio	Guamá
Ponto 4	Aurora do Pará	Guamá
Ponto 5	Ipixuna do Pará	Guamá

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os critérios elencados para a escolha dessas localidades baseiam-se em Ferreira e Cardoso (1994), que esclarecem ser preciso definir a rede de pontos da pesquisa em razão:

[...]da sua situação geográfica, de sua história, das interferências de que tem sido objeto, do tipo de povoamento que nela se processou, da situação econômica atual e passada, da sua relação com as demais áreas a serem pesquisadas (quando for o caso), da sua situação demográfica, enfim, pode ter como base um conjunto de caracteres que a demarcam e a distinguem de outras áreas (p. 89).

Tradicionalmente, a Dialectologia buscava estabelecer relações em diferentes áreas para determinados fenômenos, tomando por base a dimensão diatópica. Entretanto, em decorrência das características mais modernas dos espaços, já não se considera o critério de isolamento em muitas realidades, mas o critério de mobilidade social, procurando-se estabelecer uma divisão da dimensão diatópica, em topostática e topodinâmica. Nesse sentido, abordam-se tanto informantes nativos de uma localidade como informantes migrantes residentes em determinada localidade, como postulam Radtke e Thun (1996).

Essa divisão da dimensão diatópica faz sentido sobretudo para pesquisas em áreas como a que cobre a região investigada nesta Tese, que, por diversos processos históricos e de mobilidade urbana, tem como características o fluxo migratório, conforme Ribeiro (2015) e Cordeiro et al. (2017) relatam. Dados do IBGE (2010) sobre migração mostram que o maior contingente de migrantes para as localidades investigadas na rede de pontos, excetuando a região Norte, é oriundo da região Nordeste do país. Na Tabela 1, podemos verificar os dados numéricos segundo a Região do país:

Tabela 1 - Número de habitantes das localidades por origem Região do País.

Localidades/ Regiões	Santa Maria do Pará	São Miguel do Guamá	Mãe do Rio	Aurora do Pará	Ipixuna
Região Norte	20.317	49.011	24.999	24.413	47.981
Região Nordeste	2.366	2.169	2.499	1.905	2.840
Região Sudeste	115	199	172	156	29
Região Sul	109	66	145	48	143
Região Centro-Oeste	64	71	40	25	67

Fonte: Censo (2010).

Definida a rede de pontos, levamos em conta também o processo migratório e a população da Região Nordeste com maior contingente nas localidades dos pontos de inquéritos. Constatamos que foi a população do Estado do Ceará e essa informação foi importante porque, a partir dela, estabelecemos a composição do grupo de amostra, contribuindo, desse modo, para o controle, dentro da dimensão diatópica, da topostática e da topodinâmica das localidades. Os números, na Tabela 2, permitem-nos comparar o contingente populacional de migrantes nas localidades investigadas, tomando por base a Unidades da Federação de onde emigraram. Os dados justificam, portanto, a escolha de informantes cearenses como participantes da pesquisa.

Tabela 2 - População residente, segundo a Unidade da Federação.

Localidades/ Regiões	Santa Maria do Pará	São Miguel do Guamá	Mãe do Rio	Aurora do Pará	Ipixuna
Acre	-	-	-	-	-
Alagoas	15	-	10	-	-
Amapá	22	6	-	-	13
Amazonas	9	7	17	39	105
Bahia	2	64	65	64	306
Ceará	1.899	872	2.021	1.174	1.333
Distrito Federal	-	-	-	-	-
Espírito Santo	-	-	49	32	49
Goiás	18	28	83	42	57
Maranhão	395	307	703	504	1.944
Mato Grosso	-	-	-	-	31
Mato Grosso do Sul	-	-	19	-	9
Minas Gerais	-	138	190	31	164
Pará	14.824	31.095	25.397	17.300	20.439
Paraíba	339	124	44	65	59
Paraná	28	24	73	33	50
Pernambuco	40	66	118	172	257
Piauí	59	86	110	120	110
Rio de Janeiro	13	10	9	-	16
Rio Grande do Norte	157	31	40	60	105
Rio Grande do Sul	-	-	9	20	18
Rondônia	4	-	28	-	15
Roraima	-	7	-	-	-

Santa Catarina	6	25	-	-	-
São Paulo	12	-	84	30	16
Sergipe	10	-	6	-	-
Tocantins	-	-	-	43	44

Fonte: FAPESPA (2016).

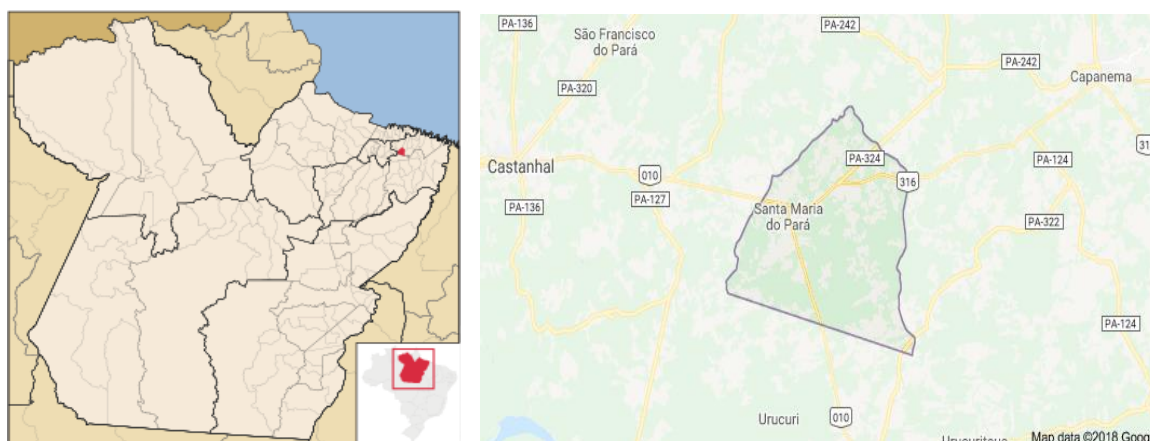
Segundo informações da Tabela 2, o Ceará foi a Unidade da Federação de onde se originou a maioria dos migrantes residentes nas localidades que compõem a Rede de Pontos de Inquiridos da Pesquisa desta Tese.

A seguir apresentamos as informações sobre cada ponto de inquérito, que foram coletadas com base na ficha da localidade (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB , 2001) e extraídas de dados do IBGE (2010) e da FAPESPA (2016), dentre outras fontes, segundo as orientações de Cardoso (2010).

2.2.1 Ponto 1 – Santa Maria do Pará

O município de Santa Maria do Pará, primeiro ponto de inquérito da Rede, fica acerca de 100 km da capital paraense e pertence à mesorregião Nordeste Paraense e à microrregião Bragantina. Está localizado próximo ao cruzamento das duas principais rodovias que cortam o estado do Pará – Rodovia Belém-Brasília e Rodovia Pará-Maranhão e é uma das principais cidades responsáveis pelo escoamento da população para outros estados, por meio de ônibus interestaduais. Recebe também o apelido de Cidade Trevo devido sua localização. A Figura 3 mostra a localização de Santa Maria do Pará no Estado.

Figura 3 - Mapas de localização e área do Município de Santa Maria do Pará - PA.



Fonte: Google Maps (2018).

As informações sobre as coordenadas geográficas, os limites e os dados oficiais do município são apresentados no Quadro 2.

Quadro 2 - Coordenadas e Limites Geográficos do Município de Santa Maria do Pará.

Coordenadas Geográficas	01° 21' 00" de latitude Sul 47° 34' 30" de longitude a Oeste de Greenwich.
Limites:	
Ao Norte	Municípios de Igarapé-Açu e Nova Timboteua
Ao Leste	Município de Bonito
Ao Sul	Município de São Miguel do Guamá
Ao Oeste	Municípios de Igarapé-Açu, Castanhal e São Francisco do Pará
Nome Oficial	Santa Maria do Pará
Gentílico	Santa-marianense

Fonte: FAPESPA (2016).

O município também é conhecido por ter uma cultura bastante diversificada. Manifestações religiosas e da cultura dinamizam o calendário anual: Festa das Flores, mês junino, manifestação do Boi-bumbá, Pássaros e quadrilhas, Festa do Xadrez, Tradição das Pastorinhas, grupo de carimbó⁵ etc. Além desses, há também manifestações artesanais que contribuem para a economia da cidade, como a produção de entalhes, tapeçarias, flores artificiais, imagens de santos, dentre outros (FAPESPA, 2016).

Do ponto de vista hidrográfico, é cortado pelos rios Maracanã, Tacioteua, Jeju. Esses rios são responsáveis de definir os limites naturais entre Santa Maria do Para e os municípios fronteiriços. A presença de rios e igarapés no entorno proporciona a diversão turística para lazer. O clima é equatorial, com umidade entre 80% a 90%.

Em relação à população e à densidade demográfica, o IBGE (2010) estima que atualmente 24.186 pessoas residam no município. Cerca de 60% da população vive na zona urbana. O contingente de homens e mulheres é bem próximo. Já em relação à faixa etária, a maior parte da população está na faixa etária de 20 a 40 anos de idade. A população é predominantemente católica, com índice de 82%. No que toca à escolaridade, o índice é muito baixo, pois, apenas 41,26% das pessoas têm de 0 a 3 anos de escolaridade. A Tabela 3 traz os números referentes aos dados populacionais e demográficos da localidade.

⁵ Danças típicas do Pará.

Tabela 3 - Dados populacionais e demográficos de Santa Maria do Pará.
DADOS POPULACIONAIS E DEMOGRÁFICOS

Total da população residente	23.026
Total da população residente urbana	13.328
Total da população residente rural	9.698
Total da população residente homens	11.492
Total da população residente mulheres	11.534
Área total (km ²)	457,724 km²
Densidade demográfica	50,31 hab/Km²

Fonte: FAPESPA (2016).

Historicamente, o município de Santa Maria pertencia ao município de Igarapé-Açu. Sua criação como povoado deu-se quando da construção da estrada de Ferro de Bragança, assim como tantas outras localidades que pertencem à região. Em 1955, de acordo com informações da FAPESP (2016), houve uma tentativa de emancipação por vias legais, antes da data oficial, mas a Lei de criação da época foi considerada inconstitucional pelo STF. Assim, somente em 1961, a localidade ganhou a condição oficial de município, com a Lei nº 2.460, publicada em 29 de dezembro de 1961, passando a se chamar Santa Maria do Pará.

Costuma-se atribuir o surgimento da localidade ao esforço do governo de Augusto Montenegro que, por volta de 1897, ao assumir o Governo do Pará, tinha como meta a conclusão da estrada de Ferro de Bragança – hoje extinta - e a colonização daquela região. Desse ponto de vista, a localidade tem sua origem ligada à Estrada de Ferro Belém-Bragança. Tal afirmação é corroborada por Cordeiro et al. (2017), os quais ressaltam que o processo de colonização dessa região tornou-se mais intenso por conta da construção dessa Estrada de Ferro. Servindo como área de influência, o percurso por onde passava a estrada de Ferro possibilitou o crescimento da Região e dinamizou o crescimento populacional. Por conta disso, migrantes de diversas regiões passaram a contribuir para a formação de pequenos povoados que foram se desenvolvendo. Esse movimento é característico da maioria das localidades próximas às margens de ferrovias e rodovias.

Com a abertura das Rodovias Federais, Santa Maria do Pará assume posição estratégica, já que a localização de sua sede fica no cruzamento das principais Rodovias Federais que cortam o Estado do Pará, rodovia BR 010 e BR 316. Essa posição possibilita o acesso fácil de escoamento de produção agrícola e também dinamiza o acesso da população do nordeste paraense a outras localidades no estado do Pará e fora dele.

2.2.2 Ponto 2 – São Miguel do Guamá

Dos municípios que compõem a rede de pontos, São Miguel do Guamá é o mais antigo. Foi criado a partir das incursões portuguesas nos Guamá, Acará e Capim (CORDEIRO et al., 2017). Além de São Miguel do Guamá, São Miguel da Cachoeira, à época de sua criação, várias localidades foram criadas às suas margens.

São Miguel do Guamá é a segunda localidade da rede de inquérito. Sua sede, distante da capital a 146 km, fica às margens do Rio Guamá e da Rodovia Belém-Brasília. De localização estratégica, possibilita o trânsito tanto por meio hidroviário como por terrestre. A Figura 4 apresenta os mapas de localização e do município.



Fonte: Google Maps (2018).

No Quadro 3, apresentamos as coordenadas geográficas, bem como os limites e os dados oficiais do município.

Quadro 3 - Coordenadas e Limites Geográficos do Município de São Miguel do Guamá.

Coordenadas Geográficas	01° 37' 18" de latitude Sul e 47° 28' 45" de longitude a Oeste de Greenwich.
Limites:	
Ao Norte	Municípios de Inhangapi, Santa Maria do Pará, Nova Timboteua e Castanhal
Ao Leste	Municípios de Ourém e Bonito
Ao Sul	Municípios de São Domingos do Capim e Irituia
Ao Oeste	Municípios de Bujaru e Inhangapi
Nome Oficial	Santa Miguel do Guamá
Gentílico	Guamaense

Fonte: FAPESPA (2016).

No campo da cultura e religiosidade, há duas manifestações muito fortes que são realizadas no município: o círio de Nossa Senhora de Nazaré e a Festa de São Miguel Arcanjo.

Esse tipo de manifestação cultural-religiosa possibilita uma maior movimentação popular na cidade para participar das festas e dos arraiais. Outros tipos de manifestações que se apresentam são: Cordão do Guará, bloco carnavalesco; festas dançantes e juninas; apresentações de Pássaros e bois-bumbá. No que se refere ao artesanato, a produção de cerâmica, abano, tipitis e peneiras são o destaque. O município é um dos responsáveis pela produção de tijolos e telhas que são distribuídos para toda a região. Há também prédios históricos, construídos ainda no início do século XIX, como é o caso do antigo Internato e a Igreja de São Miguel Arcanjo, ambos localizado às margens do Rio Guamá (FAPESPA, 2016).

No que se refere à hidrografia, o município é cortado por um dos principais rios da Região, que é o Rio Guamá, o qual serve de limite natural entre o município e outros, como Bujaru, São Domingos do Capim e Irituia. Há vários igarapés que servem de balneários nos arredores da sede. Banhado de rios e igarapés, o município possui ótimas opções de lazer, que combinam com a temperatura média de 25° C. e com o clima úmido da região em torno de 85%.

Sobre a população e a densidade demográfica, atualmente consta de 51.567 pessoas. Desse montante, 38,1% vivem na zona rural; o que significa que a maioria da população é urbana. A população por sexo é equiparada, compreendendo os homens 50,4% da população e as mulheres 49,6%. É bastante jovem, pois 29% da população estão na faixa etária de 10 a 14 anos e de 14 a 29 anos de idade. 78,5% da população declara-se católica, correspondendo à maioria. No que tange à escolaridade, 51,35% das pessoas têm apenas três anos de escolaridade ou nenhum ano, índice bastante alto. Numericamente os dados podem ser visualizados na Tabela 4, abaixo.

Tabela 4 - Dados populacionais e demográficos de São Miguel do Guamá.

DADOS POPULACIONAIS E DEMOGRÁFICOS	
Total da população residente	51.567
Total da população residente urbana	31.884
Total da população residente rural	19.683
Total da população residente homens	26.028
Total da população residente mulheres	25.539
Área total (km ²)	1.110 km ²
Densidade demográfica	46,45 hab./Km ²

Fonte: FAPESPA (2016).

A história de São Miguel do Guamá é cheia de altos e baixos, por conta de uma série de conflitos originados dos desmembramentos de territórios. Sua instalação como povoado

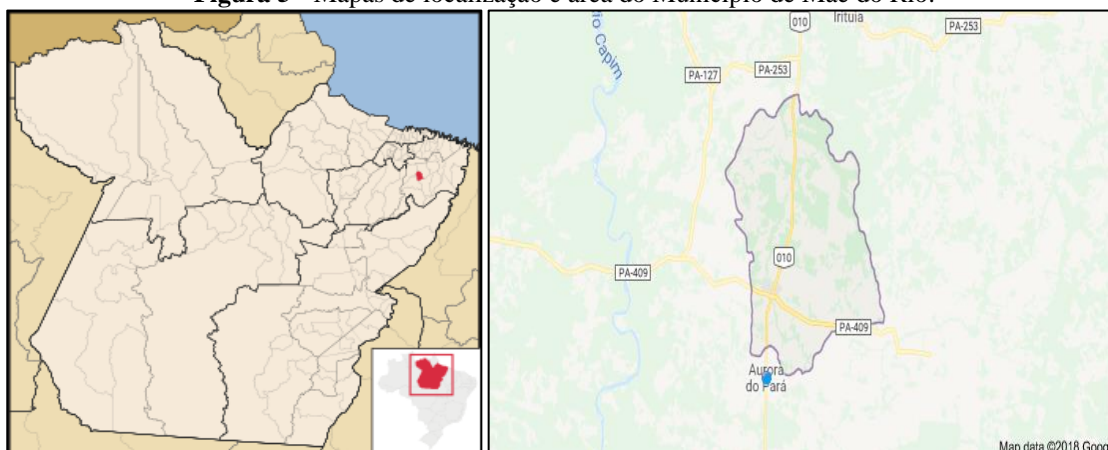
remonta ao século XVII. Informações do IBGE (2010) apontam que as navegações portuguesas adentraram os rios do Pará, como o Guamá, e deram origem a Sesmarias, lotes de terras que o governo de capitania concedia aos interessados. Desse feito, iniciou-se o processo de povoamento na região dentro das terras da Fazenda Pernambuco. Com a visita de Dom Miguel de Bulhões na região, a Fazenda Pernambuco passou a ser uma freguesia, sob a proteção de São Miguel Arcanjo, nome estendido ao Município, posteriormente.

Vários processos de desmembramentos com outros municípios foram ocorrendo, gerando alguns conflitos internos, que perduraram da década de 1835 até inícios da década de 1930. Todos esses processos podem ser vistos em FADESPA (2016), que trata dos dados municipais. Mas, em 1933, ocorreu um desmembramento entre as terras de Irituia e São Miguel por conta do Decreto nº 560, de 29 de dezembro de 1933. Em 1943, promulgado o Decreto-lei nº 4.505, o município passa a se chamar Guamá, que significa “rio que chove”, e se deve ao nome do rio que corta o município. No entanto, em 1961, o município Guamá passa a ser chamado de São Miguel do Guamá, por meio da Lei Estadual 2.460, de 29 de dezembro. No ano de 1963, nova divisão territorial ocorre, e um espaço da área de São Miguel do Guamá é desmembrado para a criação do município de Bonito. São Miguel do Guamá, atualmente, possui três distritos, além da sede, Caju, Urucuri, Urucueuteua (IBGE, 2018).

2.2.3 Ponto 3 – Mãe do Rio

Mãe do Rio é o mais central em relação aos cinco municípios componentes da rede de inqueritos. O nome da localidade se deve ao rio que corta o município. Assim como os municípios de Aurora do Pará e Ipixuna do Pará, Mãe do Rio se desenvolveu por conta da abertura da rodovia federal BR-010, nas décadas de 50 e 60. Antes de sua emancipação, a sede era conhecida por Vila Mãe do Rio, e popularmente chamada de 48, correspondente ao ponto de extensão da rodovia BR 010, km 48.

A sede está a uma distância de 197 km de Belém, com o tempo estimado de percurso de 3 horas e 31 minutos. A Figura 5 apresenta os mapas de localização e do município.

Figura 5 - Mapas de localização e área do Município de Mãe do Rio.

Fonte: Google Maps (2018).

O Quadro 4 traz os dados das coordenadas geográficas, limites e nome oficial do município.

Quadro 4 – Coordenadas e Limites Geográficos do Município de Mãe do Rio.

Coordenadas Geográficas	02° 02' 48" de latitude Sul 47° 33' 12" de longitude a Oeste de Greenwich.
Limites:	
Ao Norte	Irituia
Ao Leste	Irituia
Ao Sul	Capitão Poço
Ao Oeste	São Domingos do Capim e Aurora do Pará
Nome Oficial	Mãe do Rio
Gentílico	Mãe-riense

Fonte: FAPESPA (2016).

Assim como a maioria dos municípios da região, no que se refere à cultura, Mãe do Rio tem nas tradições religiosas um ponto forte. Isso se deve ao fato de que as festas dos padroeiros são uma tradição bastante cultivada pelo povo, sobretudo por católicos, que são a maioria. As festividades de São Francisco de Assis e de São Sebastião são duas festas que agregam bastante movimentação à cidade, principalmente ao comércio local. Elas se realizam nos períodos de setembro e janeiro, respectivamente. Há também a tradicional festa da cidade, que ocorre em maio e envolve diversas atividades culturais como: concursos de miss, poesia, música, esporte, dança etc. Por ser uma região onde as tradições rurais são bastante cultivadas, várias manifestações culturais nesse sentido são realizadas como cavalgadas e vaquejadas (FAPESPA, 2016). Esta última bastante famosa e promovida pelo Circuito de Vaquejadas.

De acordo com documentos da FAPESPA (2016), a hidrografia do município tem no Rio Mãe do Rio o seu mais importante rio, que banha sua sede. Outros igarapés também cercam as proximidades da sede, como os igarapés Jauará-Açu e o Damião que, junto com o rio Arauati, fazem limite com Irituia. Eles recebem os igarapés Ajará e Mirizal. Este último faz limite ao nordeste com Irituia; a leste, localiza-se o igarapé, Piripindeua, afluente da margem direita de Mãe do Rio e limite natural com Irituia.

Em relação à população, atualmente são 27.940 pessoas residentes no município, das quais 82,65 % residem na zona urbana. Por isso, dos cinco pontos de inquérito, Mãe do Rio é o município mais urbanizado da região. Possui um equilíbrio entre o contingente de pessoas do sexo masculino e feminino com uma diferença de 1,5% para as mulheres, que são a maioria. A faixa etária com maior contingente é a de 15 a 29 anos. A população, portanto, ainda é bastante jovem. 72% dela é católica e 28% compõem-se de evangélicos e espíritas. O índice de escolarização é bastante baixo, pois 52,2% da população frequentaram a escola 0 e 3 anos. Vejamos os dados numéricos na Tabela 5.

Tabela 5 - Dados populacionais e demográficos de Mãe do Rio.

DADOS POPULACIONAIS E DEMOGRÁFICOS	
Total da população residente	27.904
Total da população residente urbana	23.052
Total da população residente rural	4.852
Total da população residente homens	13.740
Total da população residente mulheres	14.164
Área total (km ²)	469,5 km ²
Densidade demográfica	59,43 hab./Km ²

Fonte: FADESPA (2016).

Dados históricos afirmam que a emancipação política do município de Mãe do Rio se deu por conta da Lei nº 5.456, de 11 de maio de 1988. A área do município pertencia à Irituia. Em 1º de janeiro de 1989, assume o município o primeiro prefeito, Silas de Freitas de Sousa (FADESPA, 2016).

Antes de se constituir como município, o povoado onde hoje é a sede foi formado, por volta de 1959, com a vinda do senhor Bruno Antonio Chaves e mais 12 pessoas oriundas do município de Irituia. Conforme histórico do IBGE (2018), a chegada dessas pessoas ocorreu ainda quando a região possuía apenas uma estrada, que seria a demarcação da Belém-Brasília. A construção da rodovia atraiu mais pessoas para a localidade, contribuindo para seu crescimento.

Quando da emancipação, houve reiterados conflitos políticos, sobretudo entre os municípios São Domingos do Capim, Mãe do Rio e Irituia devido à demarcação territorial,

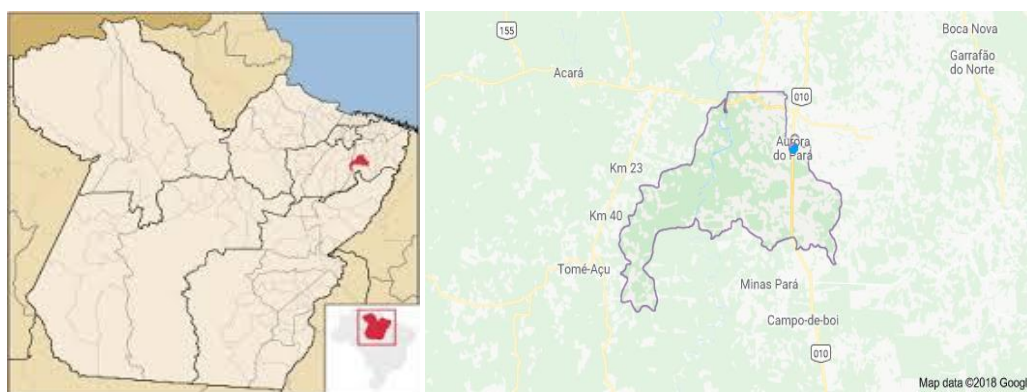
porque todos reivindicavam a área conhecida como Vila Aurora, a qual apresentava grande potencial econômico (FAPESPA, 2016). Todavia, a Vila se manteve como pertencente ao município de São Domingos do Capim e quatro anos depois eleva-se à categoria de município. Mãe do Rio, atualmente, possui como distritos o Km 28, o Km 40, a Comunidade Imaculada Conceição e Santana do Piripindeua.

2.2.4 Ponto 4 – Aurora do Pará

Aurora do Pará é o quarto ponto de inquérito e junto com IPIXUNA DO PARÁ foi criado por um dos últimos desmembramentos do Município de São Domingos do Capim. Cortado pelo rio Capim, o município possui dois momentos de povoamento, um chamado de fase hidroviária e o outro de terra firme. A fase hidroviária se deu por incursão portuguesa nos rios da região, em especial o Rio Capim. A fase de terra firme ocorreu por conta da abertura da Belém-Brasília, que ocasionou um povoamento ao longo da rodovia, dando origem a vários outros povoados.

Localizada às margens dessa rodovia, a sede do município dista 207 km da capital Belém. O tempo de percurso até a capital é de aproximadamente 4 horas de ônibus. O município é responsável pela maior parte da produção agrícola que abastece sua sede e o município de Mãe do Rio. Na figura 6, podemos visualizar a localização e a área geográfica.

Figura 6 - Mapas de localização e área do município de Aurora do Pará.



Fonte: Google Maps (2018).

Já o Quadro 5 apresenta dados relativos aos limites e às coordenadas geográficas, além do nome oficial do município.

Quadro 5 – Coordenadas e Limites Geográficos do município de Aurora do Pará.

Coordenadas Geográficas	02°08'02" de latitude Sul 47°33'32" de longitude a Oeste de Greenwich.
Limites:	
Ao Norte	São Domingos do Capim
Ao Leste	Mãe do Rio e Capital Poço
Ao Sul	Ipixuna do Pará
Ao Oeste	Tomé-Açu
Nome Oficial	Aurora do Pará
Gentílico	aurorense

Fonte: FAPESPA (2016).

No que se refere à cultura, o município possui poucos atrativos, embora as festas religiosas sejam de forte tradição. A festa do Padroeiro São Raimundo Nonato, a mais conhecida, agrega valores religiosos e profanos, já que à religiosidade unem-se os aspectos do lazer e da diversão nos parques. Tradições culturais são festejadas no interior do município, como é o caso da Marujada de São Benedito, realizada na comunidade Matamatá, ainda mantida por poucos residentes da comunidade. Além dessas, há também forte presença da cultura rural com a realização de cavalgadas ao longo do ano, bem como a realização de disputas de quadrilhas, celebradas no mês junino.

A região, muito rica em recursos hídricos, possui uma variedade de igarapés e rios que cortam diversas partes da área que cobre o município. Os principais rios são o rio Jabuti, o rio Caratateua, o rio Jacamim. Todos eles deságuam no rio Capim, principal rio que corta o município. Por conta dessa característica, um dos atrativos de lazer são os banhos de rios e igarapés da região, de águas frias.

Demograficamente, a população é rural, pois 70% dela vive no campo e cultua costumes rurais, herança advinda dos migrantes nordestinos na região. De acordo com IBGE (2018), a população residente é de aproximadamente 26.546 pessoas. É um dos municípios com menor taxa demográfica dentre os que compõem a rede de pontos da pesquisa que deu origem a esta Tese. A população masculina e feminina é equiparada, embora haja um contingente um pouco maior de homens. A faixa etária de 15 a 29 anos é a que corresponde ao maior contingente populacional. O catolicismo é predominante, com 74% de adeptos, já o protestantismo representa cerca de 26% da população. 71,1% da população têm de zero a três anos de estudo, o que significa que a maioria tem baixa escolaridade. Talvez isso se deva ao fato de a maioria da população viver na zona rural, onde o acesso à educação é precário e pouco incentivado. A Tabela 6 apresenta em números as informações prestadas.

Tabela 6 - Dados populacionais e demográficos de Aurora do Pará.

DADOS POPULACIONAIS E DEMOGRÁFICOS	
Total da população residente	26.546
Total da população residente urbana	8.168
Total da população residente rural	18.378
Total da população residente homens	13.620
Total da população residente mulheres	12.926
Área total (km ²)	1.811,840 km ²
Densidade demográfica	14,65 hab./Km ²

Fonte: FAPESPA (2016).

De acordo com dados do IBGE (2018), o processo de colonização do território do município se deu por volta da década de 50, quando da abertura da Rodovia Federal Belém-Brasília. Na ocasião, migrantes nordestinos, alguns paraenses e pessoas que residiam às margens dos rios se estabeleceram às margens da BR, na localização km 58, posteriormente chamada de Vila Aurora. O território pertencia parte a São Domingos do Capim e parte ao município de Irituia. O grande atrativo na época era a madeira, não mais numerosa atualmente. Na década de 1960, houve um surto de malária, fato que fez muitos acabarem abandonando a região, que, posteriormente, recebeu mais uma leva de migrantes.

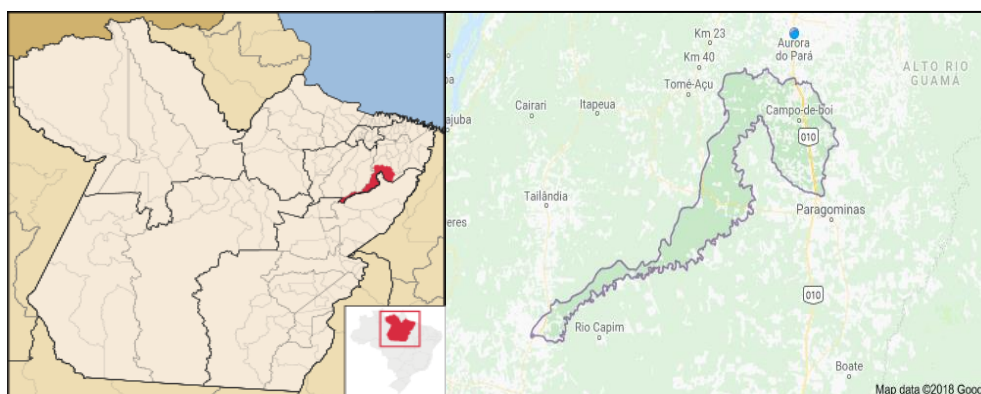
Entre as décadas de 1970 e 1980, disputas políticas dificultaram as demarcações das terras municipais, o que acabou ocasionando o abandono da Vila pelos municípios que pleiteavam o território. E em 26 de outubro de 1990, Irituia abre mão da sede local e repassa a São Domingos do Capim a administração da localidade. Movimentos políticos, a exemplo de Mãe do Rio, incentivaram a emancipação da localidade Vila Aurora, que, em 13 de dezembro de 1991, é declarado município e desmembrado da área de Irituia e São Domingos do Capim.

2.2.5 Ponto 5 – Ipixuna do Pará

O último que compõe a Rede de pontos da pesquisa que originou esta Tese surgiu como município junto com Aurora do Pará. A Lei 5.690 de 13 de dezembro de 1991 legaliza a emancipação da localidade, desmembrada das áreas de São Domingos do Capim, localizada na Vila Ipixuna, a qual passou a ser considerada cidade com nome oficial de Ipixuna do Pará.

A sede se localiza às margens da Belém-Brasília e do rio Ipixuna, com 258 Km de distância da capital paraense. A Figura 7 apresenta a localização no mapa do Pará e a área do município.

Figura 7 – Mapas de Localização e área do município de Ipixuna Pará.



Fonte: Google maps (2018).

As coordenadas geográficas e os limites estabelecidos com outros municípios são apresentados no Quadro 6.

Quadro 6 - Coordenadas e Limites Geográficos do município de Ipixuna do Pará.

Coordenadas Geográficas	02° 33' 03" de latitude Sul 47° 30' 06" de longitude Oeste de Greenwich.
Limites:	
Ao Norte	Aurora do Pará
Ao Leste	Capitão Poço e Nova Esperança do Piriá
Ao Sul	Paragominas e Goianésia
Ao Oeste	Tailândia, Tomé-Açu e Branco
Nome Oficial	Ipixuna do Pará
Gentílico	ipixunense

Fonte: FAPESPA (2016).

Assim como os demais municípios das redondezas, atividades culturais realizadas na cidade de Ipixuna se voltam para as práticas religiosas e poucas atividades de cunho mais social no campo cultural. O fato de ter sido formada pela mistura de diversos povos não proporcionou uma cultura de raiz na região. Basicamente, as festas dos padroeiros, cavalgadas e danças folclóricas juninas são as manifestações mais desenvolvidas ao longo do ano. São nessas atividades, sobretudo festividades da padroeira, que se desenvolvem outros tipos de manifestações culturais como: danças, desfile de miss e mister, concurso de música, entre outras.

Rico em recursos hídricos, o município é banhado por vários rios, dos quais o mais importante é o Rio Capim e o outro é o próprio Rio Ipixuna, que corta a sede e deságua no rio Capim. Igarapés, balneários são atrativos de lazer da região, que atraem banhistas, principalmente nos finais de semana para a diversão, sempre regada de bebidas e de sons de aparelhagens.

A maioria da população vive na zona rural, 76% de homens e mulheres. Os 5.215,555 km² acomodam 51.309 habitantes, de acordo com IBGE (2018). É o município com menor densidade demográfica em relação aos demais que compõem a Rede de Pontos de Inquéritos, 9,84 habitantes por quilômetro quadrado. Homens e mulheres possuem um contingente bem próximo, embora os homens sejam a maioria, 52,4% da população, em relação aos 47,6% de mulheres. As faixas etárias com maior percentual são as de 15 a 29 anos e de 30 a 49 anos. A Tabela 7 apresenta os dados demográficos do município.

Tabela 7 - Dados populacionais e demográficos de Ipixuna do Pará.

DADOS POPULACIONAIS E DEMOGRÁFICOS	
Total da população residente	51.309
Total da população residente urbana	12.227
Total da população residente rural	39.082
Total da população residente homens	26.904
Total da população residente mulheres	24.405
Área total (km ²)	5.215,555 km ²
Densidade demográfica	9,84 hab./Km ²

Fonte: FAPESPA (2016).

De acordo com relatos históricos, a criação do povoado onde hoje é a sede deve-se a Manoel do Carmo. Um dos primeiros pontos comerciais foi o de Vicente Fortunado, a partir do qual vários outros foram sendo criados. Já com bastante moradores na região e como era de costume a religiosidade católica como predominante à época, a localidade ganhou uma igreja em honra a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. A primeira igreja católica possui o formato de formato de um dedo, era localizada às margens da antiga passagem da rodovia. Contam moradores antigos que era o dedo de Deus conclamando os fiéis a rezarem (IBGE, 2018).

No ano de 1991, com a Lei 5.990 de 13 de dezembro, ocorre o desmembramento dos territórios de São Domingos do Capim e o povoado ganha *status* de município, constituído de um distrito sede e mais dois distritos: Novo Horizonte e Badajós.

Até aqui, apresentamos os aspectos geográficos e históricos dos pontos de inquéritos componentes de Rede de Pontos. Na sequência, apresentamos os procedimentos para a coleta dos dados.

2.3 COLETA DE DADOS

Conforme Prodanov e Freitas (2013), ao nos referirmos à coleta de dados, situamos o leitor acerca do *onde* e *como* a pesquisa se realizou, definindo o grupo de amostra, o trabalho de campo e os instrumentos de coleta.

2.3.1 Perfil dos informantes – Amostra

A constituição da amostra é parte importante da pesquisa visto que resultados satisfatórios dependem da escolha correta e da qualidade desse subconjunto da população-alvo. O estabelecimento de critérios é uma forma de orientar a escolha dos componentes da amostra.

Na pesquisa desta Tese, a amostra constitui-se como intencional e/ou de seleção racional. Neste tipo de amostra, seleciona-se um subgrupo da população que possa ser considerado representativo ao universo da pesquisa. Entretanto, é necessário um considerável conhecimento da população e do subgrupo selecionado, conforme orientam Prodanov e Freitas (2013), para que a escolha dos informantes seja feita de forma adequada. Os autores ainda enfatizam ser vantajoso esse tipo de amostragem pelos baixos custos de sua seleção; mas alertam que os resultados alcançados por meio desse subconjunto são limitados ao grupo específico de determinado contexto.

Para esta Tese, tomamos o modelo da Dialetoologia Pluridimensional para a escolha dos informantes e do número de informantes. Considerando os objetivos estabelecidos para a pesquisa, levamos em conta os conceitos de **topostática** e de **topodinâmica**, definidos por Radtke e Thun (1996), a partir dos quais buscamos informantes nativos das localidades, sem histórico de mobilidade e informantes com histórico de mobilidade, ou seja, informantes migrantes. Desse modo, selecionamos os informantes com base nas informações do IBGE (2018), nativos de cada localidade e migrantes oriundos do Estado do Ceará residentes há mais de 10 anos no ponto de inquérito investigado.

Estabelecemos um número de 40 informantes, oito por inquérito, para compor a Amostra, distribuídos segundo as dimensões diatópica, diassexual, diageracional, como especificado no Quadro 7, a seguir. São oito informantes por ponto de inquérito.

Quadro 7 - Distribuição da Amostra.

Dimensão diasssexual	Dimensão Diatópica (Topostática/Topodinâmica)	Dimensão Diageracional	Dimensão diatópica				
			Santa Maria	São Miguel	Mãe do Rio	Aurora do Pará	Ipixuna do Pará
Sexo	Procedência	Faixa etária					
Masculino	Nativo	18-35 anos	2	2	2	2	2
		50-65 anos	1	1	1	1	1
	Não nativo		1	1	1	1	1
			1	1	1	1	1
Feminino	Nativo	18-35 anos	2	2	2	2	2
		50-65 anos	1	1	1	1	1
	Não nativo		1	1	1	1	1
			1	1	1	1	1
Total por localidade			8	8	8	8	8
Total Geral			40				

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os critérios para a escolha dos informantes foram:

- **Procedência: paraenses** - nativos de cada ponto de inquérito - e **cearenses** - não nativos, residindo há mais de 10 anos nas localidades. Escolhemos migrantes cearenses pelo fato de que esta população contribuiu com a formação cultural, econômica e histórica da Região Nordeste do Pará, influenciando os costumes de diversas localidades (CORDEIRO et al., 2017) e também pelo fato de ser a população migrante de maior contingente. Essa divisão foi importante porque constitui a essência da divisão amostral nas dimensões topostática e topodinâmica.
- **Sexo:** a maioria das pesquisas sociolinguísticas e dialetológicas revela ser o sexo uma variável importante na explicação de fenômenos relacionados à variação e à mudança linguísticas. Análises das dimensões sociais da variação e mudança linguísticas não podem deixar de lado o fato de que determinadas variantes, sobretudo aquelas relacionadas às formas padrão x não padrão, bem como a implementação de mudança, estejam associadas ao sexo (PAIVA, 2010). Em pesquisas realizadas no Pará, como é o caso da de Razky, Lima e Oliveira (2012), quando se trata das médias abertas [ɛ] e [ɔ], os homens tendem a sua escolha. Fato também encontrado em Ferreira (2013). De acordo com Paiva (2010), Fischer (1958) é considerado o primeiro trabalho que correlacionou a variável sexo à variação linguística. No estudo *Influências sociais na escolha de variantes linguísticas*, Fischer constatou que a pronúncia

velar do sufixo *-ing* (walking, talking), considerada forma prestigiada, era comum entre as mulheres em detrimento da forma dental, que era mais identificada com a fala dos homens. Essa interpretação do estudo de Fischer de que as mulheres se identificam com as formas de prestígio é corroborada por vários estudos (PAIVA, 2010). Nota-se, portanto, uma relação entre sexo feminino e forma prestigiada x sexo masculino forma desprestigiada. Tal fato pode ser revelador de avaliações subjetivas ou formas de identificação com grupos sociais, declara Paiva (2010). Neste trabalho, não utilizamos o termo gênero por haver muitas controvérsias. Assim, preferimos o termo sexo, de onde advém a dimensão diassexual.

- **Faixa etária:** a faixa etária tem se mostrado uma variável importante, principalmente para explicar fenômenos de variação e mudança linguística em tempo aparente. Todavia não pode ser estudada isoladamente. Essa questão foi analisada por Freitag (2005), que, em relação à mudança linguística, acredita haver certa complexidade, sobretudo se é levado em consideração o tempo aparente. De acordo com a pesquisadora, o problema é que “[...] o tempo refletido na idade cronológica dos indivíduos pode levar a equívoco entre mudança em tempo aparente de fato e gradação etária” (FREITAG, 2005, p. 111). Com base em Eckert (1997), Freitag (2005) defende que o comportamento linguístico do falante é passível de mudança no decorrer da vida em virtude de outros fatores como escolaridade, mercado de trabalho, redes sociais, entre outras. Nesse sentido, a autora acredita que o controle da faixa etária deve estar associado a outros fatores sociais que podem interferir em seu comportamento linguístico.

Ainda sobre a escolha dos componentes da amostra, ressaltamos alguns pontos importantes sobre a composição da amostra. Um deles se refere ao ajuste necessário quanto à quantidade de informantes em relação à dimensão diassexual e diastrática. A princípio, havíamos definido que, cada faixa etária, seria subdividida em sexo e procedência. Todavia, não encontramos informantes cearenses na faixa etária de 18 a 35 anos com mais de 10 anos nas localidades. Esse fato nos fez ajustar, para manter o número de oito informantes por localidade, a quantidade de um para dois informantes nativos de 18 a 35 anos, de ambos os sexos, conforme apresentamos anteriormente no Quadro 7.

Cada informante recebeu um código de identificação, necessário para identificar, nas rodadas estatísticas, os dados, bem como os aspectos relativos à faixa etária, sexo, procedência e ponto de inquérito. Utilizamos como códigos letras e números, conforme a seguinte ordem: língua do informante, ponto de inquérito, faixa etária, sexo, procedência, número do informante. No Quadro 8, apresentamos as categorias e os códigos a que se referem.

Quadro 8 - Codificação dos informantes da amostra.

<i>Categoria</i>		<i>Código</i>
<i>Língua</i>	Portuguesa	P
	<i>Ponto de inquérito</i>	
	Santa Maria	1
	São Miguel	2
	Mãe do Rio	3
	Aurora do Pará	4
	Ipixuna do Pará	5
<i>Sexo</i>	Masculino	M
	Feminino	F
<i>Faixa</i>	de 18 a 35 anos	A
	de 50 a 65 anos	B
<i>Procedência</i>	Migrante	M
	Nativo	N
<i>Número do informante</i>	Primeiro informante	1
	Segundo informante	2
	<i>N informante</i>	3, 4, 5...

Fonte: elaborado pelo autor.

2.3.2 Trabalho de campo.

O trabalho de campo ocorreu em duas etapas. A primeira constituiu-se de um teste piloto, cuja finalidade foi verificar os instrumentos e procedimentos da pesquisa para possíveis ajustes antes do trabalho de campo propriamente dito. Nessa fase, aplicamos os questionários a quatro pessoas, que não fizeram parte da amostra. Embora não fôssemos utilizar os dados desses informantes, estabelecemos como critério o fato de serem nativos ou migrantes cearenses, entre 20 e 30 anos. Realizamos esta etapa no mês de novembro de 2017.

Toda a abordagem aos informantes seguiu rigorosamente os princípios estabelecidos pelo Comitê de Ética da UFPA, em atendimento à Resolução 196/96 do Comitê Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP. Nesse sentido, além dos questionários e fichas utilizados, também foi necessário um termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo I) assinado

pelos informantes. Por se tratar de pesquisa de cunho dialetológico e sociolinguístico, em que se tem a fala como objeto de estudo, tivemos a cautela de informar, apenas ao final das entrevistas, a natureza da pesquisa, bem como de solicitar, da parte do informante, autorização para uso dos dados. Uma vez autorizado, os informantes assinavam o termo. Nenhum dos informantes se negou a dar o consentimento para uso dos dados. Atribuímos isso ao fato de os pesquisadores serem bastante conhecidos dos informantes em algumas localidades e, no caso de outras, à presença de pessoas conhecidas dos informantes que nos acompanhavam durante as entrevistas.

Dois momentos foram reservados para a coleta dos dados. O primeiro momento ocorreu em janeiro de 2018, mês em que se coletou dados em dois pontos de inquéritos integralmente (São Miguel do Guamá e Aurora do Pará) e em outro parcialmente (Ipixuna do Pará). O outro momento ocorreu entre os meses de outubro e novembro de 2018 nos pontos de inquéritos 1, 3 e 5 (Santa Maria do Pará, Mãe do Rio e Ipixuna do Pará).

Durante a coleta de dados, contamos com a ajuda de pessoas das localidades na busca pelos informantes. A contribuição deles foi essencial porque, além de nos ajudar nessa busca, proporcionou maior credibilidade e confiabilidade entre os pesquisadores e os informantes. Percebemos que, em certas ocasiões, o aceite dos informantes em participar da pesquisa estava muito associado à presença de uma pessoa conhecida deles.

Durante a recolha de dados, vários procedimentos foram utilizados para garantir um padrão ético à pesquisa. De início, éramos apresentados pelos colaboradores das localidades investigadas e, em seguida, fazíamos nossa apresentação e explicávamos o objetivo de estarmos ali: geralmente dizíamos que era investigar a cultural local e suas influências na região. Não podíamos dizer que se tratava de coletar dados de fala espontânea, já que isso poderia influenciar o comportamento linguístico dos informantes (TARALLO, 2003), o que inviabilizaria o surgimento do vernáculo. Os verdadeiros objetivos da pesquisa só eram revelados ao final da entrevista, deixando a critério do informante a decisão de manter sua participação ou de retirá-la.

A técnica utilizada para a recolha de dados foi a entrevista, a partir da qual foram utilizados como instrumentos: um questionário Fonético-fonológico, adaptado do Comitê Nacional do ALiB (2011); um questionário quantitativo de crenças e atitudes; um questionário qualitativo de crenças atitudes; textos para leitura dos informantes, roteiro de narrativas de experiências pessoal e áudio-estímulos, para averiguar as atitudes. A entrevista foi dividida em duas partes.

A primeira etapa da entrevista teve como objetivo coletar dados de fala, de modo a controlar o fenômeno da variação linguística das vogais médias pretônicas, levando-se em conta a dimensão diafásica⁶, a partir de três estilos: leitura, respostas ao questionário e conversa livre. Conforme indicado por Cardoso (2010), o controle dessa dimensão é importante porque “[...] o ato de fala está intrinsecamente vinculado ao momento de sua realização, à situação em que é produzido, à postura do falante em relação ao instante da elocução e ao tipo de uso que se faz da língua – resposta a perguntas dirigidas, exposição de fatos, narrativa, leitura etc” (p.58). Tal proposta foi seguida por Botassini (2013), em sua pesquisa de Tese, na qual constatou essa diferença. E que procuramos controlar na pesquisa desta Tese. Assim, organizamos a primeira parte da entrevista da seguinte forma: a) leitura de texto; b) resposta ao questionário fonético-fonológico; c) narrativa espontânea, ou seja, estilos formal, semiformal e informal. Ressaltamos que esse tipo de controle “[...] permite não só exibir em que tipo de texto se apresenta o fenômeno em causa, mas também indica o índice de ocorrência, o que permite avaliar a natureza dos fatos e as características de sua utilização” (CARDOSO, 2010, p. 59).

Na segunda parte da entrevista, utilizamos os Questionários Quantitativo e Qualitativos de Atitudes, que objetivaram averiguar as atitudes linguísticas dos informantes relativas à realização das vogais médias em três dialetos, ou variedades de fala: o dialeto do nativo (representativo da localidade da pesquisa), o do belenense (representativo da capital do Estado do Pará), e do cearense (representativo do falar cearense, dialeto dos migrantes), bem como suas crenças. Para essa etapa, utilizamos dois tipos de protocolos. Um diz respeito à **abordagem indireta** de medição de atitudes, chamado por Labov (2008) de teste de reação subjetiva, a partir da qual os informantes são levados a avaliar os dialetos atribuindo valores relativos à personalidade dos informantes. Trata-se da técnica *matched guise test* proposta por Lambert e Lambert (1972). O outro protocolo diz respeito à **abordagem direta**, em que se fazem perguntas diretas aos informantes sobre os dialetos para analisar atitudes que possam emergir a partir de suas crenças e seus valores acerca dos objetos avaliados.

Para esta Tese, utilizamos uma variação da técnica *Matched Guise test*, de Lambert (1967), em que os estímulos são gravados por diferentes falantes, representativos de diferentes variedades e não pelo mesmo falante. Acreditamos, como Freitag e Santos (2016), que,

⁶ Consiste na dimensão dentro do campo da Dialetologia atual que busca controlar a variação de estilo, acreditando-se que um informante não apresenta o mesmo comportamento linguístico em diferentes estilos de fala. “[...]significa dizer que o ato de fala intrinsecamente vinculado ao momento de sua realização, à situação

embora se tenha o risco de interferências acústicas ou do padrão entoacional, “[...] tem-se maior fidedignidade com a ocorrência do fenômeno” (FREITAG; SANTOS, 2016, p. 113), preservando-se os objetos de análise em situações reais de uso. Assim, selecionamos três falantes do sexo masculino: um representante do dialeto de Belém, outro do dialeto do Ceará, e um representante de dialetos de cada ponto de inquérito. Eles gravaram um áudio lendo um texto (ANEXO A) e respondendo à pergunta “O que você faria se acertasse sozinho na megasena?”. A escolha desses falantes foi definida a partir dos critérios: (i) possuir graduação ou estar cursando faculdade; (ii) ter entre 25 a 35 anos de idade; (iii) ser nativo das localidades cujos dialetos representam; (iv) ser filho de pais nativos das localidades.

Os áudios gravados pelos falantes serviram de estímulos, a partir dos quais os informantes-juízes responderam um questionário quantitativo com perguntas que buscavam aferir suas atitudes subjetivamente. Para as respostas, utilizamos uma escala de Likert, adaptada com quatro alternativas para perguntas que dizem respeito à aparência, ao caráter, à postura, à profissão, à inteligência e à forma de falar dos falantes dos áudios. Os áudios estímulos foram organizados para audição na seguinte ordem: fala I – cearense; fala II – belenense; fala III - nativo da localidade do ponto de inquérito. Após audição de cada fala, os informantes respondiam ao questionário quantitativo (ANEXO D) com 30 questões, respondendo, para cada questão, *concordo*, *concordo parcialmente*, *discordo parcialmente*, *discordo*. Vale lembrar que aos informantes-juízes não era revelada a origem dos falantes dos áudios.

Quanto à **abordagem direta** para medir atitudes e crenças, utilizamos um questionário qualitativo indagando ao informante sobre a sua variedade de língua e de outras variedades, bem como sobre o fenômeno em estudo. Hora (2012) esclarece que, ao utilizar a abordagem direta, há pelo menos duas formas de obter os dados: por meio do contato pessoal e com respostas diretas do informante; e por meio da escrita. Utilizamos a primeira forma.

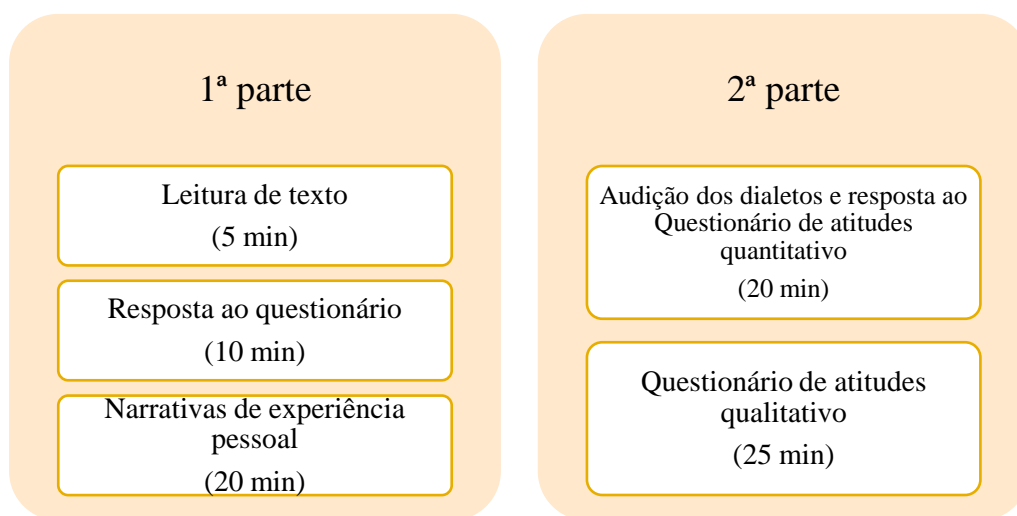
Nosso objetivo ao usar as duas abordagens, direta e indireta, foi coletar o máximo de dados possíveis sobre as atitudes e crenças linguísticas, recorrendo a algumas técnicas já testadas em outras pesquisas no Brasil (BOTASSINI, 2013; MORALIS, 2000; CARDOSO, 2014; FREITAG e SANTOS, 2016;).

Ainda, após o questionário qualitativo, aplicamos um teste de auto-avaliação em que os informantes ouviam duas sequências de palavras idênticas, que se diferenciavam em relação à pronúncia das vogais pretônicas. Na primeira, a pronúncia era aberta e, na segunda, fechada. Após ouvirem as duas sequências, respondiam as seguintes perguntas: (i) *você acha*

que há diferenças entre as duas sequências? Se sim, qual?; (ii) qual das sequências você acha mais bonita? Por quê?; (iii) você acha que fala semelhante à primeira ou à segunda sequência?

As entrevistas tiveram uma duração média de uma hora e vinte minutos, excluído o tempo de apresentação aos informantes e a testagem dos equipamentos. Resumidamente, o protocolo de entrevista seguiu as seguintes etapas ilustradas na Figura 8.

Figura 8 - Etapas da Entrevista.



Fonte: Elaborada pelo autor.

2.3.3 Instrumentos utilizados

Para este trabalho, recorreremos à técnica de **observação direta extensiva**, por meio de **questionários** e **formulários** aplicados em entrevistas realizadas com os informantes.

Os instrumentos utilizados foram os seguintes:

- **Texto para leitura (ANEXO A).** A leitura de texto compôs a primeira parte da entrevista. Visou coletar dados em situação mais controlada, mais formal (CARDOSO, 2010); O texto selecionado contém, de forma recorrente, itens lexicais com vogais médias pretônicas, passíveis de variação, objeto de análise desta Tese.
- **Questionário fonético-fonológico (ANEXO B).** Trata-se de um recorte de questões do questionário utilizado pelo Comitê Nacional do ALiB (2001). Por meio dele, visamos à coleta de palavras que puderam ocasionar variação das vogais médias pretônicas, controlando o contexto fonético-fonológico e as lexicais. É composto de 32 questões, que contemplam ora o uso da pretônica

anterior /e/ ora o uso da pretônica posterior /o/. Consideramos, como em Cardoso (2010) e Botassini (2013), respostas ao questionário como uma situação semi-formal. A importância dele está no controle das mesmas circunstâncias nos mesmos contextos fônicos (CARDOSO, 2010).

- **Roteiro de narrativa (ANEXO C).** Considerada a mina de ouro da pesquisa Sociolinguística, a narrativa de experiência pessoal é um excelente instrumento para coletar dados do vernáculo. Isso se dá pelo fato de que o falante ao tratar de um conteúdo que lhe é próprio, esquece-se do *como falar*, atendo-se ao *o que falar*, (TARALLO, 2003).
- **Questionários de atitudes (ANEXO D e E).** Utilizamos duas abordagens para medir atitudes. A direta e a indireta. Nesse sentido, tomamos como modelo a proposta de questionário de Silva (2012) e de Botassini (2013) e de Cardoso (2014), que contemplam as duas abordagens.
- **Texto e perguntas para a gravação dos áudios-estímulos.** São as gravações feitas com pessoas residentes nas localidades cujos dialetos serviram de estímulos para serem avaliados pelos informantes. Um texto e roteiro de duas perguntas serviram para coletar a fala espontânea, representativa de um falante nativo da cada localidade investigada, um falante de Belém e um falante do Ceará.
- **Ficha do informante (ANEXO F).** Adaptada do ALiB (COMITÊ NACIONAL DO ALiB, 2001), nela documentamos dados que identificam cada informante em relação ao seu domicílio, tempo de permanência, escolaridade, profissão, sua relação com os meios de comunicação, entre outros etc. Essas informações, bem como outras, subsidiaram o pesquisador com informações importantes para a coleta e, posteriormente, para a análise dos dados (CARDOSO, 2010).
- **Ficha da localidade (ANEXO G).** Esta ficha também foi adaptada do ALiB (COMITÊ NACIONAL DO ALiB, 2001) e contém informações da rede de pontos, ou seja, sobre as localidades da pesquisa. Tais informações são de ordem histórica, socioeconômica e outras.
- **Termo de livre consentimento (ANEXO H).** Documento importante exigido pelo Comitê de Ética, nele esclarecemos sobre o que é a pesquisa e suas condições de realização, bem como os riscos a que podem ser submetidos os participantes. É um documento, também, que oficializa a participação dos

informantes, de maneira esclarecida, na pesquisa e assinado ao final da pesquisa, autorizando o uso dos dados pelo pesquisador.

- **Instrumentos de gravação.** Foram utilizados para gravação: um computador de marca HP pavilion dv5-2040br, um gravador digital marca *Marantz*, profissional pmd 661, e 1 microfone de cabeça *Shure*.

2.4 CONSTITUIÇÃO DOS *CORPORA*

A constituição dos *corpora* ocorreu mediante a análise e seleção de dados das gravações da fala dos informantes da coleta e também da análise e seleção das respostas dos questionários de atitude. Devido à natureza da pesquisa, que envolve tanto a descrição como a análise da avaliação subjetiva da língua, foi necessário formar três *corpora*.

O primeiro *corpus* contém as ocorrências das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, totalizando **7.997**, **4.984** da variável /e/ e **2.993** da variável /o/. Essas ocorrências foram extraídas de 40 gravações da fala de informantes dos cinco pontos de inquéritos (Santa Maria do Pará, São Miguel do Guamá, Mãe do Rio, Aurora do Pará e Ipixuna do Pará). O tempo de duração das gravações é de 1.049' minutos, com médias de 22'22'' por informante. Ressaltamos que este tempo é de duração da primeira parte da entrevista, cujo objetivo é coletar a produção da variação das vogais médias pretônicas. Para compor esse *corpus*, consideramos os dados coletados por meio de leitura de texto, narrativa de experiência pessoal e de respostas ao questionário fonético-fonológico. Assim, foram aproveitados os itens lexicais que continham o contexto fonético-fonológico de realização das vogais médias pretônicas.

O segundo *corpus* foi organizado com as informações do questionário quantitativo de atitudes linguísticas, num total de **3.600** avaliações. Cada informante respondeu ao **questionário**, de 30 questões, três vezes, que é o número de dialetos de cada áudio estímulo, que eram três. As respostas foram organizadas em tabelas do excel, para posterior tratamento dos dados no programa *goldvarb X*.

O terceiro *corpus* constituiu-se de 1.200 dados, relativos **às respostas do questionário qualitativo de atitudes**, contendo 30 questões de abordagem direta, respondidas pelos 40 informantes.

Assim, a pesquisa teve um *corpora* composto da parte de descrição do fenômeno da variação das vogais médias pretônicas e outro com dados sobre a avaliação linguística dos informantes.

2.5 SOFTWARES

Na organização e tratamento dos *corpora*, utilizamos três *softwares*: *Praat*, *Goldvarb X* e o *Excel*.

O *Praat*⁷ é um *software* livre, por meio do qual é possível analisar e sintetizar dados da fala humana. Desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink (2006) da Universidade de Amsterdã, seu foco é a análise do som como ondas, focando em parâmetros como frequência, comprimento, tempo, decibéis, dentre outros. O uso do *Praat* em trabalhos de natureza fonético-fonológica é importante porque possibilita maior exatidão no controle e identificação do som da fala que se tem como objeto de estudo. Isso é possível devido à utilização dos espectrogramas que favorecem a visualização do som, permitindo a identificação e a extração sem os equívocos que o filtro do ouvido humano poderia ocasionar. Na pesquisa desta Tese, ele auxiliou na audição, transcrição, identificação, extração e separação das vogais-objeto e de todos os áudios das entrevistas.

O *software Goldvarb X* é um programa destinado a realizar análises de regras variáveis, manipulações e exibições de dados associados (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), capaz de gerar uma série de dados estatísticos importantes à explicação de uma regra variável. Apresenta, portanto, as proporções de aplicação e não aplicação de uma regra variável e permite, além dos valores de frequência da ocorrência de uma regra variável, calcular os valores de determinada regra em pesos relativos e níveis de significância, tomando como base os efeitos de fatores relativos à regra variável. Para esta Tese, todos os resultados estatísticos foram extraídos de a partir de rodadas feitas no *Goldvarb X*.

Outro *software* que utilizamos foi o editor de Planilhas o *Office Excel* (2016) criado pela Microsoft. Seus recursos incluem uma interface intuitiva e capacitada de ferramentas de cálculo e de construção de gráficos e tabelas, facilitando a organização dos . A partir dele foi possível organizar os dados para codificação, análises e criação de gráficos e tabelas.

⁷ O *software* pode ser baixado em <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/download_win.html>

2.6 VARIÁVEIS CONTROLADAS

Em toda análise de uma regra variável, que é geralmente multivariada, é feita a separação, quantificação e testagem da significância de fatores contextuais, linguísticos e extralinguísticos (GUY; ZILLES, 2007). A esses fatores chamamos de variáveis independentes; já a variável dependente é considerada o próprio objeto de análise.

2.6.1 Variáveis dependentes

Em nossa pesquisa de Tese, a análise recai sobre são as vogais /e/ e /o/ em posição média pretônica. Assim, devido ao nosso interesse pelo fenômeno do abaixamento, estabelecemos este fenômeno como variável dependente, testando sua aplicação e não aplicação. Nesse sentido, optamos por uma rodada binária, definindo como **não aplicação do abaixamento** as variantes [e] e [i], para a variável /e/, e em as variantes [o] e [u], para /o/. As variantes [E] e [O] definimos como **aplicação do abaixamento** das variáveis /e/ e /o/, respectivamente, como ilustrado na Figura 9.

Figura 9 - Variáveis e variantes.

Variantes das variáveis			
/e/		/o/	
Abaixamento	Não abaixamento	Abaixamento	Não abaixamento
t [ɛ] soura	t [i] soura	[ɔ] relha	[u] relha
	t [e] soura		[o] relha

Fonte: elaborada pelo autor.

2.6.2 Variáveis independentes

A definição das variáveis independentes segue o que a maioria dos trabalhos sobre vogais tem utilizado, sobretudo aqueles vinculados ao Projeto Vozes da Amazônia, do qual este trabalho faz parte e também aqueles realizados no Pará (FERREIRA, 2013; CRUZ et al., 2017; RAZKY; LIMA; OLIVEIRA, 2012).

Definimos dez variáveis independentes: seis linguísticas e cinco sociolinguísticas. Elas expressam o que se tem de pressuposto a respeito da influência de determinados fatores na realização do fenômeno do abaixamento vocálico.

2.6.2.1 Variáveis linguísticas

a) **Classe gramatical:** alguns itens lexicais de determinadas classes de palavras têm se mostrado favorecedores ao abaixamento vocálico. Os resultados de Freitas (2001), Dias (2008) e Rezende (2013) demonstram que certas palavras devido à seus paradigmas flexionais

podem favorecer ou desfavorecer este ou aquele fenômeno. Por esse motivo, estabelecemos esta variável com o objetivo de observar o seu comportamento nos dados da fala da Região investigada. Assim, agrupamos as classes em dois fatores: verbos e não verbos.

- Verbos – (c[ɔ]loca; r[ɛ]solve);
- Não verbos (b[ɔ]rracha; p[ɛ]rfume).

b) **Natureza da vogal tônica:** esse grupo objetiva medir a influência da vogal tônica em relação ao comportamento do abaixamento vocálico. Um dos primeiros trabalhos no Brasil que tratam da variação das médias pretônicas, o de Bisol (1981), tem apontado que a vogal pretônica segue a altura da vogal que está na sílaba tônica, no caso do alteamento. Tomando este princípio para o abaixamento vocálico, Ferreira (2013), no estudo da fala de migrantes e nativos de Aurora do Pará, verificou a influência desse processo de harmonização vocálica no fenômeno investigado. Desse modo, acreditamos que o comportamento das vogais seguirá o mesmo padrão, já que o português falado na Região investigada possui influências interdialetais semelhantes ao de Aurora do Pará. Sete fatores foram estabelecidos:

- Vogal baixa /a/ - (coloc[a]r)
- Vogal média fechada anterior /e/ - (perec[e]r)
- Vogal média aberta anterior /E/ - (el[E]trico)
- Vogal alta anterior /i/ - (perd[i]da)
- Vogal média fechada posterior /o/ - (gost[o]so)
- Vogal média aberta posterior /O/ - (esc[O]la)
- Vogal alta posterior /u/ - (boc[u]do)

c) **Nasalidade da Tônica:** essa variável teve como objetivo verificar o condicionamento de vogais orais ou nasais/nasalizadas na aplicação do abaixamento vocálico. Algumas pesquisas têm apontado possível força da nasalidade da vogal tônica como um fator impulsionador do abaixamento (FERREIRA, 2013; FAGUNDES, 2015).

- Vogal oral /e/, /o/ - (tes[o]jura)
- Vogal nasal/nasalizada – (terr[ẽ]no)

d) **Vogal contígua:** essa variável objetiva avaliar a influência das vogais contíguas no processo de abaixamento das médias pretônicas. Para a formação do grupo, tomamos como base a pesquisa realizada em Fortaleza, segundo a qual a vogal contígua contribuiu para o processo de harmonia vocálica (ARAÚJO, 2007). Estabelecemos três fatores para o grupo:

- Vogal aberta imediata - (bot[a])

- Vogal aberta não imediata – (pergunt[a]r)
- Sem vogal aberta – (sorriso)

e) **segmento anterior:** essa variável visa avaliar os contextos favorecedores da aplicação da regra de abaixamento das médias pretônicas. Assim, o contexto anterior para saber que tipo de segmento é favorecedor ou não do fenômeno. Para os fatores estabelecidos, baseamo-nos na divisão feita por Campos (2008), que toma alguns traços distintivos como parâmetro para as consoantes, distinguindo-as das vogais:

- Vogal
- Labial
- Coronal
- Dorsal
- Sem segmento

f) **segmento posterior:** também visa avaliar os contextos favorecedores da aplicação da regra de abaixamento das médias pretônicas em contexto que segue a vogal-alvo. São quatro fatores:

- Vogal
- Labial
- Coronal
- Dorsal

2.6.2.2 Variáveis extralinguísticas

a) **Pontos de inquéritos:** um dos aspectos de pesquisas de estudos dialetais é a perspectiva diatópica. Nesse sentido, seguindo a tradição, compreendemos ser importante o confronto das formas linguísticas nos diversos espaços geográficos, com vistas a explicar a variação espacial da língua (CARDOSO, 2010). Assim, este grupo de fator visa observar a influência do espaço geográfico na aplicação da regra de abaixamento, e saber se há um percurso a ser definido sobre sua aplicação:

- Ponto 1: Santa Maria do Pará
- Ponto 2: São Miguel do Guamá
- Ponto 3: Mãe do Rio
- Ponto 4: Aurora do Pará
- Ponto 5: Ipixuna do Pará

b) **Faixa etária:** o fator idade é muito importante para explicar a variação e a mudança linguística. Cada vez mais os estudos dialetológicos têm se valido também de aspectos referentes a fatores sociais como forma de explicar as diferenças linguísticas entre gerações, que tem recebido o nome de variação diageracional (RADTKE; THUN, 1996; CARDOSO, 2010). Para este estudo, utilizamos duas faixas etárias:

Faixa etária A: 18 a 35 anos

Faixa etária B: 50 a 65 anos

c) **sexo:** com vistas a saber se o abaixamento predomina na fala masculina ou feminina, este grupo toma como referência trabalhos já realizados no Pará, sobre as vogais médias pretônicas, os quais têm demonstrado a preferência das mulheres em relação à variante de prestígio, enquanto homens têm preferido a realização das médias abertas (RAZKY; LIMA; OLIVEIRA, 2012; FERREIRA, 2013). Assume-se, então, a dimensão diassexual nos estudos dialetológicos procurando identificar diferenças conforme o sexo.

- Homens
- Mulheres

d) **Procedência do informante:** De acordo com a Dialetologia Pluridimensional, as localidades modernas possui características de mobilidade urbana distintas daquelas mais isoladas. O fato de haver residentes em localidades investigadas, com ou sem histórico de migração fez com que a Dialetologia incorporasse esse aspecto na dimensão diatópica, de forma a contemplar informantes de diferentes natureza (RADKET; THUN, 1996; CARDOSO, 2010). Dentro dessa perspectiva, a dimensão diatópica é muito importante, em especial quando se observam aspectos relativos à dinâmica populacional cada vez mais complexa. Assim, para a pesquisa desta Tese buscamos observar a influência da dimensão topostática e topodinâmica na aplicação do abaixamento de /e/ e /o/ pretônicos. Acreditamos haver um comportamento similar em relação ao fenômeno do abaixamento, na fala de nativos e não nativos residentes dos pontos de inquéritos, devido à influenciada dinâmica da região, que, por ser cortada pela movimentada rodovia Federal – Belém-Brasília, possui uma mobilidade muito grande entre a população.

- Nativo – nascido e residente na localidade
- Não nativo – migrante cearense

e) **grau de formalidade:** esta variável visa analisar a influência de estilo na aplicação da regra de abaixamento vocálico. O mesmo falante pode apresentar comportamento diferente em relação a determinados comportamentos linguísticos e variantes. Assim, pensamos ser importante controlar esse fator com vistas a compreender que tipo de estilo favorece o abaixamento das vogais médias pretônicas ou se esse fenômeno independe desse fator.

- Leitura de texto
- Resposta ao questionário
- Narrativas de experiência

2.7 TRATAMENTO DOS DADOS

Após a seleção de que tipo de informação seria importante para as análises, procedemos ao tratamento dos dados, que seguiu os procedimentos abaixo.

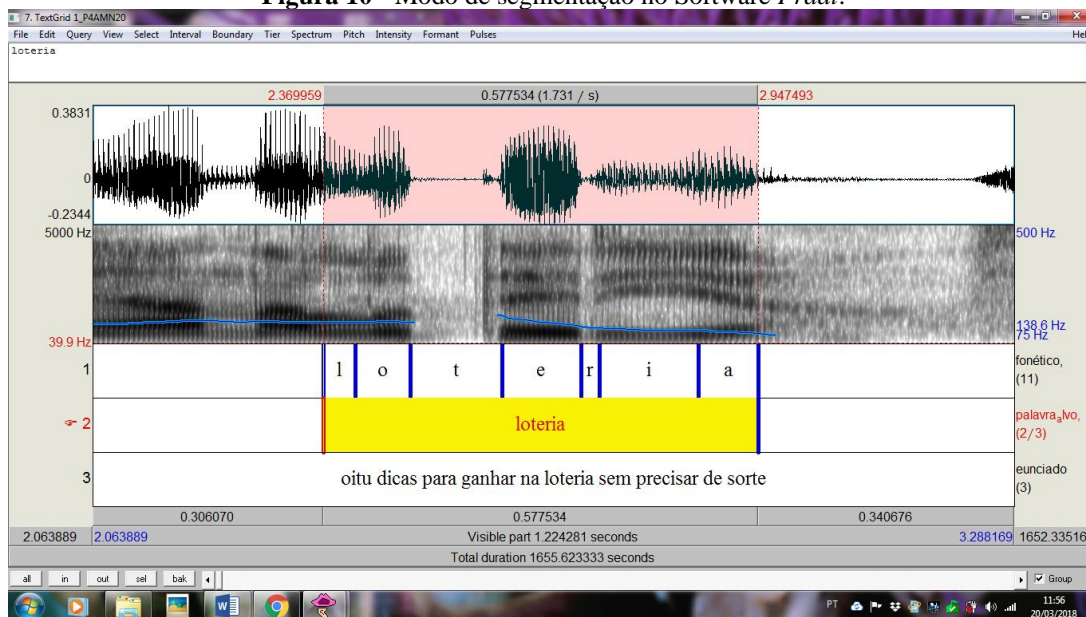
2.7.1 Segmentação dos dados

Nessa etapa, ocorreu o manuseio dos dados gravados da fala a partir do *Praat*. Todos os áudios das entrevistas foram repassados para o programa a fim procedermos à transcrição das entrevistas e posterior seleção e segmentação das palavras-alvo. As transcrições foram feitas em três níveis, seguindo o protocolo das pesquisas desenvolvidas dentro do âmbito do Projeto Vozes da Amazônia:

- Nível 1: segmentação do enunciado
- Nível 2: palavra-alvo
- Nível 3: transcrição fonética

A segmentação do enunciado contempla toda a estrutura do discurso, que foi separado a partir de grupos de força. No que se refere à palavra-alvo, a seleção recaiu apenas onde havia palavras com a presença de vogal média pretônica /e/ e /o/; e no nível três, fizemos as transcrições fonéticas, de modo a identificar simbolicamente, principalmente, o tipo de vogal produzida. As transcrições realizadas foram feitas com a utilização do alfabeto SAMPA, a partir da audição e visualização no espectrograma da janela do *Praat*, como exemplifica a Figura 10 abaixo.

Figura 10 - Modo de segmentação no Software *Praat*.



Fonte: Elaborada pelo autor.

Como já destacado anteriormente, a utilização do *Praat* foi importante porque permitiu a visualização do som, evitando erros de transcrição, já que nem sempre nossos ouvidos captam os sons como de fato se realizam e, em muitas situações, está condicionado para a audição de certos traços da fala. Ressaltamos que somente a parte da gravação dedicada à extração das ocorrências das vogais médias pretônicas é que foi transcrita em três níveis. As demais partes foram transcritas apenas no nível do enunciado.

2.7.2 Codificação dos dados

Após a etapa da segmentação e transcrição, todas as palavras-alvo foram extraídas do *textgrid* do *Praat* e transferidas para uma planilha do *Excel*, para serem separadas de acordo com o informante, identificados de acordo com códigos pré-estabelecidos. Nos dados de cada informante, fizemos ainda a separação, em planilhas, das palavras-alvo pertencentes à variável /e/ e à variável /o/; essa separação foi importante para as rodadas estatísticas, de modo a controlar a influência às variáveis dependentes das variáveis independentes. Como fizemos o controle da dimensão diafásica, os dados de cada informante, depois de separados por variável, foram separados por estilo, para facilitar, no momento da codificação, que tipo de palavra-alvo era do estilo leitura, resposta ao questionário ou narrativa. Após a separação e organização dos dados, criamos um arquivo de especificação para definir os códigos para cada fator controlado, apresentados na seção 3.6.2, e, em seguida, criamos um arquivo de

codificação na planilha do *Excel*, em que cada ocorrência foi codificada levando-se em conta as variáveis independentes a serem controlada. No Quadro 9 apresentamos um exemplo de como foram codificadas as ocorrências:

Quadro 9 - Exemplo de codificação no Excel.

Ponto 4: AURORA DO PARÁ – Informante: P4AFN01		
(bnaohPc4AFNN	1	(dizisp E rada)
(bnaohPc4AFNN	2	(dizisp E rada)
(bnaohPc4AFNN	3	(dizisp E rada)
(bnaohPd4AFNQ	4	(p E cado)
(bvaohRd4AFNL	5	(ac E htah)
(bvaohRd4AFNL	6	(ac E htah)

Fonte: Elaborado pelo autor.

De acordo com o Quadro acima, no cabeçalho, temos a identificação do Ponto de Inquérito e do código do informante. Mais abaixo, em cada linha, temos a abertura do parêntese seguida dos códigos de cada variável. O primeiro código é sempre o das variantes da variável dependentes, ao qual seguem os demais códigos, conforme previsto no arquivo de codificação. Os números de 1 em diante referem-se ao número de ocorrências. E as palavras entre parênteses são as ocorrências com destaque em negrito para a vogal-alvo. Esses códigos foram importantes porque a partir deles o programa *Golvarb X* fez a leitura para as análises estatísticas.

Feita a codificação no Excel, extraímos os dados para um documento em formato *.txt*. E inserimos no programa *Goldvarb X* para as rodadas estatísticas, conforme a Figura 11.

Figura 11 - Exemplo de codificação no documento *.txt*.

```

ARQUIVO DE CODIFICAÇÃO_O - Bloco de notas
Arquivo Editar Formatar Exibir Ajuda

PESQUISA: Crenças e Atitudes Linguística na Região Nordeste do Pará
Orientadora: REGina Cruz
Pesquisador: Jany Éric Queirós Ferreira

Arquivo de Codificação da variável /o/

Aurora do Pará - Informante - P4FN01

(mnijRc4AFNL 1 loteria)
(bvahPd4AFNL 2 apOstar)
(bvahPd4AFNL 3 apOstar)
(bnahPc4AFNL 4 bolada)
(mnalPc4AFNL 5 bolão)
(bvahDc4AFNL 6 cOlocar)
(mvijDp4AFNL 7 confira)
(mvilDc4AFNL 8 conseguiu)
(mvilDc4AFNL 9 conseguiu)
(mvilDc4AFNL 10 conseguiu)
(mvilDc4AFNL 11 conseguiu)
(mvelDd4AFNL 12 escolher)
(mnujPd4AFNL 13 fortuna)
  
```

Fonte: elaborada pelo autor .

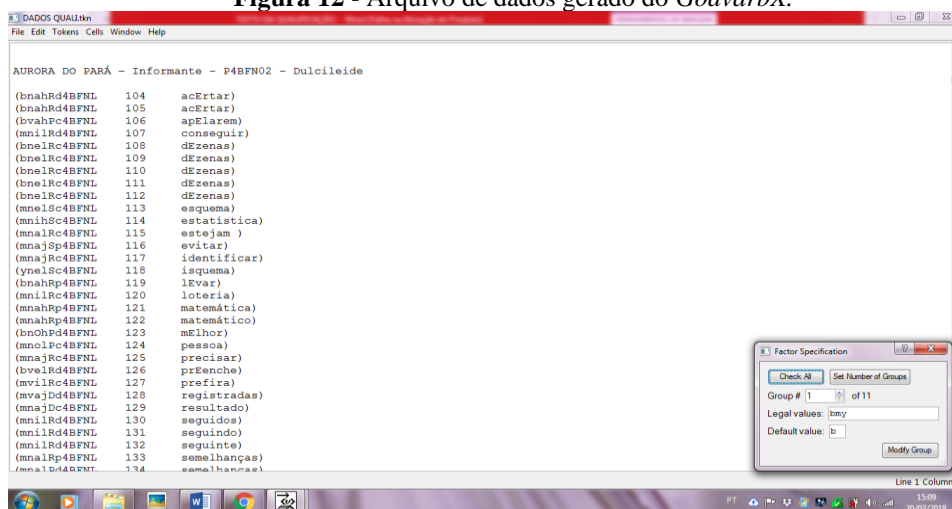
Terminada a codificação, realizamos as rodadas no programa *Goldvarb X*, conforme descrevemos na seção seguinte.

2.7.3 Análise estatística e qualitativa dos dados

Após a conclusão do processo de codificação, os dados referentes às ocorrências das médias pretônicas foram transferidos para o programa *Goldvarb X*, no arquivo de codificação, para a realização das análises estatísticas. Já os dados de atitudes foram selecionados e organizados no *Excel* para análise quantitativa.

Na janela do *GoldvarX*, inserimos os dados codificados para gerar o **arquivo de dados**, cujo formato é *tkn*. A Figura 12 mostra a janela do *software* com o arquivo de dados gerado.

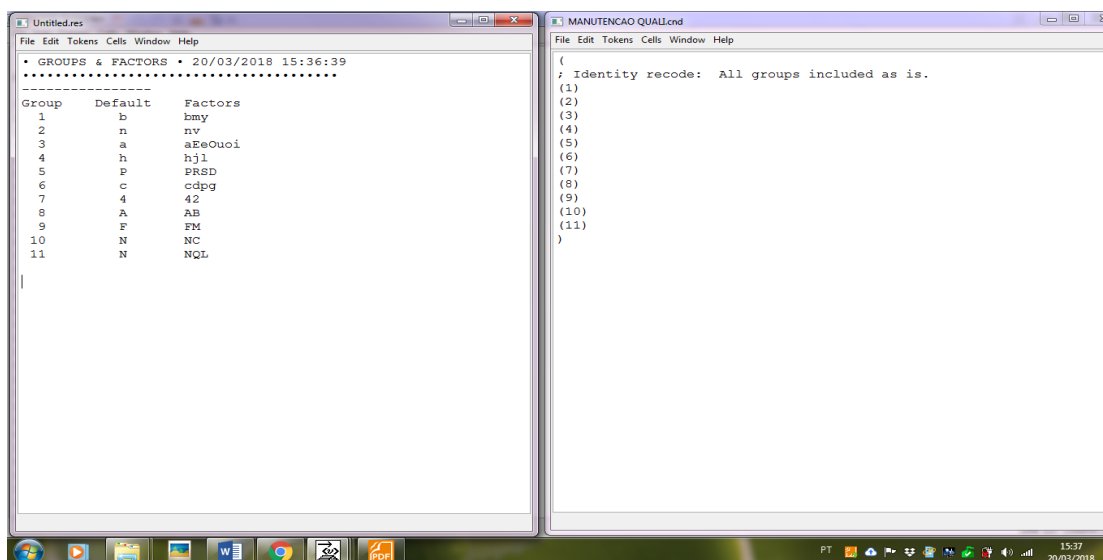
Figura 12 - Arquivo de dados gerado do *GodvarbX*.



Fonte: elaborada pelo autor.

Após gerado o arquivo de dados, solicitamos ao programa, a visualização do **arquivo de especificação**. Isso nos permitiu verificar se todos os fatores apresentados estavam localizados nos grupos, conforme o arquivo que fora definido. Identificado algum fator em grupo errado, deveríamos retornar ao arquivo de dados para conferir onde havia ocorrido o erro. Tivemos que fazer isso no arquivo de dados da variável /o/. Após esse processo, pedimos para o *software* gerar o **arquivo de condições**, extensão *cond*. O arquivo de condições é necessário porque é a partir dele que geramos outro arquivo, o de células. A Figura 13 apresenta as imagens desses arquivos na janela do *GoldvarbX*; à esquerda mostra o arquivo de especificação e à direita o de condições.

Figura 13 – Arquivo de especificação e arquivo de condições gerados na janela do *GoldvarbX*.



Fonte: elaborada pelo autor.

A partir do arquivo de condições solicitamos ao *software* para gerar o **arquivo de células** e o **arquivo de resultados**. O primeiro tem a extensão *cell* e o segundo, *res*. Ainda no arquivo de condições, solicitamos que o programa rode os dados a partir da escolha das variantes da variável dependente que queremos definir como aplicação, no caso desta Tese, como o fenômeno em estudo é o abaixamento vocálico, optamos pelas variantes abertas. Nesta fase, o *software* nos dá o arquivo de células e o arquivo de resultados. O primeiro arquivo de resultados traz apenas os percentuais de ocorrências das variáveis, com aplicação e não aplicação do fenômeno objeto de análise. Para que o *software* dê os resultados da significância dos fatores que favoreceram a aplicação do abaixamento, solicitamos que ele o faça a partir do arquivo de células, a partir de outros comandos.

Para as rodadas dos resultados das variáveis /e/ e /o/, foram solicitados, como resultados, primeiramente, os percentuais de ocorrências para as três variantes das variáveis. Isso nos permitiu analisar o comportamento em termos percentuais das variantes. Após os percentuais de cada variante, outra rodada foi realizada, dessa vez, com aplicação e não aplicação para o abaixamento, uma para /e/ e outra para /o/. Após isso, verificamos a ocorrência de nocaute nos resultados da variável /e/. Um nocaute “[...] é um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente” (GUY; ZILLES, 2018, p.158). O fator que gerou nocautes foi: vogal, do grupo segmento anterior.

Quando, nas rodadas aparecem nocautes, o programa só gera os pesos relativos, segundo resultado, se estes forem eliminados. Assim, para a retirada dos nocautes, decidimos pela exclusão do fator *vogal*, cujo valor percentual foi de 100% para a não aplicação do

abaixamento de /e/. Essa exclusão é previsível pois a quantidade de dados não era grande (GUY; ZILLES, 2018).

Eliminados os nocautes, rodamos novamente os dados, para, posteriormente, extrair os resultados em pesos relativos, no arquivo *.res*. Os últimos resultados gerados pelo *software* forneceram os *inputs* de aplicação e não aplicação do abaixamento de /e/ e /o/, os pesos relativos com os grupos e fatores que mais favorecem à realização do fenômeno, os percentuais de ocorrências dos grupos e dos fatores. Nesse mesmo arquivo de resultados é possível verificar os grupos selecionados e os excluídos pelo *software*. Seguiu a esse processo a montagem de tabelas, gráficos e quadros para posterior leitura e análise qualitativa.

Em relação aos dados quantitativos de atitudes, o questionário serviu de base para o uso da técnica *Matche Guise Test*, utilizada por Lambert e Lambert (1972). Trata-se, portanto, da obtenção de dados a partir da audição de três variedades da língua portuguesa procedentes de Belém, de Fortaleza (Ceará) e de cada localidade. Os áudios dessas variedades foram gravados por falantes diferentes, representativos de cada variedade de dialetos em avaliação, nativos da localidade do dialeto, do sexo masculino, com idade entre 25 a 35 anos e com nível superior ou cursando., a partir da leitura do texto “*Beber durante as refeições: entenda porque a prática não é recomendada!*” (ver Anexo F) e das respostas a duas perguntas: a) *o que você faria se ganhasse sozinho na Mega Sena?*; b) *O que você acha da Educação Brasileira?*

Ao ouvirem os áudios, os informantes-juízes precisaram avaliar as variedades, sem, no entanto, saberem a procedência daqueles falantes. Adotamos a seguinte ordem das gravações, Fala I gravação de falante do Ceará, Fala II -gravação de falante de Belém-, Fala III -gravação do falante da localidade. Essa avaliação dos dialetos foi feita de forma indireta, já que os informantes-juízes foram levados, *a priori*, a responder perguntas que tomavam como parâmetro características dos indivíduos. Esse é o princípio da medição de atitudes de abordagem indireta (KAUFMANN, 2011; HORA, 2012; BOTASSINI, 2013; FREITAG e SANTOS, 2016). Nesse tipo de abordagem, as atitudes são inferidas pelas respostas dadas às avaliações feitas aos sujeitos falantes dos áudios. Hora (2012) explicita como isso ocorre:

“[...] a avaliação pode cobrir uma variedade de itens, com objetivos de avaliar inteligência, cordialidade etc. Como outros fatores são supostamente controlados, as avaliações do falante devem refletir as atitudes subjacentes do ouvinte em relação à variedade linguística alvo ou comportamento” (p. 381).

Ao responder o questionário com questões sobre a personalidade dos falantes dos áudios, os informantes-juízes respondiam com base em uma escala tipo Likert (1932) de

quatro pontos, em que, para cada pergunta, os marcavam um item correspondente às suas respostas, a partir de um conjunto de afirmações/perguntas desenvolvidas por meio de um construto, emitindo pareceres de graus de concordância e discordância. A escala original tem de um a cinco pontos, mas, atualmente, existem variações conforme os interesses do pesquisador. Em nosso modelo, utilizamos uma escala de quatro pontos, porque retiramos a possibilidade de neutralidade das respostas por acreditarmos que o informante poderia utilizá-la como recurso para não emitir parecer negativo nem positivo sobre o dialeto ouvido. No Quadro 10, apresentamos um exemplo de pergunta e das respostas possíveis.

Quadro 10 - Modelo de escala tipo Likert.

1 Você acha que essa pessoa é inteligente?			
Concordo	Concordo Parcialmente	Discordo Parcialmente	Discordo
1	2	3	4

Fonte: elaborado pelo autor.

Os primeiros 24 itens do questionário quantitativo de atitudes foram tomados de Botassini (2013) e adaptados para o formato de pergunta relativas a características pessoais positivas e negativas. Os demais itens, obtidos de Cardoso (2014), indagam sobre características dialetais e sobre como os informantes julgam os dialetos em relação à sua própria fala, se eles identificam aquela variante de dialeto como sendo de uma localidade específica. O questionário possui um total de 30 questões.

As características tomadas para avaliar os falantes dos áudios versam sobre competência, integridade pessoal e atratividade social. São exemplos de características vinculadas à competência: ser inteligente, ser estudada, ser competente, dentre outras; são exemplos de características vinculadas à integridade pessoal: ser confiável, ser cuidadosa, ser engraçada; por outro lado, exemplos de características de atratividade pessoal são: ser autoritária, ser exibida, ser feia e outras (BOTASSINI, 2013). Já as características a respeito dos dialetos são de três ordens: estéticas (agradável, bonita), dialetais (cantada e lenta) e estilísticas (expressiva e simples) (CARDOSO, 2014).

No tratamento dado às análises de atitudes, de cunho quantitativo, após a organização no *Excel*, que levou em conta procedência, idade, sexo, dialeto, ponto de inquérito, os dados foram codificados para rodadas no *Goldvarb X* com vistas à extração dos resultados em percentuais. A princípio, fizemos os cálculos dos percentuais todos via *Excel*. No decorrer da organização dos gráficos e tabelas, verificamos a possibilidade de gerar os resultados no

GoldvarbX, e assim o fizemos. Criamos um arquivo de codificação, e rodamos os dados no *software* para obtermos valores estatísticos.

No tratamento estatístico com o *GoldvarbX*, primeiramente procedemos a uma rodada geral, com todos os dados e, em seguida, rodadas separadas, controladas por ponto de inquéritos. Na seção seguinte, apresentamos os principais resultados obtidos na pesquisa que originou esta Tese a partir dos quais fazemos breves análises e

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, apresentamos os resultados referentes às entrevistas realizadas durante a pesquisa de campo pontos de inquéritos que compõem a Rede de Pontos. Todos os resultados estão organizados de modo a elucidar o fenômeno do abaixamento das vogais /e/ e /o/ pretônicas no português de falantes topodinâmicos e topostáticos de Santa Maria do Pará, São Miguel do Guamá, Aurora do Pará, Ipixuna do Pará. Os dados analisados foram manipulados no *software Goldvarb X* e os resultados organizados no *Excel* para geração de tabelas e gráficos. Trata-se de dados referentes à produção e à percepção da fala por parte dos informantes da pesquisa em relação ao fenômeno do abaixamento vocálico. Os resultados aqui expostos corroboram aqueles encontrados em outros trabalhos sobre as médias pretônicas no Pará, ou seja, [e] e [o] pretônicos como variantes mais produtivas (FREITAS, 2001; RAZKY; LIMA; OLIVEIRA, 2012; DIAS, 2012; CRUZ, 2012; FERREIRA, 2013; FAGUNDES, 2015).

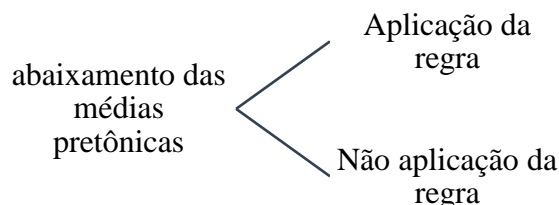
Também, nesta seção, apresentamos os resultados da aplicação da pesquisa em atitudes e crenças linguísticas feita a partir da *técnica Matched Guise Test* e da aplicação de questionários. Os resultados foram obtidos por meio de questionários quantitativo e qualitativo. De acordo com a análise geral, podemos afirmar que todos os informantes tiveram atitudes positivas em relação aos dialetos avaliados, pois os dados mostram uma atribuição acima de 70% para avaliações positivas.

A seção está organizada em duas partes: a primeira, contém os resultados de produção, referentes à variação das vogais médias pretônicas e à aplicação da regra de abaixamento das médias pretônicas; e, a segunda parte, os resultados referentes às crenças e atitudes linguísticas, obtidos por meio dos questionários quantitativo e qualitativo. Esses resultados estão organizados em quatro subseções: as três primeiras trazem os resultados com base nas dimensões diatópica, diassexual e diageracional e a última subseção, os resultados qualitativos.

3.1 RESULTADOS DA PRODUÇÃO DAS MÉDIAS PRETÔNICAS NA REGIÃO NORDESTE DO ESTADO.

Esta seção apresenta os resultados estatísticos e probabilísticos para a realização do fenômeno do abaixamento vocálico nas vogais médias pretônicas /e/ e /o/ na fala de residentes, topostáticos e topodinâmicos, dos cinco pontos de inquéritos que compõem a Rede de Pontos estabelecida para esta Tese.

Levamos em consideração, para o controle do abaixamento de cada variável controlada, /e/ e /o/, durante as rodadas no *GoldvarbX*, o seguinte:



Nos estudos consultados sobre a variação de médias pretônicas no Pará, encontram-se as realizações de três variantes de /e/ e /o/, todavia com predominância das variantes médias fechadas [e] e [o] (SANTOS, 2009; RAZKY; LIMA; OLIVEIRA, 2012; CRUZ, 2012). Mesmo naqueles em que a variedade falada do português se localiza na Mesorregião do Nordeste do Pará, onde há uma incidência maior de nordestinos, também se atesta a variação das médias, com predominância de [e] e [o] (FREITAS, 2001; FERREIRA, 2013).

Para esta Tese, coletamos dados das variáveis /e/ e /o/ em contexto pretônico, tomando como parâmetro a dimensão diafásica, a fim de controlarmos situações de fala num contínuo que vai do formal ao informal, a partir dos protocolos de: leitura, resposta ao questionário e narrativa de experiência pessoal. O Total de ocorrências das vogais-objeto no *corpus* estudado foide **7.977**. O Quadro 11 mostra a distribuição do total entre a vogal anterior e a posterior.

Quadro 11- Distribuição do Total de Ocorrências das Vogais médias pretônicas no *Corpus*.

	Total	<e>	<o>
F.A. ⁸	7.977	4.984	2.993
F.R.	100%	62,5%	37,5%

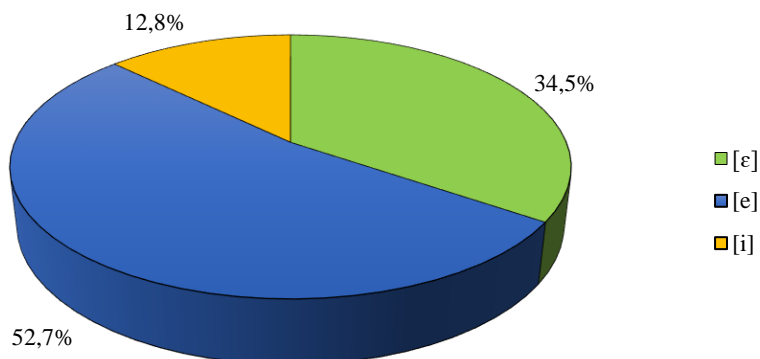
Fonte: Elaborado pelo autor.

O processamento dos dados das vogais-objeto, no *GoldvarbX*, foi realizado separadamente. Em primeira análise, objetivou a obtenção da distribuição das frequências das variantes das vogais /e/ e /o/. Em segundo momento, realizamos o processamento com aplicação para o fenômeno do abaixamento, de modo a obtermos resultados percentuais e probalísticos e dos fatores significativos a sua realização.

⁸ F.A. é a frequência absoluta e F.R. é a frequência relativa.

Os Gráficos 1 e 2, a seguir, apresentam os resultados referentes à primeira análise dos percentuais das variantes, gerados a partir do *corpus* total.

Gráfico 1 – Frequência Relativa das Variantes de <e>.

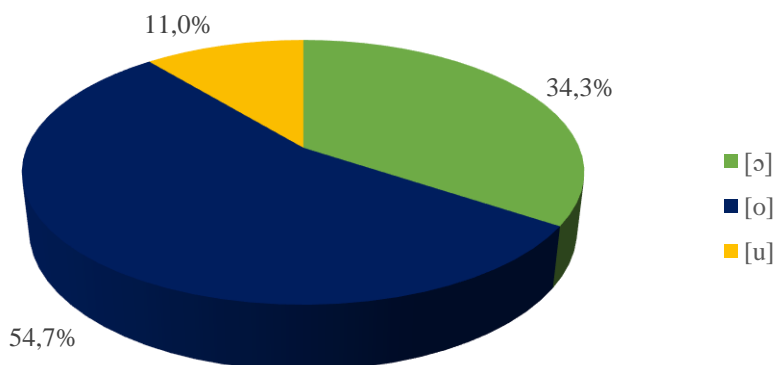


Fonte: Elaborado pelo autor.

O Gráfico 1, acima, mostra os resultados gerais da frequência relativa das variantes de /e/ na Região Nordeste. A variante [e], a mais frequente, obteve 52,7% de frequência, seguida da variante [ε], 34,5% e a variante [i], com menor índice, obteve 12,8% de frequência.

No Gráfico 2, a seguir, apresentamos os índices percentuais da frequência relativa das variantes de /o/.

Gráfico 2 - Frequência Relativa das Variantes de /o/.



Fonte: elaborado pelo autor.

No Gráfico 2, os resultados são de 54,7% para a variante [o], portanto com o maior índice; seguida da variante [ɔ], com 34,3% e da variante [u], com 11%, menor índice.

Os resultados gerais mostram que a região investigada segue a tendência do português falado no Pará, em relação às vogais médias pretônicas. Tanto nos estudos empreendidos no

âmbito do GeolinTerm, como nos do Vozes da Amazônia, as variantes [e] e [o] são preferenciais no português falado no Pará. Em um estudo comparativo, com dados do Atlas Linguístico Sonoro do Pará, Razky, Lima, e Oliveira (2012), observaram que a norma de pronúncia das vogais médias fechadas é predominante. Em outro estudo, Cruz (2012), ao investigar o fenômeno da variação das médias pretônicas em um trabalho comparativo de dados coletados em cinco cidades paraenses, observou, ao controlar os fenômenos da manutenção e do alteamento, a predominância das vogais médias fechadas em posição pretônica. Segundo a pesquisadora, as vogais [i] e [u] são a segunda variante na preferência dos falantes das localidades investigadas. Os dados de Cruz (2012) e Razky, Lima e Oliveira (2012) divergem em relação à ocorrência da segunda variante. Todavia, têm como ponto comum o fato de confirmarem o predomínio da realização de [e] e [o].

Uma observação importante sobre a divergência em relação à segunda variante está associada ao fato de que, em Regiões onde o fluxo migratório de nordestinos foi intenso, há uma influência maior das vogais abertas. Uma constatação dada nesse sentido pode ser encontrada em Oliveira e Dias (2017). Os autores afirmam que o favorecimento das vogais abertas pode ser explicado “[...] pelo intenso movimento migratório de nordestinos, especialmente no início do século XX, movidos pela economia do ciclo da borracha e, posteriormente, pelos projetos de ocupação territorial promovidos pelo Governo Federal” (p. 170).

Nesse mesmo sentido, Cruz (2012) propõe, a partir da análise de seus dados, que sejam realizados novos estudos, com vistas a identificar a influência de fatores extralinguísticos na configuração dos dialetos Amazônicos, em especial de localidades características de intenso fluxo migratório. Dentre esses fatores elencados estaria a procedência dos informantes, pois os resultados dessas localidades, segundo a pesquisadora, apresentaram comportamento diferenciado para as variantes das vogais.

A partir desses estudos e de outros, portanto, podemos afirmar que em localidades do Pará há histórico de intensa migração nordestina, as variantes abertas [ɛ] e [ɔ], quando não se sobrepõem às demais variantes, configuram-se como as segundas mais produtivas nos dialetos dessas localidades (CRUZ 2012; RAZKY; OLIVEIRA; LIMA, 2012; FERREIRA, 2013; FAGUNDES, 2015; BORGES, 2017; OLIVEIRA; DIAS, 2017). Nesse sentido, é possível associar o favorecimento do abaixamento das médias à situação de contato intedialetal entre falares paraenses e falares nordestinos, já que se evidencia, em diversos estudos consolidados no País, que as vogais abertas, em posição pretônica, são preferenciais nos dialetos do

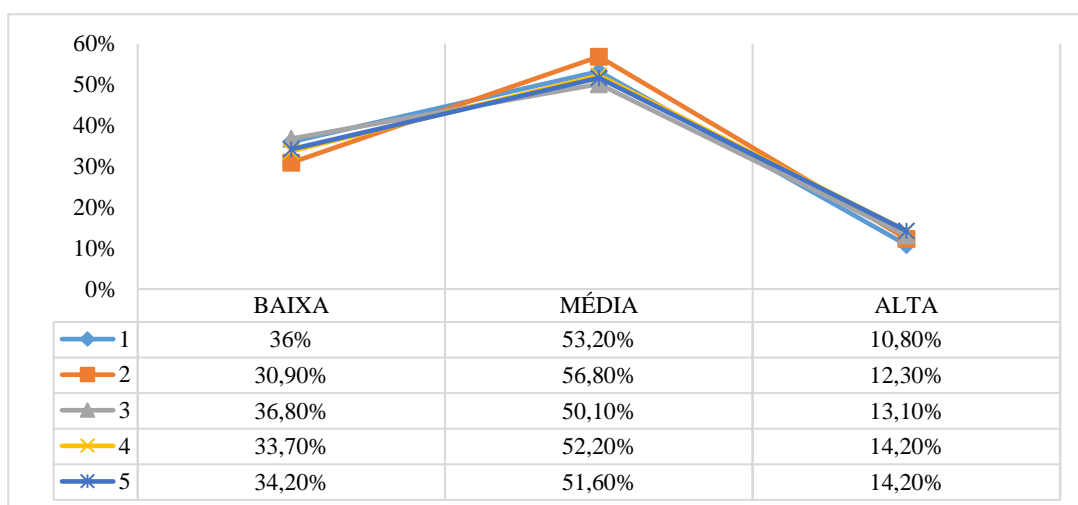
Nordeste, como constatamos nas cartas do Atlas Linguístico do Brasil (2014) e em outros estudos (ARAÚJO, 2007; SILVA, 2009; HORA; VOGLEY, 2013;).

Os resultados gerais, portanto, fornecem evidências que comprovam uma das hipóteses desta Tese: os dialetos em estudo, no que se referem às vogais médias pretônicas, seguem a tendência dos demais dialetos estudados no Pará, para os quais as variantes fechadas é a norma linguística de maior ocorrência e a mais favorecida diatopicamente falando.

3.1.1 Resultado das variantes das vogais médias /e/ e /o/ por localidade.

Apresentamos a distribuição das variantes das vogais-objeto em termos percentuais, conforme as localidades investigadas. Vale ressaltar, de antemão, que, pelos resultados, podemos comprovar, quanto à produção das médias em posição pretônica, outra hipótese desta tese: as vogais médias, em todas as localidades, têm distribuição de suas variantes de modo semelhante. Nos Gráficos 3 e 4, comparamos essa distribuição, diatopicamente.

Gráfico 3 – Distribuição das variantes de /e/ por localidade.



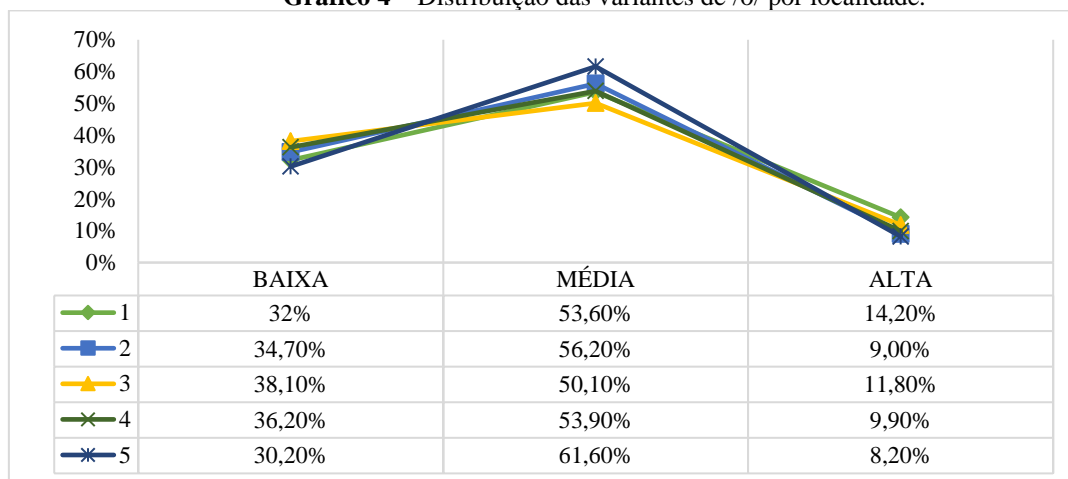
Fonte: elaborado pelo autor.

Os dados do Gráfico 3 evidenciam, numérica e visualmente, que, para a vogal anterior, a realização média se sobressai com mais de 50% em todas as localidades. São Miguel do Guamá, ponto 2, foi a localidade em que essa variante obteve o maior percentual de ocorrência, 56,8%. O menor, 50,1%, foi em Mãe do Rio. A segunda variante mais produtiva em percentual de ocorrência foi a vogal baixa, cujos percentuais foram: 30,9% em São Miguel do Guamá, Ponto 2, seu menor percentual, e 36,8%, seu maior percentual, em Mãe do Rio. Por seu turno, a variante alta mostrou-se a menos produtiva em todas as localidades; obteve o

menor percentual de ocorrência em Santa Maria, ponto 1, 10,8%, e o maior, 14, 20%, em Aurora do Pará e Ipixuna do Pará.

Em relação aos resultados de /o/, o Gráfico 4 apresenta os percentuais de ocorrência das variantes baixa [ɔ], média [o] e alta [u] nas localidades investigadas.

Gráfico 4 – Distribuição das variantes de /o/ por localidade.



Fonte: Elaborado pelo autor.

De acordo com Gráfico 4, a variante média [o] obteve os maiores percentuais em todas as localidades; sendo a localidade de Ipixuna do Pará, ponto 5, aquela em que essa variante alcançou 61,6% de ocorrência, o mais elevado em relação às demais localidades. O menor percentual foi em Mãe do Rio, ponto 3, com 50,1% de ocorrência; a variante baixa [ɔ] em todas as localidades configurou-se como a segunda mais frequente; em Mãe do Rio, ponto 3, essa variante alcançou o maior percentual, 38, 10%, e o menor em Ipixuna do Pará, ponto 5, 30,30%. A vogal alta [u] foi a menos produtiva em todas as localidades, obtendo em Santa Maria do Pará, 14,2% de ocorrência, seu maior percentual, e em Ipixuna do Pará, o menor.

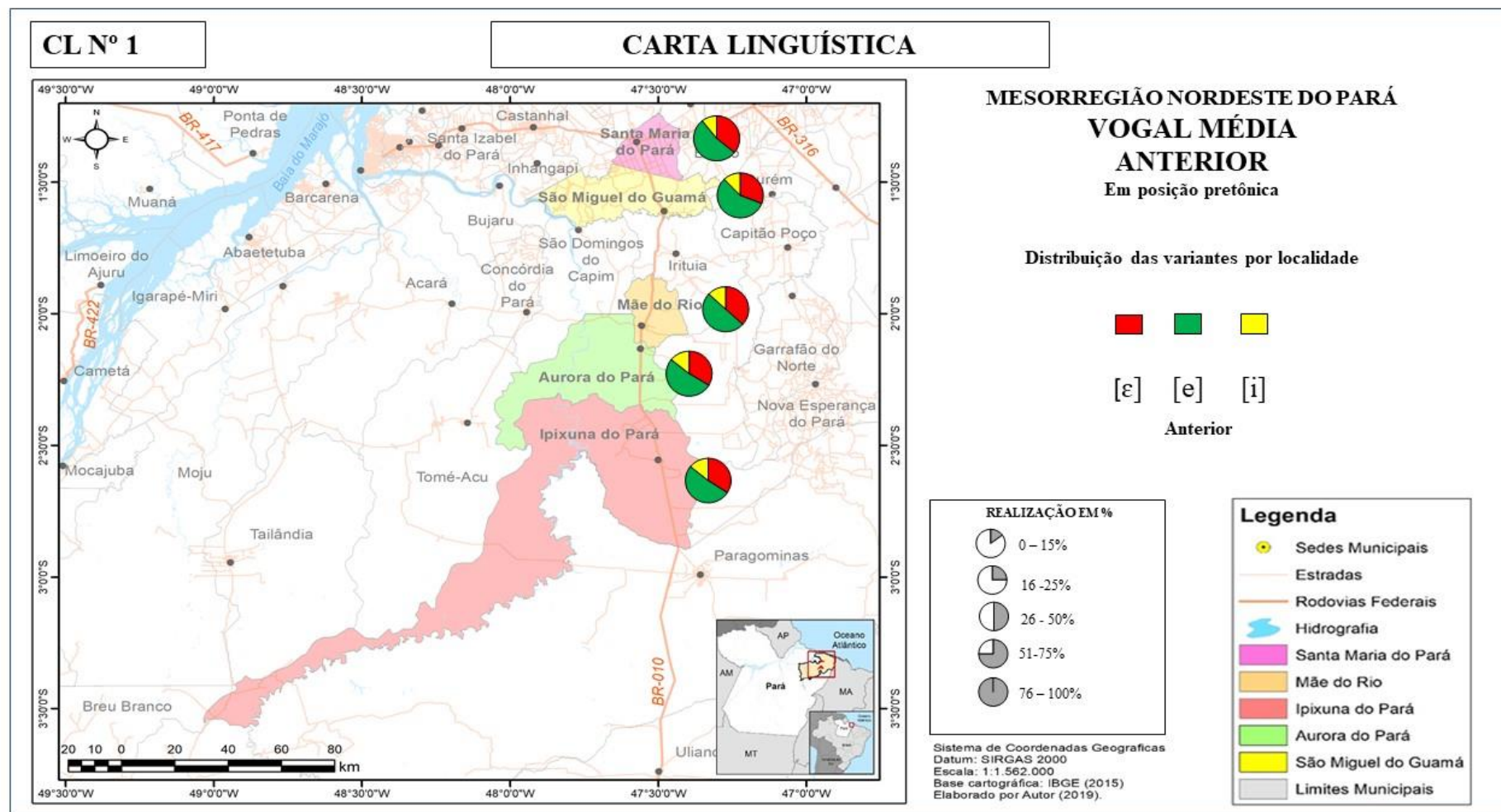
De acordo com os resultados apresentados pelos Gráficos 3 e 4, observamos que as vogais médias, tanto a anterior quanto a posterior, tiveram a distribuição de suas variantes de forma semelhante, com predominância das médias [e] e [o] sobre as baixas [ɛ] e [ɔ] e altas [i] e [u].

Observamos também a proximidade dos resultados percentuais das variantes nas localidades, favorecida pelo contato linguístico entre os residentes, possibilitando certa acomodação de traços linguísticos entre os falantes na região investigado. Contribui para esse contato linguístico o intenso fluxo de locomoção da população da região devido à existência de linha intermunicipal de ônibus a cada hora do dia, bem como de transportes alternativos.

Esse trânsito é motivado, principalmente, pela facilidade de locomoção para as cidades de Castanhal e Belém, ambas referências na Região no quesito saúde, educação e comércio. Soma-se a isso, a presença de rádios locais, cujas ondas de frequência alcançam todas as localidades da região.

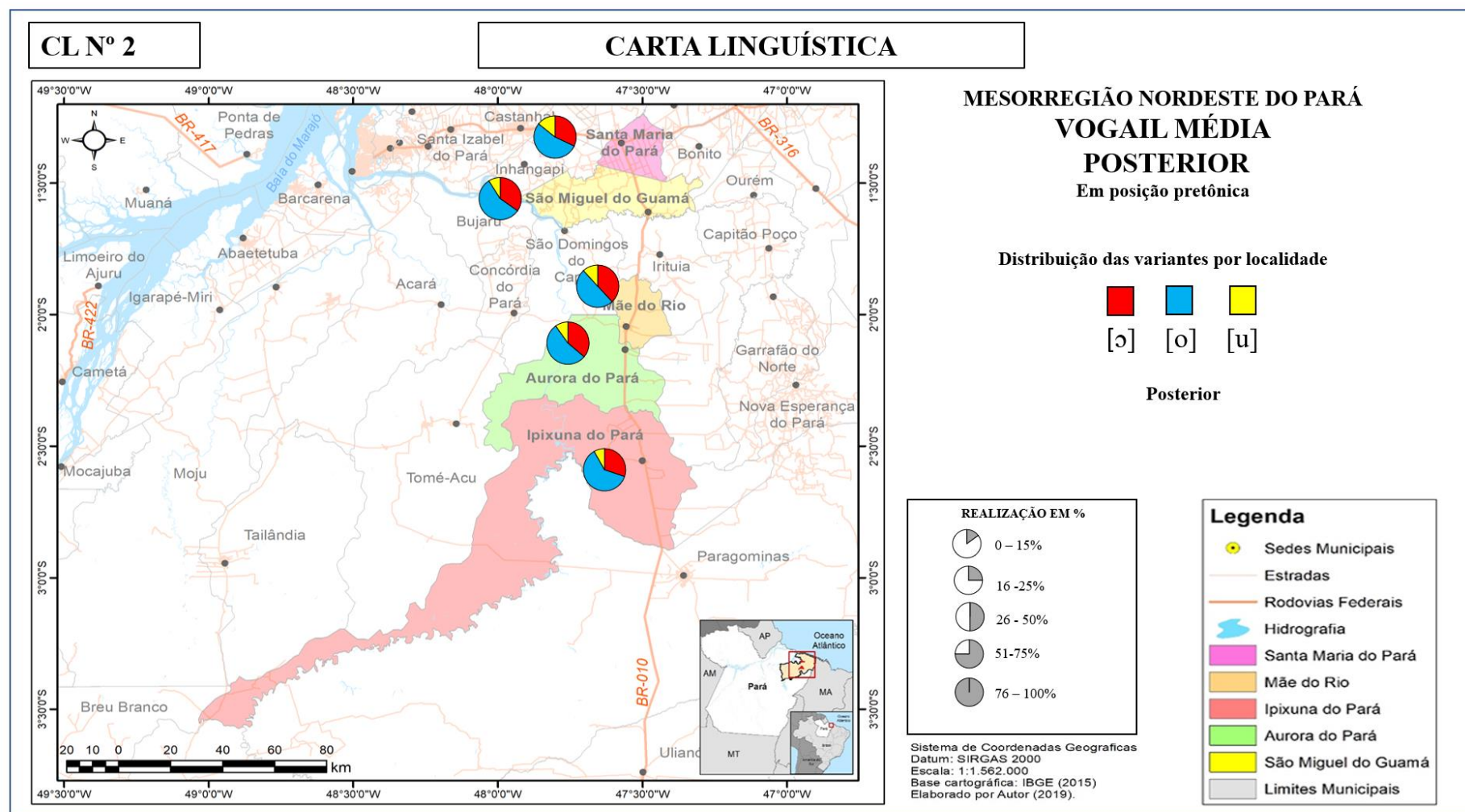
As Cartas Linguísticas 1 e 2 apresentam a distribuição das variantes de /e/ e /o/ nas localidades investigadas. Conforme o que observamos nelas, as variantes se distribuíram de forma semelhante em toda a região investigada, com prevalência das variantes fechadas, seguidas das abertas e das altas.

Carta Linguística 1– Distribuição das variantes da Vogal média anterior por localidade.



FONTE: Elaborada pelo autor.

Carta Linguística 2 - Distribuição das variantes da Vogal média posterior por localidade.



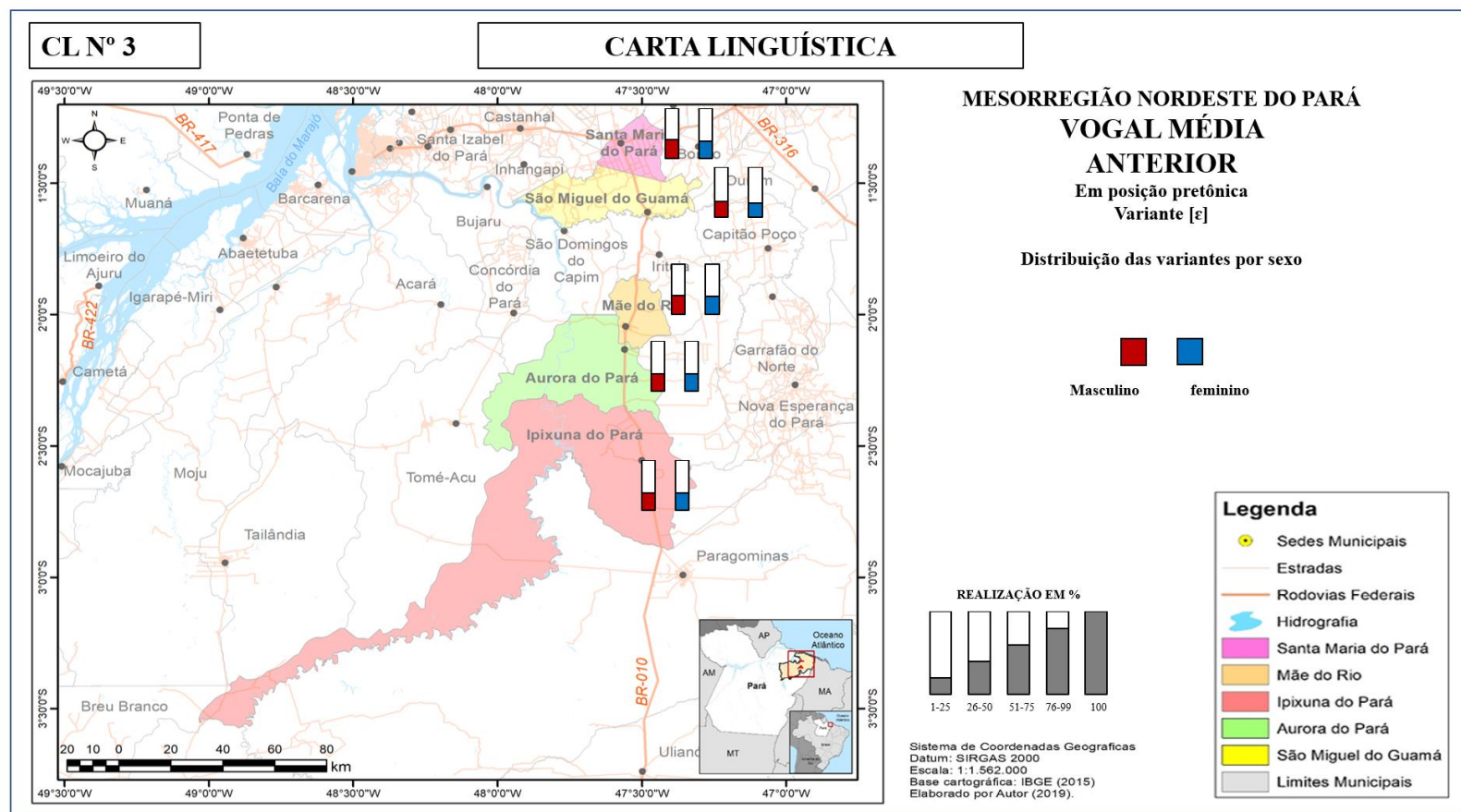
Fonte: Elaborada pelo autor.

3.1.2 Resultado da aplicação do abaixamento vocálico das médias pretônicas.

Nesta seção apresentamos os resultados relativos ao comportamento das vogais abertas, variantes associadas ao fenômeno controlado neste estudo: o abaixamento vocálico das médias pretônicas. Primeiramente, apresentamos os resultados percentuais conforme a localidade, o sexo, a idade e a procedência. Em seguida, os resultados probabilísticos, de acordo com os fatores que se mostraram significantes à realização do fenômeno do abaixamento controlado nas rodadas estatísticas.

Os resultados a seguir mostram a distribuição do fenômeno do abaixamento de /e/ e de /o/ nas cinco localidades de acordo com os parâmetros diatópico, diassexual, diageracional. As três primeiras cartas (3,4 e 5) referem-se à distribuição da variante aberta anterior conforme o sexo, a idade e a procedência dos informantes e as três últimas (6, 7 e 8) à distribuição da variante aberta posterior segundo os mesmos parâmetros.

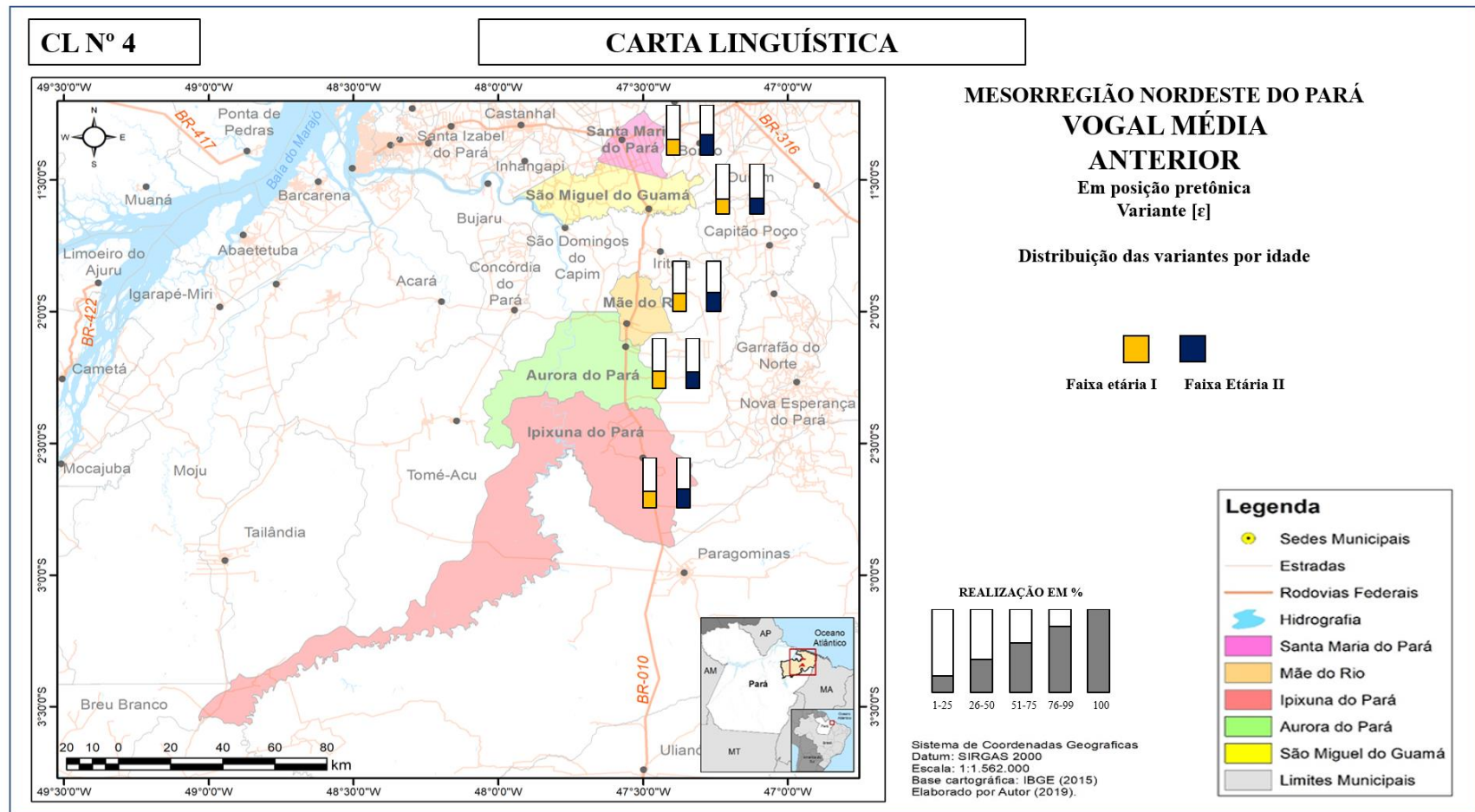
Carta Linguística 3 – Distribuição da variante aberta anterior conforme o sexo.



Fonte: Elaborada pelo autor.

Conforme a Carta Linguística 3, a distribuição da variante aberta anterior em posição pretônica por sexo teve os percentuais bem próximos.

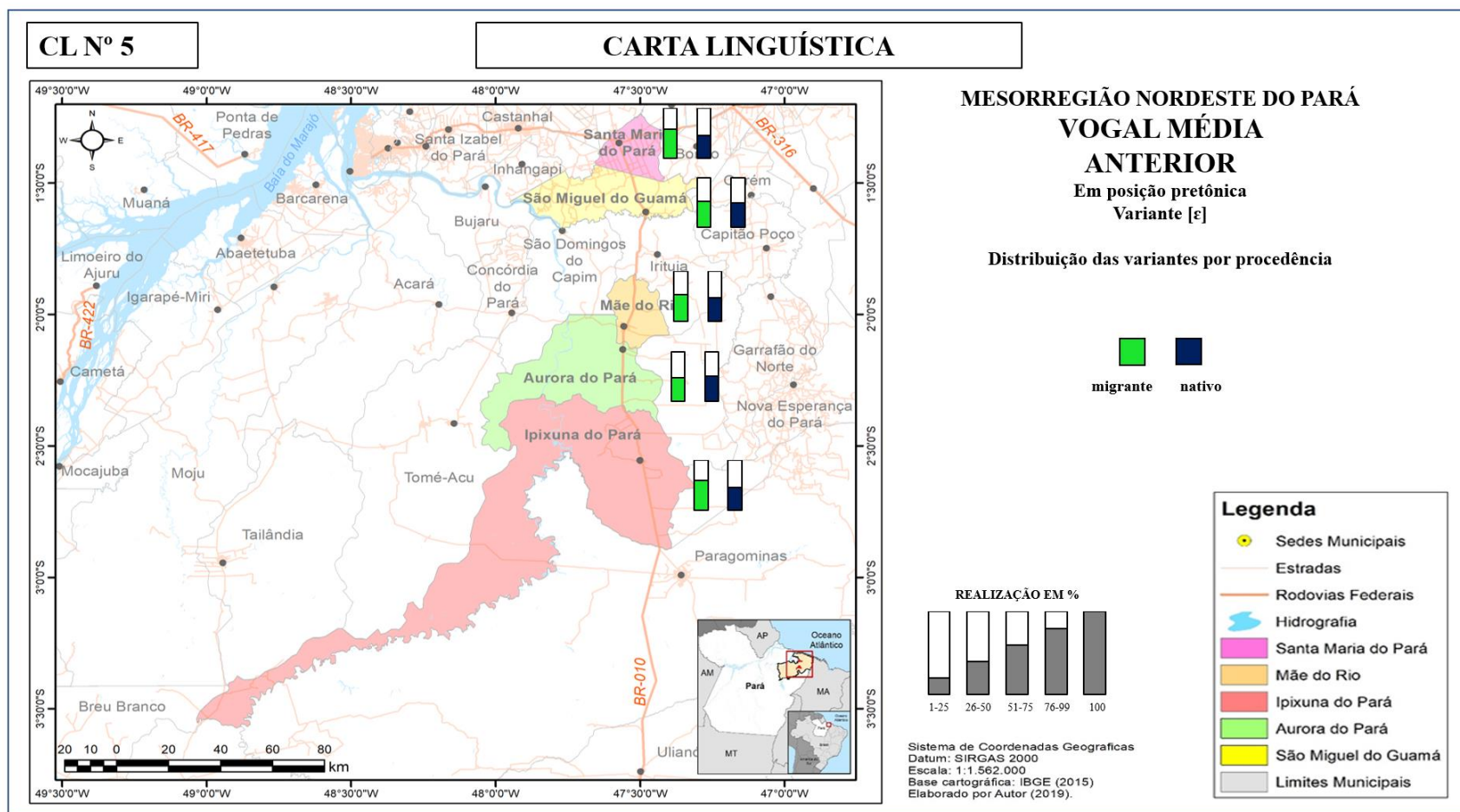
Carta Linguística 4 – Distribuição da variante aberta anterior conforme a idade.



Fonte: elaborada pelo autor.

De acordo com a Carta Linguística 4, a diferença de ocorrência da variante aberta anterior por idade é muito pequena, indicando que o parâmetro idade não influencia no fenômeno do abaixamento vocálico, que possui certa estabilidade na região.

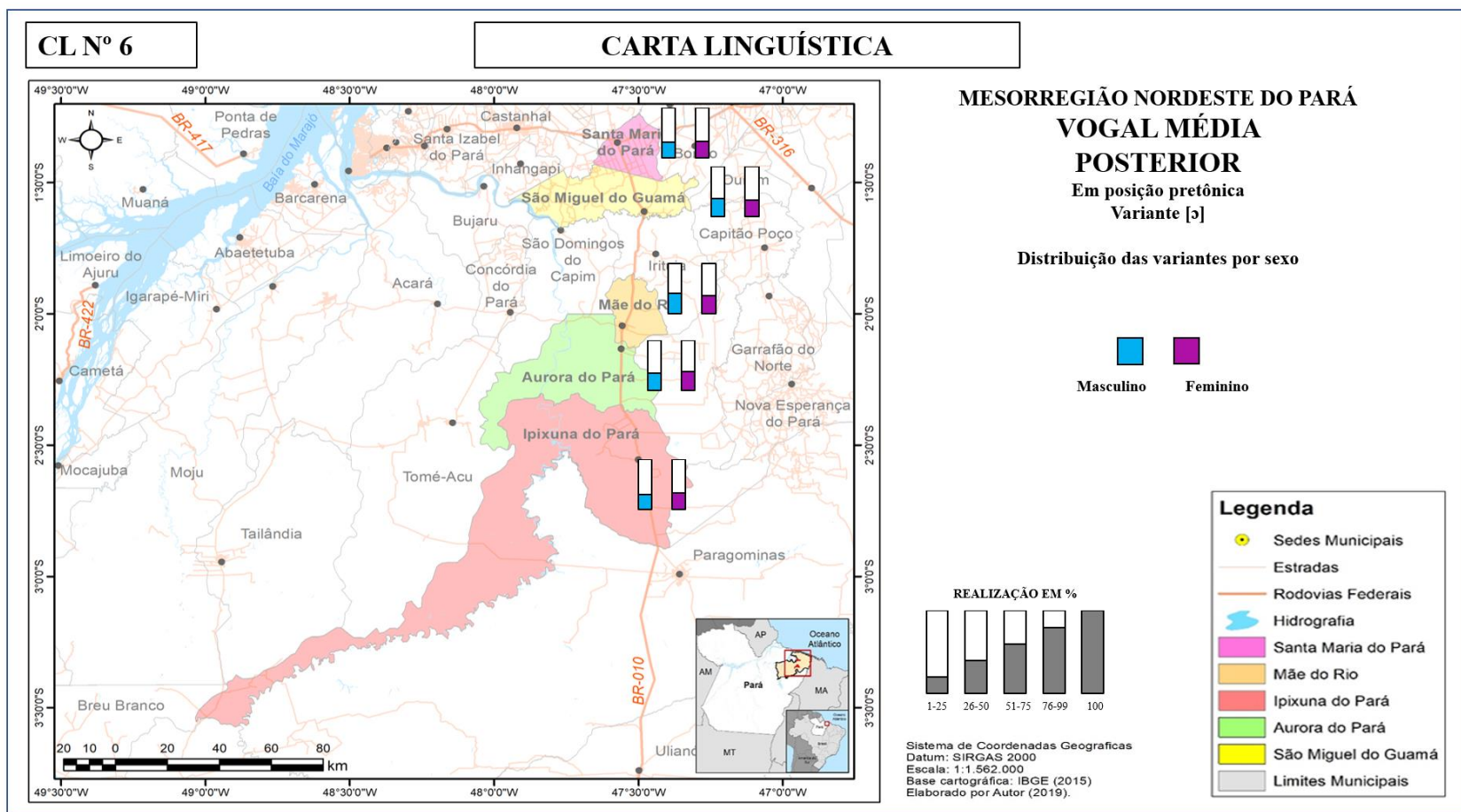
Carta Linguística 5 - Distribuição da variante aberta anterior conforme a procedência do informante.



Fonte: Elaborada pelo autor.

Segundo a Carta Linguística 5, a variante aberta anterior é favorecida levemente pelos falantes migrantes cearenses em todas as localidades, mantendo percentuais mais próximos na localidade de São Miguel do Guamá.

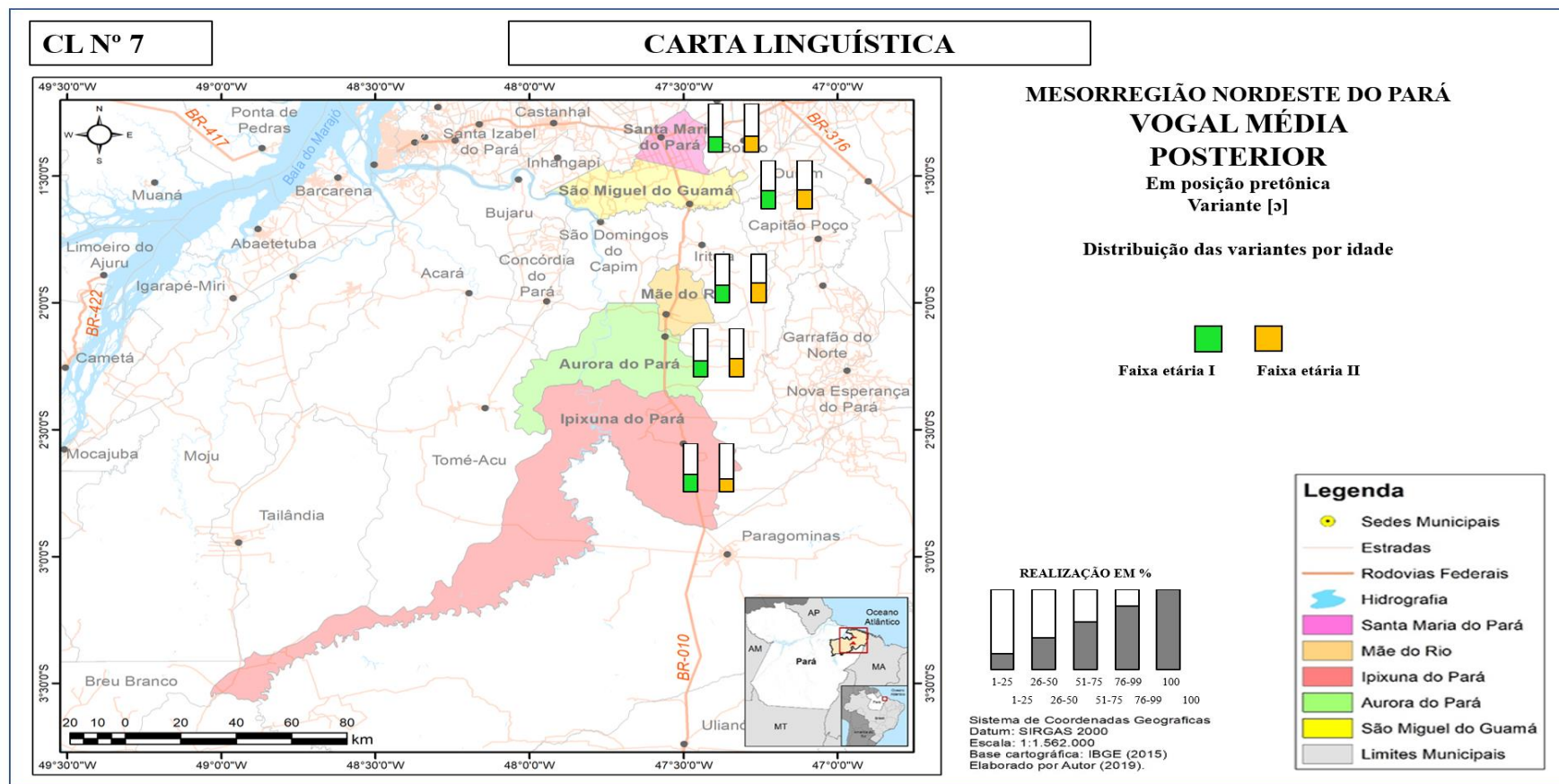
Carta Linguística 6 - Distribuição da variante aberta posterior conforme o sexo.



Fonte: elaborada pelo autor.

De acordo com a Carta Linguística 6, a variante aberta posterior é levemente favorecida pelo sexo feminino em Santa Maria do Pará, Aurora do Pará e Ipixuna do Pará e pelo sexo masculino em São Miguel do Guamá e Mãe do Rio.

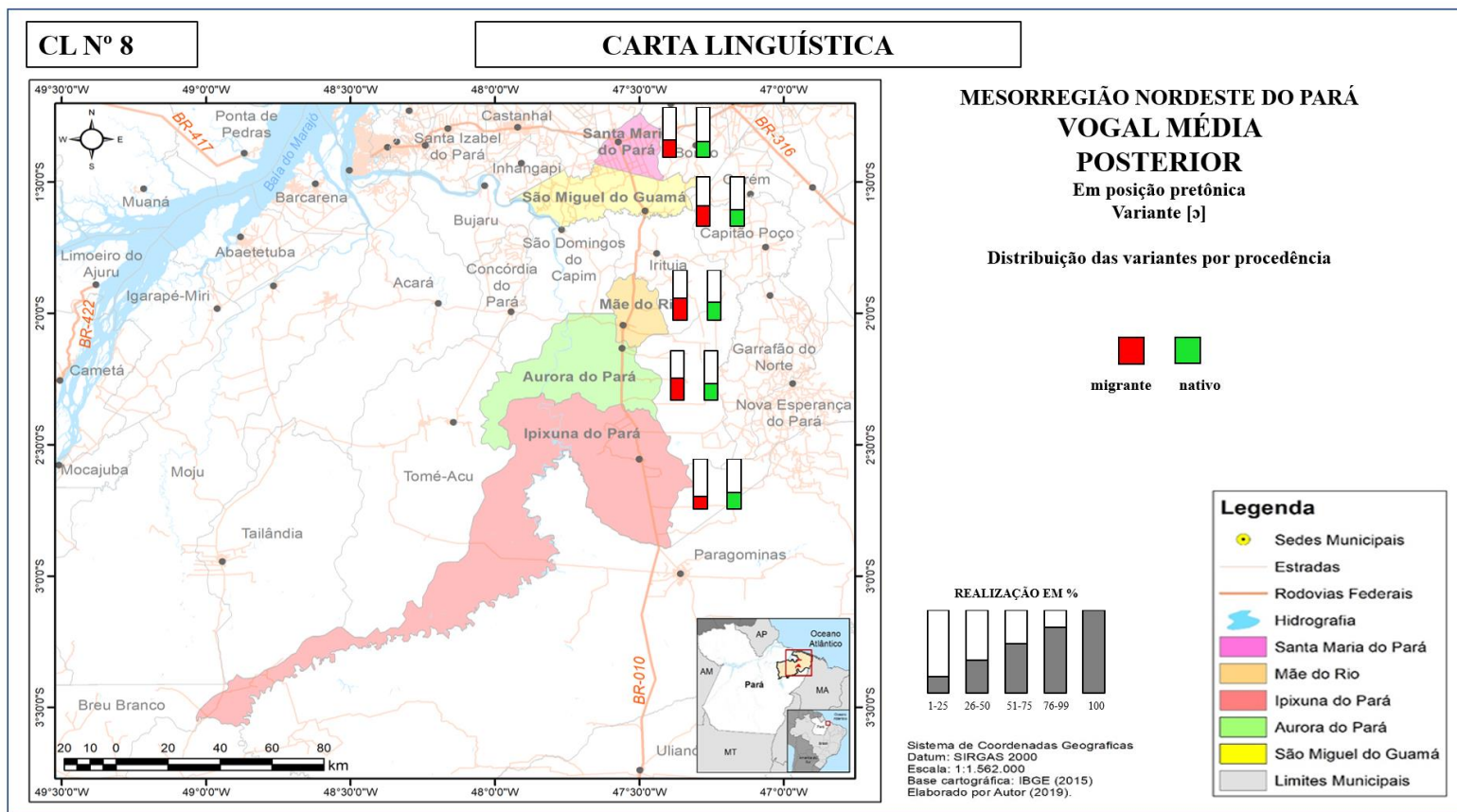
Carta Linguística 7 - Distribuição da variante aberta posterior conforme a idade.



Fonte: elaborada pelo autor.

Conforme a carta linguística 7, a vogal aberta posterior é levemente favorecida pelos mais velhos (Faixa etária II) nas localidades de Santa Maria do Pará, São Miguel do Guamá, Mãe do Rio e Aurora do Pará; na localidade de Ipixuna do Pará, os resultados se invertem e o vogal aberta é favorecida pelos mais jovens (Faixa etária I).

Carta Linguística 8 - Distribuição da variante aberta posterior conforme a procedência do informante.



Fonte: Elaborada pelo autor.

Conforme a Carta Linguística 8, a vogal média posterior aberta é favorecida pelos migrantes cearenses na maioria das localidades, exceto em Ipixuna do Pará, onde é favorecida pelos nativos.

Após os resultados de distribuição das vogais abertas diatopicamente a partir dos parâmetros estabelecidos, a seguir, nas subseções, apresentamos os fatores favorecedores do abaixamento para a vogal anterior /e/ e posterior /o/, obtidos nas rodadas estatísticas.

As rodadas estatísticas das variáveis independentes /e/ e /o/, no *Goldvarb X*, foram feitas separadamente. Onze grupos de fatores foram escolhidos, seis de ordem linguística (classe gramatical, natureza da vogal tônica, vogal contígua, segmento anterior, segmento posterior, nasalidade da vogal tônica) e cinco de ordem extralinguística (ponto de inquérito, faixa etária, sexo, procedência do informante, grau de formalidade).

O *GoldvarbX* selecionou sete grupos de fatores considerados significantes para aplicação do abaixamento. O Quadro 12, a seguir, informa os grupos das variáveis selecionados conforme a ordem de significância dada pelo *software* e quais foram os excluídos.

Quadro 12 – Grupos de Fatores selecionados e excluídos nas rodadas de aplicação do abaixamento das vogais médias pretônicas na região nordeste do Pará.

Fatores/variáveis	/e/	/o/
Classe gramatical	Não selecionado	selecionado
Natureza da vogal tônica	Selecionado	Selecionado
Vogal contígua	Selecionado	Selecionado
Segmento anterior	Selecionado	Selecionado
Segmento posterior	Selecionado	Selecionado
Nasalidade da vogal tônica	Selecionado	Selecionado
Ponto de inquérito	não selecionado	não selecionado
sexo	não selecionado	não selecionado
Faixa etária	não selecionado	não selecionado
Procedência	Selecionado	Selecionado
Grau de formalidade	Selecionado	não selecionado

Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com o Quadro 12, para /e/ os grupos de fatores não foram selecionados foram: classe gramatical, ponto de inquérito, sexo e faixa etária; para /o/: ponto de inquérito, sexo, faixa etária e grau de formalidade.

Apresentamos, a seguir, os resultados estatísticos conforme a ordem de importância dada nas rodadas estatísticas do *Goldvarb X*.

Conforme os dados obtidos nas rodadas estatísticas, o percentual de frequência para o abaixamento da média anterior foi de 34,5%, e para o não-abaixamento, de 65,5%. O *input*

geral foi de .34 de peso relativo, abaixo do nível de significância para uma regra variável. Isso pressupõe que o fenômeno investigado não é significativamente produtivo. Resultados semelhantes podem ser encontrados em Fagundes (2015) e Borges (2016), cujas pesquisas são integrantes do Vozes da Amazônia. Nesses estudos, a ordem dos fenômenos com base na frequência foi: manutenção seguida do abaixamento e do alteamento.

Em relação ao abaixamento da média posterior, os resultados a partir das rodadas foram o seguinte: 34,3% para aplicação do abaixamento e 65,7% para não aplicação. O *input* geral foi de .34 de peso relativo, abaixo do nível de significância para uma regra variável, assim como ocorreu com /e/.

As variantes [i] e [u], consideradas marca de identidade do falar paraense nativo e que têm relativa produtividade em zonas do Pará, onde o processo migratório não foi tão intenso ou em regiões ribeirinhas (CRUZ, 2012), foram as menos frequentes (ver gráficos 3 e 4). Como era de se esperar, já que em territórios de migração, quando as variantes abertas não se sobressaem, ficam em segundo lugar na preferência dos falantes.

Nesse sentido, a realização do abaixamento das médias em posição pretônica como o segundo fenômeno mais frequente permite que se admita sua ocorrência por conta do contato interdialeto existente na região do Nordeste do Pará, típico do processo migratório, que influenciou não somente nessa marca dialetal, mas em outros traços linguísticos, como na história e na cultura dessas localidades. Não é difícil, por exemplo, para um paraense da capital perceber a diferença na fala de um paraense da Região Nordeste e, por vezes, confundi-lo com um cearense por causa de traços linguísticos identitários nordestinos.

O acesso aos meios de comunicação e transporte na região, de tão intensos entre as localidades, contribuem para uma aproximação de traços linguísticos entre os dialetos das localidades, tornando difícil distinguir a origem do falante entre localidades. Esse contato entre os falantes tem possibilitado que marcas consideradas indicadores, nos dizeres de Labov (1972), não sejam percebidas conscientemente, bem como não sejam associadas a um dialeto específico por quem não estuda a língua. Por outro lado, há quem advogue que as vogais fechadas sejam uma tendência do português do Brasil (CAMPOS, 2008).

Os resultados para cada grupo de fatores selecionados estatisticamente são apresentados a seguir.

3.1.2.1. Natureza da vogal

Em relação a este grupo de fatores, os pesos relativos mais elevados ocorreram para os fatores em que as vogais tônicas possuem a mesma altura da pretônica. Um número considerável de estudos tem mostrado a força da altura da vogal no processo de variação das vogais médias pretônicas (BISOL, 1981; SILVA, 1989; CALLOU, 1991; PEREIRA, 1997; FREITAS, 2001; ARAÚJO, 2007).

Componentes do Vozes da Amazônia, as pesquisas de Ferreira (2013), Fagundes (2015) e Borges (2016), cujos *corpora* foram compostos de dados da fala de migrantes nordestinos e paraenses, apresentaram resultados favoráveis ao abaixamento quando, na tônica, há a presença de vogal da mesma altura.

Na tabela 8, apresentamos os resultados da variável *Natureza da Vogal Tônica* na aplicação do abaixamento de /e/ e /o/ na região nordeste do Pará, respectivamente.

Tabela 8 - Resultados da variável *Natureza da Vogal Tônica* na aplicação do abaixamento de /e/ e /o/.

Natureza da vogal tônica	Vogais médias					
	/e/			/o/		
	Ocorrências	%	P.R	Ocorrências	%	P.R
Vogal baixa /a/	705/1675	42,1	.55	629/1087	57,9	.52
Vogal média fechada anterior /e/	697/1378	50,6	.71	125/897	13,9	.47
Vogal média aberta anterior /ɛ/	48/72	66,7	.91	82/160	51,2	.54
Vogal alta anterior /i/	92/945	9,7	.17	111/534	20,8	.48
Vogal média fechada posterior /o/	53/579	9,2	.33	61/207	29,5	.54
Vogal média aberta posterior /ɔ/	72/178	40,6	.62	8/13	61,5	.95
Vogal alta posterior /u/	53/154	33,8	.44	12/95	12,6	.27

Fonte: elaborada pelo autor.

A Tabela 8 apresenta os fatores de significância para aplicação do abaixamento de /e/ e de /o/. Para /e/, os resultados foram, na ordem: *vogal média aberta anterior*, com .91 de peso relativo; *vogal média fechada anterior*, com .71 de peso relativo; *vogal média aberta posterior*, com .62, de peso relativo e *vogal baixa*, que favoreceu um pouco o fenômeno, com .55 de peso relativo. Já os fatores *vogais alta anterior* (.17), *vogal média fechada posterior* (.33), *vogal alta posterior* (.44) não se mostraram significativos ao fenômeno em destaque.

No caso do abaixamento de /o/, as informações sobre fatores favorecedores são: a *vogal média aberta posterior* com .95, seguida dos fatores *vogal média aberta anterior* e *vogal média fechada posterior*, com .54 e, posteriormente, da *vogal baixa*, que alcançou .52 de peso relativo.

Como observamos, as vogais de mesma altura foram as que mais favoreceram abaixamento das médias. Quase categoricamente, /ɛ/ em posição tônica favoreceu o abaixamento da vogal anterior, do mesmo modo que /ɔ/ favoreceu o abaixamento da posterior. Sem dúvida, esse resultado permite a afirmação de que há, na língua, uma tendência de harmonizar as vogais que têm na vogal tônica sua maior impulsionadora, como ocorreu no português falado na região investigada.

É reconhecida em inúmeros dialetos essa tendência. Silva (2011) afirma que o processo de harmonia vocálica “[...] opera em certas variedades do português afetando, com certa regularidade, as vogais médias. Nesses casos, as vogais pretônicas compartilham a mesma propriedade de abertura vocálica da vogal tônica” (SILVA, 2011, p. 131). Para que ocorra a harmonia vocálica com vogais médias pretônicas, o traço [+aberto 3] das vogais abertas, em posição tônica, é assimilado pela vogal em posição pretônica (FREITAS, 2001; ARAÚJO, 2007; FERREIRA, 2013; FAGUNDES, 2015).

Portanto, todas as vogais abertas favoreceram o abaixamento, como era esperado. No entanto, nem todas atingiram índices probabilísticos elevados. A vogal /a/, por exemplo, obteve pesos relativos próximos do peso neutro para ambas as vogais médias em análise; fato que diverge da maioria dos estudos sobre o abaixamento, com destaque para os do português de Bragança/PA (FREITAS, 2001) e Fortaleza/CE (ARAÚJO, 2007).

No caso das vogais médias fechadas /e/ e /o/, o favorecimento pode estar relacionado, dentre uma das motivações, à posição da língua. A *vogal média fechada anterior* favoreceu apenas a média anterior, e a *vogal média fechada posterior*, igualmente, favoreceu a média posterior. Ressaltamos que a *vogal média fechada anterior* motivou o abaixamento de /e/ (.71), mais que a vogal baixa. Amorim (2009) observou no dialeto de Recife/PE comportamento semelhante das médias fechadas em relação ao abaixamento e o relacionou à força da nasalidade, em conformidade com Silva (1989), Pereira (1997), Araújo (2007). Na Região Norte, Santos (2009), ao estudar a distribuição de /e/ no território paraense, aponta a vogal nasal /ẽ/ como favorecedora da variante [ɛ]. Em nosso caso, a presença de ocorrência de lexias no *corpus* como *fervendo*, *correndo* pode ter influenciado esse resultado, como se constatou a partir do grupo de fatores Nasalidade da Tônica.

Em síntese, podemos afirmar que nos dialetos da região investigada favorecem a realização de [ɛ] como pretônica, as vogais, em sílaba tônica, /ɛ/, /e/, /ɔ/ e /a/, e a realização de [ɔ], /ɔ/, /ɛ/, /o/, e /a/. As únicas vogais inibidoras foram as altas /i/ e /u/.

3.1.2.2 Vogal Contígua

O controle da vogal contígua no abaixamento das médias pretônicas foi considerado significativo pelo programa estatístico. Pesquisas sobre vogais médias apontam que a presença de vogais baixas contíguas à vogal-objeto contribui para o abaixamento da pretônica. A Tabela 9 traz os resultados para esse grupo de fatores, apresentando o comportamento dessa variável no português falado na região investigada.

Tabela 9 - Resultados da variável *Vogal Contígua* na aplicação do abaixamento de /e/ e /o/.

Vogal contígua	Vogais médias					
	/e/			/o/		
	Ocorrências	%	P.R	Ocorrências	%	P.R
Vogal aberta imediata /a,ε,ɔ/	778/1511	51,5%	.80	760/1115	68,2	.85
Vogal aberta não imediata /a,ε,ɔ/	402/1595	25,2%	.36	141/861	16,4	.32
Sem vogal aberta	540/1878	28,8%	.34	127/1017	12,5	.21

Fonte: Elaborada pelo autor.

De acordo com os dados da tabela 9, o fator *vogal aberta imediata*, com peso relativo de .80 para /e/ e .85 para /o/, se mostrou favorecedor à realização do abaixamento das médias. A questão também foi atestada por Nina (1991), no dialeto de Belém/PA, e por Freitas (2001), no dialeto de Bragança. Em ambas as localidades, os resultados foram favoráveis ao abaixamento. Também Santos (2009), que pesquisou o comportamento de /e/ em dez cidades do Pará, observou que “[...] as baixas se destacam em peso e número de dados no favorecimento à variante de mesmo traço (p.82)”. Com base nesses estudos, portanto, verificamos a influência da vogal aberta contígua na realização das médias abertas.

Silva (1989), que estudou o dialeto de Salvador/BA, observou que, quando ocorre o contexto em que as vogais /ɔ/ e /ε/ são subsequentes à vogal pretônica, predominam as vogais da mesma altura na pretônica, com frequência de 77,3% para /o/ e 89,9% para /e/. Segundo a autora, se a vogal subsequente for /a/, então a probabilidade de ocorrência de [ε] (97,6%) e [ɔ] (98,6%) é quase categórica. Araújo (2007) também atesta esses resultados em estudo feito sobre a fala de Fortaleza/CE.

Por outro lado, quando há vogais abertas em posição não imediata, o abaixamento não é favorecido. Foi o que se constatou nos resultados para dialetos da Região Nordeste do Pará como revela a Tabela 9. Os baixos pesos do fator *vogal aberta não imediata*, (.36) para /e/ e (.32) para /o/, e do fator *sem vogal aberta*, peso .34 para /e/ e .21 para /o/, permitem que façamos essa afirmação.

Em síntese, podemos afirmar que, nos dialetos do Nordeste do Pará, favorecem a realização de [ɛ] e [ɔ] pretônicas as vogais /a/ /ɛ/ e /ɔ/ em posição contígua à vogal-alvo, as quais, diferentemente, quando em posição não imediata, desfavorecem a realização do abaixamento das médias pretônicas. Além desses fatores desfavoráveis, podemos advogar que a ausência de vogais abertas na palavra também é um fator desfavorecedor, conforme verificamos na tabela os pesos do fator *sem vogal aberta* .34 (/ɛ/) e .21(/ɔ/).

3.1.2.3 Nasalidade da vogal tônica.

A nasalidade da vogal tônica foi controlada com objetivo de compreendermos a influência das vogais médias fechadas anterior e posterior em posição tônica como favorecedoras do fenômeno do abaixamento. A Tabela 10 mostra que, de fato, a nasalidade da tônica foi favorecedora do abaixamento nos dialetos da Região Nordeste do Pará, corroborando outras pesquisas.

Tabela 10 – Resultado da variável Nasalidade da Vogal Tônica no abaixamento de /ɛ/ e /ɔ/.

Vogal contígua	Vogais médias					
	/ɛ/			/ɔ/		
	Ocorrências	%	P.R	Ocorrências	%	P.R
Vogal oral	749/3312	22,6%	.36	781/2387	32,7	.43
Vogal nasal ou nasalizada	971/1672	58,1%	.75	247/606	40,8	.74

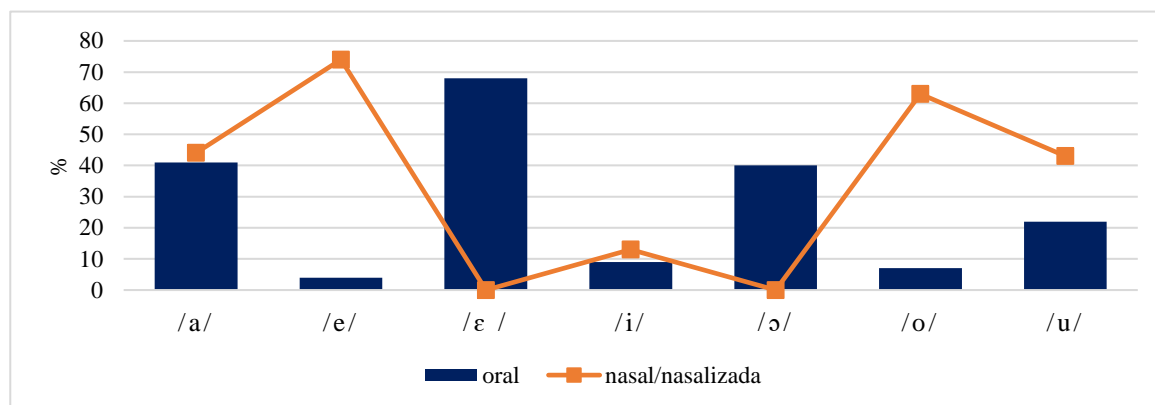
Fonte: Elaborada pelo autor.

De acordo com a Tabela, a presença de nasalidade na tônica favoreceu o abaixamento das médias. O fator *vogal nasal ou nasalizada* obteve pesos de .75 para a anterior e .74 para a posterior. Por outro lado, o fator vogal oral obteve pesos de .36 para a vogal anterior e .43 para a posterior. Os baixos pesos desse fator explicam o desfavorecimento para a realização do fenômeno.

Pereira (1997) afirma, ao tratar do dialeto de João Pessoa/PB, que a nasalidade é um impulsionador do abaixamento. De acordo com a autora, além das vogais abertas, as não altas nasais em posição tônica também impulsionam o abaixamento das médias.

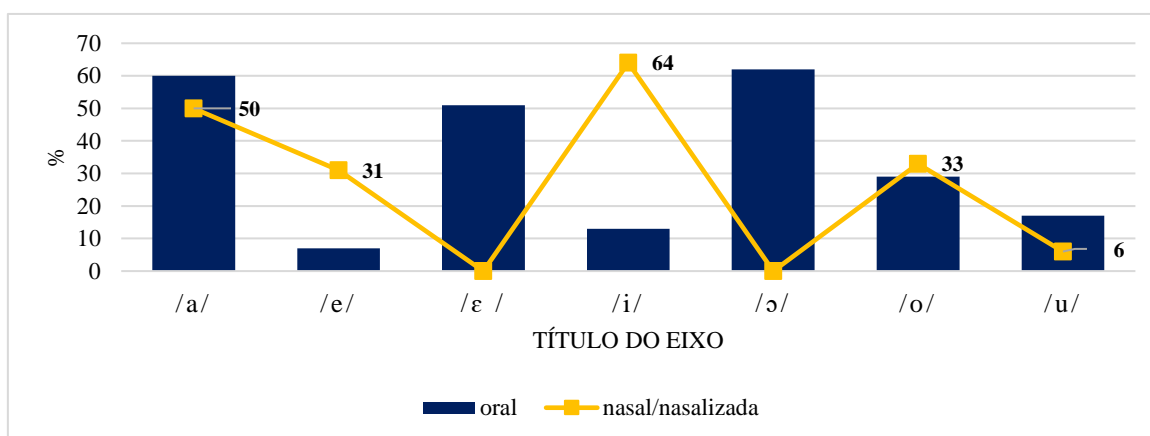
Os Gráficos 5 e 6 apresentam os resultados dos cruzamentos dos grupos de fatores *natureza da vogal tônica e nasalidade da tônica* para a anterior e posterior, respectivamente. Conforme observado nestes gráficos, as vogais que possuem o traço [+nasal] tendem a favorecer o abaixamento das médias.

Gráfico 5 – Cruzamento das variáveis *Natureza da vogal tônica* e *Nasalidade da tônica* no abaixamento de /e/.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 6 – Cruzamento das variáveis *Natureza da vogal tônica* e *Nasalidade da tônica* no abaixamento de /o/.



Fonte: Elaborado pelo autor.

O Gráfico 5, referente ao cruzamento dos dados de /e/, mostra que todas as vogais nasais ou nasalizadas beneficiaram mais o abaixamento em detrimento do não abaixamento. Destaque para /e/ e /o/, cujos percentuais de abaixamento foram superiores quando há presença de nasalidade. O Gráfico 6, por sua vez, mostra que os resultados do cruzamento da variável posterior não foram tão distintos como os de /e/. Das vogais possíveis de serem nasais ou nasalizadas, /e/ e /i/ se destacam como favorecedoras do abaixamento. No caso da posterior, o /o/ teve um leve favorecimento para abaixamento, quando nasal. Por outro lado, a nasalidade em /a/ e /u/ não se mostrou impulsionadora do abaixamento de /o/.

Concluimos, portanto, que vogais nasais ou nasalizadas favorecem o abaixamento nos dialetos da região nordeste do Pará. As vogais /a/, /e/, /o/, /u/ e /i/, nasais ou nasalizadas, quando em posição tônicas, tendem a favorecer mais o abaixamento de /e/. De outro modo, as vogais /e/, /i/ e /o/ tendem a favorecer o abaixamento de /o/ nas mesmas circunstâncias. Tais resultados concordam com a afirmação de Pereira (1997): “[...] as vogais médias abertas

ocorrem predominantemente diante de vogais de mesma altura e das não altas nasais (ã, ã, õ)[...]” (p.91).

3.1.2.4 Segmento Anterior

A variável *Segmento anterior* foi selecionada pelo programa como um dos grupos importantes para a realização do abaixamento das médias. A Tabela 11 traz os resultados para os fatores desta variável.

Tabela 11 – Resultados da variável *Segmento anterior* na aplicação do abaixamento de /e/ e /o/.

Segmento Anterior	Vogais médias					
	/e/			/o/		
	Ocorrências	%	P.R	Ocorrências	%	P.R
Labial	492/1268	38,8%	.58	312/966	32,3	.38
Coronal	1002/2590	38,7%	.59	420/1003	41,9	.66
Dorsal	117/358	32,7%	.50	229/630	36,3	.45
Sem segmento	109/759	14,4%	.12	52/310	16,8	.54
Vogal	-	-	-	15/84	17,9	.11

Fonte: Elaborada pelo autor.

De acordo com a Tabela 11, os segmentos labiais e coronais beneficiaram, ainda que levemente, o abaixamento de /e/. Já os dorsais se mostraram neutros nessa relação, não sendo um fator significativo para a realização do fenômeno. No caso dos contextos sem segmento, houve um desfavorecimento, que era esperado, já que este contexto tende a favorecer o alteamento (BISOL, 1981). Já em relação à vogal /o/, o segmento coronal (.66) e contexto vazio (.54) favoreceram o abaixamento. Em contrário, tenderam ao desfavorecimento os segmentos *vogal* (.11), *labial* (.38) e *dorsal* (.45).

Os segmentos dorsais, diferentemente do que ocorreu neste estudo, no qual os resultados ficaram próximos do neutro, favoreceram o abaixamento de /e/ em alguns dialetos, como o de Aurora do Pará (FERREIRA, 2013), de Belém (NINA, 1991; FACUNDES, 2015). Em pesquisa do dialeto cearense, as dorsais foram favorecedoras tanto para /e/ quanto para /o/. (ARAÚJO, 2007).

De acordo com o que pudemos observar, os segmentos coronais beneficiaram o abaixamento das médias, com peso de .59 para /e/ e .66 para /o/. O abaixamento da vogal /o/ foi mais favorecido por este fator do que a vogal /e/. Já em relação aos segmentos labiais, enquanto estes favoreceram o abaixamento de /e/, com peso de .58, desfavoreceram o abaixamento de /o/, com .38 de peso relativo. Por outro lado, contextos *sem segmentos*, em início de palavra, só favoreceu, levemente, o fenômeno em relação à vogal /o/, com .54; sendo

desfavorável ao abaixamento de /e/, pois o peso atingido foi de .12. Os segmentos *dorsais* se mostraram sem influência, com peso de .50 para /e/ e .45 para /o/. Contextos anteriores com presença de vogal desfavoreceram o abaixamento de /o/, com .11. Vale ressaltar que, no caso da variável /e/, esse fator apresentou nocaute de 100% para a não aplicação do abaixamento. Devido à quantidade de dados, apenas nove, optamos pela retirada dele das rodadas.

Os resultados obtidos se assemelham a de outros estudos feitos sobre o abaixamento vocálico. Nina (1991), por exemplo, observou que segmentos velares e labiais se mostraram produtivos ao fenômeno em estudo. Semelhantemente, em Silva (2009), as velares também favoreceram o fenômeno assim como o contexto sem segmento. Araújo (2007) apresentou resultados semelhantes ao observar o favorecimento do abaixamento de /e/ em contexto precedente com velares.

3.1.2.5 Segmento posterior

O segmento posterior foi o quinto grupo selecionado, cujos resultados podem ser observados na Tabela 12.

Tabela 12 - Resultados da variável *Segmento Posterior* na aplicação do abaixamento de /e/ e /o/.

Segmento Posterior	Vogais médias					
	/e/			/o/		
	Ocorrências	%	P.R	Ocorrências	%	P.R
Labial	177/694	25,5	.28	67/389	14,7	.23
Coronal	922/2848	32,4	.52	651/1486	43,8	.63
Dorsal	592/1290	45,9	.62	293/821	35,7	.59
Vogal	29/152	19,1	.12	17/228	7,5	.07

Fonte: Elaborada pelo autor.

Conforme a Tabela 12, os segmentos coronais e dorsais foram favorecedores do abaixamento das duas vogais-objeto, com resultados próximos. Já o segmento vocálico obteve o menor peso tanto para /e/ (.12) como para /o/ (.07). Os segmentos labiais também foram considerados desfavorecedores do abaixamento das vogais médias, com pesos de .28 e .23.

Tais resultados acompanham o que foi observado em Ferreira (2013). Nesse estudo, as consoantes dorsais (.61) e coronais (.54) favoreceram o abaixamento vocálico. Já no caso das consoantes labiais, ocorreu o inverso: no estudo de Ferreira (2013) favoreceram o abaixamento de /e/, mas nos resultados desta tese, não.

Várias outras pesquisas têm revelado a força das dorsais e coronais no abaixamento vocálico. Todavia, não há convergência entre elas, visto que o comportamento impulsionador

dessas consoantes pode, num dialeto, favorecer, e, em outros, não, como é o caso do dialeto de Bragança/PA (FREITAS, 2001), em que as consoantes coronais não favoreceram o abaixamento, apenas consoantes com traços dorsais, glotais (.80) e consoantes palatais (.86), bem como outros dialetos pesquisados (ARAÚJO, 2007; AMORIM, 2009).

3.1.2.6 Procedência.

A variável procedência foi o único fator social selecionado pelo programa *Goldvarb*. Os resultados dos fatores deste grupo estão expostos na Tabela 13, a seguir.

Tabela 13 – Resultados da variável *Procedência* na aplicação do abaixamento de /e/ e /o/.

Procedência	Vogais médias					
	/e/			/o/		
	Ocorrências	%	P.R.	Ocorrências	%	P.R.
Migrante	501/1274	39,3	.56	309/818	37,8	.55
Nativo	1219/3710	32,9	.47	719/2175	33,1	.47

Fonte: Elaborada pelo autor.

Os dados da Tabela 13 revelam que, para a variável procedência, o fator migrante favoreceu levemente o abaixamento das vogais médias, com pesos de .56, para /e/ e .55 para /o/. Por outro lado, o fator nativo foi considerado desfavorecedor, pois obteve .47 para /e/ e para /o/. Com base nesses resultados afirmamos que o abaixamento é favorecido na fala de migrantes cearenses.

Outras pesquisas, empreendidas no âmbito do Projeto Vozes, nos dialetos de Aurora do Pará, Belém e Tucuruí, constataram o favorecimento do abaixamento na fala de migrantes nordestinos, configurando esse fenômeno como identitário desse povo (FERREIRA, 2013; FAGUNDES, 2015; BORGES, 2016).

Nesse sentido, com base nos resultados apresentados na Tabela 13, podemos afirmar que há uma tendência à acomodação linguística entre os interlocutores por força do contato interdialeto. O falante tende a utilizar a norma de seu grupo social (BORTONI-RICARDO, 2011). Essa questão foi discutida por Ferreira (2013), que apresentou argumentos favoráveis a essa tendência no estudo realizado sobre o português de Aurora do Pará, ao controlar a fala de migrantes a partir de seus descendentes. De acordo com o pesquisador, quanto mais tempo o migrante resida na região e, por conseguinte, maior contato com a fala nativa da região, a probabilidade de abaixamento é menor. Isso explica por que os resultados do fenômeno na fala de migrantes cearenses e nativos paraenses foram tão próximos.

Em síntese, ressaltamos que era esperada a maior probabilidade de abaixamento na fala de migrantes devido ao fato de ser a abertura das vogais um caracterizador de dialetos do Nordeste do país.

3.1.2.7 Classe de palavras.

A variável Classe de palavras foi selecionada apenas nas rodadas da variável /o/. Os resultados dos fatores são apresentados na Tabela 14, abaixo.

Tabela 14 – Resultados da variável Classe de Palavras na aplicação do abaixamento de <o>.

Classe de Palavra	Ocorrência	%	P.R.
Verbo	393/832	47,2%	.61
Não Verbo	635/2161	29,4	.45

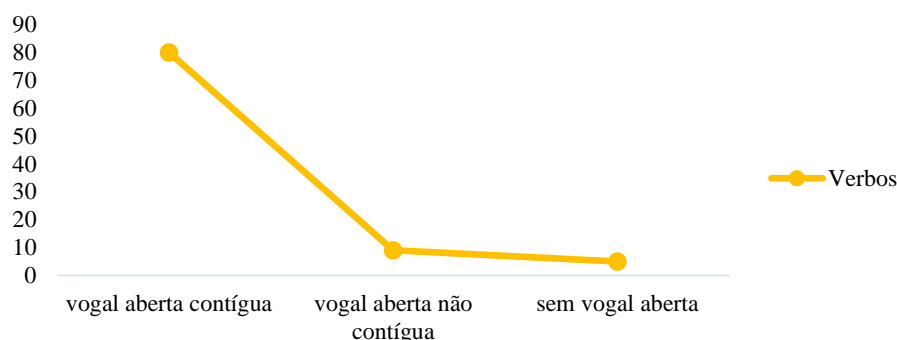
Fonte: elaborada pelo autor.

Conforme os dados da Tabela 14, o abaixamento de /o/ é favorecido pelas lexias da classe dos verbos, com peso de .61. Já palavras não verbais, de outras classes gramaticais, parecem inibir o fenômeno. A questão da variação das médias em itens lexicais específicos foi discutida por Callou, Leite e Coutinho (1991). Embora não fosse o objetivo, os pesquisadores encontraram nos dados sobre o dialeto do Rio de Janeiro, palavras que nunca variavam, e outras em que ocorria a variação mesmo em contextos não favorecedores fonologicamente.

Bortoni-Ricardo (1992) defende a possibilidade de explicar alguns condicionamentos para o abaixamento a partir do condicionamento lexical. Essas questões estão relacionadas a casos em que o contexto fonológico não dá conta de explicar.

Nessa direção, cabe aqui uma indagação: estariam os resultados aqui vinculados a um condicionamento lexical ou fonológico? Nos dados, ficou claro que, na maioria dos itens que favorecem o abaixamento de /o/, a vogal aberta está presente, ambiente favorecedor da regra. Esse resultado pode ser visualizado no Gráfico 7, que apresenta o cruzamento entre o grupo vogal contígua e o fator verbo.

Gráfico 7 – Cruzamento da variável Vogal Contígua e o fator verbo, da variável classe de palavra, no abaixamento de /o/.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Como podemos verificar, parece que o fator vogal aberta contígua está mais relacionado ao condicionamento do abaixamento do que estaria a classe gramatical. Diante disso, põe-se em dúvida o condicionamento da classe gramatical em relação ao abaixamento de /o/. Entretanto, um estudo mais detalhado dessa classe gramatical em relação ao abaixamento pode explicar melhor sua relação com o fenômeno.

3.1.2.8 Grau de formalidade.

A variável Grau de formalidade foi selecionada apenas nas rodadas da variável /e/. O objetivo foi o de verificar em que situação de fala, dentro de um contínuo formal – semiformal – informal, o abaixamento é favorecido. A Tabela 15 traz as informações sobre os resultados das rodadas.

Tabela 15 - Resultados da variável Grau de Formalidade na aplicação do abaixamento de <e>.

Estilo	Ocorrência	%	P.R.
Narrativa de experiência	662/2397	27,6	.42
Resposta ao questionário	373/876	42,6	.60
Leitura de texto	685/1711	40	.55

Fonte: Elaborada pelo autor.

A Tabela 15 mostra que o contexto semiformal contribui para a realização da regra de abaixamento com .60 de peso relativo. O percentual para o fator Narrativas de experiência pessoal ficou próximo do peso neutro (.42), mais tendendo a inibir do que a favorecer o fenômeno. O fator leitura de texto obteve peso relativo de .55.

Esse resultado é interessante porque, em situação mais livre, em que não há controle, de certo modo, no sentido de o falante pensar sobre o *como* diz algo, o abaixamento tende a

ser inibido. Este comportamento pareceu estranho, já que em situações mais formais é comum o uso de marcas, ou variedades, consideradas mais padronizadas, ou seja, no caso das médias pretônicas no Pará, seria a realização de [e] e [o]. Aqui, também caberia um estudo mais aprofundado para tentar explicar o porquê desse resultado.

3.2 RESULTADOS DA PERCEPÇÃO DOS FALANTES EM RELAÇÃO AOS DIALETOS INVESTIGADOS: ANÁLISE QUANTI-QUALITATIVA.

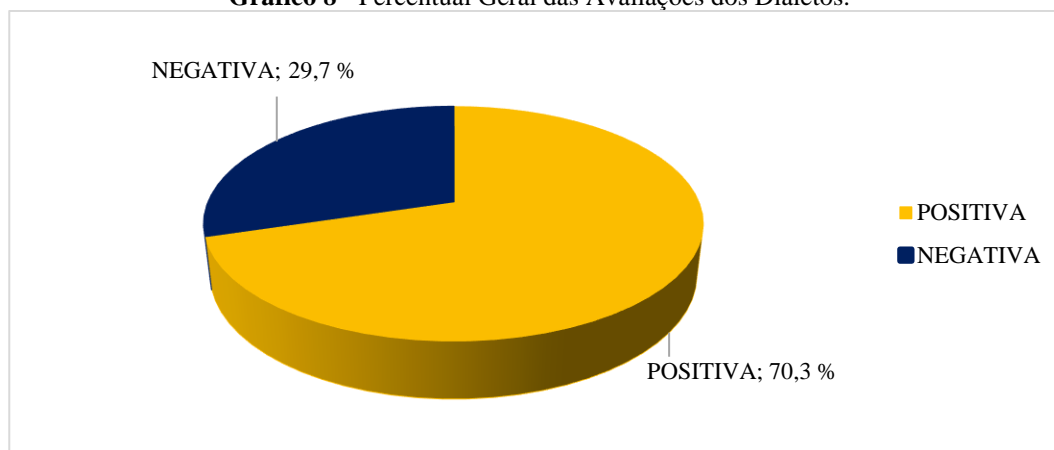
Na seção anterior, a partir dos dados da produção das vogais médias pretônicas, pudemos caracterizar a região nordeste, tomando como objeto as vogais médias pretônicas. Embora o foco de análise tenha recaído sobre o fenômeno do abaixamento, os resultados apresentados levaram a conclusões semelhantes aos da maioria dos estudos de vogais na Amazônia Paraense: (i) o predomínio das variantes [e] e [o] em posição média; (ii) as variantes [ɛ] e [ɔ] como as segundas mais produtivas em localidades de forte presença nordestina; (iii) a realização das variantes [i] e [u] como uma das variantes que resistem a certa padronização da língua, em especial nas localidades consideradas de Zona 1 (NINA, 1991; FREITAS, 2001; CASSIQUE, 2006; SOUZA, 2010; CRUZ, 2012; RAZKY; LIMA; OLIVEIRA, 2012; FERREIRA, 2013; FAGUNDES 2015; BORGES, 2016). Em todos esses trabalhos, temos uma amostra de como falam os paraenses e migrantes no Pará. Entretanto, não basta conhecer apenas a realidade sociolinguística dos falantes, é preciso também entender que percepção esses falantes têm de sua fala e da fala de outrem, já que o conhecimento dos julgamentos/avaliações que têm pode contribuir para explicar e compreender melhor o efeito de determinado fenômeno variável (FREITAG; SEVERO; ROST-SNICHELOTTO; TAVARES, 2016).

Nesse sentido, esta seção apresenta os resultados obtidos por meio do questionário quantitativo referentes às respostas dadas pelos informantes a partir da audição dos dialetos. O uso desse questionário visou medir atitudes subjetivas dos informantes a partir de características atribuídas por eles aos falantes dos áudios-estímulos. Os informantes-juízes dos cinco pontos de inquéritos avaliaram positiva e negativamente seus dialetos e mais dois dialetos (de Belém e de Fortaleza). O *corpus* total de respostas ao questionário de atitudes é de 3.600 avaliações, referentes a 24 perguntas direcionadas a características pessoais dos falantes dos áudios como: confiabilidade, aparência, integridade, entre outras; e 6 relativas a características linguísticas das variedades.

No Gráfico 8, podemos visualizar que as avaliações positivas superaram as negativas com a maioria das respostas. Consideramos como positivas aquelas que, na avaliação dos informantes-juízes, tiveram como respostas *concordo/concordo parcialmente*, quando relativas a características positivas, ou *discordo/discordo parcialmente*, quando relativas a características negativas. Como avaliações negativas, consideramos às respostas *discordo/discordo parcialmente* para características positivas e *concordo/concordo parcialmente* para características negativas.

No geral, os três dialetos em avaliação foram julgados positivamente, independentemente da procedência dos informantes-juízes; as respostas positivas alcançaram 70,3% (2.530) e, as negativas, 29,7% (1.070). No Gráfico 8, podemos visualizar o resultado geral.

Gráfico 8 - Percentual Geral das Avaliações dos Dialetos.



Fonte: elaborado pelo autor.

Já na Tabela 16, observamos os resultados das ocorrências e os percentuais de avaliações positivas e negativas atribuídas a cada falante dos dialetos em análise. Os percentuais gerais para respostas positivas foram mais elevados que os das respostas negativas. O belenense foi o que recebeu o maior número de avaliações negativas e o falante local foi o que recebeu maior número de avaliações positivas, conforme podemos visualizar na Tabela 16.

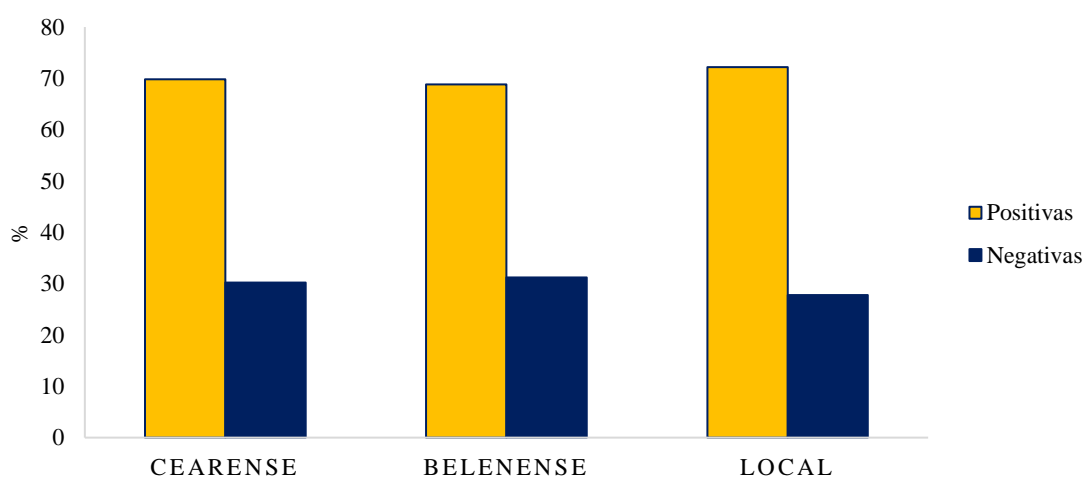
Tabela 16 – Dados Gerais de ocorrências e percentuais das avaliações atribuídas aos dialetos na Região Nordeste do Pará.

falantes	Avaliações			
	Positiva		Negativa	
	Quant.	%	Quant.	%
Cearense	838	69,8	362	30,2
Belenense	826	68,8	374	31,2
Localidade	866	72,2	334	27,8
Total	2.523	70,3	1.070	29,7

Fonte: Elaborada pelo autor.

Segundo as informações da Tabela 16, o número de avaliações positivas superou o de avaliações negativas. Especificando as avaliações atribuídas aos dialetos, podemos afirmar que: o dialeto das localidades obteve o maior número de respostas positivas, 74,4%, seguido do cearense, 69,8% e do belenense 68,8%; por outro lado, os resultados para as avaliações negativas foram o seguinte: o falante que obteve mais avaliações negativas foi o belenense, 31,2%, seguido do cearense, 30,2% e do dialeto local, 27,8%.

Como todos os dialetos tiveram avaliações positivas acima de 68%, em termos gerais, podemos inferir que os três dialetos representados pelos áudio-estímulos gozam de certo prestígio na região pesquisada. O Gráfico 9 apresenta visualmente esses resultados.

Gráfico 9 – Percentuais Gerais de avaliações positivas e negativas atribuídas aos dialetos na Região Nordeste do Pará.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os dados não permitem, em termos gerais, que afirmemos haver uma situação de “rejeição” para nenhum dos dialetos, porque os altos índices percentuais apontam para atitudes de “aceitação” de todos os falantes avaliados subjetivamente. Por esse motivo, há certa regularidade entre as avaliações dadas aos falantes dos dialetos, em termos gerais.

Outro ponto importante que esses resultados revelam está relacionado às atitudes dos informantes-juízes. Tudo indica que a forma como os informantes-juízes avaliaram os dialetos aponta para uma possível tendência de aqueles assimilarem traços linguísticos destes. Isto certamente ocorre porque tais avaliações (pensamentos e afetos) em relação aos dialetos revelaram possíveis tendências à ação. Sobre essa questão, Moreno Fernandez (1998) afirma que há inúmeras possibilidades em relação à língua que podem ser afetadas pelas atitudes dos falantes, dentre elas a identificação com determinada variedade. Por exemplo: quando um falante, por questões identitárias, busca se identificar com o grupo social. Os dados de produção, apresentados na seção anterior, revelam que não há diferenças significativas nos percentuais de abaixamento em relação à procedência do informante, embora haja uma probabilidade maior de favorecimento pelo migrante. Talvez isso esteja relacionado justamente à questão de identidade linguística.

Os próximos resultados são apresentados a partir das reações subjetivas dos informantes para os dialetos de Fortaleza, de Belém e das localidades dos pontos de inquéritos, levam em conta as dimensões diatópica, topostática e topodinâmica.

3.2.1 Atitudes linguísticas com estímulos em relação à dimensão diatópica

Os resultados apresentados nesta seção foram organizados de modo a dar ao leitor uma noção geral das avaliações na região nordeste do estado do Pará e de cada localidade em particular investigada neste estudo. Vejamos.

Em termos gerais, as atitudes subjetivas dos informantes de Santa Maria do Pará se mostraram mais positivas em relação aos dialetos avaliados, seguida das atitudes dos informantes de Aurora do Pará. Os resultados percentuais indicam uma diferença de 13,5% entre as avaliações positivas de Santa Maria do Pará e as de Ipixuna do Pará, localidade cujos juízes que atribuíram o menor percentual de avaliações positivas aos dialetos. A média percentual entre as avaliações subjetivas dos dialetos é superior a 70%. Santa Maria avaliou o dialeto local mais positivamente (85,4%) em detrimento do dialeto belenense, ao qual atribuiu 30,8% de avaliação negativa. São Miguel, por outro lado, avaliou o dialeto cearense mais positivamente (70%); porém a diferença entre as avaliações para demais dialetos, nesta localidade, não foi muito expressiva, ficando em torno de 67 a 68 por cento. Mãe do Rio avaliou mais positivamente o dialeto de Belém (68%) e por outro lado avaliou o dialeto local mais negativamente, pois atribuiu 44,2% de avaliação negativa aos dialetos, o maior percentual em comparação com as demais localidades. Aurora do Pará atribuiu 80% de

avaliação positiva ao seu dialeto e avaliou mais negativamente o dialeto de Belém, com 27,1%. Ipixuna do Pará, depois de Mãe do Rio, foi a localidade cujos informantes-juízes tiveram mais atitudes negativas aos dialetos, 72,1% das avaliações foram positivas ao seu dialeto, maior percentual, e 43,8% de avaliação negativa ao dialeto cearense. A Tabela 17, a seguir, traz os números e percentuais das avaliações em cada localidade para os dialetos.

Tabela 17 – Avaliação dos dialetos ouvidos por localidade.

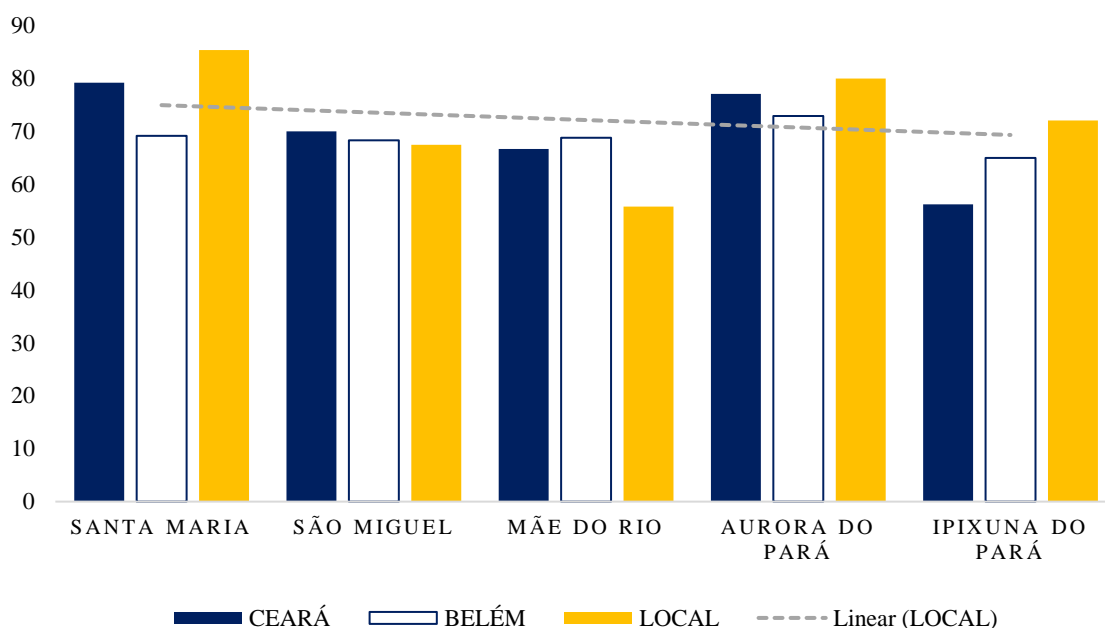
localidades	Dialeto	Cearense		Belenense		local		Total	
		Ocorrência	%	Ocorrência	%	Ocorrência	%	Ocorrência	%
Santa Maria	Positiva	190	79,2	166	69,2	205	85,4	561	77,9
	Negativa	50	20,8	74	30,8	35	14,6	159	22,1
São Miguel	Positiva	168	70	164	68,3	162	67,5	494	68,6
	Negativa	72	30	76	31,7	78	32,5	226	31,4
Mãe do Rio	Positiva	160	66,7	165	68,8	134	55,8	459	63,8
	Negativa	80	33,3	75	31,2	106	44,2	261	36,2
Aurora do Pará	Positiva	185	77,1	175	72,9	192	80	552	76,7
	Negativa	55	22,9	65	27,1	48	20	168	23,3
Ipixuna do Pará	Positiva	135	56,2	156	65	173	72,1	464	64,4
	Negativa	105	43,8	84	35	67	27,9	256	35,6

Fonte: Elaborada pelo autor.

Quando comparamos as avaliações positivas entre os dialetos nas localidades, verificamos que o dialeto local é melhor avaliado em três localidades específicas em comparação aos dialetos do cearense e do belenense: Santa Maria, Ipixuna do Pará e Aurora do Pará. Tais resultados apontam para um sentimento de lealdade que os informantes-juízes têm em relação ao seu próprio dialeto, como postula Botassini (2013). Vale ressaltar que, nessas localidades, mantém-se, de certo modo, uma cultura ainda muito rural, consequentemente favorecendo que haja um sentimento de pertencimento àquilo que é considerado parte da identidade do grupo social, como é o caso da variedade de língua falada nessas localidades. Tudo isso compõe a identidade dessas pessoas. Assim, ao avaliarem positivamente algo que faz parte de sua identidade, a língua, tais informantes-juízes compartilham de um sentimento de pertencimento, que os diferenciam em relação aos demais grupos (MORENO FERNÁNDEZ, 1998; AGUILERA, 2008). Já em relação à Mãe do Rio, cidade mais urbana, em crescente desenvolvimento, cuja maior parte da população se concentra na sede, o dialeto local obteve os menores percentuais de avaliação positiva em comparação aos dialetos da capital e do Ceará. Nesse caso, é provável que o interesse pelos

costumes da capital tenha influenciado as atitudes desses residentes. São Miguel do Guamá foi a localidade cujas avaliações ficaram bastante próximas. São Miguel é a única localidade que antes da abertura da BR 010 mantinha contato com Belém, pela via hidrográfica. O Gráfico 10 traz o comparativo entre as localidades para os percentuais de avaliações positivas.

Gráfico 10 – Avaliações positivas dos dialetos conforme a localidade.



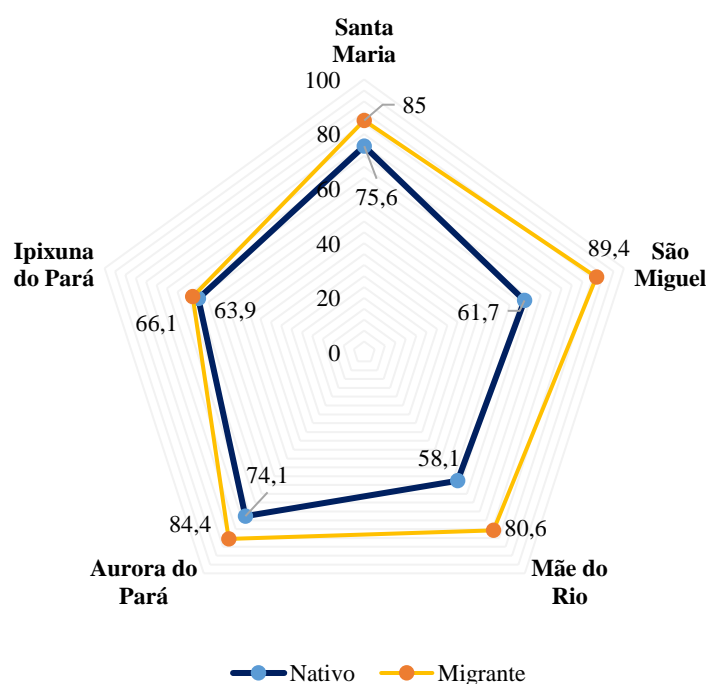
Fonte: Elaborado pelo autor.

Os resultados gerais, conforme a Tabela 17 e o Gráfico 10, demonstram que o dialeto cearense obteve mais avaliações positivas em Santa Maria e Aurora do Pará, atingindo percentuais de 79,2% e 77,1%, respectivamente; com diferença de 23% da primeira localidade para mais, em comparação a Ipixuna do Pará, cujo percentual foi de 56,2%, o menor para a avaliação desse dialeto; Em São Miguel do Guamá, os percentuais de avaliação para o dialeto cearense ficaram próximos dos percentuais de avaliações positivas dos dialetos de Belém e do local. Já o dialeto de Belém, para avaliações positivas, obteve maior índice em Aurora do Pará (72,9%), e índices percentuais próximos em Santa Maria (69,2%), São Miguel (68,3%) e Mãe do Rio (68,8%); em Ipixuna do Pará (65%) foi onde se atribuiu o menor índice de avaliação positiva ao dialeto de Belém. Em relação aos dialetos das localidades, Santa Maria (85,4%), Aurora do Pará (80%) e Ipixuna do Pará (72,1%) foram as que melhor avaliaram seus dialetos; já Mãe do Rio foi a que avaliou mais negativamente seu dialeto, atribuindo o menor percentual em relação às demais localidades, 55,8% de avaliações positivas, quase a metade.

Quando comparamos as avaliações, levando em conta a procedência dos informantes migrantes e nativos, os resultados mostram que aqueles atribuíram mais juízos de valor

positivos aos dialetos do que os informantes nativos. O Gráfico 11 permite que visualizemos esses resultados a partir da abrangência das linhas.

Gráfico 11– Percentuais Gerais das avaliações positivas pelos migrantes e nativos conforme a localidade.



Fonte: Elaborado pelo autor.

De acordo com as informações do Gráfico 11, de modo geral, os migrantes cearenses avaliaram mais positivamente os dialetos. Em algumas localidades, o percentual de avaliações positivas de migrantes cearenses e paraenses ficou próximo, mas sempre sobressaindo a avaliação positiva dos migrantes. Os resultados mais destoantes ocorreram nas localidades de Mãe do Rio, com diferença de 22,5%, e 27,7% em São Miguel. Em Ipixuna do Pará, os percentuais das avaliações de nativos e migrantes ficaram bem próximos.

Em resumo, podemos fazer a seguinte leitura dos resultados apresentados no Gráfico 11: (i) em Santa Maria do Pará, os percentuais para avaliações positivas dos migrantes foram de 85% e dos nativos, 75,6%; (ii) em São Miguel do Guamá, as avaliações positivas dos migrantes atingiram o percentual de 89,4%, enquanto dos nativos 61,7%; (iii) em Mãe do Rio, 58,1% das respostas dos nativos foram positivas em detrimento das dos migrantes, que foram 80,6%; (iv) na localidade de Aurora do Pará, os migrantes cearenses foram os que mais avaliaram positivamente os dialetos, 84,4%, enquanto os nativos foram 74,1%; (v) os dados

da última localidade, Ipixuna do Pará, mostram que as avaliações positivas dos nativos (63,9%) e dos migrantes (66,1%) ficaram próximas percentualmente falando.

A seguir, apresentamos os resultados das avaliações por localidade. Apresentamos ainda os percentuais das questões respondidas pelos informantes-juízes para deduzir delas as atitudes em relação aos dialetos a partir dos percentuais atribuídos às características. Os resultados são mostrados com base no parâmetro topostático e topodinâmico dos falantes.

3.2.1.1 Santa Maria e os dialetos avaliados.

Os resultados apresentados nesta seção foram obtidos em Santa Maria, a partir do questionário quantitativo de atitudes. As avaliações atribuídas a cada falante do áudio estímulo foram separadas de acordo com os percentuais dados pelos nativos da localidade e pelos migrantes residentes. Optou-se pela apresentação desse modo para garantir o controle topostático e topodinâmico da dimensão diatópica. Os percentuais que são apresentados, na sequência, correspondem às respostas dadas às 30 questões do questionário quantitativo de atitudes, que teve como objetivo avaliar as atitudes subjacentes dos informantes. Cada um dos informantes-juízes respondeu a 30 questões direcionadas a cada dialeto avaliado, cearense, belenense e local, num total de 720 avaliações. Vale lembrar que os informantes não tiveram acesso a informações sobre quem eram os falantes dos áudios e qual sua procedência.

A tabela 18 apresenta o resumo das avaliações de cada informante, conforme a procedência destes, em relação aos dialetos ouvidos (cearense, belenense e santa-marianense).

Tabela 18 – Avaliação dos dialetos por informantes migrantes e nativos de Santa Maria do Pará.

Procedência	NATIVO		MIGRANTE	
	Positiva	Negativa	Positiva	Negativa
Cearense	79,4%	20,6%	78,3%	21,7%
Belenense	63,3%	37,7%	86,7%	13,3%
Local	83,9%	16,1%	90 %	10%
Total Geral	75,6%	24,4%	85%	15%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Em níveis percentuais, os dados mostram que os cearenses realizaram mais avaliações positivas, 85%. Esse resultado pode indicar uma atitude menos preconceituosa desses informantes em relação à fala do outro, ou às variedades com as quais convivem. Interessante que o migrante cearense avaliou mais positivamente o dialeto da localidade (90%) onde reside e à sua própria variedade atribuiu um julgamento mais negativo (21,7%), comparado aos demais dialetos. Na preferência do cearense de Santa Maria do Pará, estão os dialetos local e

belenense. Assim, os cearenses preferem subjetivamente a fala da localidade onde vivem. Calvet (2003) entende que, quando um falante valoriza mais a prática linguística do outro, tende a modificar a sua para aproximá-la daquela que considera de maior prestígio.

As avaliações dos santa-marianenses aos dialetos privilegiaram sua própria variedade, com 83,9% para avaliações positivas. Esse resultado indica uma atitude positiva desses informantes em relação à sua fala. O dialeto de Belém obteve um índice de atitude negativa de 37,7%. Portanto, o juiz santa-marianense prefere seu próprio dialeto, seguido do dialeto cearense e tende a rejeitar mais o dialeto da capital. Nesse sentido, os nativos de Santa Maria foram leais ao seu dialeto.

Adiante, apresentamos os percentuais de respostas *concordo* que foram dadas pelos nativos e migrantes cearenses de Santa Maria do Pará como características destacadas para os falantes dos áudios-estímulos. Os dados de *concordo* referem-se às respostas *concordo* e *concordo parcialmente* que foram agrupadas. Seguindo o modelo de análise feito por Botassini (2013), consideramos que a avaliação foi positiva ou negativa, diante das seguintes equações que serviram para as demais análises das outras localidades:

- Percentual *concordo* alto + característica positiva = avaliação positiva
- Percentual *concordo* baixo + característica negativa = avaliação positiva
- Percentual *concordo* baixo + característica positiva = avaliação negativa
- Percentual *concordo* alto + característica negativa = avaliação negativa

De modo a favorecer a compreensão, agrupamos as 30 questões do questionário na tabela conforme as características vinculadas à competência, à integridade pessoal, à atratividade social e às características do dialeto.

A Tabela 19 traz os dados percentuais que condizem com as avaliações dos informantes de Santa Maria do Pará para os falantes dos três dialetos avaliados. A organização das características segue o agrupamento conforme as categorias as quais elas se inserem.

Tabela 19 - Percentuais de *Concordo* nas avaliações dos informantes nativos de Santa Maria do Pará.

CARACTERÍSTICAS avaliadas pelos Santa-marianenses		DIALETOS OUIDOS		
		Cearense	Belenense	Santa-marianense
Atratividade social	feia	33%	50%	0%
	grossa	17%	33%	0
	antipática	0%	0%	0%
	tímida	67%	33%	33%
	exibida	17%	67%	17%

	autoritária	0%	33%	17%
	engraçada	50%	17%	50%
	sofre preconceito social	33%	50%	50%
	possui boa condição financeira	67%	33%	33%
	sente orgulho da sua fala	67%	83%	100%
Competência	inteligente	100%	67%	100%
	estudada	67%	33%	83%
	competente	83%	33%	100%
	criativa	100%	50%	83%
	tem boa cultura	100%	50%	100%
	exerce cargo de chefia	33%	33%	33%
	Integridade pessoal	cuidadosa	83%	83%
trabalhadora		83%	67%	100%
confiável		83%	100%	100%
preguiçosa		17%	50%	0%
responsável		100%	83%	100%
insegura		83%	33%	17%
respeitosa		100%	83%	100%
Características da fala	gosta de ajudar quem precisa	100%	83%	100%
	a fala é agradável	100%	67%	100%
	a fala é bonita	100%	67%	100%
	a fala é cantada	100%	67%	67%
	a fala é lenta	50%	33%	83%
	a fala é expressiva	83%	100%	100%
	a fala é simples	100%	63%	83%

Fonte: Elaborada pelo o autor.

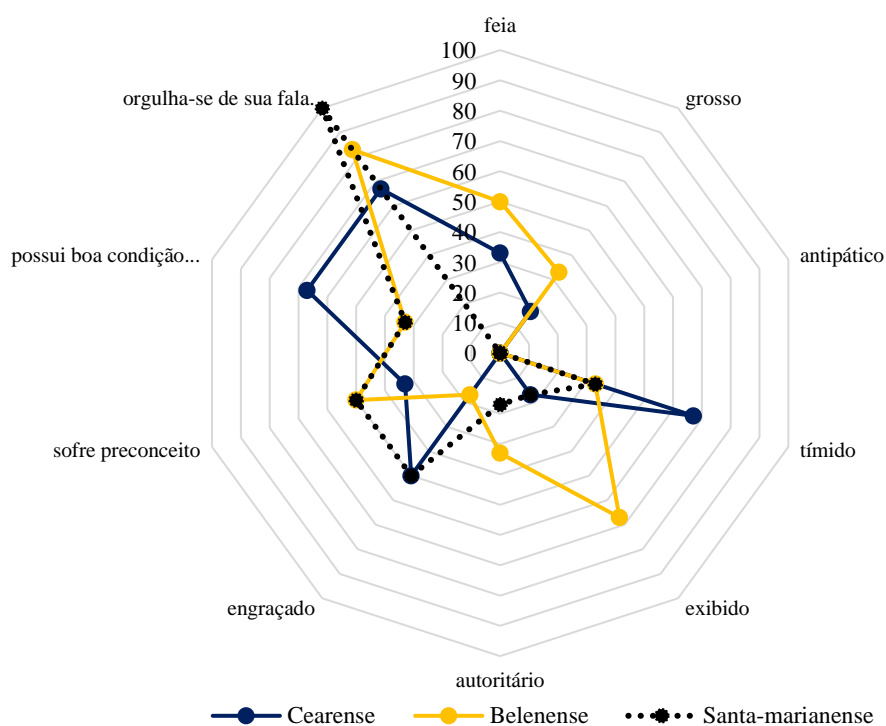
Os resultados apresentados na Tabela 19 permitem que façamos observações muito importantes a partir das características mais destacadas para os dialetos conforme a avaliação dos santa-marianenses.

Para esses “juízes”, as características mais destacadas ao falante cearense foram *tímida* (67%), *boa condição financeira* (67%), *criativa* (100%), *insegura* (83%), *possui fala cantada e simples* (100%). Dessas características, quatro delas são negativas. O falante belenense teve o destaque para as características *feia* (50%), *grossa* (33%), *exibida* (67%), *autoritária* (33%), *preguiçosa* (50%). Todas elas negativas. Já o santa-marianense foi o mais bem avaliado na opinião dos próprios conterrâneos, pois obteve índices percentuais bem elevados para características positivas: *sente orgulho de sua fala* (100%), *estudado* (83%), *competente* (100%), *cuidadoso* (100%), *trabalhador* (100%) e *de fala lenta* (83%). É interessante notarmos que, para características negativas, o santa-marianense obteve os menores

percentuais ou quase nenhum, o que reforça a ideia de que este falante é bem querido pela sua comunidade e que esta é “leal” ao seu dialeto.

Apresentamos no Gráfico 12 os resultados para as características destacadas em cada dialeto, com base na avaliação dos nativos de Santa Maria.

Gráfico 12 – Características associadas à atratividade social atribuídas pelo santa-marianense aos dialetos cearense, belenense e santa-mariense.



Fonte: Elaborado pelo autor.

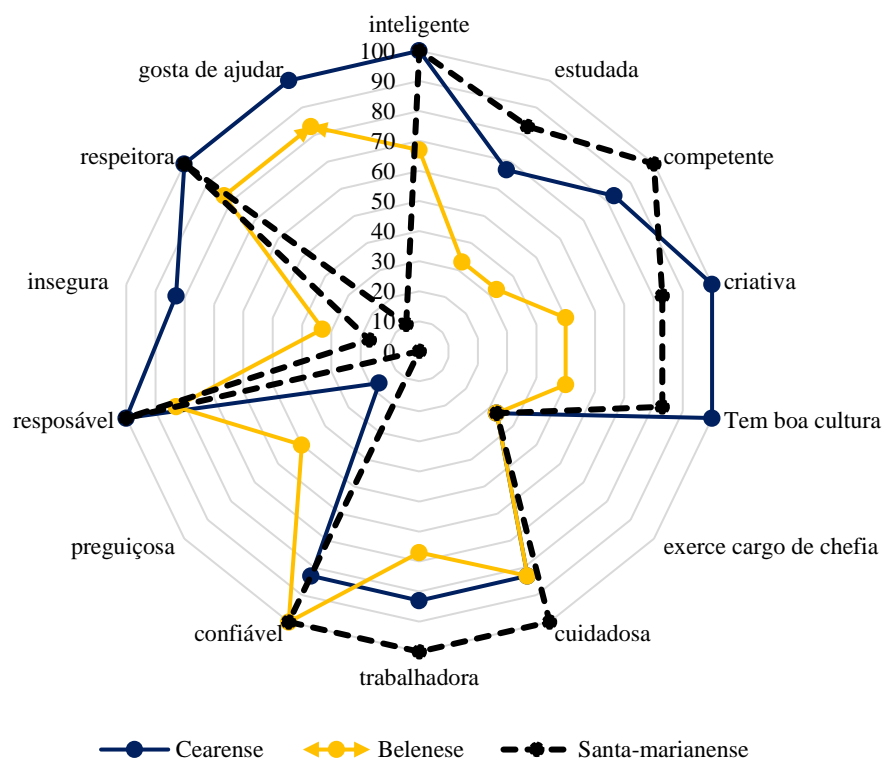
O Gráfico acima ajuda o leitor a comparar melhor os dialetos. Verificamos que algumas características possuem percentuais próximos e algumas se destacam mais para um ou outro dialeto.

O cearense se destaca como *tímido* e *de boas condições financeiras*. Em relação aos outros dialetos, os índices percentuais ficam em torno de 33%. O belenense e o santa-marianense foram avaliados mais positivamente em relação a *tímido*, já que os percentuais, dessa característica, foram baixos para esses dialetos. O falante belenense obteve os maiores percentuais para as características *feia*, *grosso*, *exibido* e *autoritário*, assim, avaliado mais negativamente. A característica *Antipático* não foi atribuída a nenhum dialeto.

Na opinião dos santa-marianenses, o belenense não é atrativo socialmente, diferentemente do cearense e do próprio santa-marianense.

No Gráfico 13, apresentamos a relação de características relativas à competência e à integridade pessoal.

Gráfico 13 - Características associadas à competência e integridade social pelo santa-mariense aos dialetos cearense, belenense e santa-marianense.



Fonte: Elaborado pelo autor.

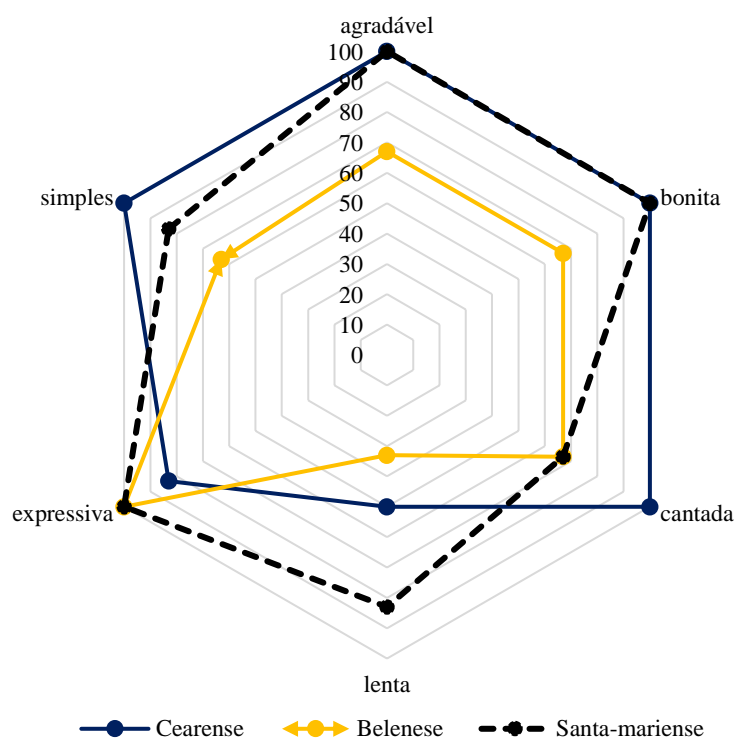
De acordo com o gráfico 13, destacam-se as características *estudada*, *competente*, *criativa*, *tem boa cultura*, *cuidadosa*, *trabalhadora*, *insegura* e *gosta de ajudar os outros*. Dessas características, *criativa*, *tem boa cultura* e *gosta de ajudar os outros* foram atribuídas ao falante cearense em 100%. O mesmo falante foi considerado inseguro (83%). Note-se que o cearense foi bem avaliado em relação à competência, entretanto foi considerado inseguro, característica associada à integridade pessoal. O belenense só teve destaque para uma característica, *preguiçosa* (50%), para a qual metade dos informantes não o avaliaram positivamente; nas características positivas, quando comparado aos outros dialetos, ou é igualado ou diminuído. Ao santa-marianense foram-lhe atribuídas as características de ser uma pessoa *estudada* (83%), *competente* (100%), *cuidadosa* (100%), *trabalhadora* (100%).

Nenhum dos falantes foram considerados como *alguém que exerce cargo de chefia*, já que os percentuais foram baixos.

Dos três, o santa-mariense e o cearense foram considerados mais íntegros e competentes que o belenense. Isso mostra como os santa-marianenses, de certo modo, se identificam também com o dialeto do cearense, a quem acolheu em seu território.

Quanto aos dados relativos a características estéticas dos dialetos, na percepção do santa-marianense o dialeto belenense foi avaliado mais negativamente em relação aos demais dialetos.

Gráfico 14 – Características estéticas associadas aos dialetos pelo santa-marianense.



Fonte: elaborado pelo autor.

As características linguísticas relativas aos dialetos foram atribuídas a quase todos os dialetos. O nativo atribuiu valores bastante elevados a essas características. Destacam-se *cantada e simples* para o dialeto cearense. É interessante observarmos que os “juízes” atribuíram essas características justamente ao dialeto cearense que é assim considerado pela maior parte dos falantes (CARDOSO, 2014). Em relação à estética, que é algo mais subjetivo, os dialetos cearense e santa-marianense obtiveram 100% para *agradável e bonito*; também este último foi considerado junto ao belenense como *expressivo* (100%). O dialeto belenense

não foi destacado com nenhuma característica. Os índices mais altos foram atribuídos ao santa-marianense e ao cearense.

A Tabela 20 traz os dados percentuais das atitudes do cearense residente em Santa Maria do Pará aos dialetos.

Tabela 20 - Percentuais de *Concordo* nas avaliações dos informantes migrantes cearenses em Santa Maria do Pará.

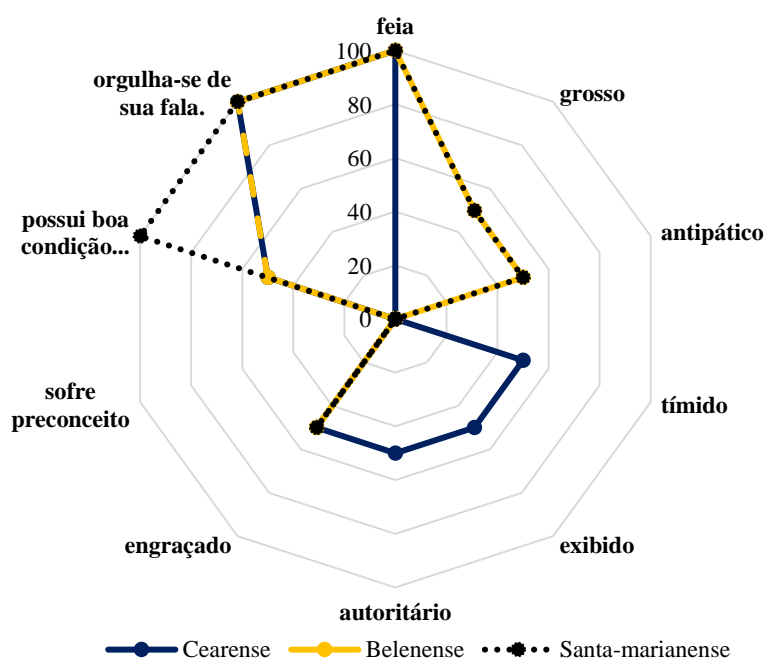
CARACTERÍSTICAS avaliadas pelos migrantes de Santa Maria do Pará	DIALETOS OUVIDOS			
	Cearense	Belenense	Santa-mariense	
Atratividade social	feia	100%	100%	100%
	grossa	0%	50%	50
	antipática	0%	50%	50%
	tímida	50%	0%	0%
	exibida	50%	0%	0%
	autoritária	50%	0%	0%
	engraçada	50%	50%	50%
	sofre preconceito social	0%	0%	0%
	possui boa condição financeira	50%	50%	100%
	sente orgulho da sua fala	100%	100%	100%
Competência	inteligente	100%	100%	100%
	estudada	50%	100%	100%
	competente	100%	100%	100%
	criativa	100%	100%	100%
	tem boa cultura	100%	100%	100%
	exerce cargo de chefia	50%	100%	50%
Integridade pessoal	cuidadosa	100%	100%	100%
	trabalhadora	100%	100%	100%
	confiável	100%	100%	100%
	preguiçosa	0%	50%	0%
	responsável	100%	100%	100%
	insegura	0%	0%	0%
	respeitosa	100%	100%	100%
	gosta de ajudar quem precisa	100%	100%	100%
Características da fala	a fala é agradável	100%	100%	100%
	a fala é bonita	100%	100%	100%
	a fala é cantada	50%	100%	50%
	a fala é lenta	100%	50%	0%
	a fala é expressiva	50%	100%	100%
	a fala é simples	100%	100%	100%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Segundo a Tabela 20, as atitudes do migrante cearense em relação aos dialetos são bastante positivas, já que, para a maioria das características, ele atribuiu percentuais acima de 75%. As características de atratividade pessoal, *tímida, exibida e autoritária* (50%) destacam-se em relação ao dialeto cearense; por outro lado para o santa-marianense destaca-se a característica *tem boa condição financeira* (100%). Quanto à competência, o belenense é destacado como alguém *que exerce cargo de chefia* (100%). Segundo o migrante, ele também é *preguiçoso* (50%) e possui a *fala cantada* (100%). Além do mais, o cearense, na opinião dos próprios migrantes, é *tímido, exibido e autoritário*, características não atribuídas para os demais dialetos. O falante santa-marianense foi considerado pelo migrante como *de boa condição financeira*.

A atitude do migrante em relação aos dialetos, no geral, é mais positiva para o dialeto santa-marianense, pois, para a maioria das características positivas, obteve 100%. Em características negativas, como *grosso e antipático*, ele é assemelhado ao belenense. Os Gráficos 15, 16 e 17 ajudam a compreender melhor as atitudes dos migrantes cearenses em relação aos dialetos. No Gráfico 15, são apresentadas as características de atratividade social.

Gráfico 15 - Características associadas à atratividade social atribuídas pelo migrante de Santa Maria do Pará aos dialetos cearense, belenense e santa-marianense.



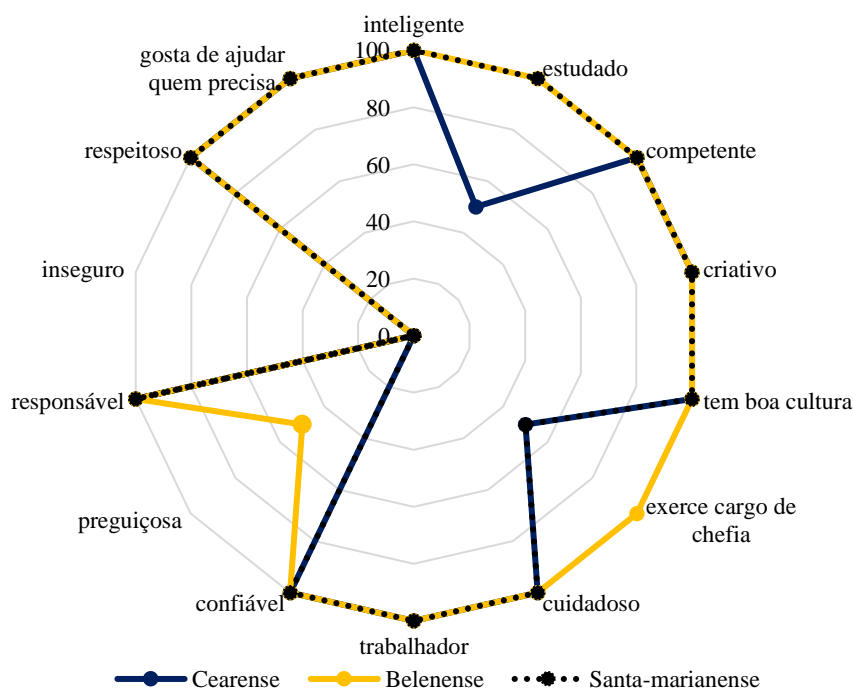
Fonte: Elaborado pelo autor.

Segundo as informações do Gráfico, em relação à atratividade social, o cearense foi avaliado mais negativamente do que os demais falantes dos outros dialetos. Entretanto, assim

como os demais, foi considerado *engraçado* e *orgulhoso de sua fala*. Portanto, o cearense pode ser considerado menos atrativo socialmente.

Em relação à competência e à integridade pessoal, o Gráfico 16 traz informações que ajudam a comparar as atitudes dos migrantes cearenses quanto a essas características.

Gráfico 16 - Características associadas à competência e à integridade pessoal atribuídas pelo migrante cearense de Santa Maria do Pará aos dialetos cearense, belenense e santa-marianense.

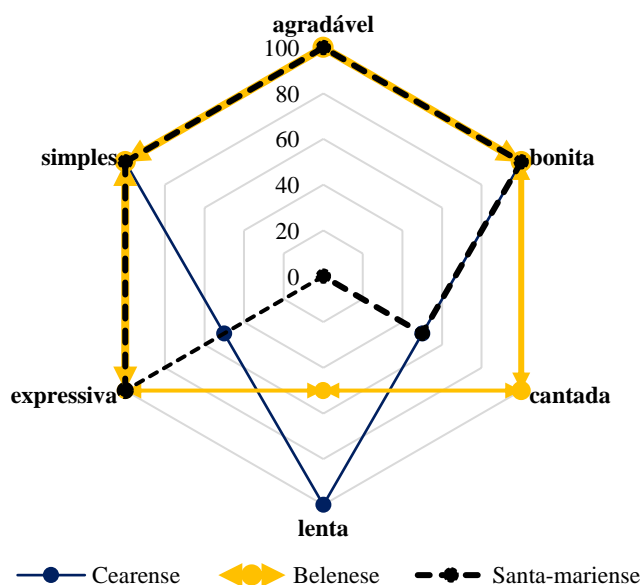


Fonte: elaborado pelo autor.

Pelo Gráfico 16, podemos inferir que as atitudes do migrante cearense em relação ao Santa-marianense são mais positivas. Quando se comparam os percentuais mais elevados e menos elevados em relação às características negativas e positivas, o santa-marianense se destaca dos demais, pois, nas positivas, recebe índices elevados e, nas negativas, como *inseguro* e *preguiçoso*, não é avaliado com nenhum percentual de *concordo*.

No caso das características linguísticas, o Gráfico 17 traz informações que permitem a verificação dos julgamentos pelos migrantes cearenses.

Gráfico 17- Características estéticas associadas aos dialetos pelo migrante de Santa-Maria do Pará.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Como podemos ver no Gráfico 17, a atitude dos migrantes cearenses em relação aos dialetos é positiva; mais acentuada para a fala do santa-marianense e menos acentuada para o belenense. Assim, para o migrante cearense de Santa Maria, a fala do santa-marianense é a menos *lenta*, diferenciando-a da fala do belenense e de seu próprio dialeto; a fala do belenense é a mais *cantada* e a segunda mais *lenta*, já que a primeira é a fala do cearense. Nas demais características o santa-marianense é comparado aos outros dialetos com o mesmo resultado.

A partir dos resultados dos julgamentos dos residentes de Santa Maria do Pará, podemos concluir, em relação às atitudes dos migrantes e nativos, que:

- Os nativos têm atitudes mais positivas para o seu dialeto, ou seja, o dialeto santa-marianense.
- Os migrantes têm atitudes mais positivas para o dialeto santa-marianense.

Nesse sentido, os nativos foram leais ao seu dialeto, em oposição à deslealdade dos migrantes cearenses, diante do próprio dialeto, pois o avaliaram mais negativamente, quando comparado aos outros dialetos.

Na sequência, apresentamos os resultados para a localidade de São Miguel do Guamá.

3.2.1.2 São Miguel do Guamá e os dialetos avaliados.

Nos resultados gerais, conforme vimos na Tabela 17, São Miguel do Guamá foi a localidade cujas respostas positivas dos informantes tiveram os percentuais mais próximos nas avaliações dos dialetos. A Tabela 21 apresenta o resumo das avaliações que os informantes dessa localidade, segundo sua procedência, realizaram em relação aos dialetos ouvidos (cearense, belenense e guamaense).

Tabela 21 - Avaliação dos dialetos por informantes migrantes e nativos de São Miguel do Guamá.

Procedência	NATIVO		MIGRANTE	
	Positiva	Negativa	Positiva	Negativa
Cearnense	60%	40%	96,7%	3,3%
Belenense	62,8%	37,2%	95%	5%
Local	56,1%	43,9%	90%	10%
Total Geral	59,6%	40,3%	93,8%	6,1%

Fonte: elaborada pelo autor.

Os dados da Tabela 21 apresentam o seguinte: pela ordem, os percentuais para avaliações positivas dadas pelos migrantes cearenses aos falantes dos dialetos ouvidos foram: cearense (96,7%), belenense (95%), guamaense (90%). Já para as avaliações negativas a ordem se investe: guamaense (10%), belenense (5%) e cearense (3,3%). Os dados para avaliações positivas dos nativos de São Miguel do Guamá foram 62,8% para o belenense, 60% para o cearense e 56,1% para o guamaense. Os dados apontam que o nativo não foi leal com seu dialeto, avaliando-o mais negativamente (43,9%). O belenense foi o que recebeu menos avaliação negativa pelos nativos guamaenses (37,2%). Em termos gerais, os migrantes cearenses atribuíram mais avaliações positivas aos falantes (93,8%) comparados aos nativos (59,6%); enquanto os nativos atribuíram mais avaliações negativas (40,3%), em detrimento das avaliações negativas dos migrantes (6,1%).

A Tabela 22 traz os percentuais de respostas *concordo* que foram conferidas pelos nativos de São Miguel do Guamá para cada falante, conforme as características.

Tabela 22 - Percentuais de *Concordo* nas avaliações dos informantes nativos de São Miguel do Guamá.

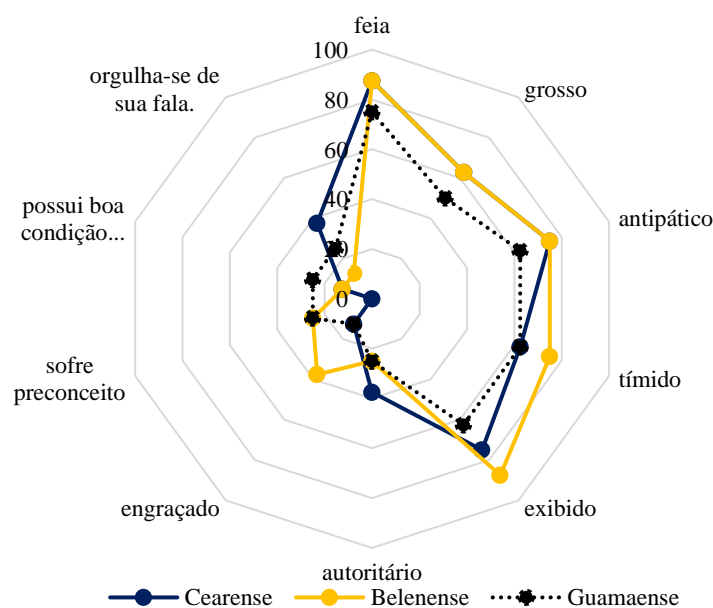
PERGUNTAS avaliadas pelos nativos de São Miguel do Guamá		Dialeto ouvidos		
		CEARENSE	BELENENSE	GUAMAENSE
Atratividade social	feia	87,5	87,5	75
	grossa	62,5	62,5	50
	antipática	75,0	75,0	62,5
	tímida	62,5	75,0	62,5
	exibida	75,0	87,5	62,5
	autoritária	37,5	25,0	25
	engraçada	12,5	37,5	12,5
	sofre preconceito social	0,0	25,0	25
	possui boa condição financeira	12,5	12,5	25
Competência	sente orgulho da sua fala	37,5	12,5	25
	inteligente	12,5	37,5	25
	estudada	12,5	12,5	25
	competente	37,5	87,5	62,5
	criativa	50,0	62,5	37,5
	tem boa cultura	37,5	50,0	25
Integridade pessoal	exerce cargo de chefia	62,5	87,5	75
	cuidadosa	75,0	62,5	75
	trabalhadora	62,5	75,0	75
	confiável	62,5	75,0	75
	preguiçosa	25,0	12,5	37,5
	responsável	62,5	75,0	50
	insegura	25,0	62,5	50
	respeitosa	75,0	87,5	75
Características da fala	gosta de ajudar quem precisa	75,0	75,0	75
	a fala é agradável	75,0	75,0	75
	a fala é bonita	62,5	37,5	62,5
	a fala é cantada	37,5	50,0	37,5
	a fala é lenta	37,5	25,0	75
	a fala é expressiva	62,5	62,5	50
a fala é simples	87,5	100,0	100	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Visualizando a Tabela 22, com os dados destacados na cor laranja, podemos perceber que o falante belenense se destacou em relação aos demais, recebendo os percentuais mais altos, ou iguais, para as características relacionadas. Os percentuais das características das nas quais ele se destacou foram: *competente* (87,5%), *respeitosa* (87,5%), *exerce cargo de chefia* (87,5%), *tímida* (75%), *responsável* (75%), *criativa* (62,5%), *insegura* (62,5%), *tem boa cultura* (50%), *cantada* (50%), *engraçada* (37,5%), *inteligente* (37,5%). Já ao cearense, os maiores percentuais foram para: *autoritária* (37,5%) e *sente orgulho de falar assim* (37,5%). Dessas duas, uma é negativa. Quando analisamos as características atribuídas ao guamaense, duas delas se destacam, uma positiva, *possui boa condição financeira* (25%), e outra negativa, *preguiçosa* (37,5%).

O Gráfico 18 permite ao leitor visualizar, quanto a características de atratividade social, quais as que se destacaram em relação aos falantes dos áudios.

Gráfico 18 - Características associadas à atratividade social atribuídas pelos guamaenses aos dialetos cearense, belenense e guamaense.

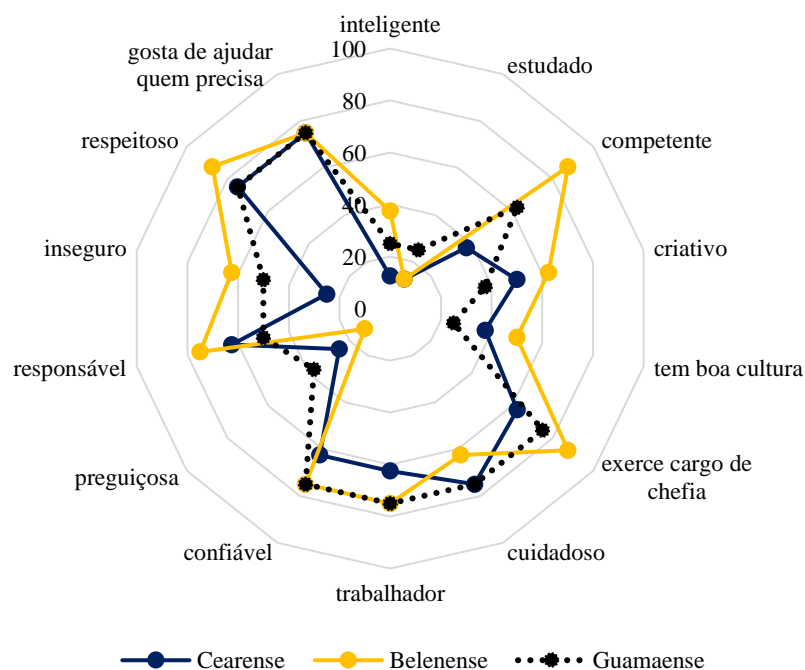


Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com o Gráfico, os percentuais mais elevados, independentemente dos falantes, foram para as características mais negativas: *feia*, *grossa*, *antipática*, *tímida* e *exibida*. Quando observamos os percentuais atribuídos às características em relação aos falantes, verificamos que o cearense recebeu, do nativo, a avaliação *concordo* para as características *autoritária* (37,5%) e *sente orgulho de falar assim* (37,5%). Embora tenha recebido destaque em comparação aos outros falantes, pelos índices, podemos deduzir que a avaliação não foi positiva, já que a maioria não teve o mesmo juízo de valor. Em relação a outras características, o cearense foi igualado ao belenense no quesito ter *boa condição financeira* (12,5%), ou ser *antipática* (75%), *grossa* (62%) e *feia* (87,5%). À primeira delas, os índices atribuídos foram muito baixos, o que nos permite afirmar que, embora seja uma característica positiva, a avaliação foi negativa. Vale ressaltar que, para *sofre preconceito social*, o cearense não recebeu avaliação de *concordo*. Isso nos permite afirmar que, para essa característica, ele foi bem avaliado. Em relação ao belenense, na avaliação dos nativos, as características que se destacaram foram: *engraçada* (37,5%), *exibida* (87,5%), *tímida* (75%); ele foi igualado ao guamaense em relação à *sofre preconceito social* (25%) e *autoritária* (25%). O guamaense, por seu turno, se destacou na avaliação dos nativos de São Miguel do Guamá para a característica *possui boa condição financeira* (25,5%). Por ser um índice baixo, podemos inferir que sua avaliação, para esta característica, foi negativa.

Quando comparamos os dialetos com relação a características voltadas à competência e à integridade social, o belenense é o que mais se destaca na avaliação dos nativos, como podemos verificar no Gráfico 19.

Gráfico 19 - Características associadas à competência e à integridade social atribuídas pelos guamaenses aos dialetos cearense, belenense e guamaense.



Fonte: Elaborado pelo autor.

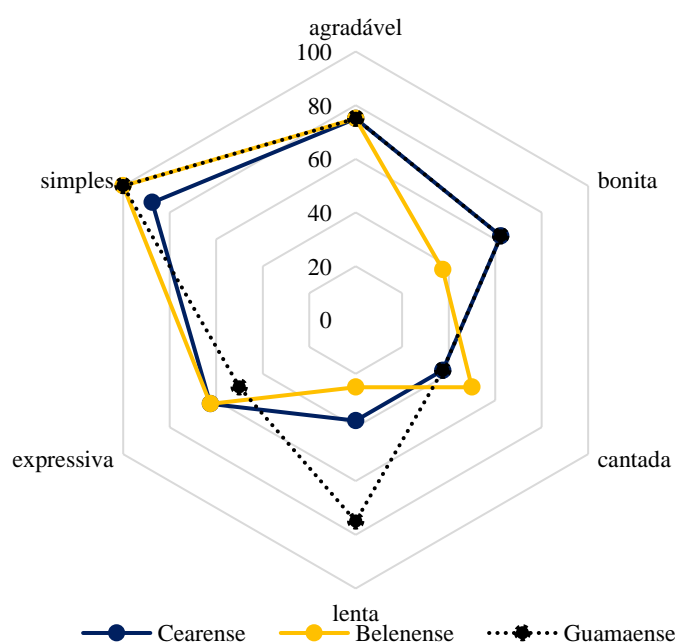
Quando visualizamos o Gráfico 19, logo verificamos que o dialeto do belenense foi o mais bem avaliado em relação às características *exerce cargo de chefia* (87,5%), *competente* (87,5%), *respeitoso* (87,5%), *responsável* (75%), *criativa* (62,5%), *tem boa cultura* (50%) e *inteligente* (37,5%) comparado aos outros falantes. Todavia, observamos que algumas características receberam poucas avaliações para *concordo*, como é o caso de *inteligente e estudada*, cujos percentuais ficam abaixo de 40%.

Quando observamos os índices para o dialeto guamaense, verificamos que este se destacou em relação aos outros falantes para *estudada* (25%) e *preguiçosa* (37,5%), a primeira positiva e a outra negativa. Embora tenham sido percentuais baixos, os juízes o diferenciaram em relação aos demais falantes. São Miguel do Guamá é a única cidade das investigadas que tem polo de uma Universidade, o que pode ter influenciado os juízes a avaliar o guamaense como alguém que gosta de estudar; por outro lado, o destaque na característica *preguiçosa* pode estar associado ao costume da sesta, sempre após o almoço, muito praticada pelas as cidades às margens dos rios, no Pará.

No que se refere a características de integridade pessoal, o belenense se destaca em relação a *respeitosa* (87,5%), *responsável* (75%) e *insegura* (62,5%). Por outro lado, o belenense é igualado ao guamaense no que se refere a *trabalhadora* (75%), *confiável* (75%). Quando observamos os percentuais para o guamaense, apenas a característica *preguiçosa* (37,5%) tem atribuídas avaliações de *concordo* com um índice maior que a dos outros falantes. Fato que deixa a entender que o guamaense se destaca dos outros falantes (cearense e belenense) por ser considerado preguiçoso, pelos motivos já expostos anteriormente. No caso do cearense, embora não tenha sido avaliado positivamente em relação aos demais falantes, destaca-se quanto a *inseguro* (25%). Esses índices indicam que ele foi avaliado mais positivamente em relação aos outros nesta característica negativa, já que é considerado o menos inseguro.

Em relação às características estéticas, dialetais e estilísticas, observamos o seguinte, conforme o Gráfico 20: em relação ao cearense, não houve nenhuma característica que se destacasse; todavia sua fala foi igualada a dos outros em relação a *agradável* (75%) e, em relação a *simples* (100%), à fala do belenense; em relação à *bonita* a do guamaense. Para os nativos, a fala do guamaense se destaca por ser a mais *lenta* (75%), e foi igualada à do belenense como *simples* (100%); esta foi considerada a mais *cantada* (50%) pela metade dos nativos e a mais *feia*, já que nos julgamentos dos nativos atingiu o menor índice para *bonita* (37,5%).

Gráfico 20 - Características estéticas associadas aos dialetos pelo guamaense.



Fonte: Elaborado pelo autor.

A Tabela 23, que segue, traz os percentuais que correspondem às avaliações feitas por migrantes cearenses que residem em São Miguel do Guamá. Correspondem às respostas *concordo* atribuídas às características pessoais dos falantes cearense, belenense e guamaense. Vejamos os resultados:

Tabela 23 - Percentuais de *concordo* nas avaliações dos informantes migrantes cearenses em São Miguel do Guamá.

	PERGUNTAS avaliadas pelos migrantes cearenses de São Miguel do Guamá	Dialeto ouvidos		
		CEARENSE	BELENENSE	GUAMAENSE
Atratividade social	feia	0,0	100,0	100
	grossa	0,0	100,0	100
	antipática	0,0	100,0	50
	tímida	0,0	100,0	100
	exibida	0,0	100,0	50
	autoritária	0,0	50,0	50
	engraçada	100,0	0,0	0
	sofre preconceito social	0,0	0,0	0
	possui boa condição financeira	100,0	0,0	0
sente orgulho da sua fala	100,0	0,0	0	
Competência	inteligente	100	0	0
	estudada	100,0	0,0	0
	competente	100,0	100,0	100
	criativa	100,0	0,0	0
	tem boa cultura	100,0	100,0	50
	exerce cargo de chefia	50,0	100,0	100
Integridade pessoal	cuidadosa	100,0	100,0	100
	trabalhadora	100	100	100
	confiável	100,0	100,0	100
	preguiçosa	0,0	0,0	0
	responsável	100,0	100,0	100
	insegura	0,0	0,0	0
	respeitosa	100,0	100,0	100
gosta de ajudar quem precisa	100,0	100,0	100	
Características da fala	a fala é agradável	100,0	100,0	100
	a fala é bonita	100,0	100,0	100
	a fala é cantada	50	100	50
	a fala é lenta	0,0	0,0	50
	a fala é expressiva	100,0	100,0	100
	a fala é simples	100,0	100,0	100

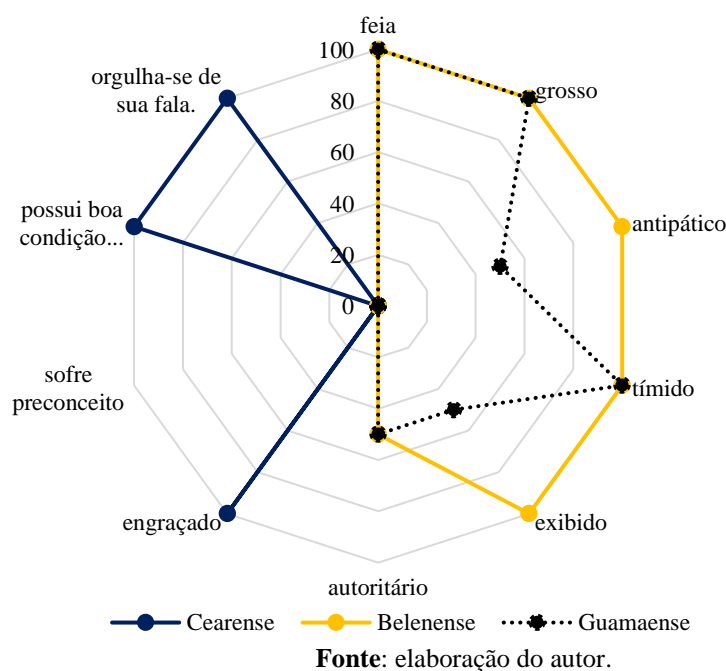
Fonte: Elaborada pelo autor.

De acordo com Tabela 23, os resultados da maioria das características indicam que os migrantes avaliaram os falantes do mesmo modo, atribuindo a eles os mesmos índices percentuais.

Em relação às características de atratividade social, na avaliação dos migrantes cearenses, o falante cearense se destaca para *engraçada* (100%), *possui boa condição financeira* (100%) e *orgulho de falar assim* (100%). Todas são características positivas. Quanto às características negativas, o cearense não recebeu nenhuma avaliação *concordo*, o que implica uma avaliação positiva. No caso do belenense, destacam-se as características

antipática (100%) e *exibida* (100%). As duas são atributos negativos. Já o guamaense não obteve destaque para nenhuma característica. No gráfico 21, é possível visualizar os resultados de cada dialeto.

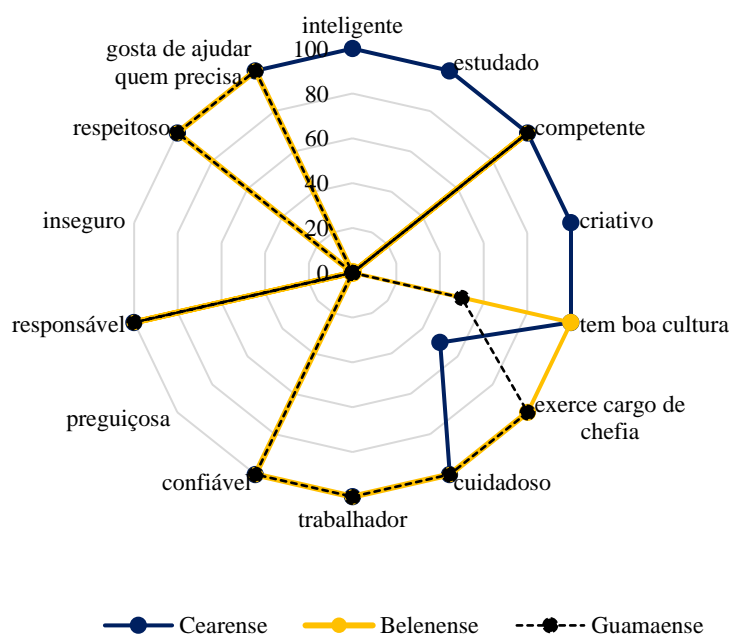
Gráfico 21 - Características associadas à integridade pessoal atribuídas pelos migrantes aos dialetos cearense, belenense e guamaense.



Como podemos ver no Gráfico 21, o cearense é mais bem avaliado, já que tem altos índices para características positivas e nenhum índice para características negativas. Em contrapartida, o belenense é considerado *antipático* e *exibido*.

No Gráfico 22, a seguir, apresentamos os índices das características vinculadas à competência e à integridade social. Para as características desse grupo, os migrantes cearenses avaliaram melhor o seu próprio dialeto, pois o falante cearense recebeu 100% de respostas *concordo* para quase todas as características positivas: *inteligente* (100%), *estudada* (100%), *Criativa* (100%). O cearense foi igualado ao belenense e ao guamaense para *competente* (100%), e ao primeiro na característica *tem boa cultura* (100%). Para as características *inteligente*, *estudada* e *criativa*, tanto o belenense quanto o guamaense não receberam nenhuma avaliação de *concordo*. Nesse sentido, inferimos que eles não foram bem avaliados em relação a esses atributos.

Gráfico 22 - Dados percentuais de *concordo* para características associadas à competência atribuídas por guamaenses aos três falantes.



Fonte: elaborado pelo autor.

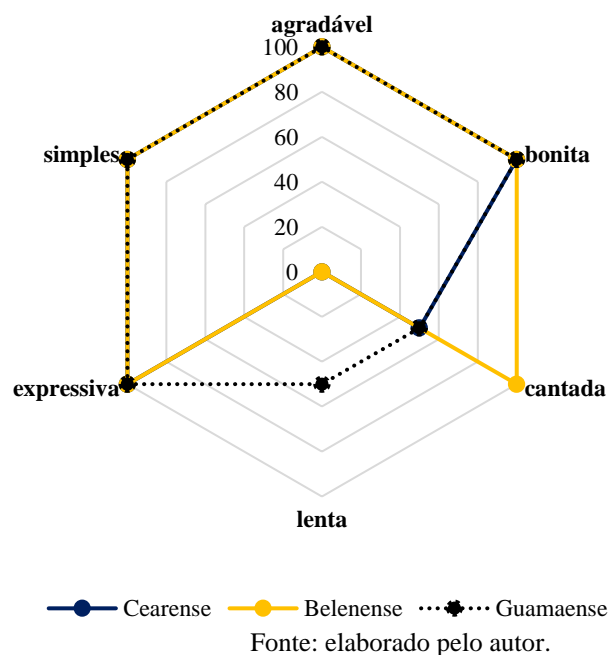
Os dados visualizados no Gráfico 22 indicam que o cearense é o falante mais bem avaliado no julgamento dos migrantes cearenses, seguido do belenense e do guamaense.

Quando são comparados os dados de respostas *concordo* nos julgamentos dos migrantes cearenses para os falantes dos dialetos avaliados, observamos que todos eles tiveram os mesmos índices. Isto quer dizer que, subjetivamente, os migrantes cearenses consideraram todos os falantes, independentemente do dialeto, como pessoas íntegras, porque para características como *cuidadosa, trabalhadora, confiável, responsável, respeitosa e gosta de ajudar os outros*.. todos os falantes alcançaram 100% de *concordo*. Por outro lado, para os atributos negativos, *preguiçosa e insegura*, não há índices de *concordo* para nenhum falante do áudio.

Em relação às características de integridade pessoal, no julgamento dos migrantes cearenses residentes em São Miguel do Guamá não há nenhum falante que se destaque e nenhum falante foi avaliado negativamente.

Quando são comparados os dados relativos aos julgamentos das falas dos áudios ouvidos pelos migrantes, o Gráfico 23 mostra que houve destaque para as características *cantada e lenta*.

Gráfico 23 - Dados percentuais de *concordo* para características associadas à fala atribuídos pelo guamaenses aos três falantes.



O Gráfico 23 apresenta os índices para as características atribuídas às falas dos áudios ouvidos. Podemos visualizar que, quanto a *agradável*, *bonita*, *expressiva* e *simples*, todos os dialetos ouvidos possuem tais atributos. Todavia, a fala do belenense foi considerada a mais cantada (100%) em relação as demais dialetos. Enquanto a fala do Guamaense foi considerada a mais *lenta*, comparada às falas do belenense e cearense, que não obtiveram nenhuma resposta para essa característica, o que nos permite afirmar que, para os migrantes, essas falas são rápidas.

Pelos dados verificados para os falantes dos dialetos na avaliação dos residentes de São Miguel do Guamá, nativos e migrantes cearenses, podemos constatar que:

- Os nativos avaliam mais positivamente o dialeto do falante belenense.
- Os migrantes avaliam mais positivamente o dialeto do cearense, ou seja, seu próprio dialeto.

Em suma, enquanto os nativos não foram leais ao seu dialeto, os migrantes se mostram leais em relação ao próprio dialeto, pois o avaliaram mais positivamente. Ao atribuírem índices percentuais altos para *concordo* a características pessoais positivas, os migrantes cearenses e os nativos demonstram subjetivamente que posicionamentos eles têm em relação às falas.

3.2.1.3 Mãe do Rio e os dialetos avaliados.

A terceira localidade investigada foi Mãe do Rio. Os resultados gerais referentes à avaliação dos residentes, conforme à procedência, encontram-se na Tabela 24.

Tabela 24 – Avaliação dos dialetos por informantes migrantes e nativos de Mãe do Rio.

Procedência	NATIVO		MIGRANTE	
	Positiva	Negativa	Positiva	Negativa
Cearense	60,6%	39,4%	85%	15%
Belenense	62,2%	37,8%	88%	12%
Local	51,7%	48,3%	68%	32%
Total Geral	58,1%	41,9%	80,6%	19,4%

Fonte: Elaborada pelo autor.

De acordo com a Tabela 24, na avaliação dos residentes, o dialeto belenense foi o julgado mais positivamente, com 62,2% nos julgamentos dos nativos e 88% no dos migrantes cearenses, os que julgam mais positivamente. O dialeto local recebeu os menores índices de *concordo* para características positivas em relação aos demais dialetos. Os migrantes foram os que melhor avaliam os dialetos, pois 80,6% de suas respostas foram positivas. Apresentamos na Tabela 25 os dados percentuais para cada característica.

Tabela 25 – Percentuais de *Concordo* nas avaliações dos informantes nativos de Mãe do Rio.

CARACTERÍSTICAS avaliadas pelos mãe-rienses		DIALETOS OUIDOS		
		Cearense	Belenense	Mãe-riense
Atratividade social	feia	17%	50%	83%
	grossa	33%	0%	17
	antipática	33%	50%	33%
	tímida	50%	17%	17%
	exibida	50%	67%	50%
	autoritária	33%	33%	67%
	engraçada	67%	50%	0%
	sofre preconceito social	33%	67%	67%
	possui boa condição financeira	17%	33%	50%
	sente orgulho da sua fala	83%	50%	50%
Competência	inteligente	83%	83%	50%
	estudada	50%	67%	17%
	competente	83%	83%	50%
	criativa	83%	67%	100%
	tem boa cultura	83%	33%	50%
	exerce cargo de chefia	17%	50%	0%
Inteligente nessas	cuidadosa	50%	67%	67%

	trabalhadora	67%	67%	33%
	confiável	50%	67%	83%
	preguiçosa	33%	33%	67%
	responsável	83%	100%	67%
	insegura	83%	50%	83%
	respeitosa	67%	83%	100%
	gosta de ajudar quem precisa	50%	83%	100%
Características da fala	a fala é agradável	67%	50%	50%
	a fala é bonita	67%	17%	17%
	a fala é cantada	50%	33%	17%
	a fala é lenta	17%	67%	50%
	a fala é expressiva	83%	100%	83%
	a fala é simples	67%	83%	100%

Fonte: Elaborada pelo o autor.

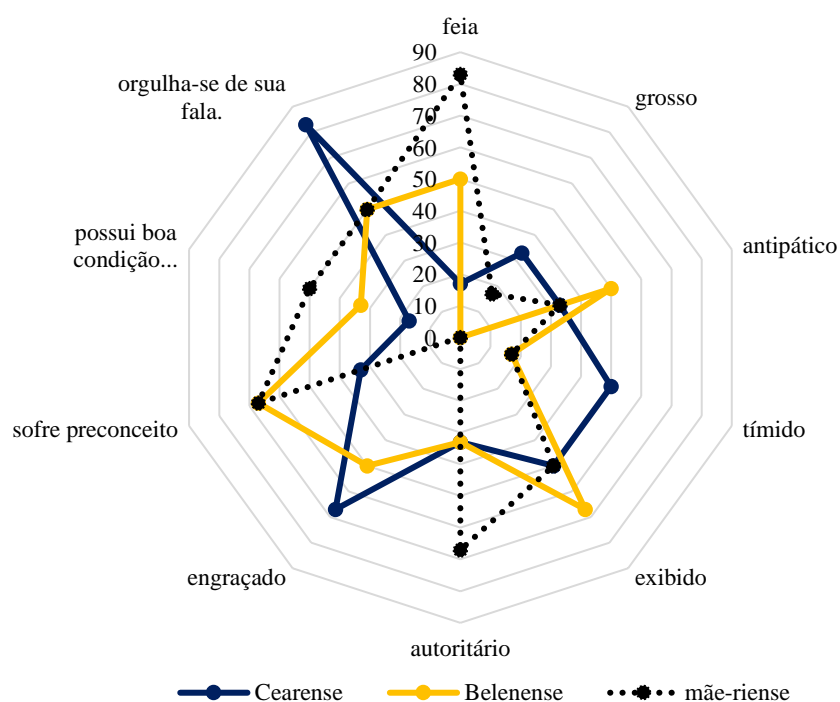
Conforme a Tabela 25, o cearense se destacou para *grossa* (33%), *tímida* (50%), *engraçada* (67%), *sente orgulho de sua fala* (83%). As duas primeiras são características negativas. O belenense teve destaque para *antipático* (50%), *exibida* (67%), e foi considerado alguém que *sofre preconceito social* (67%). Por outro lado, o mãe-riense foi considerado *feito* (83%) e *autoritário* (67%) e alguém que *sofre preconceito social* (67%), condição que o iguala ao belenense; entretanto, 50% dos informantes-juízes o consideram *de boa condição financeira* (50%).

No que se refere à competência, o cearense foi igualado ao belenense como *inteligente e competente* (83%), destacando-se *como possuidor de boa cultura* (83%). O belenense, por sua vez, destacou-se por ser *estudado* (67%) e por *exercer cargo de chefia* (50%); A única característica em que se destaca o mãe-riense é *criativa* (100%). Assim, este foi avaliado mais negativamente em relação à competência.

Em relação à integridade social, o cearense não foi destacado em nenhuma característica. O belenense foi considerado *responsável* (100%); o mãe-riense na visão do nativo é *confiável* (83%), mas *preguiçoso* (63%). Quanto a sua fala foi considerada *simples* (100%); já a fala do cearense foi considerada *agradável* (67%), *bonita* (67%), *cantada* (67%); diferentemente da fala do belenense que, na visão do nativo, é *lenta* (67%) e *expressiva* (100%).

A relação entre os dialetos e como os nativos os avaliaram pode ser visualizadas nos gráficos a seguir. O Gráfico 24 mostra que, em relação à atratividade social, o cearense de destaca.

Gráfico 24 - Características associadas à atratividade social atribuídas pelo mãe-riense aos dialetos cearense, belenense e mãe-riense.

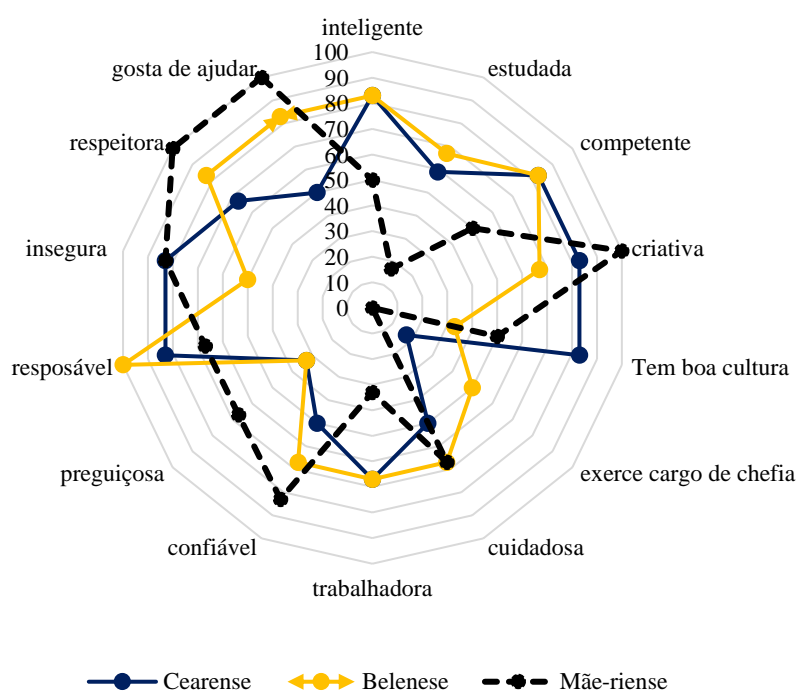


Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Como vemos no Gráfico 24, o cearense tem destaque para *engraçado e orgulha-se de sua fala*, características que tiveram índices elevados; embora tenha se destacado como *tímido e grosso*, consideramos que sua avaliação foi positiva, já que os percentuais para essas características foram baixos. Diferentemente do que ocorreu com os demais dialetos, cujas características destacadas são todas negativas. O belenense foi avaliado como *exibido e antipático*, já o mãe-riense como *autoritário e feio*, embora de *boa condição financeira*.

Em relação à competência e integridade social, o Gráfico 25, a seguir, mostra como o nativo julgou um dialeto em comparação ao outro.

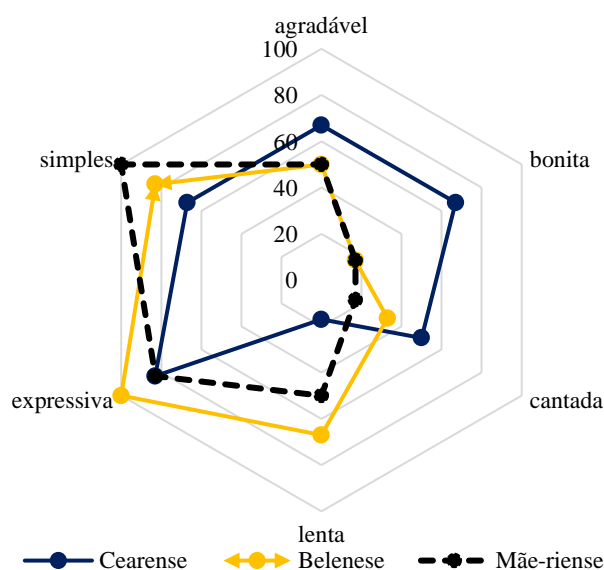
Gráfico 25 - Características associadas à competência e integridade social pelos mãe-rienses aos dialetos cearense, belenense e mãe-riense.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Para os nativos, o *cearense* é o aquele que *tem boa cultura*. Foi considerado junto com o belenense como *inteligente e competente*. O belenense foi julgado como mais *responsável* e *alguém que exerce cargo de chefia*. Mesmo não se destacando em todas as características positivas, é possível observar, pelo gráfico, que ele obteve altos índices em características positivas. O nativo, por sua vez, representado pelo dialeto local, foi avaliado como *criativo, confiável, respeitoso, gosta de ajudar os outro*, além de ter sido considerado negativamente como *preguiçoso*. Num primeiro olhar, pensamos ter sido o nativo mais bem avaliado pelos nativos. Entretanto, ao observarmos mais atentamente o Gráfico 25, na maioria das características positivas, destacam-se o belenense e o cearense.

Quanto à fala, o Gráfico 26 mostra que os nativos foram desleais ao seu dialeto, pois atribuíram os maiores índices para o belenense e para o cearense.

Gráfico 26 – Características estéticas associadas aos dialetos pelo mãe-riense.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os nativos consideraram seu dialeto *mais simples* e, por outro lado, avaliaram o belenense como o *mais expressivo e o mais lento*. O dialeto do Ceará foi considerado *o mais bonito, o mais agradável e o mais cantado*. No conjunto, embora o dialeto belenense tenha sido julgado como *expressivo*, as características *agradável e bonito* se sobressaem porque denotam um apreço maior ao dialeto cearense.

A Tabela 26 traz os dados percentuais das atitudes do cearense residente em Mãe do Rio, frente aos dialetos.

Tabela 26 - Percentuais de *Concordo* nas avaliações dos informantes migrantes de Mãe do Rio.

CARACTERÍSTICAS avaliadas pelos migrantes de Mãe do Rio		DIALETOS OUVIDOS		
		Cearense	Belenese	Mãe-riense
Atratividade social	feia	0%	0%	0%
	grossa	0%	0%	50
	antipática	0%	0%	50%
	tímida	0%	0%	0%
	exibida	0%	0%	50%
	autoritária	0%	0%	0%
	engraçada	50%	0%	50%
	sofre preconceito social	0%	0%	0%
	possui boa condição financeira	50%	50%	100%
	sente orgulho da sua fala	50%	100%	100%
Competência	inteligente	100%	100%	50%
	estudada	100%	100%	50%

	competente	100%	100%	50%
	criativa	50%	100%	50%
	tem boa cultura	100%	100%	50%
	exerce cargo de chefia	0%	0%	0%
Integridade pessoal	cuidadosa	100%	100%	100%
	trabalhadora	50%	100%	100%
	confiável	100%	100%	50%
	preguiçosa	50%	0%	50%
	responsável	100%	100%	50%
	insegura	0%	0%	50%
	respeitosa	100%	100%	100%
	gosta de ajudar quem precisa	100%	100%	100%
Características da fala	a fala é agradável	100%	100%	50%
	a fala é bonita	100%	100%	50%
	a fala é cantada	0%	50%	50%
	a fala é lenta	50%	50%	100%
	a fala é expressiva	100%	100%	50%
	a fala é simples	100%	100%	100%

Fonte:

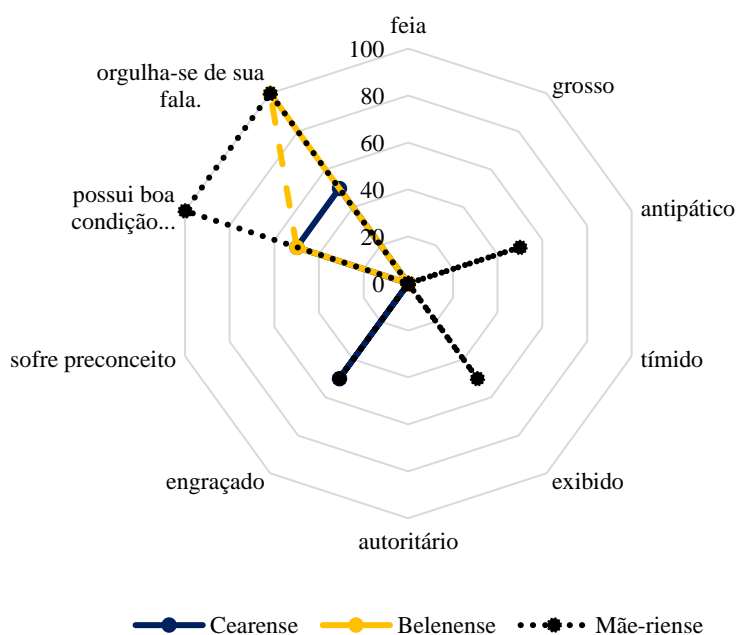
Elaborada pelo autor.

A Tabela traz os dados de julgamentos dos migrantes cearenses residentes em Mãe do Rio para os dialetos. Diferentemente do que ocorreu na avaliação dos nativos, os migrantes atribuíram para aos dialetos cearense e belenense os maiores índices para a maioria das características, em detrimento do dialeto nativo. Dentre as três primeiras características negativas, o nativo foi o único dialeto que recebeu os maiores índices percentuais, sendo considerado *o mais grosso (50%), mais antipático (50%) e mais exibido (50%)*. Em relação a *inteligente, estudada, competente, boa cultura, confiável, responsável*, enquanto o cearense e o belenense foram bem avaliados, com índices de 100% para essas características, o nativo mãe-riense obteve os menores índices; não sendo julgado positivamente pelos migrantes. Além disso, foi considerado *o mais inseguro (50%)*. O migrante cearense, em termos gerais, foi mais leal ao seu dialeto, avaliando-o positivamente, juntamente com o dialeto de Belém.

Em relação às características da fala, sobressaem-se os dialetos cearense e belenenses, considerados *os mais bonitos, mais agradáveis, e mais expressivos*.

O Gráfico 27 apresenta os resultados para o grupo de características da atratividade social segundo os migrantes.

Gráfico 27 - Características associadas à atratividade social atribuídas pelo migrante de Mãe do Rio aos dialetos cearense, belenense e mãe-riense.

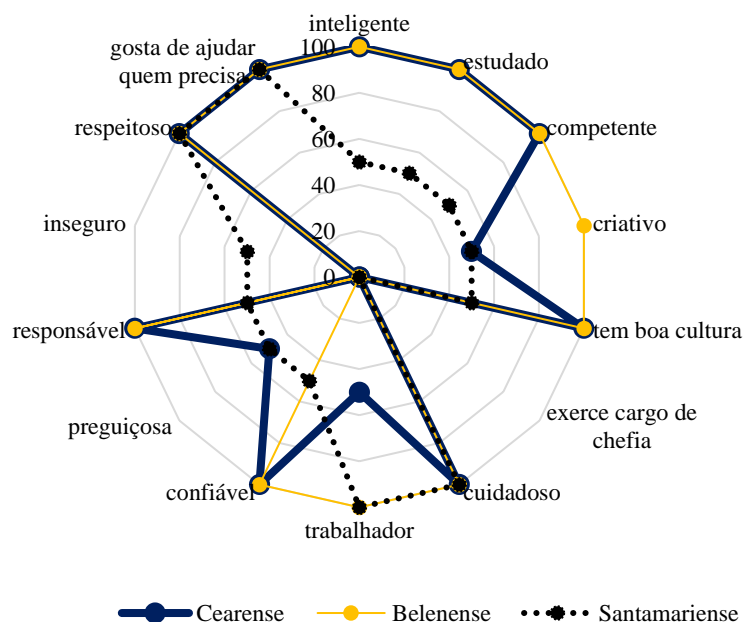


Fonte: Elaborado pelo autor.

Segundo as informações do Gráfico 27, em relação à atratividade social, o mãe-riense foi avaliado mais negativamente do que os demais falantes dos outros dialetos, já que foi o único considerado *antipático e exibido*, características não atribuídas aos demais dialetos. O cearense foi considerado *o mais engraçado*. O belenense não recebeu avaliações negativas e foi igualado ao nativo como *alguém que se orgulha de sua fala*.

Em relação à *competência e à integridade* pessoal o Gráfico 28 traz informações que ajudam a comparar as atitudes dos migrantes quanto a essas características.

Gráfico 28 - Características associadas à competência e à integridade pessoal pelo migrante de Mãe do Rio aos dialetos cearense, belenense e mãe-riense.

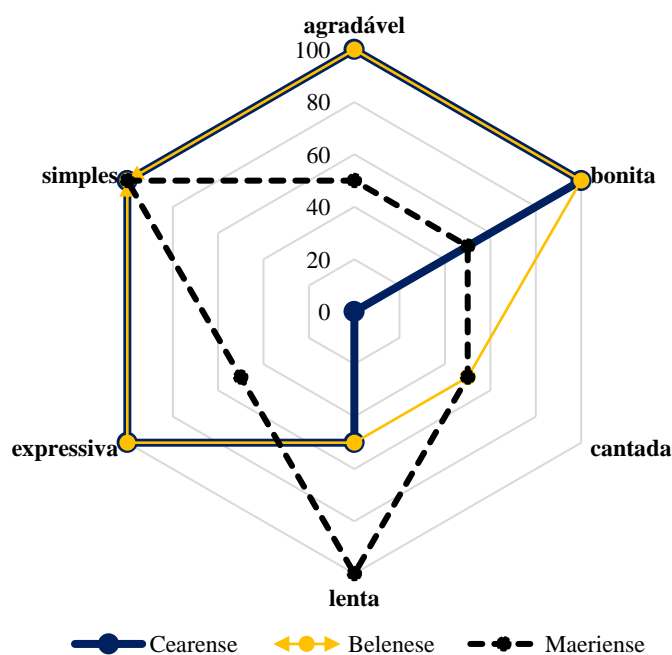


Fonte: Elaborado pelo autor.

Pelo Gráfico 28 podemos inferir que as atitudes do migrante cearense em relação ao belenense são mais positivas. O dialeto belenense embora tenha sido igualado ao cearense numa série de características, foi o único que não recebeu percentuais de *concordo* para características negativas como *preguiçosa* e *inseguro*. O segundo dialeto julgado melhor foi o cearense, que compartilha com o belenense, características como *inteligente*, *estudado*, *competente*, *confiável*, *de boa cultura* e *responsável*. O nativo foi o dialeto avaliado mais negativamente, porque recebeu os menores índices, quando comparado aos demais dialetos.

No caso das características linguísticas, o Gráfico 29 traz informações que permitem a verificação dos julgamentos dos migrantes.

Gráfico 29- Características estéticas associadas aos dialetos pelo migrante de Mãe do Rio.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Pelo Gráfico 29, é possível percebermos que, na avaliação dos migrantes, seu próprio dialeto se destaca dos demais, por ter sido considerado o menos *cantado*. Nas demais características positivas, tanto o cearense quanto o belenense, são tidos como de fala *bonita*, *agradável*, *expressiva*, *menos lenta*; e igualam-se ao dialeto mãe-riense quanto a *simples*.

Em termos gerais, os dados possibilitam afirmar que nem os nativos nem os migrantes foram leais aos seus dialetos já que suas atitudes foram desleais, pois ambos julgaram mais positivamente o dialeto belenense, avaliando seu dialeto mais negativamente em relação aos demais dialetos.

3.2.1.4 Aurora do Pará e os dialetos avaliados.

Os resultados desta seção são da quarta localidade investigada, Aurora do Pará. A Tabela 27 traz o resumo das avaliações que cada informante, segundo sua procedência, realizou em relação aos dialetos ouvidos (cearense, belenense e aurorense).

Tabela 27 – Avaliação dos dialetos por informantes migrantes e nativos de Aurora do Pará.

Procedência	NATIVO		MIGRANTE	
	Positiva	Negativa	Positiva	Negativa
Cearense	75%	25%	91,7%	8,3%
Belenense	75%	25%	86,7%	13,3%
Local	80%	20%	90%	10%
Total Geral	76,6%	23,3%	89,4%	10,5%

Fonte: Elaborada pelo autor.

Em níveis percentuais, os dados apontam que foram os cearenses quem mais realizaram avaliações positivas, 89,4%. Esse resultado pode apontar uma atitude menos preconceituosa desses informantes aos falantes. Ao mesmo tempo, pode apontar para uma abertura maior às variedades linguísticas utilizadas na região. O fato de terem sido bem acolhidos pela região, quando da migração, pode também ter influenciado a serem cordiais em relação às respostas, sempre avaliando as falas positivamente. Observamos também que foi o falante do seu próprio dialeto o mais bem avaliado, com 91,7%, ou seja, os cearenses preferiram subjetivamente sua própria fala. Em segundo, foi o falante do dialeto de Aurora do Pará, com 90%. A avaliação feita pelos migrantes aos dialetos teve percentuais muito próximos, o que pode significar que, para os migrantes, os dialetos são parecidos ou possuem o mesmo *status* linguístico.

As avaliações dos aurorenses aos falantes dos dialetos ouvidos privilegiaram o falante da própria localidade, com índices em 80% para avaliações positivas. Um índice bastante alto, que indica ser os aurorenses leais ao seu próprio dialeto. Já em relação aos falantes dos dialetos do Ceará e de Belém, os juízes aurorenses atribuíram o mesmo percentual de 75%. Por outro lado, foram os falantes desses dialetos os que mais receberam avaliações negativas, com 25% das respostas. Assim, quem mais agradou o informante nativo de Aurora do Pará foi o falante de seu próprio dialeto.

A Tabela 28 traz os dados percentuais que condizem com as avaliações dos aurorenses para os falantes dos três dialetos avaliados.

Tabela 28 - Percentuais de *Concordo* nas avaliações dos informantes nativos de Aurora do Pará.

PERGUNTAS avaliadas pelos aurorenses		DIALETOS OUVIDOS		
		Cearense	Belenense	aurorense
Atratividade social	feia	83,3	66,7	33,3
	grossa	0,0	0,0	0,0
	antipática	50,0	0,0	0,0
	tímida	66,7	33,3	16,7
	exibida	100,0	33,3	33,3
	autoritária	100,0	16,7	16,7
	engraçada	83,3	100,0	33,3
	sofre preconceito social	66,7	50,0	0,0
	possui boa condição financeira	50,0	50,0	66,7
	sente orgulho da sua fala	33,3	100,0	83,3
Competência	inteligente	33,3	100,0	100,0
	estudada	16,7	50,0	83,3
	competente	0,0	66,7	83,3
	criativa	50,0	83,3	83,3
	tem boa cultura	16,7	66,7	100,0
	exerce cargo de chefia	66,7	33,3	16,7
Integridade pessoal	cuidadosa	100,0	66,7	100,0
	trabalhadora	83,3	66,7	83,3
	confiável	50,0	66,7	66,7
	preguiçosa	16,7	16,7	33,3
	responsável	66,7	66,7	100,0
	insegura	33,3	33,3	16,7
	respeitosa	83,3	83,3	100,0
	gosta de ajudar quem precisa	83,3	100,0	66,7
Características da fala	a fala é agradável	100,0	66,7	83,3
	a fala é bonita	66,7	50,0	83,3
	a fala é cantada	16,7	33,3	0,0
	a fala é lenta	50,0	33,3	66,7
	a fala é expressiva	66,7	83,3	50,0
	a fala é simples	83,3	83,3	100,0

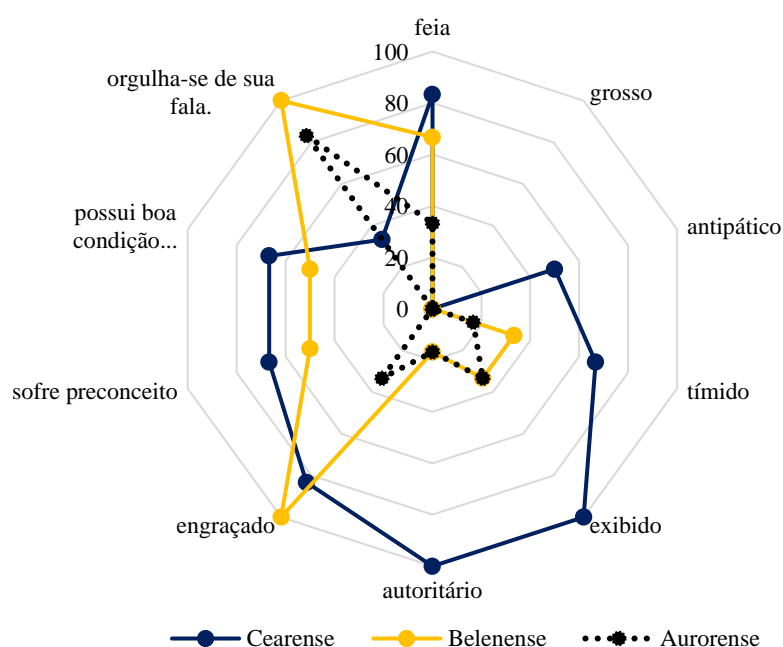
Fonte: elaborado pelo autor.

A partir das informações da tabela 29, é possível observar as características consideradas mais relevantes para cada falante pelos nativos de Aurora do Pará.

A Tabela 29 demonstra que a maioria das características voltadas à atratividade social obtiveram percentuais de *concordo* mais elevados para o falante cearense. Os dados mostram que *exibida e autoritária* tiveram os maiores índices (100%); em comparação aos outros falantes, esse percentual fica bem abaixo, indicando pouca probabilidade de o aurorense considerar um falante aurorense e um belenense como *exibido* ou *autoritário*. Outras características que se destacaram foram: *feia* (83,3%), *tímida* (66,7%), *sofre preconceito social* (66,7%) e *antipática* (50%). Os índices dessas características negativas ao falante cearense apontam que ele foi considerado como de pouca atratividade social. Em comparação aos demais dialetos, apenas *feia* (66,7%) e *sofre preconceito social* (50%) obtiveram índices também altos para o belenense, que se destaca nesse grupo pelas características: *engraçada*

(100%) e *sente orgulho de falar assim* (100%). Para os aurorenses, portanto, o belenense é alguém engraçado e que tem orgulho de sua maneira de falar. Interessante esta característica ter sido atribuída ao belenense, já que ele tem a fala com traços mais distintos em relação ao aurorense e ao cearense, o que pode indicar boa avaliação desse dialeto pelo aurorense. Já em relação à avaliação feita ao falante aurorense, a característica que se destacou foi *ter boa condição financeira* (66,7%). No entendimento do informante aurorense, uma pessoa que tenha o seu dialeto é alguém bem-sucedido, avaliação que demonstra certo *status* social. O Gráfico 30 apresenta os índices para as características de atratividade social.

Gráfico 30 – Dados percentuais de *concordo* para características associadas à atratividade social por aurorense aos três dialetos.



Fonte: elaborado pelo autor.

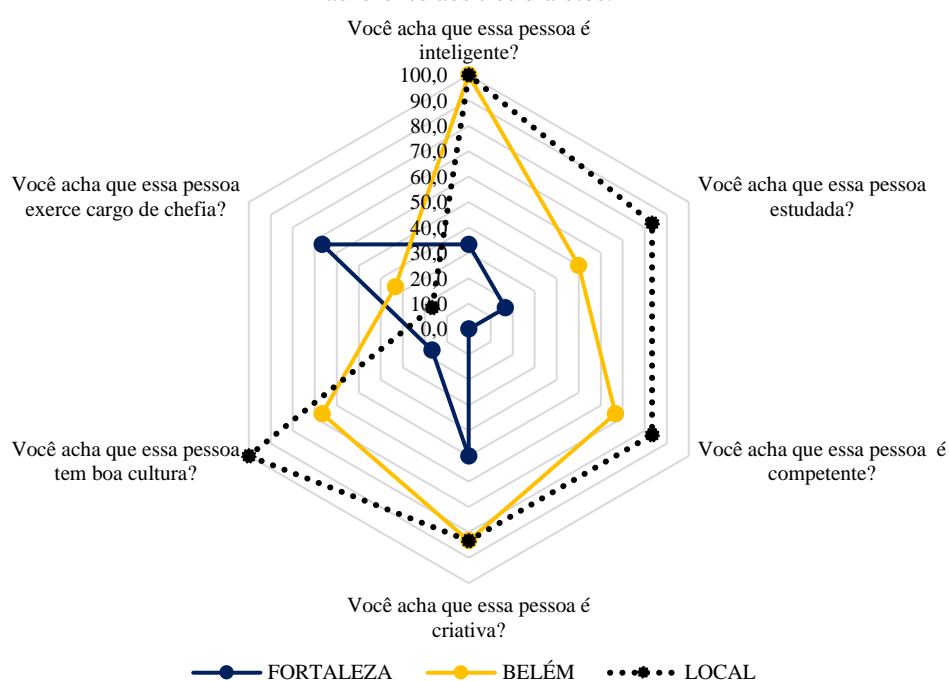
Por meio do Gráfico 30, podemos inferir que o aurorense foi o falante mais bem avaliado em relação à atratividade, já que recebeu os menores percentuais de *concordo* à maioria das características negativas; por outro lado, o cearense foi avaliado mais negativamente e considerado não muito atrativo;

Em relação às características relacionadas à competência, o aurorense se destacou novamente em relação ao cearense e ao belenense na avaliação dos nativos de Aurora do Pará. Por sua vez, o cearense foi avaliado mais negativamente, recebendo menos avaliações *concordo* para características positivas. O belenense ficou como “no meio termo” na

avaliação dos aurorenses, pois, para a maioria das características as avaliações, obteve índices percentuais acima de 50%; exceto para a característica *exerce cargo de chefia* (33,3%); especificamente nessa característica, o índice percentual do cearense subiu (66,7%), enquanto que do belenense e aurorense desceu. Os dados mostram, portanto, que as características *estudadas* (83,3%) e *tem boa cultura* (100%), na avaliação dos aurorenses, estão associadas a pessoas que falam como o aurorense; em comparação, o belenense se igualou ao aurorense quanto às características *inteligente* (100%) e *criativo* (83,3%).

A seguir, no Gráfico 31, podemos verificar melhor essa comparação.

Gráfico 31 - Dados percentuais de *concordo* para características associadas à competência atribuídas pelo aurorense aos três dialetos.

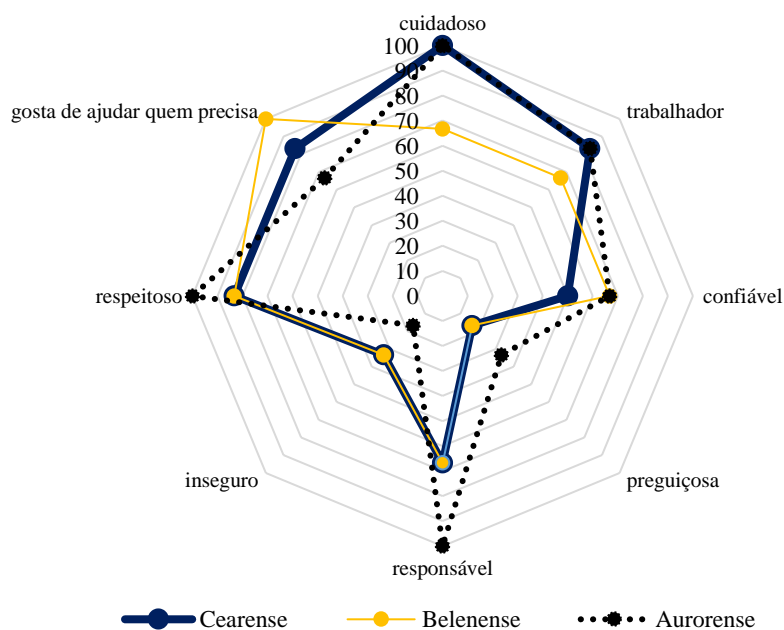


Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Por meio do Gráfico 31, podemos visualizar que há uma proximidade na avaliação dos aurorenses entre os dialetos de Belém e Aurora do Pará no que se refere a características positivas relativas à competência; Outra observação que podemos fazer é que, à medida que atribuiu mais índices percentuais ao aurorense e ao belenense para características positivas, o nativo de Aurora do Pará atribuiu valores mais baixos para o cearense, desfavorecendo-o em relação aos demais. Tal avaliação nos leva a crer em certa lealdade do aurorense em relação ao seu dialeto.

Quanto às características de integridade social, o falante aurorense se destacou e se igualou aos outros falantes nos atributos *cuidadosa* (100%) e *trabalhadora* (100%); Tanto o aurorense quanto o cearense foram considerados trabalhadores. No entanto, o aurorense se destacou em relação a *responsável* (100%) e a *respeitosa* (100%); o belenense obteve 100% para a característica *gosta de ajudar os outros*. O cearense, por sua vez, não se destacou em relação a nenhuma característica, mas junto ao belenense foi considerado o mais *inseguro* (33,3%). A característica *preguiçosa* foi a que recebeu menos avaliações de *concordo*, indicando que nenhum dos falantes está associado a esse atributo, posto que os percentuais ficaram abaixo de 35%. O aurorense foi considerado o menos inseguro em relação aos demais falantes. No gráfico 32, é possível ver esses dados.

Gráfico 32 - Dados percentuais de *concordo* para características associadas à integridade pessoal atribuídas por aurorense aos três dialetos.



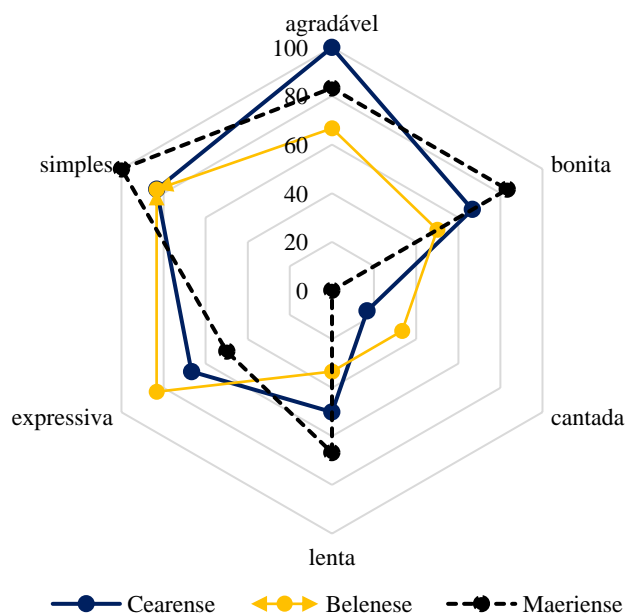
Fonte: elaborado pelo autor.

Em relação às características de integridade pessoal, os índices das características dos falantes ficaram mais próximos. Isso pode sugerir que o aurorense teve mais dificuldade de diferenciar por meio dessas características os falantes ouvidos.

No que se refere a características da fala, observamos que os percentuais para os três falantes são muito próximos. A fala do cearense se destacou como a mais *agradável* (100%) em relação a do aurorense e do belenense; por outro lado a fala do aurorense foi considerada a mais bonita (83,3%), a mais simples (100%), porém, a mais lenta (66,7%); A fala de Belém

foi considerada a mais cantada (33,3%), atributo não dado à fala do aurorense, e a mais expressiva (83,3%). Esses resultados estão expostos no Gráfico 33.

Gráfico 33 - Dados percentuais de *concordo* para características associadas à fala atribuídas pelo aurorense aos três dialetos.



Fonte: elaborado pelo autor.

Como mostra o Gráfico 33, das características estéticas, uma foi atribuída à fala do cearense (agradável) e a outra a do aurorense (bonita). Já em relação a características dialetais, a fala do belenense foi considerada a mais *cantada* e a de aurorense a mais *lenta*; no quesito estilístico, a fala de Belém foi considerada *mais expressiva*, enquanto a de aurora do Pará mais *simples*.

Apresentamos, na Tabela 29, a partir deste ponto, as avaliações de *concordo* atribuídas aos falantes de Belém, Fortaleza e Aurora do Pará pelos migrantes cearenses residentes nessa localidade.

Tabela 29 - Percentuais de *Concordo* nas avaliações dos informantes migrantes em Aurora do Pará.

	PERGUNTAS avaliadas pelos migrantes de Aurora do Pará	DIALETOS		
		Cearense	Belenense	Aurorense
Atratividade social	feia	0	100	100
	grossa	0	100	100
	antipática	0	100	100
	tímida	50	100	100
	exibida	0	100	100
	autoritária	0	50	100
	engraçada	50	0	0
	sofre preconceito social	0	0	0
	possui boa condição financeira	50	0	0
	sente orgulho da sua fala	100	0	50
Competência	inteligente	100	0	0
	estudada	100	50	0
	competente	100	100	50
	criativa	100	0	0
	tem boa cultura	100	50	50
	exerce cargo de chefia	100	100	100
Integridade pessoal	cuidadosa	100	100	100
	trabalhadora	100	100	100
	confiável	100	50	100
	preguiçosa	0	0	0
	responsável	100	100	100
	insegura	0	0	0
	respeitosa	100	100	100
	gosta de ajudar quem precisa	100	50	100
Características da fala	a fala é agradável	100	100	100
	a fala é bonita	100	100	100
	a fala é cantada	50	50	50
	a fala é lenta	50	0	50
	a fala é expressiva	50	50	50
	a fala é simples	100	50	100

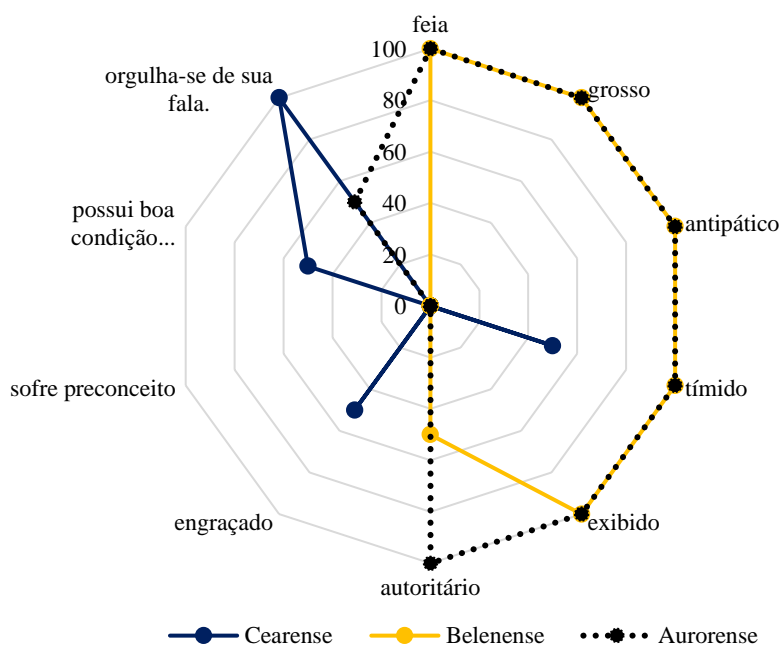
Fonte: Elaborada pelo autor.

A Tabela 29 apresenta os resultados de respostas *concordo* para as características atribuídas aos três dialetos pelos migrantes cearenses residentes em Aurora do Pará. No geral, podemos ver que o cearense se destacou para a maioria das características positivas. Em outras, ele foi igualado a um dos demais dialetos.

Em relação a características de atratividade social, diferentemente do que ocorreu com os índices das avaliações de *concordo* para os nativos de Aurora do Pará, nas avaliações dos migrantes, o falante que mais se destacou nas avaliações foi o cearense, mas com uma avaliação positiva, já que na maioria das características negativas obteve baixíssimos percentuais ou nenhum percentual para resposta *concordo*, como ocorreu para as seguintes características: *feia*, *grossa*, *antipática*, *exibida*, *autoritária* e *sofre*. Essas, por outro lado, tiveram os maiores índices para o aurorense e belenense. Ambos os falantes se igualaram em relação à: *feia* (100%), *grossa* (100%), *antipática* (100%) e *exibida* (100%); o aurorense se destacou em relação aos demais dialetos nos índices de *autoritária* (100%). O cearense se

destacou em relação à *tem boa condição financeira* (50%) e *sente orgulho de falar assim* (100%). O Gráfico 34 mostra a relação das características associadas à atratividade social atribuídas aos falantes aurorense, cearense e belenense.

Gráfico 34 - Dados percentuais de *concordo* para características associadas à atratividade social por migrantes cearenses em Aurora do Pará aos falantes aurorense, cearense e belenense.



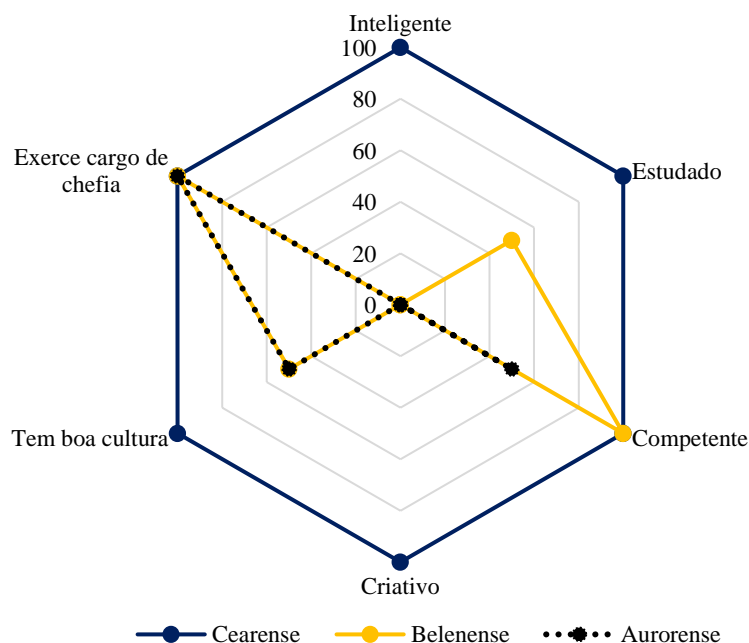
Fonte: elaborado pelo autor.

Inferimos, portanto, a partir dos dados do Gráfico 34 que o falante cearense foi o mais bem avaliado porque não recebeu, para a maioria das características, que são negativas, respostas *concordo*, diferentemente do que ocorreu com os demais falantes. Assim, podemos concluir que, para o migrante cearense, dificilmente um falante com o dialeto cearense terá essas características. Para os migrantes, o cearense pareceu ser mais atrativo e o aurorense e belenense menos atrativos socialmente. Interessante esses resultados porque desnudam, de certo modo, como o migrante percebe o aurorense a partir do dialeto ouvido.

Em relação às características de competência, novamente o cearense foi favorecido pelo migrante, sendo igualado ao aurorense em relação a *exerce cargo de chefia* (100%) e ao belenense relativo a *competente* (100%). O aurorense foi o menos favorecido, ou seja, avaliado mais negativamente em comparação ao cearense, que recebeu 100% em todas características: *inteligente, estudado, competente, criativa, tem boa cultura e exerce cargo de chefia*.

Em relação à competência, observamos, portanto, a partir do Gráfico 35, que somente o cearense foi favorecido.

Gráfico 35 - Dados percentuais de *concordo* para características associadas à competência por migrantes cearenses em Aurora do Pará aos falantes aurorense, cearense e belenense.

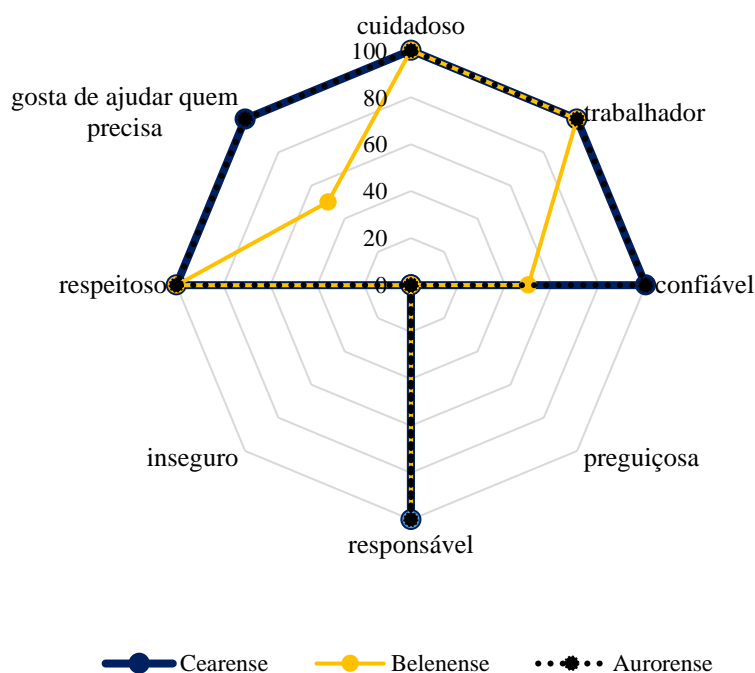


Fonte: elaborado pelo autor.

Vale ressaltar algo bastante interessante: sempre que os nativos de Aurora avaliam positivamente o falante de seu dialeto, avaliam negativamente o falante do dialeto cearense; ao contrário, como estamos observando: o cearense avaliou mais negativamente o aurorense e mais positivamente o falante de seu dialeto.

Em relação às características de **integridade pessoal** nenhum dialeto se destacou, mas se igualaram em relação a quase todas as características. Assim como o nativo de Aurora do Pará, deduzimos que o migrante cearense vê os falantes como pessoas íntegras. Os índices apontam 100% para o cearense, aurorense e belenense para as características: *cuidadosa, trabalhadora, responsável e gosta de ajudar os outros quando precisam*. O belenense, por outro lado, foi desfavorecido em *confiável* (50%) e *gosta de ajudar os outros quando precisam* (50%). Nenhum dos falantes dos dialetos foi considerado *preguiçoso e inseguro*, posto que para esses atributos não houve respostas de *concordo*. No gráfico 36 visualizamos esses resultados.

Gráfico 36 - Dados percentuais de *concordo* para características associadas à integridade pessoal por migrantes cearenses em Aurora do Pará aos falantes aurorense, cearense e belenense.

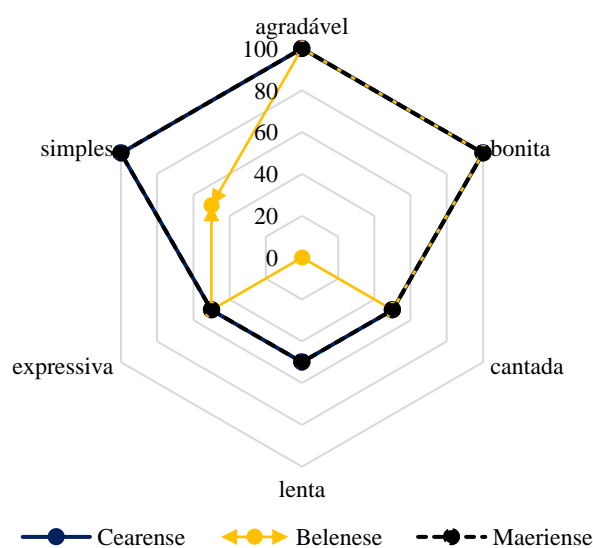


Fonte: elaborado pelo autor .

Do ponto de vista geral, pela Gráfico 36, fica evidente que quando são avaliadas características de integridade pessoal pelos migrantes cearenses, quase todos os dialetos são favorecidos, exceto o belenense que foi desfavorecido nas características *confiável* e *gosta de ajudar os outros*. Talvez isso esteja relacionado ao fato de que os migrantes tenham mais contato com pessoas que possuem o dialeto aurorense e mais distante de pessoas do dialeto como o do belenense.

Quanto à fala, os migrantes consideraram a fala do cearense, do aurorense e do belenense como *bonitas* e *agradáveis* com 100% de *concordo*. Essas qualidades foram as que mais receberam avaliação positiva dos migrantes. Em relação a qualidades voltadas à prosódia, a fala do belenense se destacou para a característica *lenta*. Ao não atribuir resposta *concordo* para esta característica para a fala do belenense, os migrantes o avaliaram como alguém de fala rápida. De acordo com os migrantes cearenses, quanto a características estilísticas, apenas o belenense se diferenciou em relação aos demais na característica *simples* (50%). Isso configura que 50% dos migrantes acreditam ser a fala do belenense *complicada* e a dos outros, *simples*. Para melhor visualização e comparação dos dados, elaboramos o Gráfico 37.

Gráfico 37 - Dados percentuais de *concordo* para características associadas à fala atribuídas pelo aurorense aos três dialetos.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em termos gerais, os migrantes de Aurora do Pará consideraram todos os dialetos *bonitos e agradáveis*; 50% deles consideraram os falantes como tendo uma *fala cantada*; 50% consideraram a fala do cearense e do aurorense *lenta*, enquanto todos consideraram a fala do belenense *rápida*. Para os migrantes, dentre as falas ouvidas, a do belenense é relativamente a mais *complicada*.

Os dados relativos às avaliações subjetivas de migrantes e nativos de Aurora do Pará nos permitem afirmar que

- Os nativos avaliaram mais positivamente o dialeto do falante aurorense.
- Os migrantes avaliaram mais positivamente o dialeto do cearense.

Ou seja, tanto os nativos quanto os migrantes foram leais em relação ao seu dialeto, pois os avaliaram positivamente. Ao atribuírem índices percentuais altos para *concordo* a características pessoais positivas, os migrantes e os nativos demonstraram subjetivamente quais posicionamentos assumem em relação às falas de seus pares.

3.2.1.5 Ipixuna do Pará e os dialetos avaliados

Os resultados apresentados a seguir são da última localidade investigada, Ipixuna do Pará. A Tabela 30 traz os resultados gerais de avaliações positivas e negativas conforme a procedência dos informantes.

Tabela 30 – Avaliação dos dialetos por informantes migrantes e nativos de Ipixuna do Pará.

Procedência	NATIVO		MIGRANTE	
	Positiva	Negativa	Positiva	Negativa
Cearense	55,6%	44,5%	58,3%	41,7%
Belenense	65%	35%	65%	35%
Local	71,1%	28,9%	66,1%	25%
Total Geral	63,9%	36,1%	66,1%	33,9%

Fonte: elaborada pelo autor.

Em níveis percentuais, os dados apontam que foram os cearenses os que mais realizaram avaliações positivas, 66,1%. Esse resultado pode apontar uma atitude menos preconceituosa desses informantes aos falantes, embora o percentual seja bem próximo do percentual dos nativos, 63,9%, e não alcança 70% dos dados. Os migrantes, de modo geral, como já frisado neste texto de Tese, têm tido atitudes mais positivas em relação aos dialetos, comportamento que pode favorecer certa abertura às variedades regionais. Talvez isso seja uma característica influenciada pelas próprias condições destes informantes na região: são sempre pessoas muito agradecidas pelo lugar. Entretanto, essa atitude positiva dos migrantes em relação aos dialetos, fazem-no serem ora leais ora desleais ao seu dialeto. Na localidade de Ipixuna do Pará, enquanto os nativos foram leais ao seu dialeto, os migrantes não o foram, pois estes preferiram subjetivamente o dialeto local.

As avaliações dos ipixunenses aos falantes dos dialetos ouvidos privilegiaram o falante da própria localidade, com índices em 71,1% para avaliações positivas. Um índice acima de 70%, que indica serem os ipixunenses leais ao seu próprio dialeto. Já em relação aos falantes dos dialetos do Ceará e de Belém, os juízes ipixunenses atribuíram percentuais mais baixos. Assim, quem mais agradou o informante nativo desta localidade foi o falante de seu próprio dialeto.

A Tabela 31 traz os dados percentuais que condizem com as avaliações dos ipixunenses para os falantes dos três dialetos avaliados, conforme as características.

Tabela 31 – Percentuais de *Concordo* nas avaliações dos informantes nativos de Ipixuna do Pará.

CARACTERÍSTICAS avaliadas pelos Ipixunenses		DIALETOS OUVIDOS		
		Cearnense	Belenense	Ipixunense
Atratividade social	feia	33%	50%	17%
	grossa	33%	50%	33%
	antipática	0%	50%	33%
	tímida	17%	0%	17%
	exibida	83%	33%	50%
	autoritária	67%	50%	33%
	engraçada	50%	50%	17%
	sofre preconceito social	33%	67%	33%
	possui boa condição financeira	17%	33%	50%
	sente orgulho da sua fala	50%	100%	100%
Competência	inteligente	67%	83%	83%
	estudada	33%	50%	50%
	competente	67%	67%	67%
	criativa	50%	83%	83%
	tem boa cultura	33%	83%	67%
	exerce cargo de chefia	17%	17%	0%
Integridade pessoal	cuidadosa	50%	83%	100%
	trabalhadora	50%	67%	100%
	confiável	50%	67%	67%
	preguiçosa	33%	33%	83%
	responsável	83%	100%	83%
	insegura	50%	17%	0%
	respeitosa	83%	17%	100%
	gosta de ajudar quem precisa	50%	50%	67%
Características da fala	a fala é agradável	50%	83%	100%
	a fala é bonita	50%	67%	83%
	a fala é cantada	83%	83%	83%
	a fala é lenta	50%	33%	50%
	a fala é expressiva	67%	83%	100%
	a fala é simples	33%	33%	17%

Fonte:

Elaborada pelo o autor .

A partir da Tabela 31, podemos observar as características consideradas mais relevantes para cada falante pelos nativos de Ipixuna do Pará.

De acordo com a Tabela, a maioria das características voltadas à atratividade social tiveram percentuais de *concordo* mais elevados para o falante belenense. Os dados mostram que *sente orgulho de sua própria fala (100%) e sofre preconceito social (67%)* tiveram os maiores índices para este falante. Além dessas, o belenense foi considerado o mais *feio, grosso*

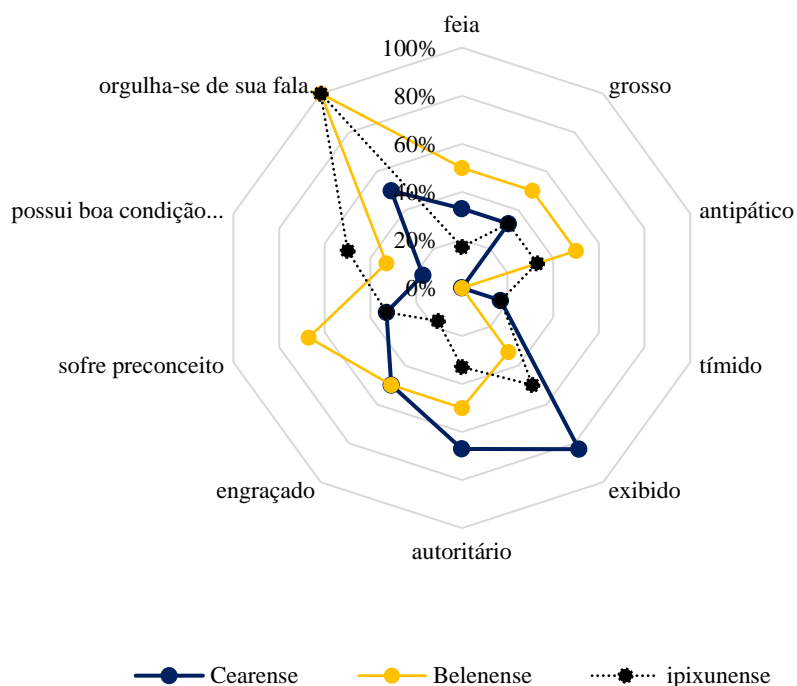
e antipático (50%). Das características atribuídas ao belenense, apenas *sente orgulho de sua própria fala* é positiva. Pelo fato de ter sido avaliado mais negativamente, inferimos que ele foi considerado pouco atrativo socialmente; o mesmo ocorreu com o cearense, considerado o mais *exibido* (83%), *autoritário* (67%), duas características negativas. As atitudes, portanto, do nativo foram mais positivas para o falante de seu próprio dialeto. Este foi considerado *de boa condição financeira* (50%) e, quando associado a características negativas, recebeu os menores índices. No entendimento do ipixunense, alguém com seu dialeto *possui boa condição financeira*.

Dos três, o cearense foi considerado o mais inseguro (50%); o nativo, por outro lado, nessa característica foi o mais bem avaliado porque não recebeu nenhum índice para *concordo*. O *belenense* embora tenha sido considerado de pouca atratividade social, foi julgado como *de boa cultura* (83%) e *responsável* (100%); o *cearense* foi avaliado negativamente para a primeira característica, pois recebeu os menores índices (33%) e, em relação à segunda, foi igualado ao nativo (83%). Já o falante ipixunense foi considerado o mais *cuidadoso e o mais trabalhador* (100%), *o mais respeitoso* (100%) e *alguém que gosta de ajudar os outros* (67%). No tocante a características da fala, o ipixunense teve o dialeto considerado *mais bonito* (100%), *mais expressivo* (100%) e *o mais agradável* (83%).

Em suma, os dados demonstram que as atitudes dos nativos são mais positivas para seu próprio dialeto, numa atitude de lealdade ao seu dialeto.

O Gráfico 38 apresenta os resultados que permitem visualizar a relação entre os dialetos, dando destaque aos dialetos que se sobressaem em relação às características de atratividade social.

Gráfico 38– Características associadas à atratividade social atribuídas pelo ipixunense aos dialetos cearense, belenense e ipixunense.

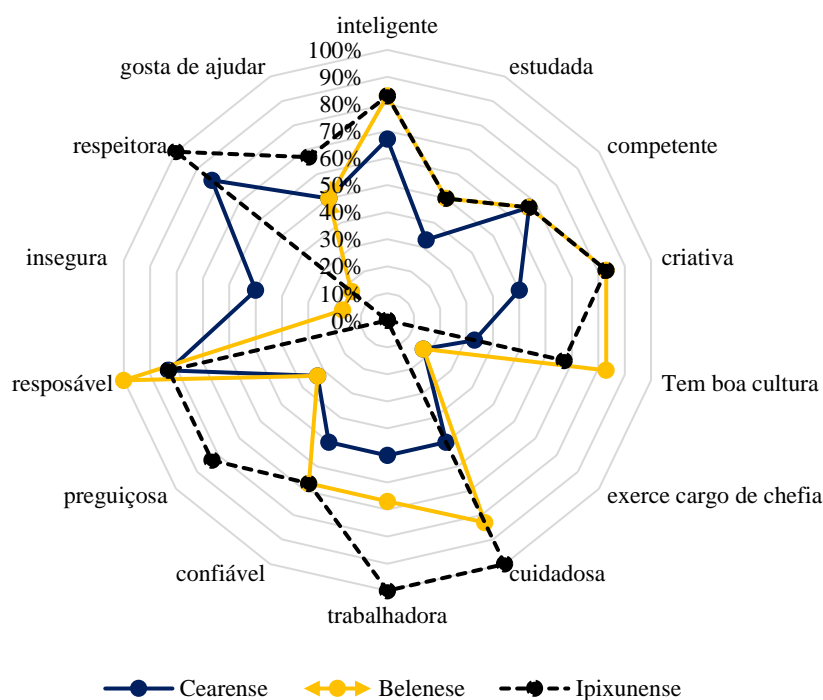


Fonte: elaborado pelo autor.

Como pode ser visto no Gráfico 38, o cearense e o belenense se destacaram na maioria das características negativas, com altos índices, enquanto o ipixunense se sobressaiu nos julgamentos, já que, nas características negativas, recebeu poucos índices de *concordo*.

Dando continuidade à comparação dos dialetos no julgamento dos nativos, o gráfico 39 traz os resultados referentes à competência e integridade social.

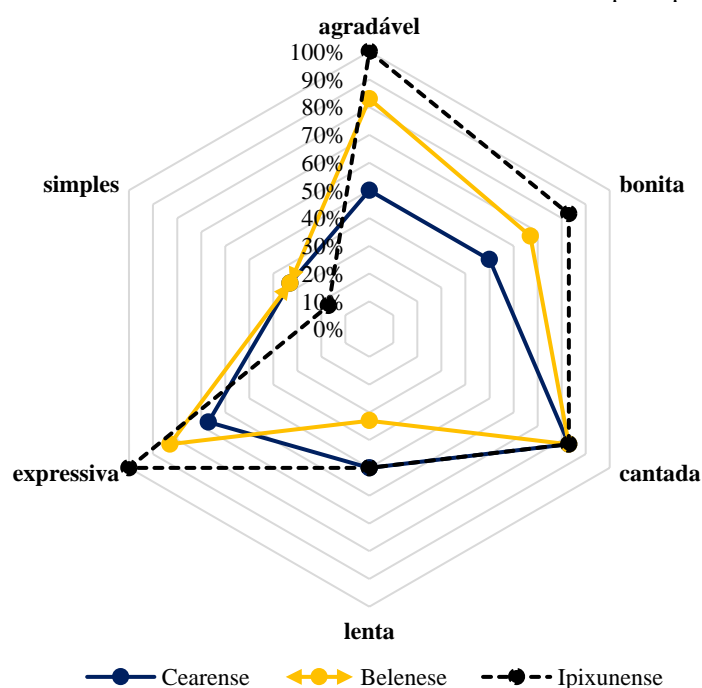
Gráfico 39 - Características associadas à competência e integridade social pelo ipixunense aos dialetos cearense, belenense e ipixunense.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Segundo o Gráfico 39, o ipixunense se destacou na maioria das características positivas e se igualou aos outros dialetos em outras características. Esse fato demonstra que, segundo as atitudes dos nativos, ele foi o preferido. O segundo na preferência dos nativos foi o belenense; pela observação das linhas, no Gráfico 39, é possível verificar que o belenense vai se expandindo para o lado de fora em relação ao cearense.

Quando observamos as características referentes à fala, novamente o ipixunense se sobressai. No Gráfico 40, a seguir, é possível ver que a linha tracejada, que representa o ipixunense, se expande para os extremos do gráfico nas características *agradável*, *bonita e expressiva*.

Gráfico 40 – Características estéticas associadas aos dialetos pelo ipixunense.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A Tabela 32, seguinte, apresenta os percentuais de *concordo* para características dos dialetos atribuídos pelos migrantes cearenses residentes em Ipixuna do Pará.

Tabela 32 - Percentuais de *Concordo* nas avaliações dos informantes migrantes de Ipixuna do Pará.

CARACTERÍSTICAS avaliadas pelos migrantes de Ipixuna do Pará		DIALETOS OUVIDOS		
		Cearense	Belenese	Santa-mariense
Atratividade social	feia	0%	0%	0%
	grossa	0%	0%	50
	antipática	50%	0%	0%
	tímida	50%	100%	50%
	exibida	50%	0%	0%
	autoritária	50%	50%	0%
	engraçada	50%	0%	0%
	sofre preconceito social	50%	50%	0%
	possui boa condição financeira	0%	0%	0%
	sente orgulho da sua fala	50%	50%	50%
Competência	inteligente	50%	100%	100%
	estudada	100%	50%	50%
	competente	50%	50%	100%
	criativa	0%	100%	100%
	tem boa cultura	50%	100%	100%
	exerce cargo de chefia	50%	50%	50%
Inteligente pessoal	cuidadosa	100%	50%	50%

	trabalhadora	100%	100%	100%
	confiável	50%	0%	100%
	preguiçosa	100%	100%	0%
	responsável	100%	100%	100%
	insegura	50%	50%	100%
	respeitosa	50%	100%	100%
	gosta de ajudar quem precisa	50%	100%	100%
Características da fala	a fala é agradável	100%	100%	100%
	a fala é bonita	100%	100%	100%
	a fala é cantada	50%	50%	50%
	a fala é lenta	100%	100%	100%
	a fala é expressiva	50%	100%	100%
	a fala é simples	100%	100%	100%

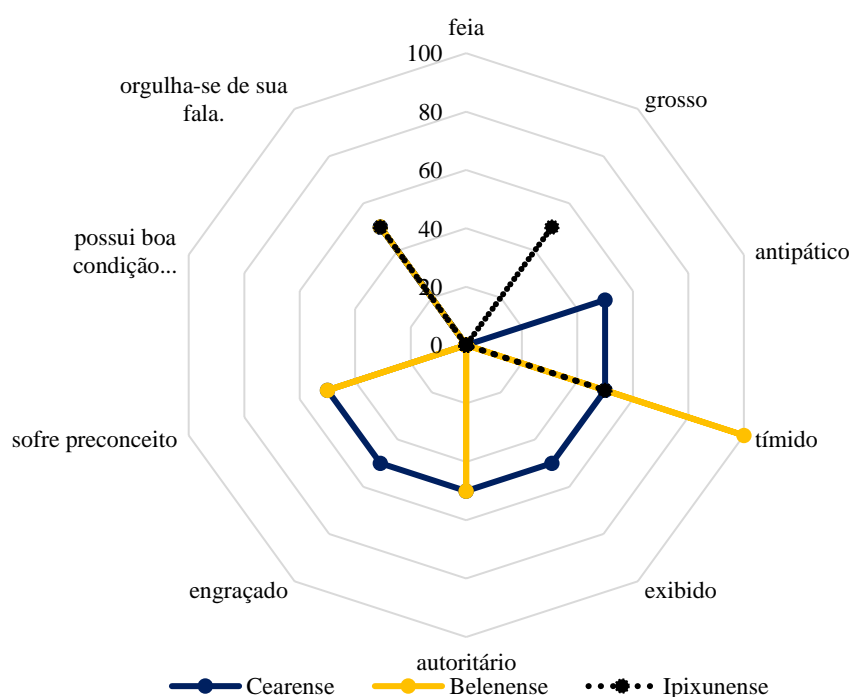
Fonte:

Elaborado pelo autor.

A Tabela 32 traz as informações para as características que mais se destacaram nos julgamentos dos migrantes cearenses para os dialetos do cearense, belenense e ipixunense. Os percentuais de *concordo* para características que se destacaram no dialeto cearense foram *antipática* (50%), *exibida* (50%), *engraçada* (50%), *estudada* (100%), *cuidadosa* (100%). O belenense foi julgado como o mais *tímido* (100%). Já o ipixunense, por seu turno, foi considerado o *mais confiável* (100%), porém o *mais inseguro* (100%), o *mais grosso* (50%), característica relativa à integridade social. Considera-se, em termos gerais, que o migrante tenha feito um julgamento mais favorável ao ipixunense, pois mesmo este não tendo obtido, na maioria das características positivas, destaque, nas negativas, em grande parte delas, ele recebeu os menores percentuais, o que se configura como uma avaliação positiva: *antipática*, *exibida*, *autoritária*, *sofre preconceito social*, *preguiçosa*.

Nos Gráficos 41 e 42, podemos visualizar os resultados dos julgamentos dos migrantes aos dialetos. O primeiro deles, o Gráfico 41 traz os resultados para as características de atratividade social.

Gráfico 41 - Características associadas à atratividade social atribuídas pelo migrante de ipixunense aos dialetos cearense, belenense e ipixunense.

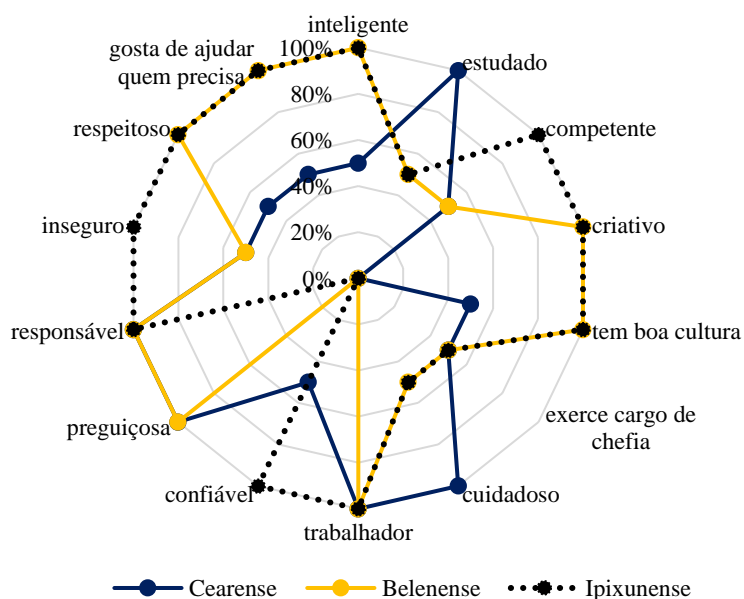


Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme o Gráfico 41, para a maioria das características negativas, o cearense e o belenense se destacaram, sendo julgados negativamente pelos migrantes. Por seu turno, para o migrante cearense, o ipixunense é o mais *grosso*; entretanto, para outras características negativas em que os dialetos belenense e cearense se destacaram, o ipixunense não recebeu julgamentos negativos dos migrantes.

Em relação à competência e à integridade pessoal, o Gráfico 42 traz informações que ajudam a comparar as atitudes dos migrantes quanto a características dessas categorias.

Gráfico 42 - Características associadas à competência e à integridade pessoal pelo migrante de Ipixuna do Pará aos dialetos cearense, belenense e ipixunense.

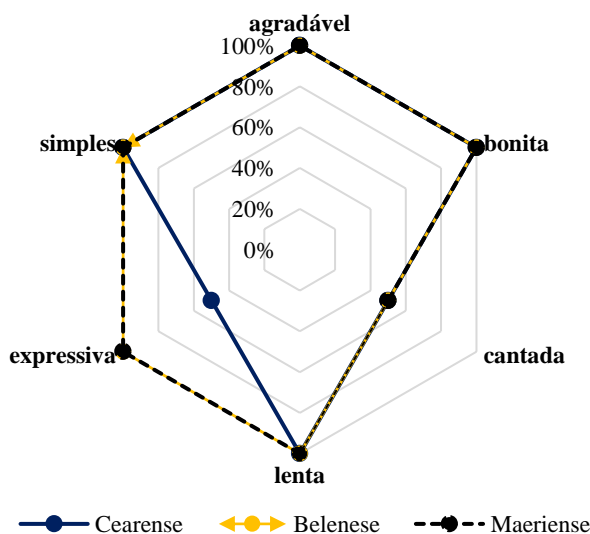


Fonte: Elaborado pelo autor.

Pelo gráfico, podemos inferir que as atitudes dos migrantes em relação ao ipixunense foram mais positivas. Quando são comparados os percentuais mais elevados e menos elevados em relação às características negativas e positivas, o ipixunense é destacado em relação aos demais pelos migrantes. Já em comparação ao seu próprio dialeto, podemos afirmar que os cearenses foram mais desleais, porque suas atitudes foram inferiores para o seu dialeto em relação aos demais.

Em referência às características linguísticas, o Gráfico 43 traz as informações que permitem a verificação dos julgamentos dos migrantes.

Gráfico 43- Características estéticas associadas aos dialetos pelo migrante em Ipixuna do Pará.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Segundo o Gráfico 43, no julgamento dos migrantes, para características linguísticas, nenhum dialeto foi destacado. Porém, se observarmos com atenção, embora os dialetos tenham recebido julgamentos semelhantes, o *cearense* foi considerado o *menos expressivo*. Com isso, podemos deduzir que, ao diferenciá-lo como menos expressivo, o migrante cearense julgue seu dialeto como inferior no quesito relativo ao conteúdo emocional e à sua identidade.

Os resultados verificados da avaliação dos residentes em Ipixuna do Pará, nativos e migrantes cearenses, aos dialetos *cearense*, *belenense* e *ipixunense*, apontam que, quando instados a ouvir os dialetos diferentes, ocorre o seguinte:

- Os nativos e os migrantes avaliam mais positivamente o dialeto do falante ipixunense.

Assim, tanto os nativos quanto os migrantes, subjetivamente, preferem o dialeto da localidade. Estes, portanto, foram desleais ao seu dialeto, diferentemente dos nativos, que agiram com lealdade frente a ele. Ao atribuírem índices percentuais altos para *concordo* a características pessoais positivas, os migrantes e os nativos demonstraram subjetivamente que posicionamentos eles têm em relação à fala de seus pares.

Na seção seguinte, os dados são comparados conforme a dimensão diasssexual.

3.2.2 Atitudes linguísticas com estímulos em relação à dimensão diassexual.

Os dados que são apresentados a seguir referem-se às avaliações positivas e negativas atribuídas por homens e mulheres aos falantes cearense, belenense e aos falantes nativos de cada ponto de inquérito. O objetivo desta análise comparativa é verificar como homens e mulheres julgam os falantes ouvidos nos áudios. Serão apresentados os resultados em tabelas, conforme a localidade e segundo o parâmetro diassexual. A primeira tabela desta seção, Tabela 33, traz as informações para a localidade de Santa Maria do Pará.

Tabela 33 – Avaliação dos dialetos ouvidos pelos informantes de Santa Maria do Pará conforme o sexo.

Dialetos ouvidos	Santa Maria do Pará							
	Avaliação por sexo							
	Masculino				Feminino			
	Positiva		Negativa		Positiva		negativa	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Cearense	94	78	26	22	96	80	26	22
Belenense	88	73	32	27	78	65	32	27
Santa-marianense	106	88	14	12	99	82	14	12
Total	288	80	72	20	273	76	87	24

Fonte: Elaborada pelo autor.

De acordo com a Tabela, os resultados mostram que tanto os homens (88%) como as mulheres (99%) atribuíram mais respostas positivas ao dialeto local. No entanto, as mulheres foram mais leais ao seu dialeto, favorecendo-o com um índice próximo de 100%. Observamos que as atitudes de homens e mulheres seguem uma tendência de priorizar o dialeto local, o dialeto cearense e, por fim, o dialeto do belenense. Tais resultados convergem com os apresentados na Tabela 17. O falante belenense foi o que mais recebeu avaliações negativas das mulheres (27%) e dos homens (27%). Em termos gerais, os homens manifestaram atitudes mais positivas que as mulheres na localidade de Santa Maria do Pará.

Quando observamos os resultados de São Miguel do Guamá, as manifestações de homens e mulheres são distintas, como a Tabela 34 mostra.

Tabela 34 - Avaliação dos dialetos ouvidos pelos informantes de São Miguel do Guamá conforme o sexo.

Dialetos ouvidos	Avaliação por sexo							
	Masculino				Feminino			
	Positiva		Negativa		Positiva		negativa	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Cearense	93	78	27	22	75	62	45	38
Belenense	80	67	40	33	84	70	36	30
Guamaense	72	60	48	40	87	75	30	25
Total	244	68	115	32	249	69	111	31

Fonte: Elaborada pelo autor .

A Tabela 34 apresenta os seguintes resultados: os homens atribuíram mais respostas positivas ao cearense (78%); já as mulheres julgaram mais positivamente o seu próprio dialeto (75%); o falante cearense foi o que mais recebeu avaliações negativas das mulheres (38%) e o que mais recebeu avaliações negativas por parte dos homens foi o guamaense (40%). Em termos gerais, os percentuais diferentes entre avaliações positivas dos homens e das mulheres foi de 1%.

Interessante observarmos que, nos dados gerais da Tabela 34, as atitudes em relação ao cearense são favorecidas pelos homens. Por outro lado, as mulheres favoreceram o dialeto local. Assim, podemos afirmar que as mulheres foram leais ao seu dialeto, enquanto os homens, não.

Os dados da Tabela 35, referentes às atitudes dos residentes de Mãe do Rio conforme o sexo indicaram que os homens tiveram atitudes mais positivas para o cearense, enquanto as mulheres preferiram o dialeto belenense.

Tabela 35 - Avaliação dos dialetos ouvidos pelos informantes de Mãe do Rio conforme o sexo

Dialeto ouvidos	Avaliação por sexo							
	Masculino				Feminino			
	Positiva		Negativa		Positiva		negativa	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Cearense	81	68	39	32	79	66	41	34
Belenense	72	60	48	40	93	78	27	22
Mãe-riense	77	64	43	36	57	48	63	52
Total	230	64	130	36	229	63,5	131	35,5

Fonte: Elaborada pelo autor.

Analisando a variável *sexo*, para o dialeto da localidade de Mãe do Rio, as atitudes foram mais negativas, já que esse dialeto não recebeu os maiores índices nem pelos homens, que preferiram o dialeto cearense (68%), nem pelas mulheres, que preferiram o dialeto belenense (78%). As mulheres tiveram uma atitude mais negativa diante do dialeto local, atribuindo 52% das avaliações negativas a ele, 16% a mais que os homens, que avaliaram negativamente o dialeto belenense, atribuindo-lhe 40% de suas respostas, 22% a mais que as mulheres.

Em suma, nem os homens nem as mulheres de Mãe do Rio foram leais ao seu dialeto, avaliando-o em terceiro lugar em relação ao belenense e ao cearense.

Quando analisamos os dados de Aurora do Pará, novamente os homens lideram na preferência do dialeto cearense. A Tabela 36 mostra isso.

Tabela 36 – Avaliação dos dialetos ouvidos pelos informantes de Aurora do Pará conforme o sexo.

Dialetos ouvidos	Avaliação por sexo							
	Masculino				Feminino			
	Positiva		Negativa		Positiva		negativa	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Cearense	67	74	23	26	118	79	32	21
Belenense	58	64	32	36	117	78	33	22
aurorense	69	77	21	23	123	82	27	18
Total	194	72	76	28	358	80	92	20

Fonte: Elaborada pelo autor.

Conforme a Tabela 36, os resultados são os seguintes: as mulheres atribuíram mais avaliações positivas (80%) que os homens (72%); os homens avaliaram mais positivamente o aurorense (77%), seguido do cearense (74%); já as mulheres julgaram o belenense mais negativamente (22%) em relação aos outros falantes, e atribuíram ao aurorense o maior percentual de avaliações positivas (82%).

Verificamos, portanto, a partir dos dados, que a diferença entre as avaliações positivas atribuídas pelo sexo masculino e pelo sexo feminino foi de 8%. Esse resultado, em termos gerais, permite-nos inferir que o fator sexo não foi muito relevante no condicionamento das avaliações e indicaram que homens e mulheres foram leais ao dialeto local em Aurora do Pará.

Semelhantemente, quanto à variável sexo, as atitudes de homens e mulheres de Ipixuna do Pará apontam para preferência pelo dialeto local, como se observa na Tabela 37.

Tabela 37 - Avaliação dos dialetos ouvidos pelos informantes de Ipixuna do Pará conforme o sexo

Dialetos ouvidos	Ipixuna do Pará							
	Avaliação por sexo							
	Masculino				Feminino			
	Positiva		Negativa		Positiva		negativa	
Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	
Cearense	70	58	50	42	65	54	55	46
Belenense	64	53	56	47	92	77	28	23
Ipixunense	77	64	43	36	96	80	24	20
Total	211	59	149	41	253	70	107	30

Fonte: Elaborado pelo autor.

Pela Tabela 37, analisando a variável sexo para a localidade de Ipixuna do Pará, verificamos as avaliações positivas que homens e mulheres atribuíram para o dialeto local (64% e 80%). As mulheres contribuíram 16% a mais que os homens para esse resultado. Por

outro lado, os homens avaliaram mais negativamente o belenense (47%), enquanto as mulheres avaliaram o cearense mais negativamente (46%). No geral, os homens e as mulheres foram leais ao seu dialeto. Já em relação ao segundo dialeto preferido, os homens tenderam a favorecer o dialeto cearense e as mulheres, o dialeto belenense.

3.2.3 Atitudes linguísticas com estímulos em relação à dimensão diageracional

O *corpus* se constitui de dados de informantes agrupados em duas faixas etárias, conforme explicado na metodologia, na composição da amostra. Os resultados a seguir objetivam apresentar como Jovens (Faixa etária I) e velhos (Faixa etária II) avaliaram os dialetos em suas localidades. O controle da variável *idade* é importante porque, se acreditamos que as atitudes podem influenciar o comportamento linguístico, pessoas de idades diferentes podem apresentar atitudes diferentes devido a suas experiências, crenças etc. Consideramos, segundo Cardoso (2014), que os hábitos linguísticos dos jovens podem ser menos *conservadores*, embora isto não seja uma regra, já que outras variáveis podem interferir para isso. Daí a necessidade de ampliar a análise (FREITAG, 2005).

A dimensão diageracional está relacionada às faixas etárias. É tradição nos estudos sociolinguísticos e mais recentemente passou a ser incorporada também nos estudos dialetológicos, que cada vez mais têm abordado o viés sociolinguístico (CARDOSO, 2010). Nesta Tese, tomamos por base duas faixas etárias: faixa etária A, de 18 a 35 anos, aqui considerada como a dos jovens; e faixa etária B, de 50 a 65 anos, aqui considerada como a dos velhos. Em todos os processos de mudança linguística, temos a faixa etária jovem encabeçando-os, a partir do uso de normas mais inovadoras.

Todavia, na aplicação da regra de abaixamento, o fator faixa etária não foi considerado significativo o que nos leva a crer que também nas avaliações esse comportamento irá se refletir.

Os primeiros resultados das localidades no que se refere às atitudes de informantes da faixa etária A são de Santa Maria do Pará. De acordo com esses resultados, as atitudes dos jovens foram menos positivas do que a dos velhos, conforme demonstramos na Tabela 38.

Tabela 38 - Avaliação dos dialetos ouvidos pelos informantes de Santa Maria do Pará conforme faixa etária

Santa Maria								
Dialetos ouvidos	Avaliação por sexo							
	Jovem				Velhos			
	Positiva		Negativa		Positiva		negativa	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Cearense	90	75	30	25	100	83	20	17
Belenense	65	54	55	46	101	84	19	16
Santa-mariense	97	81	23	19	108	90	12	10
Total	252	70	108	30	309	86	51	14

Fonte: Elaborada pelo autor.

Conforme podemos visualizar na Tabela 38, tanto os jovens como os adultos foram leais ao seu dialeto. Entretanto os adultos atribuíram mais avaliações positivas (90%) ao seu dialeto do que os jovens (81%). Quanto à avaliação de outros dialetos, o belenense foi o menos preferido pelos jovens, enquanto os velhos tiveram uma avaliação bastante próxima entre o belenense e o cearense.

Os índices mostraram que os velhos foram mais tolerantes em suas avaliações, pois atribuíram mais julgamentos positivos aos falantes. Além disso, os índices entre os adultos ficaram mais próximos do que os que se referem às avaliações dos jovens.

Na Tabela 39, apresentamos os dados das avaliações de São Miguel do Guamá de acordo com as faixas etárias controladas.

Tabela 39 - Avaliação dos dialetos ouvidos pelos informantes de São Miguel do Guamá de acordo com a faixa etária.

São Miguel do Guamá								
Dialetos ouvidos	Avaliação por faixa etária							
	Jovens				Velhos			
	Positiva		Negativa		Positiva		negativa	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Cearense	63	52	57	48	105	88	15	12
Belenense	92	77	28	23	72	60	48	40
Guamaense	94	78	26	22	68	57	52	43
Total	249	69	111	31	245	68	115	32

Fonte: Elaborada pelo autor.

Os dados da Tabela 39, sobre avaliação dos dialetos ouvidos conforme a faixa etária, mostram que, no geral, os resultados de avaliações positivas dos jovens foram de 69% e as dos velhos foram da ordem de 68%. Portanto, uma diferença muito pequena. Quanto aos dialetos avaliados, os jovens julgaram mais positivamente o guamaense (78%) e, da faixa etária B, por seu turno, julgaram mais positivamente o cearense (88%). Todavia, a avaliação

do guamaense e do belenense, na opinião dos jovens, foi bem próxima, não se configurando uma diferença substancial. Em relação aos maiores índices de avaliações negativas, os resultados foram: jovens julgaram mais negativamente o cearense (48%), enquanto os velhos, o dialeto guamaense (43%).

Esses resultados mostram que, em São Miguel do Guamá, houve uma insignificante diferença entre a faixa etária em relação aos índices de avaliações positivas, ou seja, não alcançam 1% de diferença. Entretanto, ao observarmos quais dialetos foram mais avaliados positivamente, verificamos que os jovens preferiram o guamaense, e em segundo lugar, o belenense; em contrário, os velhos preferiram o cearense e, em segundo, o belenense. Observamos, portanto, que mais velhos não foram leais ao seu dialeto uma vez que preferiram o dialeto cearense.

A Tabela 40 traz os dados da faixa etária frente aos dialetos da localidade de Mãe do Rio.

Tabela 40 - Avaliação dos dialetos ouvidos pelos informantes de Mãe do Rio de acordo com a faixa etária.

Dialeto ouvidos	Avaliação por sexo							
	Jovem				Velhos			
	Positiva		Negativa		Positiva		negativa	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Cearense	61	51	59	49	99	82	21	18
Belenense	68	57	52	43	97	81	23	19
Mãe-riense	59	49	61	51	75	62	45	38
Total	188	52	172	48	271	75	89	25

Fonte: Elaborada pelo autor.

De acordo com a Tabela 40, os mais velhos, no geral, foram mais positivos quanto aos julgamentos dos dialetos, pois 75% de seus julgamentos foram positivos, diferentemente dos jovens (52%). Quando comparamos a preferência em relação aos dialetos, observamos que os jovens preferiram os outros dialetos, o belenense (57%) e o cearense (51%); já as atitudes positivas dos adultos foram, em primeiro lugar, para o cearense (99%) e depois para o belenense (97%), cujos percentuais se aproximam; por outro lado, o dialeto da localidade, foi avaliado mais negativamente tanto por jovens quanto por adultos.

Mãe do Rio foi a única das cinco localidades investigadas que atribuiu o menor percentual de avaliações positivas ao seu próprio dialeto. Talvez por ser uma cidade mais urbana busque se identificar mais com o dialeto de prestígio, o da capital. Vale lembrar que

os jovens geralmente encabeçam as mudanças, os que avaliaram mais negativamente seu dialeto, com mais de 50%.

A Tabela 41, que segue, apresenta as ocorrências e percentuais de avaliações positivas e negativas às características dos falantes atribuídas por jovens e adultos da localidade de Aurora do Pará.

Tabela 41 - Avaliação dos dialetos ouvidos pelos informantes de Aurora do Pará de acordo com a faixa etária.

Aurora do Pará									
Dialetos ouvidos	Avaliação por faixa etária								
	Jovens					Velhos			
	Positiva		Negativa			Positiva		negativa	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	
Cearense	103	69	47	31	82	91	8	9	
Belenense	96	64	54	36	79	88	11	12	
Aurorense	117	78	33	22	75	83	15	17	
Total	316	70	134	30	236	87	34	13	

Fonte: Elaborada pelo autor.

De acordo com a Tabela 41, na avaliação dos jovens, a preferência foi para o próprio dialeto (78%), cujos percentuais foram os mais elevados. É uma preferência sutil já que os índices para o cearense e belenense ficaram bem próximos. Os jovens atribuíram mais avaliações negativas ao belenense (36%) em comparação às avaliações atribuídas aos outros falantes. O falante cearense foi o que mais recebeu avaliações positivas da faixa etária adulta (91%), a qual atribuiu mais avaliações negativas ao dialeto aurorense (17%). Para os percentuais gerais, os informantes adultos foram os que mais atribuíram avaliações positivas aos dialetos (87%) em comparação aos jovens (70%).

Os índices da Tabela 42 apontam que jovens e adultos avaliaram diferentemente os dialetos. Além disso, fica evidente que os adultos se sobressaem nas avaliações positivas. Isso pode indicar que os informantes adultos são mais tolerantes nos seus julgamentos. A tabela traz ainda a informação de que os jovens preferiram o dialeto local, sendo mais leais a ele, enquanto os mais adultos preferiram o do migrante cearense.

Os resultados expostos na Tabela 42 referem-se à Ipixuna do Pará.

Tabela 42 - Avaliação dos dialetos ouvidos pelos informantes de Ipixuna do Pará de acordo com a faixa etária.

Dialetos ouvidos	Avaliação por sexo							
	Jovem				Velhos			
	Positiva		Negativa		Positiva		negativa	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Cearnense	62	52	58	48	73	61	47	39
Belenense	79	66	41	34	77	64	43	36
Ipixunense	79	66	41	34	94	78	26	22
Total	220	61	140	39	244	68	116	32

Fonte: Elaborada pelo autor.

Conforme a Tabela 42, os mais velhos, assim como nas demais localidades foram mais tolerantes em seus julgamentos, atribuindo mais avaliações positivas que os jovens, com uma diferença de 7%. No julgamento dos jovens, os dialetos belenense e ipixunense tiveram o mesmo percentual e receberam 66% de avaliações positivas, em detrimento do cearense que recebeu o maior percentual de avaliação negativa 48%. Este mesmo dialeto foi também julgado negativamente pelos mais velhos, com 39%. Na avaliação destes, o dialeto local foi o mais bem avaliado, pois recebeu 78% de avaliações positivas.

Os resultados para a faixa etária mostram que as avaliações podem ser diferentes dependendo da localidade. Em cada localidade o posicionamento dos informantes-juízes tendeu valorizar ora um ora outro dialeto. E isso não deveria ser diferente já que as atitudes estão imbricadas na identidade social dos falantes (MORENO FERNÁNDEZ, 1998).

Assim, destacamos alguns achados sobre as atitudes conforme a faixa etária: (i) os mais jovens foram mais críticos em seus posicionamentos do que os mais velhos, que foram mais tolerantes. Estaria esse resultado associado a outros fatores como mercado de trabalho, formação escolar? (ii) os dialetos locais foram mais bem avaliados pelos mais jovens, exceto o de Mãe do Rio; por outro lado, foram estes que avaliaram o dialeto cearense mais negativamente; (iii) os resultados distintos apontem, talvez, para um consentimento na região de identificação com todos os dialetos avaliados, pois, no geral, todos os dialetos foram bem avaliados (ver Gráfico 9); (iv) os jovens se identificaram mais com o dialeto padrão, ou seja, o dialeto da capital ou de sua própria localidade.

Os resultados até aqui apresentados, referentes ao questionário quantitativo de atitudes, revelam que a Região investigada possui um laboratório linguístico bastante interessante e que reflete bem o posicionamento dos informantes-juízes já que, em relação à produção, em

todas as localidades as variantes de /e/ e /o/ se distribuem de modo semelhante, o que configura certo alinhamento entre os residentes.

3.2.4 Atitudes e crenças linguísticas.

Esta seção tem a finalidade de apresentar os resultados das questões feitas diretamente aos informantes por meio do questionário qualitativo de atitudes. As questões versam sobre a percepção dos informantes acerca de sua fala e da fala do outro. Correspondem ao nível cognitivo e afetivo, ou seja, às crenças e pensamentos dos informantes sobre como falam ou acham que falam, sobre a língua e como avaliam, julgam sua própria fala ou de outrem. A partir das respostas dadas às questões foi possível deduzir a reação dos informantes sobre os dialetos. (LAMBERT; LAMBERT, 1972; SILVA; AGUILERA, 2014; CARDOSO, 2014; FREITAG; OLIVEIRA, 2016). Foram 27 questões abertas, extraídas dos trabalhos de Botassini (2013) e Bisinoto (2000), a que os 40 informantes foram submetidos, totalizando 1.080 respostas. Ao conjunto de respostas dadas foram realizadas categorizações, de forma a selecionar e agrupar respostas de mesmo conteúdo, para posteriormente procedermos à quantificação e análise, das quais apresentamos os resultados.

Sobre a primeira questão *Você consegue identificar de onde veio uma pessoa só pela sua maneira de falar?*, a maioria dos informantes, 68%, disse conseguir identificar a pessoa que não é da região. No entanto, esses informantes não se mostraram seguros para dizer a origem das pessoas pela fala, considerando ser mais difícil; outros disseram saber, pelo sotaque, a região, especificando ser mais fácil identificar o falante quando é nordestino. Por outro lado, 33% dos informantes, que disseram não conseguir realizar qualquer identificação pela fala, foram categóricos em suas respostas, dizendo apenas não. Esse resultado nos permite fazer algumas considerações: (i) as marcas linguísticas dos dialetos presentes nas regiões e de outros, de modo geral, não passam despercebidas pelos falantes/ouvintes; (ii) os informantes têm noção da existência da variação linguística (para eles sotaques); (iii) associam as diferenças linguísticas apenas ao sotaque, o que é mais comum para um falante/ouvinte leigo, já que as diferenças sonoras são mais perceptíveis.

A segunda pergunta, *aqui na sua cidade há pessoas que falam diferente? Você poderia citar exemplos de como falam essas pessoas que falam diferente?*, teve o objetivo de avaliar a percepção dos informantes a partir de sua realidade. Ao serem questionados sobre a existência de pessoas que falam diferente, apenas um informante disse não saber responder. Quanto aos demais, afirmaram que sim, citando *nordestinos, paulistas, pernambucanos*,

cearenses, belenenses, baianos, paraibanos, mineiros, piauienses, cuiabanos.... Como é possível observarmos, a maioria dos exemplos refere-se a nordestinos. Fato que demonstra a presença forte desses migrantes em terras paraenses. A identificação da presença de pessoas que falam diferente demonstra que os informantes têm consciência da existência da variação linguística e que, ao mesmo tempo, conseguem agregar juízos de valor a determinadas diferenças observadas na fala dos seus pares, associando-as à origem do falante, como podemos constatar por meio das respostas dos exemplos:

(1) Oié... oié... (quem fala assim?) **os cearenses** né?... a **fala puxa** mais assim... o oué (riso) (mais tem outro tipo de pessoas que falam assim?) (não consegue diferenciar). (Inf. P4AFN01).⁹

(2) **De Belém**, por exemplo, eles **falam** muito **chiado**.. maiiS.. doiiS, já lá **de São Domingos** também, os meninos falam muito **puxando o s**. (Inf. P4AFN03).

(3) **O pernambucano**, tem o **sotaque** dele que é **bem difícil de imitar** porque, como diz a história, é a cultura né? Fica difícil a gente fazer essa imitação...e quando a gente tá no meio deles, a gente sente a diferença...mas eu não consigo fazer a imitação que eles fazem, né? Eles... sempre eles **falam na ponta da língua**... quando eles vão falar uma palavra **cortam o acento** sempre...eles cortam pela metade e a gente vê que que sai um sutaque diferente, mas eu não consigo fazer. O paraibano também.....nem todos. **É o do sertão**, acredito. A minha esposa veio da Paraíba e ela não tem um sutaque.....mas tem gente que vem de lá aqui...dumingo mesmo recebi visita da família dela é um **bocado complicado** pra gente entender...sim e porque eles, eles têm a cultura **bem misturada com índio** né?...eles **embaraçam a voz**. A gente não consegue entender. É preciso a gente ter um bom conhecimento com eles pra saber...o que eles tão dizendo, que::: entre eles, eles têm um sotaque bem diferente, mas quando eles tão entre nós, eles se esforça, mas quando eles vão se esforçar.....aí eles se atrapalham, não sai nada...hahaha (Inf. P5BMM26).

Nos exemplos, verificamos que a percepção dos informantes é sempre voltada para o sotaque¹⁰. O sotaque está mais associado à percepção do falante, à forma como ele observa sua fala e a fala do outro, contrastando-a. Sutilmente, nos exemplos (1) e (2), é possível percebermos certa rejeição, por parte dos informantes, a determinadas características da fala de outro. Ao caracterizarem as falas como *engraçada* (pois há pistas dos risos) e *puxada*, a atitude dos informantes, manifestada pelo componente afetivo, tende a ser negativa. Isso fica mais evidente nas atitudes do informante do exemplo (3) ao se referir ao sotaque do pernambucano e do paraibano. Este, cheio de *sotaque, complicado de entender, bem*

⁹ As falas entre parênteses referem-se às indagações ou gatilhos do entrevistador para tentar fazer o informante fornecer informações mais completas, ou para compreender melhor suas respostas.

¹⁰ “Um modo particular de pronunciar uma língua. Em qualquer língua que não seja falada apenas por um punhado de falantes, há fortes diferenças sociais, regionais e individuais no modo como a língua é pronunciada por diferentes pessoas; [...] cada tipo distinto de pronúncia é chamado de sotaque” (TRASK, 2011, P. 281).

diferente...aquele, bem difícil de imitar, pois falam com a ponta da língua, cortam o acento sempre e cortam pela metade.

Essa postura dos informantes demonstra certa rejeição. Moreno Fernández (1998) chama atenção para esse aspecto ao considerar haver, por parte dos falantes, atitudes de valorização ou de rejeição frente a uma variedade linguística diferente da sua. A partir dos exemplos podemos postular que os informantes atribuem à sua própria fala características opostas as que associa à fala do outro, assumindo posturas de rejeição a essa fala. Observamos que os exemplos acima fazem parte do *corpus* de Aurora do Pará e IPIXUNA do Pará, duas localidades em que a fala local se sobressaiu em relação aos demais dialetos avaliados. Calvet (2003), ao tratar da influência das atitudes na fala, faz uma ressalva, afirmando que as atitudes influenciam a prática linguística, entretanto pondera que há “[...] atitudes de rejeição ou aceitação que não têm, necessariamente, influência sobre o modo de falar dos falantes, mas certamente têm influência sobre o modo com que percebem o discurso dos outros” (p. 73-74). Isso quer dizer que um falante pode, mesmo rejeitando determinada variedade ou variante, utilizá-la em seu discurso. Por essa questão é que Lambert e Lambert (1972) explicam o motivo de não se falar, referindo-se ao componente comportamental de atitudes, em reação, mas em *tendência a reagir* a determinado objeto.

Para as perguntas 4 e 5 *Você acha que existe uma maneira de falar mais bonita que a outra?* e *Dos diferentes falares que existem em sua cidade, qual você acha que é mais bonito?*, 40% dos informantes disseram não haver uma maneira de falar mais bonita. De acordo com esses informantes, as diferenças existentes são naturais e associadas à origem geográfica e à cultura, por esse motivo não cabe o julgamento de melhor ou bonito, como verificamos nas seguintes respostas:

(4) Não, não! Acho não, porque cada um tem sua... sua maneira de falar... e dizer que uma determinada fala é bonita, que dizer, que tá dando é tipo é preconceituoso em relação às outras. Então, não tem, não existe uma maneira de falar mais bonito que a outra (INF. P1AFN33).

(5) Não bonita, não. Só diferente... [porque você não acha que há uma mais bonita, se elas têm diferenças?] Sou bem eclética...acabo me adaptando a tudo...não tenho essa de de...eu sou muito camaleão...eu chego, consigo...daqui a pouco estou falando exatamente aquele...aquele povo, aquela comunidade (INF. P2AFN07).

(6) Não. Depende de estado pra estado, de cultura pra cultura. Num existe palavra mais bonita que a outra, depende de região, de estado pra estado... nós paraense, não sei se o senhor é... mas eu sou. Então, nós muda a cultura da gente... ...a diferença daqui pra Belém 250 quilômetros, eu já não falo chiado, mas quem mora pra lá já puxa. (Então o senhor não acha que tem uma maneira mais bonita?)... não, não, não tem, porque cada um tem o sistema...que é a linguagem como fala, né? (INF. P5BMM27).

Em relação aos 60% que acreditam haver uma fala mais bonita que outra, o que se percebe nas suas respostas é a reprodução de preconceitos associados à origem dos falantes e ao seu grau de instrução. Assim, quem é da zona rural, possuidor de pouca instrução tem sua fala avaliada negativamente:

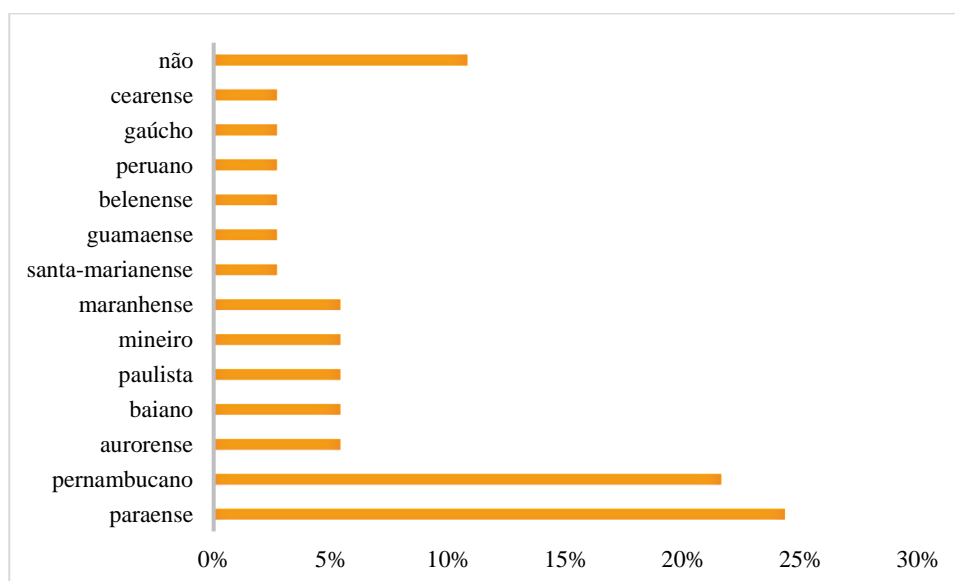
(7)Pra mim, depende da escolaridade, porque quando é uma pessoa tipo assim... ela é... tipo... por aqui quando ela é da colônia... que ela vem pra região é fazer compra, principalmente dia de segunda-feira... é uma forma de falar mais errada entende... ele não tem aquela norma culta. (Inf. P1AMN32).

(8)Do paraense, eh!!! Que o paraense fala mais bunita, fala mais expressivo:::, fala mais no S...(risos) (Inf. P1BFN37).

(9)Tem umas que são bonitas, né? Tem outras que são engraçada o jeito de falar...eu acho bonito...uma que eu acho bonita é o paulistano falando...usa muito o "R¹¹"..."po[ɾ]ta...po[ɾ]teira...po[ɾ]tão...af eu acho muito bonito... (Inf. P4BMN14).

Quando perguntados sobre quais dialetos consideram mais bonitos, os dialetos paraenses e pernambucanos lideram, conforme podemos visualizar no Gráfico 44.

Gráfico 44 – Dialetos considerados mais bonitos.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Para os informantes, o dialeto paraense foi considerado o mais *bonito* por ser “o falar certo” e por conta do “chiado”; o segundo dialeto considerado mais bonito foi pernambucano, tido como “falar carinhoso”, “mais acolhedor”, “mais engraçado” e o “mais diferente”; depois, na ordem, vêm os dialetos: aurorense (simples); baiano (engraçado/legal); paulista (sotaque

¹¹ Aqui o informante está se referendo ao /R/ retroflexo [ɾ], muito comum em regiões do sul e sudeste do país.

bem explicado); mineiro (engraçado, de melhor entendimento); maranhense (“mais próximo do nosso dialeto”); os demais dialetos, belenense, santa-marianense, guamaense, peruano, gaúcho e cearense, alcançaram 3% na opinião dos informantes. No geral, agrupando todos os dialetos oriundos da região, os dialetos paraenses alcançam a preferência dos informantes.

A pergunta *Como se chama a língua que você fala?* busca conferir a consciência linguística do falante sobre sua própria língua. Dos 40 informantes entrevistados na região, a maioria, 80%, disse falar o português ou a língua portuguesa. Outras denominações foram proferidas pelos demais informantes, tais como: língua portuguesa paraense (8%), cearense (6%) e aurorense/guamaense (6%). Vale ressaltar que nenhuma resposta foi acompanhada de comentários, mesmo aquelas que não correspondiam à denominação oficializada, português/língua portuguesa. Observamos que o componente cognitivo de atitudes ficou bastante evidente nas respostas desses informantes. Ao declararem a denominação oficial para a língua que falam, os 80% dos informantes demonstram reconhecer a língua portuguesa como um conjunto de variedades, deixando latente sua crença sobre seus usos e sobre os padrões linguísticos da comunidade (FREITAG; SANTOS, 2016). Por outro lado, os demais informantes preferiram assumir sua variedade denominando-a por outros termos, adotando uma atitude positiva em relação à sua fala, que, no entendimento de Aguilera (2008), é um traço definidor de identidade e de pertença a determinado grupo social. Podemos relacionar, portanto, as atitudes desses informantes ao conceito de identidade subjetiva, proposto por Moreno Fernández (1998), segundo o qual, se antepõe “[...]o sentimento de comunidade partilhado por todos os seus membros e a ideia de diferenciação com respeito aos demais” (p.180)¹². Assim, os posicionamentos implícitos, a partir das respostas, sugerem que os informantes têm consciência da diversidade linguística com a qual convivem, fato já explicitado nas respostas da pergunta número dois do questionário qualitativo.

Em relação à pergunta *Como você acha que falam as pessoas daqui (aurorenses, guamaenses, ipixunenses, santa-marianenses, mãe-rienses)?*, 38% dos informantes afirmaram que o falante local fala normal, avaliando-o positivamente.

(10) Não...normal...acho que tem quase a aparência de...de ciarense...do Pará. (INF.P3AMN28).

(11) Não... falam normal. Normal é.(o que seria falar normal?)falar normal é tentar falar mais explicado, né? Como eu falei, os jove já fala mais por tê a cultura melhor,

¹² “[...] el sentimiento de comunidad compartido por todos sus miembros y la idea de diferenciación respecto de los demás” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 180).

né? Já explica alguma coisa melhor por exemplo um ...eu que estudei mais pouco alguma coisa no celular eu não sei muito aí às vezes o pessoal ajuda a minha filha porque ela explica assim e tal (INF. P1AMN38)

Os demais informantes afirmaram que os nativos falam *puxando o 's'* ou *chiando* (15%); outros afirmaram que falam *misturado* (8%), ou seja, que a fala dos nativos é uma mistura de outros falares; *falam bonito/correto* (8%), *arrastado ou nordestino* (8%), *simples* (3%), *com sotaque forte* (3%), *paraense sem chiado* (3%), *falam utilizando muitas expressões* (3%); 6% dos informantes disseram não saber definir a forma de falar do nativo e 3% disseram que o nativo fala *feio*, mas não especificou em que sentido ou o que acha feio de sua forma de falar, demonstrando apenas sua afeição negativa à fala local.

Com vimos, no geral, o jeito de falar dos nativos goza de certo prestígio, já que a maioria das caracterizações vêm acompanhadas de comentários positivos ou sem nenhum julgamento como vemos nas respostas:

(12) Eu acho que o mãe-riense mesmo, que é o paraense mesmo, conseqüentemente, não é? chama trê[ʃ], sei[ʃ], doi[ʃ]...né? acho que esse aí é a parte que identifica o mãe-riense, o paraense, né? Pelo chiado na na na pronúncia (INF. P3AMM29).

(13) Agente dá uma puxadinha...tipo arroi[ʃ]...o[ʃ] pessual quando a gente chega pra falar arroi[ʃ], até mesmo lá em Rondon os pessual já malham a gente né...? A gente deu uma puxada no /S/ (INF. P2AMN11).

A associação da fala local a diferentes traços demonstra a dificuldade que os informantes têm de conseguir definir um traço específico para a fala dos nativos, justamente por ser uma fala cuja característica é possuir traços de outros falares. Além disso, o fato de os falares na região serem parecidos dificulta ao falante/informante identificá-los ou caracterizá-los. Nas respostas para a próxima pergunta essa hipótese fica mais evidente.

No que diz respeito à pergunta *Como você consegue identificar que uma pessoa é daqui (santa-marianense, guamaense, mãe-riense, aurorense, ipixunense)?*, 82% dos informantes disseram não conseguir identificar o falante local pela fala. Dentre as justificativas alegadas pelos informantes estão o fato de considerarem a fala na região *muito parecida* ou *caracterizada pela assimilação de traços linguísticos* das variedades presentes na região, sobretudo as nortistas e as nordestinas, conforme conferimos nas repostas de três informantes, exemplos 14, 15 e 16:

(14) Acho que não [por quê?] porque tem outras pessoas que falam muito igual a gente, tanto interior, Mãe do Rio. Essas pessoas daqui das cidades próximas. [O que tu acha que elas têm de igual na fala?] Acho que pelo fato de morarem no mesmo estado, o PARÁ, têm o jeito muito igual de falar, então os sotaques dessas cidades mais próximas são parecidos (Inf. P4AFN03).

(15) Não (por quê?) é... difícil identificar, porque... as pessoas aqui da mesma região falam igual a gente, tipo... de Aurora, aqui de Paragominas, de Mãe o Rio... é bem próximo (Inf. P5AFN15).

(16) É:: isso fica meio complicado, porque as pessoas convivendo com tanta gente diferenciada, de tantos lugares diferentes acaba se acostumando às vezes ao costume do outro, aí a gente pensa que é... digamos como eu acabei de dizer, muitas pessoas dizem que eu não tenho mais nada de sotaque de ciarense ...pensa que eu sou paraense, mas eu vim pra cá com dezesseis anos. Eu não falo chiado como paraense, também não falo como o ciarense, apesar de ser ciarense. Eu não tenho esses costumes [...] (Inf. P3AMM29).

Interpretamos, portanto, que os informantes possuem consciência da diversidade linguística presente na região, mas também sabem que essa diversidade tende a um ponto comum, causa da dificuldade de identificarem os falantes locais pela sua variedade, considerada *misturada/parecida e normal*. Nos resultados de descrição das vogais, apresentados em seção anterior (ver seção 3.1), encontramos comportamento semelhante entre as variantes das vogais médias pretônicas em toda a região investigada, e ainda, confrontados os dados de migrante e nativos, a diferença foi mínima para o abaixamento, corroborando a fala dos informantes sobre haver “dialetos parecidos”, cujas características não se sobressaem. Bortoni-Ricardo (2011), num estudo em Brazlândia, cidade satélite de Brasília, com migrantes de Minas Gerais, utilizando-se da metodologia de redes sociais identificou um processo de urbanização na variedade rural falada por esses informantes, que foi classificada, dentro de um contínuo rural x urbana, como rurba, justamente por ter sido considerada a fala de migrantes mineiros de zona rural difusa, no contato interdialeto, por manter características de origem e inovações dos dialetos em contato.

Ferreira (2013), que estudou a variedade de Aurora do Pará, e Fagundes (2015), a de Belém, seguindo a proposta metodológica de Bortoni-Ricardo (2011), demonstraram que o processo de abaixamento vocálico na fala de migrantes cearenses refletia o contato interdialeto destes aqui no Pará, os quais buscavam identificar-se com grupo de referência local. Isso pode ser inferido pela fala do informante P3AMM29 registrada em nossa coleta *in loco*.

Quando analisamos as atitudes linguísticas, observamos, nas respostas, a presença dos três componentes de atitudes subjacentes à postura dos informantes: o cognitivo, manifestado no reconhecimento das variedades e de uma norma de uso mais comum entre os dialetos; o afetivo, inferido a partir da identificação relativa aos usos linguísticos da região; e o conativo, manifestado nos resultados de produção das médias pretônicas (ver cartas linguísticas 1 e 2).

Ainda sobre a pergunta em pauta, 20% dos informantes exemplificaram que identificam o falante local por meio de gírias, pelo chiado e pela fala ser mais bonita.

Ao serem indagados com a pergunta *Como acha que falam os falantes santamarianenses/guamaenses/mãe-rienses/aurorenses/ipixunenes?*, as respostas dos informantes foram *normal/simples* (41%), *chiando/puxando o 's'* (15%), *misturado* (8%), *bonito/correto* (8%), *arrastado/nordestino* (8%), *feio* (3%), *depende de escolaridade* (3%), *sotaque forte* (3%), *paraense sem chiado* (3%). 10% dos informantes não souberam dizer. Todas as características apresentadas pelos informantes remetem às características associadas aos dialetos paraenses e nordestino/cearense. Algumas carregadas de julgamentos e manifestações afetivas, explicitando atitudes positivas e negativas. As atitudes positivas atribuídas à fala dos informantes estão mais associadas às características *normal/simples*, *paraense sem chiado*, *bonito/correto*, sobretudo; como se verifica nas falas em destaque:

(17) Não... acredito assim: que nós falamos... assim... as pessoas falam que... o nosso sotaque é campinhense, né? Mas eu... acho que é normal (INF. P5AFN15).

(18) É... não falo muito chiando que nem pessoal mais de Belém, mas falo muito, tipo muitas expressão *égua*... em em mais do que a outra e *mana*. Essas coisas, mas não chiando que que nem a característica do Pará (INF. P5AFN15).

(19) Normal... acho que tem quase a aparência de... de ciarense... do Pará (INF. P3AMN28).

Já as características *chiado e arrastado* foram avaliadas negativamente, evidenciando o preconceito linguístico, por trás do qual se esconde o preconceito social associado aos falantes dos dialetos, cujos traços linguísticos são estereótipos de fala “inferior”, “feia”, “de gente da beira do rio” etc. O informante do excerto 20 classifica o “chiado” belenense à fala do “pessoal da beira do rio”, deixando implícita, não só a avaliação negativa à fala de Belém, mas também à população ribeirinha, como se estes fossem inferiores ao belenense, ou que o belenenses fossem tão inferiores quanto aquela população.

(20) Os aurorenses, eles não falam chiado, são pouca as pessoas que falam chiado, quem fala mais chiado são o pessoal da beira do rio, já tem o puxado..fariinha..arrouz, o aurorense fala mais pro nordeste do que pro chiado de Belém, que é a panela de pressão que o pessoal fala, o aurorense fala mais simples (INF. P4AMN17).

O uso da expressão *panela de pressão* pelo informante revela a percepção que este tem sobre a fala do belenense, avaliada negativamente, e com a qual o informante não se identifica. Vale destacar que esse informante é de Aurora do Pará e migrante cearense. Em Aurora do Pará, conforme os resultados gerais de avaliação de atitudes por meio da abordagem indireta

(ver tabela 17), o belenense ficou na última posição na avaliação dos dialetos e na avaliação dos migrantes (ver tabela 27). Essas e outras formas de julgar, aferir sentimentos a determinado dialeto ou variante são formas implícitas de avaliar socialmente os seus falantes (ALKMIM, 2008). Outra opinião que deixa nítido o preconceito contra o *chiado belenense* está expresso no depoimento 21:

(21)É... praticamente o pessoal daqui, da gente aqui, é uma linguagem diferente de lá de fora, porque a gente não tem o chiado. Eu não sei por que e cumo esse pessoal de Belém tem o chiado... se é a mesma nacionalidade, o mesmo estado... e tem aquela puxação de língua pra chiar. Eu não sei onde eles arrumaram isso... até hoje estou pra entender como eles fazem isso. (mas e a fala daqui?)Tem porque a nossa fala aqui é mais nordestina... é mais nordestinaé tem influências do sertão do do do agreste do Ceará, Pernambuco... ..Piauí, já tem aqui o cerrado do Maranhão, ai cê já fica mais ...mais uma puxada nordestina (INF. P5BMM27).

A próxima fala analisada, excerto 22, demonstra que o preconceito, em algumas localidades, se estende à *fala arrastada*, característica atribuída ao falar nordestino:

(22) Tem uns que falam muito feio, arrastado, quer falar bem, mas não sabe...(INF. P3NFM09).

E o mais interessante é que o atributo é concedido por um migrante cearense residente de Mãe do Rio, revelando sua deslealdade em relação ao seu dialeto e confirmando os resultados de medição indireta (ver tabela 24). Na localidade de Mãe do Rio, tanto os nativos quanto os migrantes avaliaram mais positivamente o dialeto belenense. Ao tratar dos conceitos lealdade/deslealdade, Botassini (2013) explica que a forma como um falante avalia sua própria fala é que caracteriza a lealdade ou deslealdade linguística: se positiva, diz-se que foi leal ao seu dialeto; se negativa, desleal.

Acerca das perguntas *Como você acha que falam os cearenses?* e *Como você consegue identificar que uma pessoa é cearense?*, 24% dos informantes, nativos das localidades, afirmaram não saber como fala o cearense. Acreditamos que o contato dialetal, entre as variedades do português, presentes em todas as localidades investigadas, contribui para isso, fazendo com que traços linguísticos passem despercebidos, ou por terem sido atenuados pelos migrantes ou por terem sido incorporados pelos falantes nativos da região, num processo de acomodação linguística. Os demais informantes, 76%, utilizaram vários atributos para se referirem à maneira como os cearenses falam e, na maioria das respostas, ao jeito de falar do cearense, as características atribuídas são negativas, evidenciando o olhar negativo que se tem desse dialeto, geralmente considerado inferior. Ilustramos com depoimentos 23 a 26:

(23) Eu acho que isso também é muito relativo que a pessoa que é cearense, que tá lá no Ceará, **que istudou, que se desenvolveu**, então, ele acaba deixando de lado. Muito um pouco os estudo, depois que eles istudu **se desenvolve é:: culturalmente, modifica e para de falar algumas expressões**. Tanto faz ele tá aqui no Pará, no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, fala conforme a cultura que ele se desenvolveu (INF. P3AMM19).

(24) Um pouco assim, a grosso modo falando, **roceiro**...é como se o estado do Ceará estivesse expandido, mas **as raízes deles lá do sertão**...da ali da caatinga predominasse, porque...porque devido o índice de de número de família que tem essas raízes nas regiões é digamos interioranas do Ceará, eles trouxeram pra cidade...[...] **P2BMN06**

(25) eles falam **um pouquinho errado** né? **Não pronunciam direito**... acho que é a cultura de lá mermo né... (INF. P1BFM36).

(26) É:: se tiver esses sotaque bem latente mesmo, que a gente acabou de frisar aí, dá logo pra identificar, mas se ele já tiver, se for uma pessoa **que tenho istudado**, que tenha **se desenvolvido igual a mim**, até mesmo ou muito mais do que eu até, por exemplo, aí vai ficar difícil pra se saber se ele é cearense ou não... (INF. P3AMM29).

Para as perguntas *Como você acha que falam os belenenses?* e *Como você consegue identificar que uma pessoa é belenenses?*, 15% dos informantes declararam não saber como falam os belenenses. No entanto, para a maioria, o belenense fala *puxando o s, butando s, usando s* (24%) ou *chiando* (47%). Outros informantes disseram que o belenense fala *correto/mais certo* (6%), *normal/igual a gente* (9%), avaliando positivamente essa forma de falar. Outras formas que caracterizam a fala do belenense, segundo os informantes foi *fala enfeitada* (3%), *fala igual o pessoal da praia* (3%) e *usando muitas expressões e gírias* (9%). Todas essas caracterizações foram avaliadas negativamente. No geral, as avaliações sobre a fala do belenense são negativas, sempre acompanhadas de risos, como verificamos nos exemplos:

(27) Muito...Muito butandu no plural, butandu o "S", né? O Danilo fala "munduruS" (risos). Muito engradadu. Já "MU-DU-RU-KUS" (Quantos anos ele mora lá?) Uns sete, acho, oito. (Já pegou a fala?) Já (INF. P3BFM25).

(28) O pessoal de Belém fala mais no S...é:: Qualquer palavra que eles vão pronunciar é mais é no S, né? São falante, como falum o português, né? São Falante...(risos) É que eu num sei falar assim que nem eles, mas é diferente...é (INF.P1BFN37).

Os resultados das respostas apontam que os traços linguísticos do belenense não gozam de prestígio na região. Para identificar o belenense, a maioria dos informantes citou o *chiado/puxado do s*, como documentado nas falas 29 a 31:

(29) Pelo motivo que eu te falei, que eles falam muito "arroS", "trêS"... essas coisa. (pelo chiado?) É (INF.P5AFN15)

(30) Pelo modo de falar...eh...vamos ver...tem muito assim...fala chiano...'oh pequeno...venha cá"...assim... (INF.P4AMN20)

(31) Por esses soprados de 'S' TL...qualquer palavra a gente vê que consegue falar chiado, é mais característica de Belém (INF. P2AFN07).

Ao serem perguntados sobre *quem fala melhor, se os nativos, os cearenses, ou os belenenses*, os informantes foram levados a avaliar o seu dialeto em comparação ao dialeto do cearense e do belenense. Nessa comparação, portanto, 41% dos informantes disseram ser o falante nativo, 38% afirmaram ser o belenense, 8% declararam que o falante local fala igual ao belenense e, portanto, não daria para discernir quem fala melhor entre eles; por outro lado, 14% não souberam dizer quem fala melhor ou afirmaram que depende do grau de escolaridade. As manifestações para o dialeto local referem-se ao fato de *não existir fala igual, a fala ser diferente, mas positiva, representar o português mais claro, ser normal*. Documentamos com os excertos 32 e 33:

(32) Ipixunense (por quê?) Porque... não existe fala iguais né? A nossa fala é diferente, eu acho bonita nossa fala. (Então você acha que ela é melhor que do cearense e de Belém?) Não, não que ela seja melhor, mas eu acredito assim que:: assim...é... a gente aprende mais rápido, sei lá (Explica novamente a pergunta...) Ipixuna... (INF.P5AFN15).

(33) Quem fala melhor?...eu acho que...é os aurorenses (Por quê?) porque é mais comum...mais positivo...mais português mais claro (INF.P4AMN20).

Já as manifestações em relação ao dialeto belenense apontadas são *falar certinho, falam o português, falam mais claro, são mais expressivos, origem geográfica (ser da capital), se comunicam de forma mais padrão*.

(34) Aham..rapaz fala melhor (que fala melhor?) Ligeiro, não! Mas mas acho de Belém... fala bem. Tem muita gente em Belém que fala bem, principalmente, principalmente o.. Pessoal universitário né? (INF.P1BMN40).

(35) O belenense...eu::acho o português do belenense além de ser bem puxado assim, eles falam...diferente, eles falam o português, pra mim do do das três...(INF. P3BMN30).

(36) Acho que de Belém, eu acho mais clara o jeito que eles falam, a expressão deles de colocarem as palavras (INF. P4AFN03).

No geral, para os informantes, falam melhor o nativo, seguido do belenense. O cearense em nenhuma resposta foi citado. Esses resultados mostram que os informantes são leais ao seu dialeto, apresentando o que Calvet (2003) chama de segurança linguística, pois consideram sua fala a norma.

A próxima questão *Excetuando o seu dialeto, entre as pessoas que vieram de outros lugares, quem fala melhor?* objetiva obter informações sobre como os informantes avaliam

os dialetos sem levar em conta sua própria fala. 41% dos informantes disseram ser belenense quem fala melhor. Já 19% afirmaram serem os pernambucanos. 14% por cento declararam serem os paraenses. Outros falantes citados alcançaram 3% das respostas cada: o cearense, o gaúcho, o baiano, o sulista, o paulista, o paranaense e o santa-catarinense. 8% dos informantes afirmaram que a questão de falar melhor depende do grau de escolaridade.

Ao serem indagados sobre sua autoestima linguística com a pergunta *Você acha que fala bem?*, apenas 35% dos informantes responderam afirmativamente, 43% declararam não falar bem porque *fala muito errado, não usa as palavras certas, não ler muito, tem dificuldades de comunicação etc.* Outros 19% não responderam nem que sim nem que não, disseram que falam *mais ou menos* bem, uma espécie de meio termo da resposta. A maioria das respostas negativas associam o falar bem ao uso prescritivo da língua. Essa crença é muito comum na mentalidade dos falantes e está enraizada no mito da homogeneidade linguística.

Acerca da pergunta *Homens e mulheres falam igual? Quem fala melhor?*, 16% dos informantes declararam que não há distinção entre o jeito de falar masculino e feminino, afirmando que essa questão não é mais levada em conta porque depende do grau de instrução e do próprio momento histórico, *“tá muito moderno”*. Outros 11% dos informantes disseram ser os homens aqueles que falam melhor, pois *“conversa bem”, “se expressa bem”, “pensa mais”, “fala pouco”*. Ou seja, na opinião dos informantes (três homens e uma mulher), os homens são mais claros e objetivos em sua fala. Já a maioria, 70%, atribuíram à mulher a qualidade *“melhor falante”*, por observarem mais a linguagem correta, por terem a escrita e leitura melhores, por serem mais calmas, não falarem palavrão, puxarem mais assuntos. Ilustramos com os depoimentos 37 a 39.

(37) A mulher, porque ela tem mais cuidado com a pronúncia. O homem falou de qualquer jeito, tá falado de qualquer jeito (INF. P4AFN01).

(38) Às vezes sim...[quem fala melhor?]É as mulheres...porque as mulheres falam melhor...os homens, aguniado, fala errado...[então as mulheres falam melhor? o que é falar aguniado ?] É ligero...vai ingulindu as...palavras (INF. P4AMN20).

(39) Não...as mulheres...porque a mulher é mais delicada, ela tem delicadeza, os homens geralmente não têm. Tem uns que têm, mas tem outros que não têm...(INF. P02BFN10).

Observamos que, nas atitudes dos informantes, há implicitamente a ideia de um jeito de homem e de mulher para falar, geralmente associados à imagem que a própria sociedade faz da figura masculina e feminina. Nesse sentido, os homens são sempre associados à fala mais descuidada, *“fala de qualquer jeito” “fala errado”, “engole as palavras”,* enquanto a

mulher é “aquela que se preocupa com as palavras”, “com a pronúncia”, “cuidado com a pronúncia”, “não engole as palavras” como os homens, “fala correto”.

O componente cognoscitivo, manifestado nas atitudes dos informantes, deixa transparecer algumas crenças socialmente construídas e que podem ter influenciado os julgamentos, revelados pelo componente afetivo: (i) “falar corretamente” é coisa de mulher; (ii) homem que fala “correto” é afeminado; (iii) usar palavrão é coisa de homem; (iv) homem fala tudo “errado” entre outros¹³. Interessante que, ao afirmarem ser o homem o “melhor falante”, 11% dos informantes associaram essa qualidade a características mais comportamentais que linguísticas, tais como: conversa bem, fala bem, se expressa bem, fala pouco, pensa mais.

Nenhum informante relacionou a classificação de “melhor falante” à característica associada aos dialetos analisados (local, cearense, belenense), apontadas nas questões anteriores, talvez por não possuírem, de certo modo, um significado social positivo, ou porque sejam traços que independem do sexo e estejam mais associados ao aspecto diatópico.

Para a pergunta *Jovens e idosos falam igual? Quem fala melhor?*, 63% dos informantes afirmaram ser o jovem; enquanto 32% disseram ser o idoso; por outro lado, 5% relativizaram a resposta, atribuindo ao grau de escolaridade o fator diferencial, como podemos ver na fala 40:

(40) Ai, isso é relativo. Pois depende da idade do velho, do idoso, e da do da idade do grau do estudo, de instrução de cada um. Então, teoricamente falando, o jovem fala melhor do que o idoso. (Por conta do grau de estudo?) Por conta do grau de estudo (INF. P3AMM29).

Em relação à escolha do idoso como “melhor falante”, foram consideradas como justificativas a “maturidade pessoal e experiência de vida”, o “não uso de termos enrolados/gírias”, a “fala mais formal”, o fato de “ser alguém que pensa”, o fato de “ter mais sabedoria”, o comportamento “respeitoso”, e o fato de “ser exato no falar”. As ilustrações 41 a 43 nos ajudam a compreender melhor.

(41) Jovens e idosos...quem fala melhor...? É os idosos...porque eles já tão bem amadurecidos...já tão bem no auge do do...já vivero mais né...o jovem tem um

¹³Vale ressaltar que aqui a questão é mais discutida em termos de homem e mulher como papéis sociais relacionados ao sexo, do que em relação à noção de gênero. Freitag (2015) faz toda uma discussão sobre a questão sexo/gênero, gênero/sexo, sexo e gênero nos estudos sociolinguísticos apontando esta temática como um desafio atualmente. Discussão essa que não cabe neste trabalho.

linguajar que é cheio de de de...esse negócio de enrolada é querer ser chic...falar o negócio ai...e os idosos enrola tudo (INF. P4BMN14).

(42) Não, né? O idoso...porque eles falam mas formal (INF. P5AMN22).

(43) Não...[quem fala melhor?]? De uma forma bem geral os idosos...eles acabam...até mesmo é ...se eles colocam uma palavra que num momento a gente não consegue compreender, eles já dizem o que é que é...os jovens, a gente acaba usando muito a questão da gíria...e leva leva um tempo pra você entender o que seria realmente o que seria aquela palavra...aquele termo...(INF. P2AFN07).

Analisando as respostas, podemos inferir que a questão de gerações passa, sobretudo pelo uso do léxico, aspecto que fica mais latente nas avaliações, relacionado ao uso de gírias, à fala mais formal e ao comportamento do idoso ao falar.

No caso do jovem como “melhor falante”, os informantes justificaram sua escolha, afirmando que os jovens falam melhor por que “buscam novas palavras”, “falam mais explicado”, “falam mais forte”, “articulam melhor”, “estudam mais”, “inovam mais”, “o jovem tem mais oportunidade de estudo”, “tem mais facilidade na comunicação por causa da memória”, como verificamos nos excertos 44 a 46.

(44) O jovem, porque eles tão muito a busca de novas palavras de novas culturas essas coisas. Eles investigam mais já os idosos ficam mais acomodados (INF. P4AFN01).

(45) Não...[quem fala melhor?] acredito que os jovens, porque têm uma facilidade melhor acredito...na questão da comunicação, por conta da memória tá um pouco mais, um pouco mais nova (INF. P02AMN13).

(46) Os jovens...Têm mais estudo.. né? Estuda mais, tem mais conhecimento...Consegue...a gente que vai pra idade, a gente num consegui Mais:::falar as coisas como tem que ser falado, né? Pronunciar, se expressar...Aí eu acho que os jovens é mais, fala melhor (INF. P1BFN37).

De todos os argumentos apresentados, nenhum foi associado aos traços linguísticos atribuídos pelos informantes aos dialetos, pois as justificativas, para distinguir quem fala melhor entre jovens e velhos, sempre estavam associadas ao comportamento dos falantes, à sua experiência e ao léxico utilizado. O componente afetivo das atitudes dos informantes manifestado por meio dos julgamentos nos permite inferir a crença, componente cognoscitivo, de que, na opinião dos informantes, as características apontadas aos dialetos independem de faixa etária; e mais, o “falar melhor” está associado a conhecimento, a estudo, sobretudo. Interpretação que pode ser inferida, principalmente na fala dos informantes, exemplos 44 e 46.

Quanto à pergunta *Ricos e pobres falam do mesmo modo? Dê exemplos*, 82% dos informantes afirmaram que não e 18% afirmaram que sim ou que poderia ser relativo. A crença subjacente às atitudes dos informantes mobiliza-os a: (i) acreditar que o fator econômico é determinante na maneira

de falar das pessoas; (ii) julgar a forma de falar do rico, socialmente mais valorizada, como melhor que a do pobre. Tais crenças mobilizam os informantes a fazerem julgamentos mais positivos em relação à fala do rico e mais negativos em relação à fala do pobre.

As justificativas apresentadas pelos informantes que responderam afirmativamente foi o grau de escolaridade, assim como ocorreu na pesquisa de Botassini (2013), deixando evidente que as condições do rico são mais favoráveis ao acesso à escola:

(45) Se ambos tiverem o mesmo grau de estudos, sim (INF. P3AMM29).

(46) Bom...talvez não. Depende. Rico...pobre se que tem uma escolaridade maior, nível de escolaridade maior (INF. P5AMN22).

Já os informantes que responderam negativamente apresentaram como justificativas também o fato de que o rico fala diferente porque “pode estudar numa escola”, “é mais estudado”, “a maioria tem mais estudo”:

(47) Não. O rico ele usa a linguagem...a linguagem do português melhor que o pobre. Porque a maioria tem mais estudo. Sim pela fala. (INF. P3AMN39).

(48) Não...eu acho que o rico fala bem melhor por mais estudo...o pobre já tem dificuldade (INF. P3AMN28)

(49) Não... [...]Eu acho que um pobre, ele tem... menos oportunidades do que o rico... o rico não, ele pode estudar numa escola... de qualidade... é... ter... acesso a livros, a outros conhecimentos que outra pessoa pobre não tem.

Analisando as respostas dos exemplos 47 a 49, a tônica que mobiliza uma atitude diferente em relação à fala do rico e do pobre está relacionada com o binômio riqueza/escola. Compreendemos, portanto, que o “falar bem”, para os informantes, depende do fator financeiro e da escola, ou seja, ter poder econômico possibilita a alguém acesso à escola (a educação), que por sua vez é detentora da forma mais “correta”, mais valorizada de falar. Assim, quem estuda (vai à escola) “fala melhor” porque fala a forma de língua, de cujos falantes são hierarquicamente mais valorizados. Isso significa nas palavras de Alkmim (2008) citando Gnerre que: “[...]uma variedade linguística vale o que valem na sociedade seus falantes, isto é, vale o reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais” (p.39).

Ao serem solicitados a responder à pergunta *Você acha possível distinguir uma pessoa com curso superior e outra pouco escolarizada pela sua maneira de falar?*, 95% dos informantes disseram que sim, evidenciando o prestígio social da escola. Vale lembrar que isso já ficou latente na questão anterior. Para os informantes, uma pessoa que tem escolaridade elevada fala melhor o português, consegue se expressar melhor, fala corretamente, tem mais

vocabulário, sabe explicar melhor as coisas entre outras. Nas falas que apresentamos, 50 a 52, podemos inferir o prestígio e o poder que a escola detém:

(50) É possibilidade sim...quem tem escolaridade se expressa melhor, ouve melhor, entende melhor e ele tem as palavras certas. Também se ele quiser falar pra mim entender ele, eu entendo fácil porque ele tem muito conhecimento, ele vai saber falar pra mim que não entendo muito e vai saber falar pro senhor que tem mais uma cultura (INF. P5BMM26)

(51) Tem...pelo jeito de falar sim! Por algumas palavras erradas, algumas palavras que não completam...né...sempre o universitário fala muito correto né?...E de qualquer jeito fala (INF. P02AMN11).

(52) Eu acho...eu acho...quem tem mais estudo fala melhor...se expressa melhor....quem num tem, já num tem tanto conhecimento...né? Num conhece bem...é, as vez fala palavras que não...que não...num fala certo. Quem tem mais escolaridade tem capacidade de falar melhor, se expressa melhor (INF. P1BFN37).

Os 5% que consideram não ser possível distinguir um falante com e sem nível superior pela fala, alegaram que, atualmente, muitos cursos superiores não possuem o mesmo perfil de outras épocas e não preparam os alunos como deveriam; além disso, disseram ser difícil distinguir por conta da interação maior que há, atualmente, globalização da *internet*, conforme ilustramos com os depoimentos 53 e 54:

(53) Não, hoje devida à globalização, devida a essa interatividade com a internet você não sabe quem é quem mais, antigamente sim (INF. P2BMN06).

(54) Olha, às vezes, não...conheço...trabalho em escola e tem professor que fala...feio e tem...e já trabalhei em outras áreas em que pessoas de nível superior escrevi pior do que...uma criança de...de quinto ano...há...e eram muito...ingolia palavra então....conjugam errado então...(INF. P3AFN31).

Ao analisarmos as respostas podemos compreender que sempre a forma de falar das pessoas com baixa escolaridade é avaliada, pelos informantes, negativamente. Por traz dessa atitude preconceituosa está a crença de que quem não tem instrução fala uma língua errada, feia. Essa forma de reagir diante da fala de pessoas não-escolarizadas não recai sobre a língua em si, mas sobre o próprio falante (ALKIMIM, 2008). A crença por trás dessa forma de julgamento está tão enraizada na mentalidade das pessoas que os próprios informantes, pessoas de baixa escolaridade, julgam, até inconscientemente, a partir dela sua própria fala, perpetuando assim a marginalização e exclusão social dos menos instruídos, como argumenta Bagno (2007).

Para a próxima pergunta *Você já passou por uma situação constrangedora relacionada ao seu modo de falar? Relate.* 77% dos informantes afirmaram que nunca passaram por

constrangimentos por questões de sua maneira de falar ou não lembraram e 23% disseram que sim. Reproduzimos alguns relatos:

(55) A gente já tem passado, brincando né? [como o pessoal brinca?] É, o cearense só fala coisa réia; a brincadeira que eu digo, é só quando a pessoa tá acostumada, um bem, aqui pra nós, o fumo é fumo, aqui o fumo é tabaco... [...] (INF. P4BMM19).

(56) Já... já.....assim, porque a gente fala capiente né? A gente fala meio assim né?...então... uma vez perguntaram por que que a gente fala assim, então...então assim desse jeito meio manhoso aqui mesmo um amigo meu de Belém. (Ai ele achou que ela fala dele?) é diferente da nossa... né... ?(mas ele falou em tom crítico?) não, não foi em tom de crítica (INF. P5AFN15).

(57) Mais ou menos...(risos, vergonha)...é porque conversando a gente fala uma palavra errada...ai a pessoa vai e corrige a gente...(risos) (INF. P5AFN05).

(58) Já...o meu chiado...tava fazendo...inclusive foi na leitura...foi até o meu irmão que me chamou atenção...é tava fazendo a leitura na comunidade e assim que terminou ele falou...bonito tu acabou de ler nem parece que já estudou e fala todo chiado...ninguém ouvia nada o que tu falava, só ouvia o chiado...[o chiado é sinal de quem não estudou?] pra ele sim...por eu ter estudado [então quem estudou não pode ter o chiado?] não...é tanto que eu não consigo tirar esses chiado (INF. P2AFN07)

Como podemos verificar, a partir dos relatos sobre as circunstâncias por que passam os informantes, existe certo preconceito relativamente aos traços característicos de sua fala. Embora alguns sejam considerados engraçados, como no primeiro relato, não podemos deixar de evidenciar que qualquer manifestação negativa à forma de falar das pessoas é, na verdade, um preconceito, uma atitude negativa sobre essa variedade, mesmo aquelas que parecem brincadeira.

Em relação à pergunta *Em alguma situação (estando em viagem, a passeio em algum lugar fora de sua cidade, Estado, etc), você já modificou sua forma de falar para adaptá-la ao modo de falar das pessoas do lugar em que você estava? Relate*, 81% dos informantes disseram que não e 19% afirmaram que sim. Dentre os informantes que afirmaram que sim, dois são nativos e cinco são migrantes cearenses. Esse resultado mostra que talvez os migrantes cearenses sejam mais desleais ao seu dialeto.

(59) Eu eu passei...eu fui::: seis meses no Paraná...É::: que nem eu disse, o pessoal enchia muito o saco, chamavam eu de paraíba, de ciarense...é devido meu jeito de falar...só que cum o tempo tu vai::: se adaptando com aquilo ali e tu vai começando a falar que nem eles. Não porque tu quer, pelo meio que tu tá vivendo...o trabalho que eu fazia lá...era meio de pão. Era numa fábrica que eu trabalhava...era uma fábrica de capota de trator...i:::lá saía de tudo...Então quer dizer...e começava a falar que nem eles tipo assim "pega essa coisa assim pra mim", lá eles num fala pega "pega esse celular...", eles diziam "alcança isso pra mim..." Quer dizer... pra levantar que nem a gente chama "levantar", eles chamam "erguer". Eles tão tão acostumados com o jeito deles, que eles chamam. Eles não sabem o que é levantar. Aí tu começa a falar igual eles e começa se adaptando (INF. P3BMN30).

(60) Dar...quando a gente muda o estado da mais uma...como eu falei no começo tudo o que a gente falava...ele repreendia, aí a gente não sabia quem tava falando certo se era nós ou se era ele...que nós já achava que eles estavam falando estranho e nós também...mas isso aí não me incabulava não, sabe [como senhor acha que é sua fala]...é daqui (INF. P02BMM12).

Dos que responderam que não, a maioria não apontou justificativas, outros alegaram nunca ter saído do Estado.

Para a pergunta *Se pudesse morar em outra cidade ou Estado, onde você moraria?* 37% afirmaram não querer mudar para outro lugar e 63% afirmaram que morariam em outro lugar como Minas Gerais (14%), Paraná (3%), Rio de Janeiro (3%), Bahia (6%), Pernambuco (3%), Sula (3%), Centro-Oeste (3%), Belém (6%), Castanhal (6%), Salinas (3%), Taciateua (3%), Bragança (3%), Fortaleza (6%) e Porto Alegre (3%). Dentre algumas razões para mudarem de lugar estão: ter parentes e achar o lugar tranquilo (Minas Gerais); achar bonita a forma de falar, pela beleza da paisagem (Bahia, Pernambuco), gostar do lugar (Castanhal/PA), ser calma (Taciateua). Para os demais lugares não foram apontadas justificativas.

Juntando os informantes que não mudariam de lugar e os que declaram mudar para uma cidade no estado do Pará temos o total 57%, o que de certo modo mostra que a maioria teve uma atitude de lealdade ao lugar em que vive. Isso fica mais nítido quando vemos os resultados na próxima pergunta.

As respostas para *Você gosta de morar de aqui?* foram de 100% para sim. Esse resultado revela que há um sentimento de lealdade em relação ao lugar em que vive e que está associado sobretudo à tranquilidade do lugar, à família que ali reside, ao fato de ser seu lugar de nascimento, à familiaridade com as pessoas. Interessante observarmos a fala de dois migrantes (61 e 62) que, ao responderem à pergunta, demonstraram afeição pelo lugar:

(61) Amo. (INF. P02BMM12).

(62) Sim, porque eu fui bem acolhida e acabei acostumando e e eu gosto muito. Não penso em sair daqui (INF. P3BFM25).

Compreendemos nas respostas dos informantes, que são migrantes, certa identificação com o lugar onde vivem. Essa identificação certamente passa também de maneira objetiva, como afirma Moreno Fenández (1998), pela cultura, costumes, culinária de determinado grupo social local.

Você sente orgulho de ser daqui? Esta pergunta direcionada para os nativos teve 100% de respostas positivas, conforme documentamos com os trechos 63 a 65:

(63) Sinto...e como eu sou filho daqui...eu nasci, morei e tô me criando aqui...to a minha vida tô construindo aqui...é só isso...nunca tive vergonha de ser daqui...sempre falo que sou de São Miguel (INF. P02AMN11).

(64) Tenho... eu tenho orgulho daqui porque... assim o meu... como eu te falei né, o meu avô foi um dos... uma das primeiras pessoas que chegaram aqui né.. ai eu tenho orgulho disso, pela história da família (INF. P3AFN24).

(65) Sim...NÃO NEGÓ MINHAS RAIZES. (INF. P4AMN20).

Moreno Fernández (1998) afirma que há uma relação entre língua e identidade, sendo esta uma representação daquilo que permite a um grupo se diferenciar dos demais. O sentimento de afeição partilhado pelos informantes revela como eles se sentem identificados com o lugar em que vivem e, por conseguinte, pode sugerir a mesma identificação com tudo o que o identifica ser daquele lugar: cultura, costumes e a própria língua. Exemplo dessa questão ocorreu no clássico estudo de Martha's Vineyard, conduzido por Labov em 1972, para explicar a centralização dos ditongos (ay) e (aw), cujo significado social considerado é símbolo de resistência e de identificação com a ilha (LABOV, 2008).

Ao responder *Por que você mudou para o Pará? (migrantes)*, todos os informantes migrantes atribuíram a motivações de melhoria das condições de vida, como forma de fuga da seca e da pobreza. A maioria é pertencente a regiões mais afastadas da Capital, Fortaleza. Muitos viviam nos sertões pobres do Estado, onde à escassez de recursos naturais, ocasionada pela seca, para a principal atividade econômica, a agricultura, associavam-se as precárias condições econômicas. A identificação com a região explica a busca de adotar um comportamento verbal mais próximo do grupo social com o qual deseja ser identificado (BORTONI-RICARDO, 2011). O sentimento de gratidão pela acolhida dada pelos paraenses aos migrantes se expressa na opinião do informante 25 e representação do informante 16 para um movimento de afastamento de seu vernáculo, documentadas em 66 e 67.

(66) Sim, porque eu fui bem acolhida e acabei acostumando e eu gosto muito. Não penso em sair daqui (INF. P3BFM25).

(67) Mudou...isqueci como falava no Ceará e passei a falar como paraense. Um pouco né? (INF. P5BFM16).

Podemos inferir que a identificação dos migrantes com a região nordeste do estado é tão grande que, para eles, não há uma preocupação em se identificar com o nativo ou com o próprio lugar. Em termos do abaixamento vocálico, os resultados desta Tese têm revelado que, embora haja uma tendência ao favorecimento desse fenômeno muito maior na fala de migrantes do que na de nativos, no geral, há um comportamento semelhante de ambos (ver seção 3.1.2).

Compreendemos melhor a questão discutida a partir das respostas para a pergunta *você tem vontade de voltar a morar na sua terra de origem? (migrantes)*, pois 100% dos migrantes declararam que não, como ilustram os depoimentos 68 a 70.

(68) Tenho não...porque a gente trabalhava muito lá e nunca conseguiu nada...então a gente já tá com começo de vida aqui...a gente continua aqui (INF. P4BFM18).

(69) Voltar não, só passear, saudades de passar por lá (INF. P4BMM19)

(70) Não...porque não...acho que numnum me adaptaria mais lá agora (INF. P5BFM16)

Em relação à pergunta *Você acha que mudou alguma coisa em seu dialeto depois que veio para o Pará (migrantes)?*, apenas 10% dos informantes migrantes disseram não ter mudado nada e que seu dialeto continua do mesmo jeito e 90% afirmaram que sim. Os excertos 71 e 73 comprovam nossa assertiva:

(71) Acho que já mudou [você sabe dizer o que mudou?] eu acho que mudou porque eu chego lá e sinto o jeito do outro falar, eu falava daquele mermo jeito, aí a gente percebeu que a gente já tá falando melhor né? (INF. P4BMM19).

(72) Mudou...isqueci como falava no Ceará e passei a falar como paraense. Um pouco né? (INF. P5BFM16).

(73) Não. Eu não acho não. Eu tenho certeza. Eu me lembro de quando eu era criança antes de vir pra qui:: hoje acampanhando os meus próprios familiares..na na não na sua totalidade, na sua grande maioria, mas perto da da totalidade, eu me observo e me faço uma auto-crítica e::: percebo o quanto há diferença entre a minha maneira de falar, a minha maneira de me expressar e infelizmente a maneira de se expressar dos meus entes queridos (INF. P3AMM29).

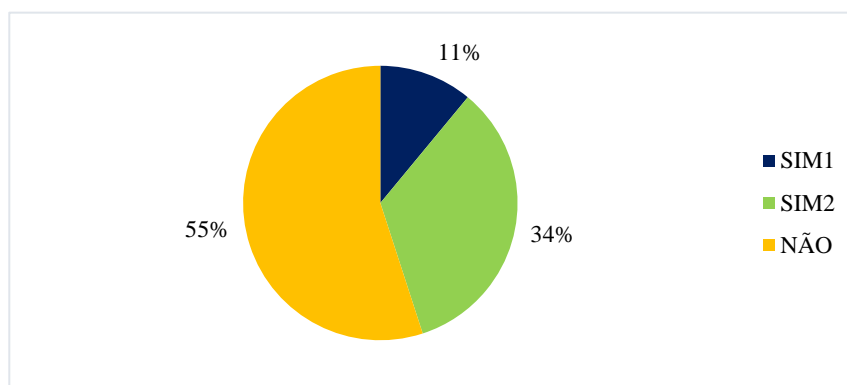
Interessante observarmos que, nas respostas dos cearenses, o componente conativo se apresenta por meio de atitudes positivas destes em relação ao dialeto paraense e negativas em relação ao seu dialeto. A atitude dos cearenses aponta para certa insegurança linguística. Calvet (2003), ao tratar desse conceito, afirma que isso ocorre quando os falantes consideram sua forma de falar menos valorizada e almejam a forma de maior prestígio. Ao negar sua forma de falar, os migrantes negam aquilo que permite diferenciá-lo em relação aos outros, ou seja, sua própria identidade, sendo portanto desleais a ela (MORENO FERNÁNDEZ, 1998). Essa atitude contribui para a incorporação de traços linguísticos do grupo com o qual gostaria de se identificar, seu grupo de referência (BORTONI-RICARDO, 2011).

Os resultados demonstram que esses informantes já incorporam parte do repertório linguístico do dialeto da região investigada em relação às vogais médias pretônicas. (ver seção 3.1.2).

Após a aplicação do questionário qualitativo, foi aplicado outro teste aos informantes com vista a identificar sua percepção sobre a variedade estudada bem como identificar qual variedade utilizar ou afirma utilizar. Este teste chamado de *Self report test* foi composto de três questões respondidas após audição, pelos informantes, de duas sequências compostas de oito palavras cada, uma produzida com vogais abertas e a outra com vogais fechadas.

Para a primeira pergunta, *você acha que há diferenças entre as duas sequências? Qual?*, objetivamos identificar o grau de consciência linguística dos informantes sobre o fenômeno do abaixamento. Sabemos, como base Labov (2008), que determinada variável linguística pode ter pelo menos três níveis de apreciação social, a partir dos quais é possível classificá-la em estereótipos, marcadores e indicadores a depender da força avaliativa por parte dos falantes/ouvintes. O gráfico 45 traz os resultados para a questão em destaque.

Gráfico 45 – Respostas dos informantes sobre haver ou não diferença entre a pronúncia aberta e fechada das vogais médias pretônicas.



Fonte: elaborado pelo autor

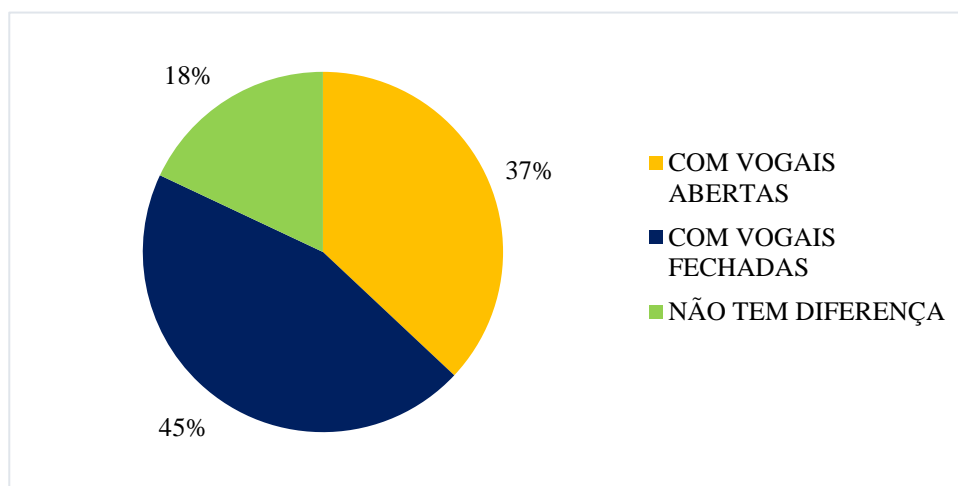
Conforme o gráfico, a maioria (55%) dos informantes não foi capaz de identificar a diferença entre a pronúncia aberta e fechada numa sequência de palavras. Dos que indicaram perceber a diferença, apenas 11% afirmaram se referir à abertura ou fechamento das vogais, já que 34%, embora tenham identificado a diferença, relacionaram a diferença a outros aspectos como *quantidade de palavras nas sequências, ter as sequências palavras diferentes, uma é mais puxada que a outra, uma é arrasta a outra não, etc.*

A partir desses resultados podemos considerar que o fenômeno passa, de certo modo, imperceptível à consciência dos falantes, corroborando os resultados do questionário qualitativo cujas respostas sobre a forma de falar do nativo, do belenense e do cearense não foram associadas em nenhum momento a abertura das vogais. Pode contribuir para isso o fato de que, na região, em relação às vogais médias pretônicas, há a presença das três variantes.

Nesse sentido, não podemos afirmar que a variação das médias seja um fenômeno marcado socialmente, já que os falantes em sua totalidade não o identificaram.

No que se refere à questão *qual sequência você acha mais bonita?*, 45% dos informantes disseram ser a sequência com as vogais fechadas e 37% a que possui vogais abertas. Já 18% afirmaram não haver diferença. Esses resultados podem ser vistos no gráfico 46.

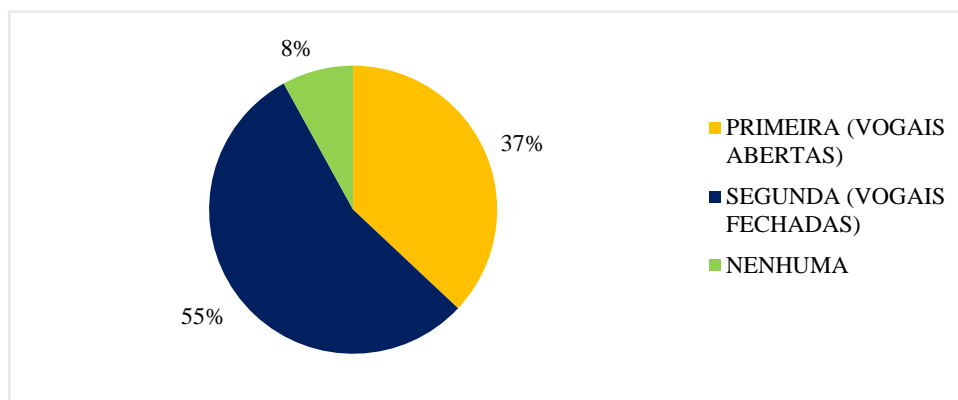
Gráfico 46 – Respostas dos informantes sobre se acham mais bonita a sequência de palavras produzidas com vogais abertas ou com vogais fechadas.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os resultados obtidos e apresentados no gráfico 46 demonstram que tanto a variante aberta quanto a fechada possuem prestígio por parte dos informantes, pois a diferença, embora seja para o favorecimento da variante fechada, não descarta o prestígio da variante fechada. Os dados de produção das médias corroboram as atitudes dos informantes frente a essas variantes, uma vez que as variantes fechadas são reconhecidas como melhores no teste de atitudes e são as mais utilizadas pelos falantes da região.

Quando questionados sobre qual forma utilizam, com pergunta *você acha que fala semelhante a primeira ou a segunda?*, os informantes declaram em sua maioria utilizar a forma a variante fechada das médias pretônicas, 55%. A variante aberta recebeu 37% das respostas e 8% delas correspondem aos informantes que afirmaram não utilizar nenhuma das variantes. O gráfico 47 apresenta esses resultados.

Gráfico 47 – Respostas dos informantes sobre qual variante utilizam.

Fonte: elaborado pelo autor.

As manifestações linguísticas tidas nesta última questão explicitam a preferência dos falantes pelas variantes fechadas e corroboram os resultados de produção apresentados em seção anterior. Por afirmarem utilizar a variante predominante e mais prestigiada, os informantes apresentam segurança linguística em sua fala, corroborando os resultados do questionário qualitativo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho compreende uma das primeiras pesquisas realizadas sobre o português falado no Pará, cujo caráter sociolinguístico não se restringe à descrição linguística de um fenômeno em específico, mas abrange o aspecto da percepção e avaliação linguísticas. O alvo da descrição e análise foi o abaixamento vocálico das vogais médias pretônicas e as crenças e atitudes linguísticas de residentes de cinco pontos de inquéritos localizados na Mesoregião Nordeste do Pará, situados nas microrregiões do Guamá e Bragantina. As localidades investigadas na pesquisa têm como características comuns sua localização às margens da Rodovia Federal BR 010 e o fato de terem sido centros de recebimento de migrantes nordestinos, seja por conta dos incentivos federais, seja por ocasião da abertura das rodovias federais BR 010 e BR 316, que ocasionaram o povoamento da região (RIBEIRO, 2015).

A partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Quantitativa e da Dialetoлогия Pluridimensional, o objetivo desse estudo foi investigar as crenças e atitudes linguísticas de falantes residentes em cinco localidades da Mesoregião Nordeste do Pará em relação às vogais médias pretônicas. A opção de estudar esse tema na Região Nordeste do Pará deve-se ao fato de se terem criadas representações sobre o português falado nessa região, geralmente associado ao falar nordestino. Parte dessa crença está associada a determinados traços do comportamento linguístico de falantes da região, dentre eles a realização aberta das vogais médias pretônicas, considerados típicos da fala nordestina (ARAÚJO, 2007).

Para a obtenção dos dados da pesquisa, utilizamos como protocolo a entrevista, organizada em duas partes. A primeira voltada à coleta de dados de ocorrências das vogais médias pretônicas (Leitura de texto, questionário e narrativas de experiência pessoal) e a segunda associada a medir as crenças e atitudes linguísticas por meio diretos (questionários) e indiretos (uso de variação da técnica *Marched Guise Test*, de Lambert). Devido à quantidade de dados e o caráter também variacionista foi necessária a utilização do programa estatístico *GoldvarbX*.

Utilizamos uma amostra de 40 informantes de cinco localidades que compõem os pontos de inquéritos da Região Nordeste (Santa Maria do Pará, São Miguel do Guamá, Mãe do Rio, Aurora do Pará e Ipixuna). Os informantes foram estratificados levando-se em conta as dimensões diagenérica, diageracional e dimensão diatópica, distribuída em topostática e topodinâmica. Foram selecionados 8 informantes em cada localidade, 4 homens e 4 mulheres, nas idades de 18 a 35 anos e de 50 a 65 anos, migrantes e nativos. Foram obtidas, para o

controle de fatores condicionadores do abaixamento vocálicos, 7.977 ocorrências das vogais médias pretônicas, 4.984 de ocorrências da variável /e/ e 2.993 da variável /o/. Os resultados do presente trabalho demonstraram que

1. Co-ocorrem no português falado na região nordeste do Pará as três variantes de /e/ e /o/: as abertas, as fechadas e as altas. Predominam as variantes fechadas, seguidas das variantes abertas. Os índices para as variantes de /e/ foram: 34,5% -[ɛ], 52,7% - [e] e 12,8% -[i]; e para as variantes de /o/, 34,3% - [ɔ], 54,7% - [o] e 11% - [u]. Este resultado confirma a hipótese de que o português falado na região segue o padrão linguístico do português falado nas diversas localidades investigadas no Pará em que as variantes [e] e [o] prevalecem (FREITAS, 2001; CRUZ, 2012; RAZKY; LIMA; OLIVEIRA, 2012; FERREIRA, 2013; FAGUNDES, 2015; BORGES, 2016)..
2. Quando observada a distribuição das variantes de /e/ e /o/ nas localidades, foi constatado que o comportamento linguístico entre elas é semelhante. Essa característica do português falado na região pressupõe um padrão linguístico que, inclusive, dificulta a identificação, pela fala, de quem é de determinada localidade, como apontaram os resultados qualitativos de crenças e atitudes. Não há, portanto, segundo os próprios falantes, um padrão característico de uma ou outra localidade. Na avaliação dos falantes, a fala de sua localidade é sempre considerada *normal*, *paraense* ou *igual ao de outra localidade próxima, misturada etc.*
3. O fenômeno do abaixamento vocálico de vogais em posição pretônica no português falado na Região Nordeste tem índices probabilísticos baixos, pois tanto para a variável /e/ quanto para /o/ os *imputs* alcançaram apenas .34 de peso relativo, abaixo do nível considerado significativo para uma regra variável. Em termos percentuais para a variável /e/, 34,5% correspondem ao abaixamento vocálico e 65,5%, equivalem ao não abaixamento. No caso da variável /o/, 34,3% equivalem ao abaixamento, enquanto 65,7%, correspondem ao não abaixamento. Esse resultado, portanto, demonstra que a não aplicação da regra de abaixamento é predominante na região investigada, como era esperado. Entretanto, comprova a forte influência de falares nordestinos em virtude do contato interdialetoal (DIAS, 2012; RAZKY; LIMA; OLIVERIA, 2012; FERREIRA, 2013).

Os resultados revelaram que do ponto de vista diatópico, os percentuais de ocorrências para o abaixamento e não abaixamento se mostraram muito próximos, ficando entre 30% a

36% nas localidades. Mãe do Rio foi a localidade em que o abaixamento alcançou os maiores índices para o abaixamento das médias: 36,8% para /e/ e 38,1% para /o/. O menor percentual do fenômeno ocorreu em Ipixuna do Pará, com 34,2% para /e/ 30,2% para /o/. Esses resultados confirmam nossa hipótese, até o momento, de que o comportamento das médias seria semelhante no português falado nas localidades componentes dos pontos de inquéritos da pesquisa, pelo fato de possuírem históricos de migração semelhantes e pela proximidade entre elas.

Ainda do ponto de vista diatópico, a pesquisa revelou um dado interessante, quando levamos em conta as dimensões topostática e topodinâmica. Em termos gerais, não há diferenças significativas, em relação ao abaixamento e não abaixamento, quando verificamos o português falado por nativos, paraenses das localidades, e migrantes cearenses. Esperávamos que, na fala do migrante, os índices de abaixamento fossem bastante elevados em comparação à do nativo, já que a abertura das médias pretônicas é uma marca linguística de dialetos nordestinos. Todavia, os índices percentuais, mesmo na fala de migrantes, não alcançaram 40% e se mostraram apenas um pouco elevados em comparação aos da fala de nativos. Os resultados para o fator migrante apresentaram pesos relativos bem próximos do ponto neutro, /e/ .56 e /o/ .55, mostrando-se pouco significativo e ao mesmo tempo levemente favorecedor para aplicação da regra de abaixamento. Se por um lado esse resultado mostrou que o abaixamento é favorecido pelos cearenses, por outro revelou que eles adaptaram bem seu dialeto ao dialeto paraense, tornando-o mais difuso, já que a diferença de comportamento linguístico entre migrante e nativos é pequena. Bortoni-Ricardo (2011) argumenta que quando o migrante se submete à influência de um grupo de referência exterior mais prestigioso a tendência é agilizar o processo de difusão de seu dialeto. Fato que acreditamos ter ocorrido, sobretudo, porque, nas avaliações, os dialetos locais e belenense foram considerados melhores na opinião dos migrantes, que não foram tão leais ao seu dialeto, ora identificando-se positivamente ao seu dialeto, como ocorreu em Aurora do Pará, ora ao de Belém, como ocorreu em São Miguel do Guamá, ora ao dialeto Local, como o fez em Santa Maria do Pará e Ipixuna. Kaufmann (2011) adverte que nem sempre as atitudes são coerentes com comportamentos específicos. Isto que dizer, que um mesmo falante pode avaliar negativamente um determinado modo de falar ou variante, mas utilizá-los como forma de se identificar ou por necessidade social. Bortoni-Ricardo (2011), acompanha esse pensamento quando trata do conceito de grupo de referência. Citando Berraman (1964), a pesquisadora afirma que: “[...] quando as atitudes e comportamentos de uma pessoa são influenciados por

um conjunto de normas que ela pressupõe seja obedecida por outras, esses outros constituem para ela um grupo de referência (p.110)”. Nesse sentido, as atitudes subjetivas dos migrantes, bem como as que foram explicitadas nas respostas ao questionário qualitativo, corroboram seu comportamento linguístico.

Quando relacionados os efeitos de fatores extralinguísticos na aplicação do fenômeno do abaixamento vocálico, os resultados foram:

1. Quanto à dimensão diafásica, por meio da qual se controlou o grau de formalidade, os pesos relativos para as três situações de fala foram próximos, com favorecimento ao abaixamento nos contextos semiformal e formal. Ou seja, em situações mais formais, como a leitura, ou semiformais, como as respostas ao questionário, o abaixamento é favorecido. Consideramos que essa não é uma variável tão significativa, já que foi selecionada pelo programa apenas para /o/. A situação semiformal obteve pesos de .60 em favor do fenômeno.
2. A dimensão diassexual, controlada pelo grupo de fatores sexo, não se mostrou significativa na aplicação do abaixamento para nenhuma variável dependente, pois o grupo não foi selecionado nas rodadas estatísticas pelo *Goldvarb X*. No entanto, observando os dados percentuais, pudemos constatar uma leve preferência das mulheres para o não abaixamento (% /66,5 /e/ e 65,7% /o/) em relação aos homens (64,5%, /e/ e 65,6%, /o/). É possível compreender que haja uma tendência das mulheres a optarem pela variante preferencial, não abaixamento, que é variante mais produtiva na região. Porém, esse resultado não nos permite fazer generalização em relação ao fenômeno em estudo. Em estudo sobre o abaixamento vocálico em Aurora do Pará, Ferreira (2013) detectou uma tendência das mulheres favorecerem a variante predominante. Geralmente, a conduta das mulheres sempre está associada a formas mais padronizadas. Isso se deve em grande parte à crenças associadas aos papéis sociais que a mulher exerce e também à imagem que se faz da mulher (PAIVA, 2010). Nossos resultados mostraram que 73% dos informantes defendem que a mulher *tem mais cuidado com a fala, fala melhor, se esforça mais para falar melhor, estuda mais* e por isso fala melhor. De certo modo, as opiniões dos informantes convergem com os resultados de abaixamento para mulheres. Outras pesquisas também associam à mulher a realização de [e] e [o] (DIAS, 2012; RAZKY; LIMA; OLIVERIA. 2012). Outra questão que pode ser posta, e que é orientada por Paiva (2010), diz respeito a associar às mulheres posturas mais formais e de maior prestígio, que acabam sendo

transferidas para situações interacionais como forma de reguardar a própria face. Nesse sentido, o comportamento linguístico pode não estar associado diretamente à avaliação positiva de determinada forma, mas à necessidade de aceitação por determinado grupo social. Por outro lado também foram as mulheres que mais atribuíram avaliações positivas ao próprio dialeto (nas localidades de Santa Maria do Pará, São Miguel do Guamá, Aurora do Pará e Ipixuna do Pará) e belenense (na localidade de Mãe do Rio), os quais receberam mais atributos positivos do que o cearense. Tais dialetos, como já demonstrado, têm como característica o não abaixamento como preferencial. Assim, as atitudes subjetivas das mulheres revelaram, em termos gerais, que estas julgam negativamente o dialeto cearense, considerado por elas como *errado*, *agoniado*, *puxado* etc. No caso dos homens, em relação ao dialeto cearense, estes o avaliaram mais positivamente, fato que pode explicar os percentuais maiores na fala dos homens para o fenômeno do abaixamento vocálico.

3. A dimensão diageracional foi controlada pelo grupo de fatores Faixa etária e não foi selecionada pelo *GoldvarbX* como uma variável importante para explicar a aplicação do abaixamento. Os dados percentuais, por sua vez, apontaram uma tendência da faixa etária mais jovem ao não abaixamento, confirmando nossa hipótese de que os jovens tenderiam a evitar o abaixamento vocálico. No caso da faixa etária adulta, os dados percentuais apresentam índices percentuais maiores para o abaixamento vocálico. Acreditamos que este comportamento esteja relacionado às avaliações subjetivas dos informantes. Os jovens, nos resultados das localidades tenderam a avaliar positivamente a própria fala ou o dialeto de Belém, julgando negativamente o dialeto cearense; já os adultos, para os quais o comportamento linguístico possui percentuais maiores de abaixamento vocálico, avaliaram mais positivamente o dialeto cearense na maioria das localidades. Pode-se observar uma situação de variação estável, resultado que diverge com os de Ferreira (2013) em Aurora do Pará. De acordo com o autor, o abaixamento diminui na fala dos mais jovens e na dos migrantes à medida que aumenta o tempo de fixação destes na localidade.

Em relação aos fatores linguísticos, esta pesquisa pode constatar que:

1. A natureza da vogal tônica foi selecionada para ambas as variáveis dependentes e mostrou que o processo de harmonia vocálica influenciou na aplicação do abaixamento vocálico, pois os fatores, para /e/ obtiveram os seguintes pesos relativos:

- [E] .91, [O] .62 e [a] .55. No caso da variável dependente /o/, categoricamente o fator Vogal média aberta posterior obteve .95, [ɛ] .54, [a] .52. Portanto, todas as vogais com traços [+baixo] favoreceram a aplicação da regra. Os casos em que vogais não possuidora do traço [+baixo] em posição tônica, como /e/ e /o/, favoreceram o abaixamento da pretônica foram motivados pelo grau de nasalidade, corroborando achados de outras pesquisas (AMORIM, 2009; ARAÚJO, 2007).
2. Para o seguimento anterior, as labiais (.58) e as coronais (.59) favoreceram levemente o abaixamento de /e/. A ausência de seguimento foi um fator inibidor da regra. Tais resultados corroboram achados de Nina (1991), Araújo (2007) e Ferreira (2013). E no caso de /o/, os fatores coronal (.66) e sem segmento (.54) favoreceram o fenômeno. Enquanto, labial e coronal desfavoreceram. O fator vogal foi considerado inibidor da regra variável.
 3. A vogal contígua, terceiro grupo selecionado, apresentou resultados favorecedores do abaixamento quase categóricos, com .80 para /e/ e .85 para /o/. A presença de vogais abertas logo após a pretônica é um fator desencadeador da harmonia vocálica, atestado por diversas pesquisas já algum tempo (SILVA 1989; NINA, 1991; FREITAS, 2001; ARAÚJO, 2007) e que tem se confirmado em pesquisas mais recentes, em específico no âmbito do Vozes (FERREIRA, 2013; FAGUNDES, 2015; BORGES, 2016).
 4. O quarto grupo selecionado como favorecedor do abaixamento de /e/ e de /o/ foi o seguimento posterior. De acordo com os resultados, favorecem o fenômeno as dorsais, com .62 de peso relativo, e as coronais, levemente, com .52 de peso relativo, quando considerada a variável /e/. Os fatores labial e vogal inibiram a regra. O favorecimento das coronais e dorsais como impulsionadoras do abaixamento não encontra convergência nas diversas pesquisas. Em alguns dialetos aparecem como favorecedoras à regra do abaixamento (ARAÚJO, 2007; AMORIM, 2009) e em outros não, como é o caso de Bragança (FREITAS, 2001). Para a variável /o/ foram também as coronais (.63) e dorsais (.59) que levemente favoreceram o abaixamento. As labiais (.23) e vogais (.07) inibiram a regra variável.
 5. A classe gramatical apresentou-se como significativa ao abaixamento de /o/. O programa não selecionou esse grupo de fator para /e/. O fator com maior influência foi o verbo, com .61. O fator não verbo inibiu a regra com .45 de peso relativo. Callou, Leite e Coutinho (1991) discutem a variação em itens lexicais específicos em casos em que o contexto fonológico não dá conta de explicar, opinião defendida por Bortoni-Ricardo (1992). Entretanto no cruzamento do fator verbos e o grupo vogal contígua,

podemos observar o condicionamento de vogais abertas favorecendo o fenômeno. Fato que pressupõe um estudo mais detalhado.

Em relação aos resultados de atitudes linguísticas, a pesquisa mostrou que a utilização de mais de uma técnica de mensuração de atitudes foi importante para a melhor compreensão como os dialetos com os quais convivem os informantes topostáticos e topodinâmicos foram avaliados por eles. Em relação a essas avaliações, observamos que embora os dialetos tenham recebido, nas avaliações subjetivas, mais avaliações positivas do que negativas, nas respostas diretas, os dialetos mais associados à correção, à grau de escolaridade, à urbanidade foram avaliados mais positivamente, como foi o caso do belenense e dos dialetos locais. Nesse sentido, o dialeto cearense sempre era associado à ideia do rural, do erro etc. Mesmo entre os migrantes, os dialetos paraenses são considerados melhores. Essa atitude dos migrantes revela que eles não foram leais ao seu dialeto; posição diferente da dos nativos. Essa atitude se reflete, portanto, no comportamento do migrante em relação às vogais abertas, mais identificado com o dialeto paraense do que ao próprio dialeto.

No teste de percepção, um fato curioso, que talvez requeira mais estudo, foi que a maioria dos informantes não identificou a diferença entre duas sequências de palavras idênticas que se distinguem em relação à abertura ou não das vogais médias pretônicas. No entanto, consideraram mais bonita a sequência de palavras com vogais fechadas, e disseram usar as palavras conforme essa sequência. Freitag e Santos (2016) afirmam que “[...]o que faz com que uma variável seja sensível ou não à avaliação em uma comunidade pode ser atrelado ao seu grau de saliência, seja linguística, social ou ideológica”. Quando relacionamos isso à variação das vogais, observamos que o fenômeno não está na consciência linguística da maioria dos falantes, o que nos permite classificá-lo como um indicador, nos termos de Labov (2008). No entanto, os resultados mostram que os informantes se comportam mais positivamente diante das variantes fechadas atribuindo-lhes mais prestígio social e identificando-se mais com estas variantes.

Em termos gerais, os resultados mostraram que a maioria de nossas hipóteses foram comprovadas, a saber: a prevalência do não abaixamento como regra geral para o português dos dialetos falado na Região Nordeste do Pará; as atitudes linguísticas dos informantes foi coerente com o comportamento linguístico deles em relação ao abaixamento vocálico, tanto no comportamento do migrante como do nativo, tanto em relação a homens e mulheres, quanto em relação à faixa etária mais jovem e a adulta; a preferência pelo não abaixamento é um reflexo da avaliação negativa do dialeto nordestino, pois as mulheres e jovens, cujos índices

obtiveram o menor número de ocorrências do abaixamento, foram os que mais avaliaram negativamente o dialeto cearense; por esse motivo, as mulheres e os jovens, de fato, foram os que melhor avaliaram seu próprio dialeto e o dialeto da capital.

Este trabalho teve o intuito de contribuir não apenas no sentido de mensurar as crenças e as atitudes linguísticas ocorridas em uma região específica sobre um elemento linguístico específico, mas também contribuir, a partir de discussões feitas, para a ampliação de estudos de atitudes na Região Norte, ao mesmo tempo em que abre caminho a percorrer dessa trilha, que, no Pará, ainda precisa ser melhor desbravada. Assim, esperamos, sinceramente, que as contribuições, mesmo que cheia de lacunas, deste trabalho sirvam para impulsionar outras pesquisas.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes lingüísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. São Paulo: **Revista Estudos Lingüísticos**, v. 37, n. 2: 105-112, maio-ago, 2008.

ALKMIM, Tânia. M. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda.; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 21-76.

ALLPORT, G. Attitudes. In: MURCHISON, C. **A handbook of social psychology** (vol. II). Worcester: Clark University Press, 1935.

ALVES, Maria Isolete P. M. **Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo**. 1979. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 1979.

AMORIM, G. da S. **O comportamento do /e/ e do /o/ pretônicos: um estudo variacionista da língua falada culta do Recife**. 2009. 171 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco.

ARAÚJO, Aluiza Alves de. **As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista**. 2007. 152 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, UFC, Fortaleza, 2007.

ARAÚJO, M.; RODRIGUES, D. As vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no português falado em Cametá/PA - a harmonia vocálica numa abordagem variacionista. **Cadernos de Pesquisa Linguística, Variação no Português Brasileiro**, Porto Alegre, v. 3, p. 104-126, Novembro, 2007.

BAGNO, Marcos. **Dicionário Crítico de Sociolinguística**. São Paulo: Parábola, 2017.

BAGNO, Marcos. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Parábola, 2002.

BISINOTO, Leila Salomão Jacob. **Atitudes sociolinguística em cárcere – MT: efeitos do processo migratório**. 105f. 2000. Dissertação (Mestrado em linguística) – Universidade Estadual de Campinas, 2000.

BISOL, Leda. 1981. **Harmonização vocálica: uma regra variável**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

BORGES, Benedita do Socorro Pinto. **O comportamento do alteamento das vogais médias pre-tônicas no português falado pelos migrantes maranhenses e seus**

descendentes no município de tucuruí: uma análise variacionista. 2016. 212 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais.** São Paulo: Parábola, 2011.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris et al. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical? **Revista Estudos da Linguagem**, n. 1, 1992, jul./dez, p.9-30.

BOERSMA, Paul; WEENINK, David. **Praat: doing phonetics by computer.** 2006. Disponível em: <<http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>>. Acesso em: 15 de julho 2015.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná.** 2013. 227 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

BRASIL. IBGE. Cidades. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/> .Acesso em: 18 de fevereiro de 2018.

CALDAS, Raimunda Benedita Cristina. Possibilidade de interferência da língua geral amazônica na combinação de orações em Urubú-Ka'apór. In: **Linguística Histórica E Línguas Em Contato: Línguas Indígenas Brasileiras E De Áreas Adjacentes.** Anais... Brasília, v. 1, 2005.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; COUTINHO, Lilian. Elevação e abaixamento das médias pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro. São Paulo: **Organon**, 18, p.71-89, 1991.

CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAMPOS, Benedita Maria do Socorro. **Alteamento vocálico em posição pretônica no português falado no município de Mocajuba-Pará.** 2008. 202 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - PPGL, Universidade Federal do Para, 2008.

CARDOSO, Denise Porto. **Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros.** São Paulo: Blucher, 2014.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade.** São Paulo: Parábola, 2010.

CASSIQUE, Orlando. Projeto de Doutorado “**Linguagem, Estigma e Identidade no Interior da Amazônia Paraense: um exame de base variacionista da nasalidade vocálica pretônica no município de Breves/PA.** Belém, 2006 (Projeto de Pesquisa. Inédito).

CASSIQUE, Orlando et al. Variação das vogais médias pré-tônicas no português falado em Breves (PA). In: HORA, D. (Org.). **Vogais no ponto mais oriental das Américas.** João Pessoa: Ideia, 2009. p.163-184.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

COELHO, Izete Lehmkuht et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO do ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil: questionários 2001**. Londrina: Ed.UEL, 2001.

CORDEIRO, Iracema Maria Castro Coimbra. Nordeste do Pará: configurações atuais e aspectos identitários. In: CORDEIRO, Iracema Maria Castro Coimbra et al (Org.). **Nordeste Paraense: panorama geral e uso sustentável das florestas secundárias**. Belém: UFRA, 2017. p. 19-58.

CORBARI, Clarice Cristina. **Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste**. 2013. 259 fls. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

CRUZ, Regina Célia Fernandes. Vogais na Amazônia Paraense. São José do Rio Preto: **Alfa**. Vol. 56, nº. 3: 945-972, 2012.

CRUZ, Regina et al. As vogais médias pretônicas no Português falado na Amazônia Paraense. In: ARAGÃO, Maria do Socorro de. **Estudos em fonética e fonologia no Brasil**. João Pessoa: GT-Fonética e Fonologia/ANPOLL, 2008.

CRUZ, Regina. Alteamento vocálico das médias pretônicas no português falado na Amazônia. In: LEE, S. H. **Vogais além de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2012. p. 194-220.

CRUZ, Regina; FERREIRA, Jany Éric Q.; FAGUNDES, Giselda; BORGES, Benedita. Abaixamento de /e/ pretônico em zona de migração no Pará. In: RAZKY, Abdelhak; OLIVERIA, Marilúcia; LIMA, Alcides. **Estudos geossociolinguísticos do português brasileiro**. São Paulo: Pontes, 2017.

DIAS, Marcelo et al. O alteamento das vogais pré-tônicas no português falado na área rural do município de Breves (PA): uma abordagem variacionista. **REVEL**, Porto Alegre, Julho 2007, p. 1-15.

DIAS, M. R. **A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Pitanga e de Ouro Branco**. 2008. 296f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

DIAS, Marcelo Pires. **As vogais médias pretônicas nas capitais da Região Norte do País**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

ECKERT, Penelope. Ages as a sociolinguistic variable. In F. Coulmas (ed.) **The handbook of sociolinguistics**. Oxford: Blackwell, 1997, p. 151-167.

FAGUNDES, Giselda da Rocha. **O abaixamento das Vogais médias Pré-tônicas em Belém/PA: um estudo variacionista sobre o dialeto do migrante maranhense frente ao dialeto falado em Belém/Pará.** 2015. 159 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. **Principios de Sociolingüística y sociología del lenguaje.** Barcelona: Ariel, 1998.

FERREIRA, Carlota.; CARDOSO, Suzana Alice. **A dialetologia no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Jany Éric Queirós. **O abaixamento das médias pretônicas em português falado em Aurora do Pará - PA.** 2013. 196 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Idade: uma variável sociolingüística complexa. **Línguas & Letras**, Santa Catarina, v. 6, n.II, p 105-121, 2005.

FREITAG, Raquel Meister Ko; SANTOS, Adelmileise de Oliveira. Percepção e atitudes lingüísticas em relação às africadas pós-alveolares em Sergipe. In: LOPES, Norma da Silva; FARIAS, Silvana Silva de; FREITAG, Raquel Meister Ko. A fala nordestina: entre sociolingüística e a dialetologia. São Paulo: Blucher, 2016. p. 110-122.

FREITAG, Raquel Meister Ko.(Re)discutindo sexo/gênero na Sociolingüística. In: Freitag, Raquel Meister Ko.; Severo, Cristine Gorski (Org). **Mulheres, Linguagem e Poder - Estudos de Gênero na Sociolingüística Brasileira.** São Paulo: Blucher, 2015. p. 17-74 .

FREITAS, Simone Negrão de. **As vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança.** 2001. 125 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, BELÉM, 2001.

FUNDAÇÃO AMAZÔNIA DE AMPARO A ESTUDOS E PESQUISAS (FAPESPA). **Estatísticas Municipais Paraenses.** Belém: Diretoria de Estatística e de Tecnologia e Gestão da Informação, 2016.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder.** São Paulo: Martins Fontes, 1985.

GUY, Gregory; ZILLES, Anna. **Sociolingüística quantitativa: instrumentos de análise.** São Paulo: Parábola, 2007.

HORA, Dermeval da. Atitude: um conceito teórico, um conceito de vida. **Revista do GELNE**, Natal, v. 14, n. Especial, p. 467-386, 2012.

HORA, Dermeval da.; VOGLEY, Ana. Harmonia vocálica no dialeto recifense. **Organon**, Porto Alegre, v. 28, n. 54, p. 63-81, jan./jun. 2013.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades 2008. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>.

ISQUERDO, Aparecida Negri; ROMANO, Valter. Discutindo a Dimensão Sociolinguística do Projeto Alib: uma Reflexão a partir do Perfil Dos Informantes. **Alfa**, São Paulo, v. 3, n. 53, p. 891-916, 2012.

KAUFMANN, G. Atitudes na sociolinguística: aspectos teóricos e metodológicos. In: ALTENHOFEN, C.; RASO, T. **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editor UFMG, 2011. p. 121-138.

LABOV, Willian. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos BAGNO; Maria Marta SCHERRE e Caroline CARDOSO. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, Willian. **Language in the inner city**. Philadelphia: University Press, 1972.

LAMBERT, Wallace. E., R. Hodgson, R.C. Gardner and S. Fillenbaum. Evaluational Reactions to Spoken Languages. **Journal of Abnormal and Social Psychology**, 60, p. 44-51, 1960.

LAMBERT, Wallace. A social Psychology of Bilingualism. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Org.). **Sociolinguistics: the essential readings**. Malden, MA: Blackwell Publishing, 1967.

LAMBERT, Wallace; LAMBERT, Willian. **Psicologia Social**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

LIKERT, R. A technique for measurement of attitudes. **Archives of Psychology**, 140, 5-55, 1932.

LENARD, Andrietta. Lealdade linguística em Rodeio (SC). 1976. 279 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – SC, 1976.

LÓPEZ MORALES, Humberto. **Sociolingüística**. Madri: Gredos, 1993.

MARQUES, L. C. Alteamento das vogais médias pré-tônicas no português falado no município de Breu Branco (PA). 2008. 94f. TCC (Licenciatura em Letras) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

MARQUES, S. M. O. **As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal**. 2006. 159 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

MELO, Djalma Cavalcante. **Atitudes linguísticas e as variedades regionais de fala no Brasil**. 1988. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 1988.

MILROY, Lesley. **Language and social networks**. Oxford: Basil Blackwell, 1980.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 9-14.

MORALIS, Edileusa Gimens. **Dialetos em contato: um estudo sobre atitudes linguísticas**. 2000. 100 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 2000.

MORALEZ, Humberto López. **Sociolingüística**. Madrid: Editorial Gredos, 1989.

MORENO FERNANDEZ, Francisco. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

NINA, T. **Aspectos da variação fonético-fonológica na fala de Belém**. 1991. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

NUNES, Francivaldo Alves. Modernidade, agricultura e migração nordestina: contribuição ao estudo da colonização da Amazônia (1877-1888). **SEACULUM**, João Pessoa, p. 115-123, jul-dez 2007.

OLIVEIRA, D. D. A. **Harmonia vocálica no português falado na área urbana do município de Breves/PA: uma abordagem variacionista**. Belém: UFPA, 2007.

OLIVEIRA, Marilúcia Barros de; DIAS, Marcelo Pires. O efeito dos fatores externos na variação das vogais médias pretônicas nas capitais da Região Norte do País. In: RAZKY, Abdelhak; OLIVERIA, Marilúcia; LIMA, Alcides. **Estudos geossociolinguísticos do português brasileiro**. São Paulo: Pontes, 2017.

PAIVA, M. D. C. A variação gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 33-42.

PEREIRA, R. C. **As vogais médias pretônicas na fala do pessoense urbano**. João Pessoa. 1997. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de João Pessoa, Paraíba.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª. ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013.

RADTKE, Edgar.; THUN, Harald. Nuevos caminos de la geolinguística románica. Un balance. In: RADTKE, Edgar.; THUN, Harald. **Neue Wege der Romanischen Geolinguistik**. KIEL: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

RAZKY, Abdelhak.; LIMA, Alcides.; OLIVEIRA, Marilúcia. As vogais médias pretônicas no falar paraense. **Revista Signun: Estudo Linguagem**, Londrina, v. 1, n. 15, p. 293-310, junho 2012.

RIBEIRO, Willame de Oliveira. Das frágeis conexões às múltiplas interações: estruturação e periodização da rede urbana do nordeste paraense. In: **XI ENANPEGE**. Anais... 2015. p. 5909-5920. Disponível em: <http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/20/556.pdf>. Acesso em: 15 de fev de 2018.

REZENDE, F.A. **O processo variável do abaixamento das vogais médias pretônicas no município de Monte Carmelo-MG**. 2013. 126fls. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, 2013.

RODRIGUES, Aryon D. As línguas gerais sulamericanas. *Papia*, v. 4, p. 6-18, 1996.

RODRIGUES, Doriedson. **Da zona urbana à rural/entre a tônica e a pretônica: o alteamento /o/ > [u] no português falado no município de Cametá/Ne paraense**. 2005. 176 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2005.

RODRIGUES, D.; ARAÚJO, M. As vogais médias pretônicas / e / e / o / no português falado no município de Cametá/PA – a harmonização vocálica numa abordagem variacionista. **Cadernos de Pesquisa em Linguística, Variação no Português Brasileiro**. Porto Alegre, v.3, p.104-126, nov. 2007.

ROKEACH, Milton. Naturaleza de las actitudes. **Enciclopedia internacional de las ciencias sociales**, vol. I, Madrid, Aguilar, 1974, p. 14-21.

SANTOS, Edinaldo Gomes dos. **A distribuição geo-sociolinguística da variável <e> pretônica no português falado estado do Pará**. 2009. 103 fls. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística) – Universidade Federal do Pará, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1916.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. **Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows**. 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>>. Acesso em: 12 janeiro 2017.

SILVA NETO, Serafin. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Presença, 1957.

SILVA, Ailma do Nascimento. **As pretônicas no falar teresinense**. 2009. 236 fls. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SILVA, Helen Cristina da. **O /r/ caipira no Triângulo Mineiro: um estudo dialetológico e de atitudes linguísticas**. 2012. 171 fls. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

SILVA, Helen Cristina da; AGUILERA, Vanderci de Andrade. Poder de uma diferença: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas. **ALFA**, São Paulo, v. 58, n. 3, p. 703-723, Junho, 2014.

SILVA, Myrian Barbosa. **As pretônicas no falar baiano**: a variedade culta de Salvador. 1989. 377 fls. Tese (doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

SILVA, Thais Cristóforo. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

SOUSA, Josivane do Carmo Campos. A variação das vogais médias pretônicas no português falado na área urbana do município de Belém/PA. 2010. 209 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2003.

THUN, Harald. A dialetologia Pluridimensional no rio Prata. In: ZILLES, Ana Maria (Org.) Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2005. p. 63-92.

THURSTONE, L. The measurement of social attitudes. **Journal of abnormal and social psychology**, 26, 1931. p. 249-269.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2011.

VIEIRA JÚNIOR, Antonio Otaviano. Migração açoriana na amazônia: conexões entre ilha graciosa. Revista Territórios e Fronteiras, Cuiabá, v. 10, p. 342-367, ago-dez, 2017.

WEINREICH, Uriel.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

ANEXOS

ANEXO A

TEXTO PARA LEITURA

8 DICAS PARA GANHAR NA LOTERIA (SEM PRECISAR DA SORTE)

O sonho de se tornar milionário leva uma boa parte das pessoas a apelarem para a sorte e jogarem na loteria. Para a última Mega-Sena da Virada, foram registradas trezentos e quarenta e oito milhões de apostas em todo o País para conseguir colocar as mãos no prêmio de mais de duzentos e sessenta e três milhões.

Como a procura é grande, as chances de ganhar tendem a diminuir. No caso da Mega-Sena, se o jogador apostar em seis números, ele tem uma chance em cinquenta milhões, sessenta e três mil e oitocentos e sessenta para levar, sozinho, a fortuna.

Mas, e se houvesse uma maneira estatística de conseguir a bolada? O matemático Munir W. Niss conseguiu identificar semelhanças nos resultados da loteria e criou técnicas de como utilizar a matemática ao seu favor. Ele afirma que já conseguiu acertar 40 vezes na Mega-Sena (nunca as seis dezenas do primeiro prêmio) seguindo seu próprio “esquema” de jogo.

Confira as dicas para ganhar na loteria ou acertar alguns números:

Os números com final 9 ou 0 saem pouco, por isso, é bom evitar escolher vários números com essa sequência.

As dezenas 01, 02, 03, 11, 22, 44, 55, 48 e 57 saem pouco.

Não jogue números seguidos.

Não jogue em números que estejam na mesma linha vertical.

Divida a cartela em quatro quadrantes e distribua seu jogo entre eles.

Jogue sempre a mesma quantidade de dezenas pares e ímpares. Na Mega-Sena, 81% dos sorteios têm o seguinte esquema: 3 números pares e 3 ímpares ou 4 pares e 2 ímpares, ou vice-versa.

Prefira apenas um cartão com mais de seis dezenas do que vários cartões de seis dezenas. A regra é simples: quanto mais números você apostar, maiores são as chances de acertar um deles.

Um jogo em que se preenche 12 dezenas utilizando essas regras teria mais chances de êxito. Logo, o bolão é a melhor chance que se tem de ganhar.

Adaptado

Disponível em: <http://www.infomoney.com.br/minhas-financas/planeje-suas-financas/noticia/3796300/dicas-para-ganhar-loteria-sem-precisar-sorte> Acesso em 26/12/2017

ANEXO B

QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO – RECORTE DO ALIB 2001

1. (2) Onde se constrói uma casa? [o que precisa pra construir uma casa?] **TERRENO**
2. (4)...aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programas...? **TELEVISÃO**
3. (6)...objeto com que se corta tecido? **TESOURA**
4. (11) Antigamente, para passar a roupa, usava-se ferro a brasa. Hoje, qual o tipo de ferro que se usa? **ELÉTRICO**
5. (24) ...aquele objeto que se usa na cozinha para passar (mímica) farinha? **PENEIRA**.
6. (27) Quando a água da panela está bem quente, cheia de bolinhas, como se diz que ela está? **FERVENDO**.
7. (29) ...aquilo vermelho que vende na feira e que se usa para preparar o molho do macarrão? **CEBOLA**.
8. (36) quando o feijão está seco, a pessoa que está cozinhando vai_____ (mímica) água dentro. [quando a galinha canta e vai para o ninho, se diz que ela vai_____ovo] **BOTAR**.
9. (41) ...a fêmea do carneiro? **OVELHA**
10. (46)...um bichinho que vou e tem as asas bonitas e coloridas? **BORBOLETA**
11. (49)...um animal grande que sempre se vê em circo, tem uma tromba assim (mímica)? **ELEFANTE**
12. (52) Quando se faz assim numa canoa, numa embarcação, está se fazendo o quê? **REMANDO**
13. (67) Por onde os carros passam para ir de uma cidade para outra? **ESTRADA**
14. (79) Alguém lhe empresta uma coisa, um dinheiro. Quando você/o(a) senhor(a) vai desenvolver, você/o(a) agradece. Como é que você / o(a) senhor(a) diz? **OBRIGADO**.
15. (83) quem se elege para dirigir uma cidade? **PREFEITO**
16. (84) Onde as crianças vão aprender a ler? **ESCOLA**
17. (85) O que as pessoas que trabalham juntas são umas das outras? **COLEGAS**
18. (87)...aquele objeto que serve para apagar no papel o que se escreveu errado? **BORRACHA**
19. (92) Quem nasce no Rio de Janeiro é carioca. E quem nasce em Pernambuco? **PERNAMBUCANO**
20. (104) Quando um indivíduo é acusado, mas ele não praticou aquele crime, se diz que ele é o quê? **INOCENTE**
21. (107) Nas festas de igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz, levando uma imagem de um ponto a outro? **PROCISSÃO**
22. (109) Deixar de obedecer às leis de Deus é cometer o quê? **PECADO**
23. (111) ...aquilo que os reis colocam na cabeça (mímica) **COROA**
24. (113) ...esta parte? Apontar. **PESCOÇO**
25. (114)...esta parte? Apontar. **ORELHA**
26. (119) qual o nome da parte do corpo que, se parar, a pessoa morre? **CORAÇÃO**
27. (144) o que é que se põe no corpo para ficar cheiroso? **PERFUME**
28. (145) Quando uma pessoa faz aniversário, o que é que se costuma dar a ela, que vem embrulhado? **PRESENTE**
29. (147) Quando se está alegre, se pode dar uma gargalhada ou se pode dar um_____? Ou mímica **SORRISO**.
30. (150) Quando não se acha uma coisa, ela fica_____? **PERDIDA**.
31. (152) quando se quer saber uma coisa, se vai_____? **PERGUNTAR**
32. (158) Este lado é o direito e este (mostrar)? **ESQUERDO**

ANEXO C

Roteiro de narrativa

Narrativa de experiência pessoal

1. Você deve ter passado na vida por situações muito constrangedoras, que às vezes, consideramos engraçadas quando passam. Aconteceu alguma vez isso com você? Como foi?
2. Você já esteve alguma vez em uma situação em que estivesse correndo sério risco de vida (em que você tenha dito a você mesmo: chegou minha hora!)? O que aconteceu? Numa situação dessas alguma as pessoas dizem: seja o que Deus quiser. O que você acha?
3. Quase todas as pessoas têm medo de alguma. Você tem medo de algo? Poderia nos contar que tipo de medo você tem e por quê?

ANEXO D

Questionário de Atitudes Linguística

Questionário – Parte A

Geralmente, ao ouvir a fala de alguém sem conhecê-la, criamos impressões sobre ela. Assim, você ouvirá alguns áudios com trechos gravados da fala de algumas pessoas e as avaliará conforme o questionário abaixo. Após a audição de cada um dos áudios, você deverá se posicionar acerca de cada pessoa que fala. A audição será feita uma só vez. Você deverá preencher com “X” na coluna que corresponde a:

Concordo, se estiver de acordo com a afirmação;

Concordo parcialmente, se estiver parcialmente de acordo com a afirmação;

Discordo parcialmente, se estiver parcialmente em desacordo com a afirmação;

Discordo, se estiver em desacordo com a afirmação.

Quanto mais próximo de concordo, mais próxima de “SIM” será sua resposta. Quanto mais próxima de discordo, mais próxima de “NÃO” será sua resposta.

Vamos começa?

	Concordo	Concordo parcialmente	Discordo parcialmente	Discordo
Você acha que essa pessoa é inteligente?				
Você acha que essa pessoa é feia?				
Você acha que essa pessoa estudada?				
Você acha que essa pessoa é cuidadosa?				
Você acha que essa pessoa é grossa?				
Você acha que essa pessoa é trabalhadora?				
Você acha que essa pessoa é confiável?				
Você acha que essa pessoa é preguiçosa?				
Você acha que essa pessoa é responsável?				
Você acha que essa pessoa é insegura?				
Você acha que essa pessoa é antipática?				
Você acha que essa pessoa é competente?				
Você acha que essa pessoa é tímida?				
Você acha que essa pessoa é respeitosa?				
Você acha que essa pessoa é exibida?				
Você acha que essa pessoa é autoritária?				
Você acha que essa pessoa é engraçada?				
Você acha que essa pessoa é criativa?				
Você acha que essa pessoa ajuda os outros quando precisam?				
Você acha que essa pessoa sofre preconceito social?				
Você acha que essa pessoa tem boa cultura?				
Você acha que essa pessoa possui boa condição financeira?				
Você acha que essa pessoa exerce cargo de chefia?				
Você acha que essa pessoa sente orgulho de falar assim?				
A fala que você acabou de ouvir é agradável?				
A fala que você acabou de ouvir é bonita?				
A fala que você acabou de ouvir é cantada?				
A fala que você acabou de ouvir é lenta?				
A fala que você acabou de ouvir é expressiva?				
A fala que você acabou de ouvir é simples?				
Pela fala essa pessoa deve ser de:				
Aurora do Pará				
Belém				
Ceará				
Outro lugar				
Você tem a fala igual ao dessa pessoa?				
Você tem a fala mais bonita que a dessa pessoa?				
Você conseguiria imitar a fala dessa pessoa?				

ANEXO E

Questionário de atitudes – Parte B

Agora você irá responder a outras perguntas de cunho mais qualitativo. Preste atenção que as repostas não serão sugeridas, mas você as dará conforme o que é solicitado. Você não precisará escrever porque iremos gravar suas respostas.

1. Você consegue identificar de onde veio uma pessoa só pela sua maneira de falar?
2. Aqui na sua cidade há pessoas que falam diferente? Você poderia citar exemplos.
3. Você acha que existe uma maneira de falar mais bonita que a outra?
4. Dos diferentes falares que existem em sua cidade, qual você acha que é mais bonito?
5. Como você acha que falam os aurorenses?
6. Como você consegue identificar que uma pessoa é aurorense?
7. Como você acha que falam os cearenses?
8. Como você consegue identificar que uma pessoa é cearense?
9. Como você acha que falam os belenenses?
10. Como você consegue identificar que uma pessoa é belenenses?
11. Quem fala melhor, os aurorenses, os cearenses, ou os belenenses?
12. Excetuando o seu dialeto, entre as pessoas que vieram de outros lugares, quem fala melhor?
13. Você acha que fala bem?
14. Homens e mulheres falam igual? Quem fala melhor?
15. Jovens e idosos falam igual? Quem fala melhor?
16. Ricos e pobres falam do mesmo modo? Dê exemplos.
17. Você acha possível distinguir uma pessoa com curso superior e outra pouco escolarizada pela sua maneira de falar?
18. Você já passou por uma situação constrangedora relacionada ao seu modo de falar? Relate.
19. Em alguma situação (estando em viagem, a passeio em algum lugar fora de sua cidade, apresentando trabalho em evento etc), você já modificou sua forma de falar para adaptá-la ao modo de falar das pessoas do lugar em que você estava? Relate.
20. Se pudesse morar em outro estado, onde você moraria?
21. Por que você mudou para o Pará?
22. Você tem vontade de voltar a morar na sua terra de origem?
23. Você acha que mudou alguma coisa em seu dialeto depois que veio para o Pará (somente para os migrantes)?

Para finalizar, você irá ouvir duas sequências de palavras. Preste bem atenção na sonoridade delas para responder adequadamente a três perguntas que seguem.

t/E/rrenu	t/e/rreno
pr/O/cissão	pro/o/cissão
s/O/rriso	s/o/rriso
/O/velha	/o/velha
p/E/rdida	p/e/rdida
pr/E/feito	pre/e/feito
p/E/scoço	p/e/scoço
In/O/cente	In/o/cente

24. Qual das sequências você acha mais bonita?
25. Qual das sequências é mais valorizada socialmente?
26. Você acha que fala semelhante à primeira ou à segunda sequência?

ANEXO F

TEXTO PARA A GRAVAÇÃO DOS ÁUDIOS ESTÍMULOS

Beber durante as refeições: entenda porque a prática não é recomendada!

Fazer ingestão de comida e bebida, ao mesmo tempo nas refeições, é certo ou errado?

Muitos dizem que esse hábito faz mal ao organismo, e que é necessário uma reeducação alimentar. Outros falam que não há problemas, que é mero "mito". Por isso, para promover o melhor entendimento e conscientização nutricional, procuramos duas especialistas no assunto. Elas irão explicar o que essa união provoca à saúde, bem como os melhores procedimentos que devemos tomar para o bom funcionamento do corpo.

De acordo com a nutricionista Rossana Torales, especialista em nutrição esportiva, o ato de comer e beber ao mesmo tempo pode trazer problemas, principalmente à digestão. Segundo a profissional, o ideal é separar o consumo dos dois alimentos de forma equilibrada. Para ela, "o ideal é beber 30 minutos antes de comer ou 1 hora após uma refeição, pois a maior preocupação é a digestão, a absorção correta de nutrientes, que pode gerar problemas de estômago, como gases". Ela destaca ainda que, "quando ingerimos muito líquido, durante as refeições, a concentração de ácido clorídrico presente no estômago diminui e algumas enzimas são diluídas. Além de que o excesso de líquido também poderá diminuir a absorção de alguns nutrientes importantes".

Já para a nutricionista Caroline Codonho, especialista em nutrição funcional, o uso de líquidos, ao mesmo tempo das refeições, também interfere no controle da fome. "Na verdade, beber durante as refeições atrapalha o mecanismo de saciedade. Consumindo os líquidos durante esse processo, você causa uma distensão da parede estomacal, que é flexível, e, com isso, dá uma falsa impressão ao cérebro de que o estômago está vazio e que cabe mais comida". Ela admite que a ingestão mútua de comida e bebida é um hábito cultural das pessoas, por isso aconselha uma mudança gradativa nesse costume.

Adaptado de: <http://www.conquistesuavida.com.br/>. Acesso em 02/02/2017.

PERGUNTAS PARA GRAVAÇÃO DE FALA ESPONTÂNEA – ÁUDIOS ESTÍMULOS


(Ao responder às questões procurar responder em torno de 1 e 2 minutos cada questão)

1. O QUE VOCÊ ACHA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA?

2. O QUE VOCÊ FARIA SE GANHASSE SOZINHO DA MEGASENA?

ANEXO G

FICHA DO INFORMANTE – ALIB (2001)

		Projeto Atlas Lingüístico do Brasil Ficha do Informante	
		No. do ponto:	No. informante:
DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE			
1. NOME:		2. ALCUNHA:	
3. DATA DE NASCIMENTO:		4. SEXO: A. M B. <input type="checkbox"/> F	5. IDADE:
6. ENDEREÇO:			
7. ESTADO CIVIL: A. solteiro B. <input type="checkbox"/> casado C. <input type="checkbox"/> viúvo D. <input type="checkbox"/> outro			
8. NATURALIDADE:		9. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE).	
10. DOMICÍLIOS E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE:			
11. ESCOLARIDADE:		12. OUTROS CURSOS: A. <input type="checkbox"/> especialização B. <input type="checkbox"/> profissionalizante C. <input type="checkbox"/> outros	
13. NATURALIDADE: A. da mãe: B. do pai: C. do cônjuge:		14. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS? A. sim B. <input type="checkbox"/> não	
15. EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO? NATURALIDADE: A. da mãe adotiva: B. do pai adotivo:			
16. ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS SUMÁRIAS DO BAIRRO, CIDADE):			
17. OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES:		18. PROFISSÃO: A. do pai: B. da mãe: C. do cônjuge:	
RENDA			
19. TIPO DE RENDA: A. individual B. <input type="checkbox"/> familiar			
CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO			
20. ASSISTE TV? A. todos os dias B. <input type="checkbox"/> às vezes C. <input type="checkbox"/> nunca		21. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> novelas D. noticiários G. <input type="checkbox"/> outro B. esportes E. pr. religioso C. <input type="checkbox"/> pr. auditório F. filmes	
22. TIPO DE TRANSMISSÃO: A. <input type="checkbox"/> rede gratuita B. parabólica C. <input type="checkbox"/> tv por assinatura		23. OUVE RADIO? A. <input type="checkbox"/> todos os dias D. <input type="checkbox"/> parte do dia G. <input type="checkbox"/> enquanto trabalha B. às vezes E. <input type="checkbox"/> o dia inteiro C. <input type="checkbox"/> nunca F. <input type="checkbox"/> enquanto viaja	
24. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> noticiário geral D. <input type="checkbox"/> noticiário policial G. <input type="checkbox"/> outro B. <input type="checkbox"/> esportes E. música C. <input type="checkbox"/> pr. religioso F. <input type="checkbox"/> pr. c/participação do ouvinte		25. LÊ JORNAL? A. <input type="checkbox"/> todos os dias D. semanalmente B. <input type="checkbox"/> às vezes E. <input type="checkbox"/> raramente C. <input type="checkbox"/> nunca	

26. NOME DO JORNAL: A. local B. <input type="checkbox"/> estadual C. <input type="checkbox"/> nacional	27. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER: A. <input type="checkbox"/> editorial D. pr. cultural G. <input type="checkbox"/> classificados B. esportes E. política H. outra - C. <input type="checkbox"/> variedades F. página policial
28. LÊ REVISTA? A. <input type="checkbox"/> às vezes B. semanalmente C. <input type="checkbox"/> mensalmente D. <input type="checkbox"/> raramente E. <input type="checkbox"/> nunca	
29. NOME/TIPO DE REVISTA:	

PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES


	FREQUENTEMENTE	ÀS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
30. CINEMA	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
31. TEATRO	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
32. SHOWS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
33. MAN. FOLCLÓRICAS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
34. FUTEBOL	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
35. OUTROS ESPORTES	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
36. OUTROS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
37. QUE RELIGIÃO OU CULTO PRÁTICA?				

PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA

38. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE: A. <input type="checkbox"/> tímido B. vivo C. <input type="checkbox"/> perspicaz D. <input type="checkbox"/> sarcástico		
39. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO: A. <input type="checkbox"/> total B. grande C. <input type="checkbox"/> média D. <input type="checkbox"/> fraca		
40. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO: A. cooperativa B. <input type="checkbox"/> não cooperativa C. <input type="checkbox"/> agressiva D. <input type="checkbox"/> indiferente		
41. CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE: A. <input type="checkbox"/> "A" B. <input type="checkbox"/> "B" C. <input type="checkbox"/> "C" D. <input type="checkbox"/> "D"		
42. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR: A. <input type="checkbox"/> grande B. <input type="checkbox"/> médio C. <input type="checkbox"/> pequeno D. nenhum		
43. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES: A. <input type="checkbox"/> sim B. não		
44. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S):		
45. AMBIENTE DO INQUÉRITO:		
46. OBSERVAÇÕES:		
47. NOME DA ENTREVISTADORA:	48. LOCAL DA ENTREVISTA:	49. DATA DA ENTREVISTA:
	CIDADE:	50. DURAÇÃO:

ANEXO H

FICHA DA LOCALIDADE – ALIB (2001)

	Projeto Atlas Lingüístico do Brasil Ficha da Localidade No. do ponto: No. do informante:
1. NOME OFICIAL:	
2. NOME REGIONAL:	
3. NOMES ANTERIORES:	
4. NOME(S) DADO(S) AOS HABITANTES: a) pelos próprios: b) pelos habitantes de outras localidades:	
5. NOME(S) DADO(S) AO FALAR LOCAL: a) pelos próprios habitantes: b) pelos habitantes de outras localidades:	
6. NÚMERO DE HABITANTES: a) oficial: b) cálculo do informante:	
7. ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES:	
8. INDÚSTRIAS CASEIRAS:	
9. SUBLOCALIDADES (subúrbios, sub-distritos, povoações, etc.):	
10. COMUNICAÇÕES (viárias, fluviais, marítimas, ferroviárias, etc.)	
11. DADOS SOBRE A INFRAESTRUTURA DA LOCALIDADE (alojamentos, escolas, hospitais, etc.):	
12. DADOS SOBRE EMIGRAÇÃO:	

13. DADOS SOBRE IMIGRAÇÃO:
14. CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DA LOCALIDADE:
15. HISTÓRICO SUCINTO DA LOCALIDADE (como surgiu, data da fundação, primeiros habitantes):
16. OBSERVAÇÕES GERAIS:

ANEXO I

Universidade Federal do Pará - UFPA

Programa de Pós-graduação em Letras - PPGL

Projeto: CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS NA REGIÃO NORDESTE DO PARÁ

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS NA REGIÃO NORDESTE DO PARÁ**, desenvolvida por Jany Éric Queirós Ferreira), discente de Doutorado em Linguística, no Programa de Pós-Graduação em Letras/UFPA, sob orientação do Professor Dr. Regina Célia Fernandes Cruz.

O objetivo central do estudo é: descrever a realização das vogais médias pretônicas no nível fonético-fonológico e investigar as crenças e atitudes linguísticas de falantes residentes na Região Nordeste do Pará.

O convite a sua participação se deve ao fato de você preencher os requisitos para o grupo de amostra que definimos (ser homem ou mulher, de 20 a 35 anos ou de 50 a 65 anos, nativos ou migrantes na localidade).

Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e consistirá em responder perguntas de um roteiro de entrevista/questionário ao pesquisador do projeto a partir da audição de textos estímulos. E você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento, o que não incorrerá em custos pessoais, nem tampouco em qualquer tipo de remuneração. Sua participação poderá apenas incorrer risco de constrangimento durante à entrevista.

As informações prestadas por você serão gravadas e arquivadas, garantindo, todavia, o anonimato de qualquer informação que possa identificá-lo(a). Assim, qualquer informação divulgada em relatório ou publicação garantirá a confidencialidade de seus dados pessoais.

Você tem a liberdade de se recusar em participar do estudo, ou se aceitar a participar, retirar seu consentimento a qualquer momento.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone (91) 98386-0444 ou pelo e-mail *janyeric@gmail.com/ericqf2@gmail.com*. Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará (CEP-ICS/UFPA) - Complexo de Sala de Aula/ICS - Sala 13 - Campus Universitário, no 01, Guamá. CEP: 66.075-110 - Belém-Pará. Tel: 3201-7735 E-mail: cepccs@ufpa.br.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o (a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com você.

_____, _____ de _____ de 2018.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

ANEXO J – DADOS DOS INFORMANTES

IDADE	DATA/NASCI	RELIGIÃO	INICIAIS	PONTO DE INQ.	PROFISSÃO	ESCOLARIDADE	TV	RÁDIO	JORNAL	TEMPO DE ENTREVISTA	DURAÇÃO DO AUDIO
31		CATÓLICA	MSBL	AURORA	DIARISTA	SUP. INCOMPL	ÀS VEZES	ÀS VEZES	NUNCA	0,40	0,90
53		CATÓLICA	MDBS	AURORA	PROFESSOR	SUPERIOR	ÀS VEZES	NUNCA	ÀS VEZES	1,05	31,05
22		CATÓLICA	ASP	AURORA	AUX. ADMINIS.	SUP. INCOMPL	ÀS VEZES	NUNCA	NÃO LER	0,45	27,10
50	10/11/1968	CATÓLICA	JLRS	AURORA	MADEIREIRO	FUNDAMENTAL	ÀS VEZES	NUNCA	NUNCA	1,00	29,00
21	16/01/1997	EVANGÉLICA	JAO	AURORA	VENDEDOR	SUPERIOR INCOMPLETO	ÀS VEZES	NUNCA	NUNCA	1,05	32,01
50	18/07/1967	CATÓLICA	MLBP	AURORA	VENDEDOR	FUNDAMENTAL	ÀS VEZES	NUNCA	NUNCA	0,49	23,40
70	13/12/1947	CATÓLICA	JGS	AURORA	AGRICULTOR	FUNDAMENTAL	TODO DIA	NUNCA	NUNCA	1,10	22,60
30	11/05/1987	CATÓLICA	DBG	AURORA	MECÂNICO	MÉDIO INCOM.	ÀS VEZES	NUNCA	NUNCA	1,00	27,35
52		CATÓLICA	VGN	IPIXUNA	PROFESSOR	SUPERIOR	TODO DIA	NUNCA	ÀS VEZES	0,46	21,05
23		CATÓLICA	ASM	IPIXUNA	DONA DE CASA	MÉDIO INCOM.	TODO DIA	NUNCA	ÀS VEZES	0,43	25,15
27	30/07/1990	CATÓLICA	SNSM	IPIXUNA	PROFESSOR	MÉDIO	TODO DIA	NUNCA	ÀS VEZES	0,45	26,30
52	14/05/1965	CATÓLICA	MGS	IPIXUNA	DONA DE CASA	FUNDAMENTAL	TODO DIA	NUNCA	NUNCA	0,50	28,22
53		CATÓLICA	LMJ	SÃO MIGUEL	TABELIÃO	MÉDIO	ÀS VEZES	ÀS VEZES	ÀS VEZES	1,20	24,44
29		CATÓLICA	MFBS	SÃO MIGUEL	S/PROFISSÃO	SUPERIOR	TODO DIA	TODO DIA	RARAMENTE	0,47	33,27
35	20/12/1982	CATÓLICA	MMFS	SÃO MIGUEL	DONA DE CASA	FUNDAMENTAL	ÀS VEZES	NUNCA	NUNCA	0,47	25,31
55	12/08/1962	CATÓLICA	MAF	SÃO MIGUEL	APOSENTADA	FUNDAMENTAL	ÀS VEZES	TODO DIA	NUNCA	0,53	
64	21/07/1953	CATÓLICA	MCAO	SÃO MIGUEL	PROFESSOR	MÉDIO	ÀS VEZES	TODO DIA	ÀS VEZES	0,58	30,46
33	16/05/1984	CATÓLICA	JDBG	SÃO MIGUEL	CERAMIZADOR	FUNDAMENTAL	ÀS VEZES	NUNCA	NUNCA	0,58	33,20
53	11/11/1964	CATÓLICA	VBS	SÃO MIGUEL	APOSENTADO	FUNDAMENTAL	ÀS VEZES	NUNCA	NUNCA	1,00	32,17
22	24/02/1995	CATÓLICA	SRGL	SÃO MIGUEL	ESTUDANTE	SUPERIOR	TODO DIA	ÀS VEZES	ÀS VEZES	0,54	25,28

